

A romantic night scene with a couple in silhouette embracing on a grassy hill. The background features a large, bright full moon, a dark tree on the right, and a sky filled with falling hearts, butterflies, and dandelions. The overall color palette is a mix of deep blues, purples, and pinks.

Meu anjo *meu* HEROI

——
SÉRIE ANGELS

JULIA FERNANDES



Meu Anjo

Meu Herói

Série Angels



Julia Fernandes

Copyright© 2016 Julia Fernandes

Essa é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas.

Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº.

9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Dedicado à João Paulo, Larah
e à todas as Marias.

O amor pode doer, pode machucar, mas ele é muito melhor aproveitado, quando cura, transforma e liberta.



Prólogo

Clara

Aqui estou eu, mais uma vez encolhida no canto do quarto, agarrada a minha filha Mayara de apenas cinco aninhos, que me olha com os olhos assustados, enquanto do outro lado da porta trancada e escorada pela cômoda, o pai dela grita bêbado e soca a porta com força como um louco. A cada batida, a porta do quarto parece que vai cair e a cada batida eu aperto a minha filha mais forte, tentando protegê-la.

Os gritos dele me altura e dizendo que iria nos matar, ecoavam pelo quarto e eu fechava os olhos em oração, para que ele não conseguisse entrar. Graças aos céus, minutos depois, os gritos xingando a toda foram cessando e dessa vez ele não conseguiu quebrar a porta e a minha costela, nem me deixar com olho roxo ou com o lábio cortado.

Ouvi quando ele saiu com o carro, pela garagem, cantando pneu como um louco. Quando tive certeza que ele tinha ido, mais uma vez agradei a Deus por ele enfim ter desistido de nos matar... Desta vez.

— Mamãe, estamos salvas? — Aqueles olhinhos cheios de lágrimas e espantados me olhavam perguntando.

— Estamos sim e dessa vez vai ser para sempre. — Beijei o topo de sua cabeça, ajudei-a a levantar, pegando-a no colo, e em seguida a coloquei sobre a cama.

Procurei o telefone depressa e liguei para a minha melhor amiga da época de escola. Tinha voltado a ter contato com ela a pouco mais de um ano quando a reencontrei por meio de uma rede social. Desde então, conto para ela todo o sofrimento que o meu casamento virou. Meu príncipe encantado transformou-se em um sapo horrendo e o conto de fadas para mim foi o inverso. Jeferson era um verdadeiro príncipe no começo do nosso casamento, até que a bebida o transformou em um monstro que me trai, me bate e faz da minha vida um inferno. O perdoei por diversas vezes quando voltava arrependido e me pedia perdão chorando. Eu não tinha para onde ir se não o perdoasse, nem tinha a quem pedir ajuda, já que meus pais eram filhos únicos e morreram em um desastre de ônibus logo após meu casamento.

Contei tudo isso a minha amiga Laura quando voltamos a conversar e desde a última

surra em que fiquei com as costelas quebradas, ela tenta me convencer a ir morar com ela em outro estado e fugir de vez dessa vida.

Os olhinhos assustados da minha filha olhando em volta, como se vivessem com medo, foram o empurrão que eu precisava para criar coragem e fugir dali para sempre. Fui até o esconderijo secreto e peguei o pouco dinheiro das coisas que vendi e dos saques à carteira de Jeferson, quando ele estava um bêbado manso. Estava guardando o dinheiro para quando um dia, eu tivesse a coragem de fugir e esta coragem está me atingindo agora. Preciso sumir daqui.

Não era muito dinheiro o que eu tinha, mas era o suficiente para um táxi, duas passagens de ônibus e o início de um recomeço. Liguei para Laura com pressa e medo do meu marido voltar. Graças a Deus ela atendeu no primeiro toque.

— Amiga, não aguento mais. Aconteceu hoje de novo e...

— Clara, você está machucada? Quer que eu ligue para a polícia? — Ela me interrompeu assustada.

— Não, eu estou bem! Dessa vez foi só a tentativa, mas ainda está de pé a sua proposta de me salvar daqui? Posso mesmo ir morar com você? — Falei entre soluços.

Ela suspirou parecendo aliviada.

— Já não era sem tempo. Toda vez que meu telefone toca com o código daí, penso ser alguém ligando para me avisar que você morreu. — Um calafrio passou pelo meu corpo e pensei nas muitas vezes que isso quase chegou a acontecer. — Apague todas as pistas que possam te ligar a mim e venha. Quando estiver chegando me liga, que vou te buscar. Esse monstro não vai encontrar vocês amiga. Chega de sofrer!

Fechei meus olhos e soltei um suspiro de alívio, pelas propostas dela não terem sido somente palavras ao vento.

— Obrigada, Laura. Me espere que estou indo.

Desliguei, fiz duas malas e coloquei nelas, além de roupas, o notebook em que eu conversava com a Laura, algumas joias que ele me deu, como pedido de desculpas nos dias seguintes as surras, e meu celular. Arrumei a minha Mayara e tentei mostrar a ela um sorriso de alegria.

— Vamos embora, filha.

— Ele nunca mais vai nos encontrar, mãe?

Doía-me toda vez que ela se referia ao pai como “ele”. Ficava evidente para mim o quanto ela o desprezava, com apenas cinco aninhos.

— Não, filha, nunca mais! — Ela sorriu um sorriso autêntico e com isso percebi que estava fazendo a coisa certa.

Partimos para sempre, para um futuro incerto, em busca da felicidade que nunca tivemos e que tenho certeza que iríamos encontrar.

Capítulo Um

Fernando

Estou no casamento do meu amigo, filho de um dos sócios da empresa da família e acho isso tudo uma baboseira sem fim. Minha família tem essa merda de tradição de casar japonês com japonês, para manter a linhagem e o bendito olho puxado que não ajuda em nada. Ah! Na verdade ajuda sim, ajuda nos negócios da família e somente nisso. Meu pai se casou com a minha mãe que é brasileira e com isso causou um reboiço na família toda. Meu avô quis matar tanto meu pai, quanto a minha mãe e no fim eles acabaram se casando, mas juraram para o meu a avô que eu e minha irmã iríamos continuar a tradição e que o sangue nipônico e a empresa da família seriam mantidos na colônia japonesa, quando nos casássemos com os japoneses destinados a nós. Uma bosta! Nunca que eu iria me casar com alguém que meus pais escolhessem para mim. Nada contra japonesas, até conheço umas bem gostosas que já peguei, mas estamos no século XXI e no Brasil, ninguém mais aqui aceita casamento arranjado. Então que se foda, sou livre para fazer as minhas próprias escolhas.

O pobre do meu amigo nem parece estar feliz em um dia que teria de ser único na vida dele. Não sou tão romântico assim, mas pelo amor de Deus, ele nunca frequentou o templo budista em que estamos, mal conhece a noiva e mesmo assim aceitou participar dessa palhaçada. Ele acabou de me lançar um pequeno revirar de olhos e eu balancei a cabeça em negativa para ele. A noiva até que é bonitinha e a família deve ser muito rica, já que ela está usando o segundo *kimono*. Mas nada justifica ele ter aceitado passar por isso e se casar por interesse.

Nem todo dinheiro do mundo fará com que eu aceite casar sem amor. Eu não sou uma das aquisições do meu pai. O pior de tudo, é que meus pais já passaram por isso e foram contra o sistema e agora que se deram bem, estão a favor disso tudo.

Sério, como já disse, nada contra a colônia japonesa, até gosto do meu olho puxado, de ser um belo mestiço, afinal sou um dos *Angels*, mas tudo contra essa tradição ridícula de manter o sangue nipônico na família e sem contar que isso beira o preconceito.

Pra mim já deu! Dei um abraço nos noivos e parti para a *Angels*, porque estou cheio disso tudo e a *Angels* me acalma.

Angels é uma casa noturna, da qual me tornei sócio juntamente com os meus três amigos Gustavo, Rodrigo e João assim que terminei a faculdade de direito, sem nunca exercer a profissão, me sinto completo. A melhor coisa que fiz na vida foi começar junto com eles a dar aquelas festas para o pessoal da faculdade e assim juntar dinheiro para montar a *Angels*. Ouvi muita ladainha do meu pai e do meu vô, mas eu tenho que fazer o que eu gosto e o que eu gosto é da noite.

— Aonde você vai, Nando? — Minha irmã Adriana me perguntou andando apressada ao meu lado.

— Para a *Angels*.

— Mas o casamento nem acabou ainda. O pai e a mãe vão te matar.

Dei de ombros.

— Deixa que me matem. Mas sei que você como a minha irmã preferida, vai colocar panos quentes, né?

— Irmã preferida? Sou sua única irmã. — Ela revirou os olhos e dei um beijo em sua testa. — Fui, irmã!

Virei-me para sair e parti em direção a *Angels* para trabalhar. Iria chegar cedo, mas era melhor do que ficar aqui vendo o meu amigo se casando por obrigação e correndo o risco de ser infeliz.

Clara

Um ano depois.

— Rápido, filha, você vai se atrasar para escola.

— Tô indo, mãe. — Mayara veio correndo com a sua mochila das princesas nas costas e fomos em direção ao nosso carro.

Carro... Bom, não era bem assim um carro perfeito. Ele mais dava tristezas que alegrias para falar a verdade. Meu Gol quadrado, que eu havia comprado com o dinheiro da minha aliança que vendi junto com algumas outras joias e coisas de valor que peguei quando deixei minha casa, era mais uma lata velha do que um carro propriamente dito, mas me levava onde eu queria e é isso que vale. Na verdade, me levava quando não quebrava.

Todos os dias vivo uma rotina, desde que vim morar com a minha amiga Laura. Acordo cedo, levo a May para a escola e em seguida vou para o meu trabalho que fica praticamente ao lado de onde ela estuda. Trabalho em um café, onde ganho pouco, trabalho muito e tenho uma colega de trabalho que faz de tudo para me detonar com o chefe.

Desde que saí fugida da cidade onde eu morava, deixando para trás minha casa e o meu marido, tenho vivido feliz e não me arrependi nem por um minuto da escolha que fiz. Posso passar por dificuldades financeiras que antes não passava com o Jeferson, muito pelo contrário, com ele eu tinha uma vida farta em dinheiro, por ele ser herdeiro de uma fábrica de chocolate. Já aqui não tenho dinheiro, mas também não apanho um dia sim e outro também.

Cheguei para trabalhar e assim que abri a porta do café, Shirley (a vaca da minha colega de trabalho) disse com um sorriso no rosto, que o Roger, nosso chefe, estava me chamando no escritório, logo pensei: se ela está sorrindo, vem bomba.

Dei duas batidinhas na porta e coloquei a cabeça para dentro dizendo:

— Oi, Roger, bom dia, quer falar comigo?

— Sim, sente-se. É o seguinte, como você sabe, estamos cortando gastos e estou de olho nos funcionários já faz algum tempo. E vou ser direto, Clara, sua obrigação todos os dias é limpar a máquina moedora de café e todos os dias eu chego pela manhã e está suja. Por esse motivo

você está demitida.

— O quê? Como assim? Eu limpo ela muito bem limpa todos os dias, antes de ir embora.

— Falei irritada.

— Mas quando eu chego ela está suja e isso só me faz crer que ela não foi limpa. Sinto muito, Clara.

— Roger, não posso ser demitida, tenho a Mayara pra cuidar.

— Como disse sinto muito, mas você foi a única que me deu motivo para demissão e, ou eu te demito ou vamos acabar falindo.

Engoli em seco e pensei que isso só poderia ser armação da Shirley, mas tudo bem, tenho minha dignidade e não vou me humilhar. Tenho certeza que Deus vai preparar algo melhor para mim.

Saí da sala dele e dei de cara com uma Shirley sorridente, simplesmente a ignorei, não valia a pena discutir, ela vai acabar se ferrando por si só. Quando saí do café com o papel para receber o que eu tinha direito, respirei com força e pensei: e agora o que vai ser de mim desempregada? Laura tinha conseguido esse emprego para mim assim que cheguei. Uma amiga dela estava saindo do cargo e eu o peguei de imediato, mas e agora? Como vai ser?

Respirei fundo e soltei o ar. Eu iria dar um jeito.

Voltei para casa e encontrei a Laura terminando de se arrumar para ir a um curso de *bargirl* que começaria hoje. Joguei-me no sofá, cansada e já com mil e um pensamentos de como eu me viraria a partir desse ponto.

— Clarinha, você chegando cedo? — Ela falou assim que me viu.

— Fui demitida. — Falei tampando o rosto com as mãos.

— Como assim? Você é uma funcionária excelente. — Dei de ombros e ela continuou — Mas não se desespere, tudo vai dar certo.

— Olha, Laura, nunca vi alguém mais positiva que você. — Falei levantando a cabeça e olhando para ela, que me lançava um enorme sorriso.

— Claro, do que vai adiantar você ficar aí desesperada? Pensa o quanto a sua vida está melhor que há um ano e o quanto a May está feliz.

— Sim, mas preciso te ajudar com as despesas da casa e tudo mais. E o pior de tudo é que foi armação para eu ser demitida, embora não tenho certeza disso.

— Ah não se apegue a isso, gente ruim se ferra sozinha. E quanto a me ajudar, enquanto você não arrumar um emprego você fica com a arrumação da casa. *Afff...* detesto!

Ri do revirar de olhos dela para as tarefas domésticas.

Laura não era casada, trabalhava na imobiliária do pai e era adepta da vida livre de responsabilidades e de buscar o que te faça feliz acima de tudo. Quando me casei, ela quis me bater, já que me casei cedo com o Jeferson, e tanto eu, quanto ele, tínhamos apenas dezoito anos, foi assim que saímos da escola e logo engravidei. Laura em seguida se mudou e minha vida ficou resumida a ficar em casa cuidando da Mayara, sozinha e cada vez mais dependente. Agora estávamos com vinte e quatro anos e não me arrependo por ter minha filha, mas agora vejo que se eu tivesse esperado para ver quem o Jeferson realmente era, teria sido mais fácil. Ver o medo no rostinho da minha princesa todas as vezes que o traste do pai dela chegava bêbado, ainda me assombrava.

— Não, espera. — Minha amiga disse se virando abruptamente — Você está desempregada, certo? Sendo assim não vai fazer nada hoje, certo? — Eu assenti e ela continuou — E sendo assim você está livre, certo? — assenti mais uma vez — E assim você pode fazer o curso de *bargirl* comigo, certo? — Ela aplaudiu.

— Errado!

— *Ahhhh...* Qual a desculpa agora, Clara?

— Dinheiro, esqueceu que fui demitida e não tenho dinheiro para pagar o curso? — Ela revirou os olhos.

— Eu pago.

— Nem pensar, e eu já moro de favor com...

— Ah nem começa a falar isso. Você sabe que não mora de favor coisa nenhuma e é um prazer ter você e a Mayara aqui. Eeeeeee... Eu pago a droga do seu curso se eu quiser! Bora, amiga, vai ser legal jogar umas garrafas para cima para desestressar.

Pensei... e quer saber... Eu vou.

— Tudo bem, eu vou. — Falei levantando em um pulo. — Mas você sabe que sou

desastrada e vou quebrar todas as garrafas.

— Vai dar certo, desde que você não derrube nenhuma delas na minha cabeça está tudo bem. — Ela aplaudiu e eu ri.



O curso durou uma semana e foi muito divertido, até percebi que levo jeito pra coisa. Acabei eu mesmo pagando com o dinheiro da rescisão, depois de muito brigar com a Laura que não queria receber, mas não achei justo ela pagar.

Já faz um mês que estou desempregada, entreguei currículos e até fiz algumas entrevistas, mas emprego está difícil e não tive sucesso. Agora que estou aqui, deitada na minha cama agarrada com a minha filha, estou pensando seriamente em colocar em prática a profissão de *bargirl*. Estou relutante em tentar essa área, porque os horários dos serviços seriam sempre à noite e não queria deixar a Mayara.

Dona Regina, a mãe da Laura, já se ofereceu para cuidar da May, mas mesmo sabendo que ela trata a minha filha como neta, minha princesinha vai sentir minha falta.

— Você está triste, mãe? — Minha Mayara me tirou dos meus pensamentos.

— Não, meu amor, estou pensando na vida.

— Espera aí, mãe. — Mayara levantou rápido e foi até o outro lado do quarto, onde ficava a cama de solteiro que a Laura havia arrumado para ela, e pegou o seu cofrinho. — Mãe eu sei que a senhora está triste por que não tem mais trabalho. Pode ficar com o meu dinheiro. Só não vamos voltar para... ele, por favor? — Ela me ofereceu o cofrinho e eu comecei a chorar e a abracei com força.

— Não, filha, nunca mais vamos voltar para ele. — A soltei, enxuguei as lágrimas e forcei um sorriso. — Está tudo certo filha, guarda o seu dinheiro para comprar seu presente de natal. Um presente bem lindo.

No mesmo instante que eu enxugava as lágrimas e dava um beijo na minha filha pensando como eu resolveria a questão sem dinheiro para nada, a Laura entrou esbaforida no quarto e segurando o *notebook*.

— Amiga, olha pra isso. — Ela me virou o notebook que mostrava um e-mail que ela recebeu com um *banner* que estava escrito: “Precisa-se de *barmans*” Indicava que era para

trabalhar em uma das casas noturnas mais famosas da cidade.

— O que tem isso, Laura? Aí pede *barmans* e é obvio que a *Angels* vai preferir dar prioridade a *barmans* com experiência.

— Mas não custa nada tentar. E nós treinamos muito nesses dias. Somos boas nisso. — Ela estava eufórica.

— Tenta mamãe, você é boa nisso de jogar garrafas. — May sorriu para mim.

Pensei na minha filha me entregando suas moedinhas e suspirei.

— Ok, não custa tentar. — Laura e Mayara aplaudiram. — Mas se não der certo não quero que vocês fiquem desanimadas, principalmente você, Laura. — Apontei para minha amiga que sorria feito uma criança.

— Tudo bem. O teste é amanhã à noite. Precisamos de uma *performance*.

— *Performance?*

— Sim, *performance*. Aqui no anúncio pede que os candidatos apresentem algo diferente.

— Ah, amiga, então lascou, até amanhã não vamos conseguir montar nada. — Fiquei meio triste, até que estava começando a gostar da ideia.

— Já pensei em tudo, escuta. — Ela apertou o *play* de um vídeo no *notebook* e *Rihanna, If it's lovin' that you want* começou a tocar e eu explodi em risada.

— Nunca, nem pensar! Não vou fazer essa coreografia nunca mais.

— Ah, amigaaaa, arrasamos na escola, no último ano quando dançamos essa música, os meninos ficaram doidos com sua bunda enorme remexendo pra lá e pra cá. — Tampei os olhos com as mãos e comecei a rir freneticamente. A lembrança de nós duas dançando na escola no festival de talentos, tomou conta de mim e lembro até hoje o quanto fizemos sucesso com os meninos. Laura e eu tínhamos mais ou menos a mesma altura, mas eu era loira de cabelos encaracolados no meio das costas e olhos verdes, enquanto ela era morena de cabelos também encaracolados, só que castanho e olhos castanhos.

Laura me puxou pelas mãos para me levantar da cama e começou a fazer a coreografia. Eu a olhava rindo e em seguida olhei para Mayara que estava com um sorriso enorme no rosto

— Vai, mamãe, dança também. — Minha filha me encorajava.

Balancei a cabeça em negativa, mas depois rindo comecei a fazer os passos. Era incrível que mesmo depois de anos ainda lembrávamos perfeitamente cada um deles. A dança era muito sensual e mexíamos o corpo todo. A música terminou e a Mayara aplaudiu.

— Bom, amiga, agora é só colocarmos umas garrafas voando e uns drinks no meio da coreografia e está tudo certo.

— Simples assim?

— Sim. Simples assim! Desencana, Clara, a vida é fácil, deixa a vida te levar que vai dar tudo certo.

Ri.

— Tá, vamos dizer que eu tope essa loucura... Laura, temos só até amanhã — Peguei o *notebook* da mesa para ver o horário da entrevista. — Às onze horas, pouco tempo para nos prepararmos.

— Vai, dar certo. Vaiiii... Diz que topa?

— Vai, mamãe, vai dar certo! — Olhei para o sorriso no rosto da minha filha e com ela falando assim tudo vai dar certo.

— Tudo bem. Faça a nossa inscrição. E já vou rezar até amanhã, pra isso dar certo e para eu não deixar nenhuma garrafa cair na cabeça do velho, dono da casa noturna.

— Velho? — Laura me perguntou com uma sobrancelha arqueada.

— Sim, velho. Esses empresários ricos, donos de casas noturnas, são sempre aqueles velhos barrigudos de bigode e cabeça grisalha ou careca. Só espero que ele não seja um tarado ou vou ser obrigada a dar uma boa resposta pra ele.

— Eles. — Ela me corrigiu sorrindo.

— *Afff...* Sério que é mais de um velho que vou ter que encarar?

— Sim, os *Angels* são quatro.

— Ah e você os conhece? — Falei cruzando os braços.

— Sim, todos que frequentam baladas, conhecem os *Angels*. — Ela falou sorrindo como

se eles fossem algo bom. — Mas eles não me conhecem, o que é uma pena ou já teríamos conquistado o emprego. E vamos ensaiar ou não teremos nem chance amanhã. — Ela riu.

— Olha, ainda não sei se realmente quero isso, mas não estou em condições de escolher muita coisa, então se é para entrar nisso, bora entrar pra ganhar.

Laura e Mayara aplaudiram como se eu tivesse dito a coisa mais empolgante do mundo, e ver a minha filha feliz assim, me trazia força de onde não tinha e ânimo para enfrentar o que estivesse por vir.

Fernando

Hoje o dia está corrido, aniversário surpresa da Livia, namorada do meu sócio, e agora acabei de saber que a noite vamos comemorar o aniversário dela na *Angels*. Assim que vi a Livia a primeira vez, sabia que meu amigo e sócio Gustavo, estava ferrado. Ela é prima dele, linda, e os dois iriam dividir o apartamento por anos enquanto ela fazia faculdade. Só podia dar merda. O cara está caidinho pela prima e não posso culpa-lo, eu no lugar dele também estaria, ela é muito gata. Mas ambos estão vivendo um impasse sobre contar ou não para família que os veem quase como irmãos. Família... É bom, mas tem horas... Amo a minha, mas tem horas...



Cheguei cedo à *Angels* e estou organizando a sala onde sempre fazemos reuniões, hoje vamos fazer o teste com os novos *barmans*. A *Angels* cresce a cada dia e somos famosos pelo atendimento rápido e por aqui ninguém espera por bebida.

Rodrigo já chegou e está lá embaixo conversando com os seguranças, enquanto o João conversa com os *barmans* no bar. Do nosso escritório vejo João, um dos sócios, bebendo, o que não é uma boa ideia, considerando o quanto ele também está a fim da Livia e o quanto o Gu olha para ele com olhar assassino quando ele chega perto dela. Liguei no celular do João e pedi para que ele subisse, que já, já os candidatos iriam chegar, em seguida o Rodrigo e o Gu também chegaram e como já havíamos feito isso antes, não estávamos preocupados com a seleção, a única coisa nova, é que duas moças haviam se inscrito.

— Olha, não é querendo ser machista nem nada, é mais medo da Livia, mesmo, mas acho que colocar meninas no bar nos trariam problemas. — Gu falou franzindo a testa.

— Eu acho legal. Fazer a conferência de estoque com uma garota, vai ser muito mais divertido. — Rodrigo falou e levou um peteleco na cabeça, dado pelo João.

— Melhor não mesmo, ou teremos que responder por diversos processos por assédio sexual. — Até estranhei o João concordando com o Gu, os dois mais se estranhavam do que qualquer outra coisa ultimamente.

— Bom, vamos dar uma chance para elas fazerem a *performance* que prepararam, talvez sejam um desastre e estamos pensando demais sem necessidade.

— Tem razão, mano. — Gu se sentou ao meu lado.

Montamos um mini bar improvisado, com as bebidas que os candidatos descreveram no e-mail resposta, enviado para se inscreverem. Colocamos quatro banquetas altas onde ficaríamos sentados como se fôssemos clientes e eles do outro lado do balcão onde fariam a *performance* de *barman*.

Começaram a chegar, um a um, até que duas moças entraram na sala. Tinham mais ou menos a mesma altura e eram lindas. A morena era um pouco mais alta, mas bem pouco, as duas tinham um corpo bem marcado por curvas e não consegui parar de olhar para a bunda da loira quando ela passou por mim e sentou-se no sofá da sala em que os outros estavam esperando. Elas estavam vestidas inteiras de preto e tinham os cabelos presos em um rabo de cavalo, alto. O cabelo da loira era comprido, caía em ondas e seu rosto transmitia insegurança, enquanto a morena parecia muito confiante. Vi que a loira sussurrou algo a morena, que riu em resposta.

— Para de babar, cara. — Rodrigo falou passando a mão no meu queixo e afastei a mão dele em um tapa.

— Para de ser ridículo. São gatas, mas precisam provar que são boas ou não levam o cargo. — Falei.

— Boas... Elas são com certeza! Que a Lili não me ouça ou ela me capa! — Gu se virou para João quando disse isso e continuou. — E se você contar pra ela, quem vai ser capado vai ser você. — João só sorriu em resposta, mas pra mim o Gu estava falando sério, era melhor o João tomar cuidado.

Fiquei olhando a loira mais um pouco e ela era de babar, não era como as mulheres que eu costumava sair, que pareciam modelos de capa de revista, ela era linda ao jeito dela. E aqueles quadris largos...

— Vamos começar? — Perguntei aos caras para poder parar de pensar besteira e eles assentiram.

Levantei-me, fiquei de frente para os candidatos e comecei a falar:

— Bom, vamos começar. Para quem não me conhece eu sou o Fernando e sou dono da *Angels* junto com os meus amigos, João, Gustavo e Rodrigo. — Apontei para os caras que estavam atrás de mim. — Como vocês já sabem, pedimos uma *performance* e espero que tenham preparado algo legal, que possa ser bem recebido pelos nossos clientes. — Vi que enquanto eu

falava, a loira me olhava com a testa franzida como se não entendesse. — Os avaliadores seremos nós mesmos, os *Angels*. — Apontei mais uma vez para os meus sócios, que estavam encostados ao balcão do bar improvisado, com os braços cruzados e quando eu citei os *Angels* eles sorriram em resposta. Vi que a loira ficou boquiaberta enquanto a amiga dela sorria largamente da cara de surpresa que ela exibia. As duas deviam ter alguma piada interna e eu não gostei. — Vamos começar a fazer a avaliação por ordem de quem chegou primeiro aqui.

Virei-me peguei a ficha do primeiro candidato e passei uma para cada *Angel*. Chamei-o e antes de começar, fizemos uma pequena entrevista com ele, mas não conseguia parar de pensar na loira que me olhava do canto da sala. Por que será que ela parecia tão chocada?

Porra, o primeiro candidato nem começou e já derrubou uma garrafa, assim não vai prestar. Quero ver como vai ser a apresentação dessas meninas. No e-mail elas diziam não terem experiência na profissão. Já imagino a porcaria.

Clara

Acordei nervosa, almocei nervosa, na verdade não almocei, passei o dia nervosa enquanto eu e Laura repetíamos mil vezes a coreografia, jogávamos garrafas e fazíamos drinks imaginários com água e corante para treinar e garantir que a noite não errássemos. Afinal, vamos dançar, jogar garrafas e fazer drinks tudo de uma só vez. Só mulher para conseguir. E para ser sincera, se conseguirmos fazer como no ensaio, o cargo é nosso, porque modéstia a parte, ficou top! Isso se o nervoso e o medo de encarar os donos da *Angels* não me derrubarem antes de conseguir terminar a música.

Agora estou aqui sentada, aguardando os donos chegarem para a entrevista e enquanto isso, vejo que desde que eu e a Laura chegamos, alguns rapazes no canto oposto da sala não param de nos olhar. Eram incrivelmente lindos. Quatro exemplares de homens cada um diferente do outro. Um loiro, um negro, um moreno e um mestiço, todos com corpos incrivelmente definidos e sorrisos encantadores. Talvez ser lindo e atraente fosse um quesito essencial para trabalhar aqui ou talvez os donos fossem gays.

Vi que falaram alguma coisa um para o outro, como se falassem de nós e isso está me deixando mais nervosa do que eu já estou. O mestiço era muito gato, me encarava incansavelmente e estou começando a ficar com vergonha, faz muito tempo que não fliro com ninguém e nem estou com cabeça para isso.

— Amiga, cadê esses donos que não chegam? — Enxuguei minhas mãos na calça preta social que eu estava usando, compondo o look todo preto que a Laura insistiu que deveríamos usar.

— Calma, amiga. Já, já eles começam.

— Devem estar com dificuldade de subirem as escadas com suas barrigas enormes, a idade avançada e os bolsos cheios de dinheiro que tiram dos jovens que vamos embebedar, se conseguirmos o cargo.

Olhei para a Laura e ela estava segurando o riso.

— O que foi? — Perguntei séria.

— Nada não!

Alguns minutos se passaram e mais ninguém chegou depois de mim e da minha amiga.

Então o mestiço levantou e achei que estava vindo falar comigo pelo modo que me olhou. Virei o rosto para o lado oposto para quebrar o contato visual e então ele começou a falar.

— Bom, vamos começar. Para quem não me conhece eu sou o Fernando e sou dono da *Angels* junto com os meus amigos João, Gustavo e Rodrigo... — O quê? Dono? E eu esperando um velho, barrigudo e careca. Olhei para a Laura para ver a cara dela e claro, ela ria de mim. Vaca! Ela já sabia! E eu aqui achando que eles eram mais alguns candidatos ao cargo. Bom, se eu já estava nervosa antes... Agora estou mais. Te acalma Clara, é só um homem como outro qualquer e não muda nada ele não ser um velho careca e barrigudo, a não ser pelo fato que ele tem um corpo lindo, um rosto lindo, um sorriso lindo e ele é lindo... Droga!

Comecei a suar frio, as apresentações começaram e conforme se estendiam e alguns candidatos à vaga derrubavam copos, bebidas e garrafas, eu ficava mais nervosa. Não sei se ficar por último foi bom ou ruim. Teve uns dois que fizeram uma apresentação com fogo que foi perfeita e a nossa dança ficaria no chinelo. Foi então que a nossa vez chegou e um dos *Angels*, o loiro e gato nos chamou, pelo que me lembro, acho que se chama Gustavo. Nunca vi tanto homem bonito junto, estão me confundindo.

— Clara e Laura só podem ser vocês, né? — Assentimos ao moreno que se chamava Rodrigo e fomos em direção ao bar improvisado. Ficamos de frente para os quatro e era difícil me concentrar no que tinha que fazer com tanta beleza nos olhando de frente. Esses quatro eram muito bonitos. — Então, em que trabalhavam anteriormente?

— Eu trabalho... Trabalhava, na imobiliária do meu pai e a Clara em um café.

— Então vocês têm experiência em trabalhar com o público, certo? — Perguntou o negro lindo, o João.

— Muita e sempre sorridente, mesmo com os clientes malas. — Respondeu a Laura.

— Gostei da sinceridade. — Falou o moreno lindo apontando a caneta para ela.

— E você, Clara? Tem experiência com o público também? — Me perguntou o Fernando me olhando nos olhos.

— Muita, antes de trabalhar no café trabalhei em um bar super movimentado na minha antiga cidade. — Menti e vi a Laura me olhando com um sorriso torto e o Fernando assentiu.

— Ok. Então vamos começar? — Gustavo, perguntou.

— Bora! — Eles riram da resposta alegre da minha amiga e eu também. Ela estava agindo como se tivesse feito isso a vida toda. Ainda bem que alguém consegue ficar relaxada.

Viramo-nos de costas para eles para começar nossa apresentação e me senti muito exposta. Essa calça apertada no meu quadril largo, está marcando todas as minhas gordurinhas. E sei que depois que fugi de todo o meu sofrimento com o Jeferson e depois de comer tanta rosquinha no café, dei uma engordada e essa roupa justa deve estar marcando todos os quilos a mais.

A Laura estava ao meu lado, a minha direita. Segurava uma garrafa na mão direita e eu uma coqueteleira na mão esquerda. Respirei fundo, soltei o ar e em seguida fechei meus olhos. Fiz uma oração para que desse tudo certo. Não sei o porquê, mas algo me dizia que eu precisava fazer tudo certo e precisava deste emprego. Enxerguei os olhinhos felizes da minha Mayara, os sorrisos dela, nos aplausos que ela deu todas as vezes que fizemos essa *performance* e acertamos todos os passos. Isso me encheu de autoconfiança. Abri meus olhos, olhei para o lado para encarar a minha amiga. Ela me deu uma piscada de incentivo e sorriu quando os primeiros acordes da música começaram a encher o ambiente.

I want to let you know

That you don't have to go

Don't wonder no more

What I think about you...

A batida mais forte entrou na música e com ela a Laura me jogou a garrafa que passou por cima da sua cabeça e eu a peguei com a minha mão direita, virando a *vodka* na coqueteleira com gelo. Deslizei o copo pelo balcão para a Laura, que o pegou e de uma vez só, com uma garrafa em cada mão, virou suco de laranja e licor de pêssego na coqueteleira. Quando atingiu a quantidade de bebida que precisava, ela jogou as duas garrafas para cima, as pegando novamente e pousando as duas sobre o balcão. Eu e ela começamos a fazer passos de dança em que fazíamos ondinhas com o corpo sensualmente e sorríamos uma para outra. Trocamos de lado dançando a um passo de cada vez e batemos as mãos quando passamos uma ao lado da outra. Peguei a coqueteleira, tampei e comecei a agita-la, sem parar de dançar. Joguei-a para a Laura que pegou com firmeza e fez os mesmos movimentos de chacoalhar. Viramos-nos para frente e ficamos novamente de frente para os quatro, tentei não fazer contato visual com nenhum deles, para que a coragem não fosse embora. Voltamos a dançar antes de finalizar a bebida e fazíamos

passos iguais, em que passávamos a mão pelo corpo, enquanto o refrão traduzido dizia o seguinte:

“Se é amor que você quer

Então você devia me fazer sua garota, sua garota

Se é amor que você precisa

Então, baby, venha e compartilhe meu mundo, meu mundo”

A música estava chegando ao final, peguei uma taça que mais parecia com meu corpo, (com a base mais cheia, o meio mais fino e abria na parte da boca), adicionei o suco de *Cranberry* e me afastei dançando para que a Laura colocasse a bebida que estava na coqueteleira. Ela se afastou do copo assim que terminou de colocar e eu me aproximei colocando uma fatia de laranja na boca do copo, um guarda chuvinha que decorou e deu um charme a bebida e por fim um canudo em espiral. Continuamos dançando, fazendo passos coreografados, os mesmos que fizemos no nosso último ano de escola. A música chegava ao final, viramos de costas e jogamos os braços para cima, rebolando e nos exibindo. Sinto que estou vermelha, é muita exposição essa dança, mas que estou gostando e me sentindo desejada, ahhh... Isso eu estou. Os últimos acordes soaram, nos viramos, oferecemos a bebida a eles e falamos juntas:

— *Sexy and beach.*

Só então me permiti levantar os olhos e olhar cada um deles que pareciam embasbacados. O moreno, Rodrigo começou a aplaudir. Fiquei vermelha de vergonha, olhei para o Fernando e não consegui decifrar o que o olhar dele me dizia.

Capítulo dois

Fernando

Isso só pode ser uma miragem, que mulheres são essas?

Elas estavam fazendo uma apresentação perfeita e se eu fosse cliente eu compraria o bar todo só para vê-las dançando mais. João que estava ao meu lado me cutucou com o cotovelo e disse baixo:

— Fecha a boca ou você vai babar.

— Vai se ferrar. — Respondi rindo.

A música continuou e percebi que o tempo todo que elas dançavam a Clara não me olhava, parecia com vergonha e aquele ar inocente estava me deixando estranho. Enquanto a amiga dela dançava toda sensualizando, ela dançava toda contida, sem deixar de ser sensual. É o melhor, as duas são muito boas como *bargilrs*

A música acabou e as duas disseram juntas:

— *Sexy and beach.*

Enfim ela nos encarou com um sorriso tímido nos lábios, enquanto Rodrigo aplaudia.

— Sexo na praia? É um convite? — Rodrigo falou sorrindo com a sobrancelha arqueada.

— Só se for pra fazer o drink na praia. — Laura respondeu cruzando os braços.

— Bom, meninas, agora vamos nos reunir e assim que tivermos um veredicto ligamos pra vocês. — Gustavo falou para elas, que assentiram, agradeceram e foram embora. Antes de passar pela porta, Clara virou e me lançou um último olhar que fez meu corpo estremecer.

— Por mim, estão contratadas — Falei rindo.

— Por mim, também — Rodrigo falou levantando as mãos rendido.

— Precisamos pensar nos demais candidatos, pessoal — Disse o Gu.

— Olha, de todos que passaram por aqui, nenhuma apresentação fez com que eu ficasse doido para beber quanto a das meninas. — João disse.

— Verdade, se elas quisessem me vender água na balada, depois daquela apresentação eu compraria. — Falei.

— Tudo bem, então contrataremos as meninas? — Rodrigo perguntou com a prancheta na mão, como se analisasse os outros candidatos.

— Por mim, sim. — Falei.

— Sim. — João falou.

— *Puts* a Lili vai arrancar meu fígado, mas tenho que concordar, elas são realmente boas e se pensarmos em *performances* como esta que elas apresentaram, para fazermos nas sextas e sábados que são os dias que a casa bomba, vai ser um diferencial e tanto. Então meu voto é sim.

Todos aplaudiram.

— Podem deixar elas comigo, que fico responsável, pelo treinamento e no auxílio com as apresentações.

— Não vai se meter com as funcionárias, hein Fernando, assedio é crime.

— Cala a boca, Rodrigo! Elas não fazem meu tipo, meu interesse é totalmente profissional e pensando no melhor para a *Angels*.

— Sei... — Rodrigo riu e foi acompanhado pelos outros.

Isso vai ser interessante. Já estou ansioso para ver os clientes eufóricos com as apresentações das duas. Isso vai ser bom!

Clara

Saí da sala dos *Angels* após a apresentação, com as pernas tremendo e a mão suando frio.

— Amiga, você tá bem? Você está branca!

— Estou bem, só preciso tomar um ar.

Saímos da casa noturna, a brisa da noite cortou meu rosto e só então parece que respirei. Comecei a gargalhar sem parar, ri e ri, e logo fui acompanhada pela minha amiga que começou a rir comigo e estávamos as duas rindo sem parar. Rimos até lacrimejar. Mas respirei fundo e tentei falar enquanto enxugava os olhos.

— Laura, te amo!

— Por que essa declaração de amor depois dessa crise de riso? — Ela disse também enxugando os olhos.

— Te amo, porque olha a minha vida agora: tô aqui nervosa, após dar um show de *bargirl* para quatro homens lindos, que ficaram olhando para a minha bunda gorda. E se fosse há um ano, se não fosse por você, eu estaria nervosa esperando o meu marido chegar bêbado porque sabia que iria apanhar. Muito obrigada amiga, nunca vou me cansar de te agradecer por isso. — Comecei a chorar e minha amiga agora também estava com os olhos cheios de lágrimas.

— Não me agradeça, eu que ganhei ao trazer você e a May para a minha casa. — Ela me abraçou e nosso abraço foi interrompido pelo toque do celular dela que tocava alto.

— Alô. *Arran*, ok. Tá, até amanhã. — Ela falava e o rosto dela parecia não acreditar no que ouvia e eu comecei a ficar tensa.

— O que foi? — perguntei e ela me olhava como se não acreditasse — Me fala, estou ficando preocupada!

— Estamos empregadas. Somos as novas contratadas da *Angels*! *Urruuhhh*. — Ela me abraçou e começamos a dar pulinhos, rodando abraçadas. Parecíamos duas loucas e as pessoas que estavam na fila para entrar na casa noturna, nos olhavam sorrindo.

— Não acredito que conseguimos! — Falei quando nos separamos.

— Eu sempre soube que iríamos conseguir quando você mexe esse seu quadril você consegue tudo! — Ela bateu o quadril dela no meu e eu a empurrei com o ombro. Andamos de volta para casa rindo e cantando a música da apresentação. *Rihanna* perdia feio para nós.

Chegamos à casa da mãe da Laura para pegar a May já era quase meia noite, mas mesmo assim fiz questão de pega-la para contar a novidade. Ela já estava dormindo, mas quando nos viu chegar abriu os olhinhos e a primeira coisa que perguntou foi:

— Como vocês se saíram?

E quando eu contei que conseguimos, ela aplaudiu feliz e de repente tudo valeu mais a pena, só por conseguir ver esse sorriso no rosto da minha filha.



Acordamos no dia seguinte e tanto eu, quanto a Laura, decidimos que iríamos à *Angels* com a mesma roupa do dia anterior. Ótimo! Pelo menos o preto emagrece.

Agora que conseguimos esse trabalho estou muito feliz, parece que tudo se acertou. Vou conseguir um rendimento para ajudar a Laura nos gastos da casa, vou poder levar a Mayara à escola, dormir enquanto ela está lá e depois ficar a tarde toda com ela até a hora de sair para trabalhar. Conversei com a dona Regina, mãe da Laura, e ela concordou em ficar as noites com a May para eu trabalhar, o que vai ser muito bom, confio nela de olhos fechados.

O dia passou voando e quando vi, eu e a Laura já estávamos entrando na *Angels* novamente e como ontem, senti um arrepio no corpo todo quando entrei, mas era um arrepio diferente, um arrepio que me dizia que alguma coisa na minha vida iria mudar, arrepio de quando algo novo está para acontecer e que me fez sentir um frio na barriga.

Conversamos com o segurança que nos disse para subirmos até a primeira sala do corredor, que o Fernando estaria nos esperando. Quando chegamos em frente a porta, batemos e lá dentro alguém gritou:

— Entre.

Assim que entrei a primeira coisa que me chamou atenção foi a manga da camisa polo que estava agarrada ao braço forte do Fernando, sei que não deveria prestar atenção nisso, mas era mais forte que eu. Ele tirou os olhos da tela do computador para nos olhar e sorriu.

— Sentem-se. — Ele me olhava, mas sei lá o porquê, eu não conseguia encará-lo, olhar

em seus olhos. Acho que era por causa da relação patrão/empregado. Ele deve ter a mesma idade que eu, era muito novo para ser meu patrão. — Como já sabem, vocês estão contratadas. E conversando com os outros *Angels* decidimos que vocês irão fazer *performances* como a da entrevista, toda sexta e sábado e serão como uma atração da casa.

— E os outros dias? — Perguntei.

— Na segunda a casa não abre, então vocês estarão de folga e os demais dias vocês irão servir o bar como os outros *barmans*. Haverá um pagamento diferenciado para os dias de apresentação e após cada apresentação vocês voltarão a atender no bar. *Ok?*

— *Ok.* — Eu e Laura respondemos juntas.

— Preciso que vocês também trabalhem com notas fiscais e conferência de estoque nos momentos que a casa estiver mais sossegada. Tudo bem?

— Sim. — Respondemos mais uma vez juntas e ele nos olhou sorrindo. Ele tinha um sorriso bonito, com dentes alinhados e uma pequena covinha se formava na sua bochecha todas as vezes que ele sorria.

— Alguma pergunta?

— Por que aqui se chama *Angels*? — Perguntei antes que eu pudesse pensar.

Laura soltou uma risada abafada que mais pareceu um grunhido. E o Fernando me olhou como se segurasse o riso e me disse com um sorriso no canto da boca.

— Melhor você continuar inocente. — Ele sorriu mais uma vez e balançou a cabeça negativamente.

Senti minhas bochechas ficarem vermelhas e pensei: Por que não consigo ficar de boca fechada e faço perguntas sem pensar? E tenho certeza, pela cara da Laura, que ela sabe o significado. Vai ter que me contar!

Ele nos entregou uns papéis para assinarmos e enquanto eu lia vi que ele nos olhava encostado á cadeira de encosto alto e com os braços cruzados na frente do peito. Tentei me concentrar no que lia, mas sinceramente, assinei sem nem saber do que se tratava, se a Laura concordou e assinou, eu também concordo e assino. Após tudo acordado ele nos levou ao estoque, ao bar, nos apresentou onde ficaríamos e disse que começaríamos amanhã que era sexta feira, que já faríamos a nossa primeira apresentação e seria a mesma apresentação da entrevista.

Fiquei meio em pânico e a minha amiga sussurrou um “Respira” no meu ouvido. Quando terminamos, ele nos levou até a saída e quando chegamos à porta, ele a abriu para nós e disse com aquele sorriso bonito:

— Sejam muito bem vindas a *Angels*.

— Obrigada! — A Laura agradeceu e apertou a mão que ele estendia.

— Seja muito bem vinda a *Angels*, Clara. — Ele me disse em seguida sorrindo e me estendeu a mão.

— Obrigada! — Respondi sem jeito e apertei a mão estendida.

— Só por curiosidade, percebi ontem que vocês tinham alguma piada entre vocês sobre nós. Percebi que a Clara pareceu chocada ao saber quem éramos. Por quê?

Fiquei sem ar, por ter que explicar para ele que achei que fossem velhos, carecas e barrigudos, mas se ele não podia me contar o significado de *Angels*, eu também não contaria.

— Melhor você continuar inocente. — Falei sorrindo respondendo exatamente o que ele tinha me dito e a Laura soltou um riso alto.

Ele estava sorrindo quando passei por ele para sair e percebi o quanto ele era alto perto de mim, pelo menos um palmo. Não olhei para trás depois que saímos, para ver se ele estava olhando, mas quando eu estava a uma distância segura, eu agarrei a mão da minha amiga e dei um chique.

— Como assim vamos nos apresentar amanhã, Laura? Para várias pessoas? Isso é loucura!

— Acalme-se vai dar tudo certo. E vê se não surta ou os nossos chefes velhos e barrigudos vão nos mandar embora. — Ela gargalhou.

— Não tem graça, palhaça! E como eu iria adivinhar que eles eram tão lindos? E Meu Deus... Dançar *Rihanna* para uma casa cheia vai me fazer enfartar.

— Não vai, não! Você é forte e corajosa. Já provou isso para vida e não vai ser uma dancinha em que você vai balançar essa sua bundona, que vai te fazer enfartar.

Dei um tapa nela.

— Mudando de assunto, me conta o porquê de *Angels*?

— Eu não! O chefe disse que era melhor você continuar inocente, quem sou eu para dizer o contrário?

— Para de graça e me conta. Fiquei curiosa.

— Nada demais, mas um dia ele te conta. Falando nele... Ele é tão lindo, né?

— Nem reparei. — Dei de ombros.

— Ah, para de ser ridícula! Como não reparou? Você ficou mais vermelha que um tomate por diversas vezes hoje.

— Ah... Eu sou tímida, você sabe disso.

— Sei... — Ela me olhou com a sobrancelha arqueada.



Não consegui dormir nada aquela noite. Acordei no dia seguinte e vi que eles tinham colocado nas redes sociais que haveria uma surpresa no bar essa noite e com isso senti meu estomago revirar.

Levei a May para a escola, arrumei a casa, fiz as unhas, arrumei meus cabelos, coloquei a roupa toda preta que decidimos que seria o uniforme. Deixei a Mayara na casa da dona Regina e assim que eu estava saindo, a minha filha me segurou pela mão e disse:

— Boa sorte no primeiro dia de trabalho, mamãe.

Eu a beijei e aquilo, aquele carinho, aquela vozinha linda, era o que eu precisava para me dar força para enfrentar meus medos.

Capítulo três

Fernando

Ahhh, Clara... Então você não é tão bobinha quanto eu pensava e tem a resposta na ponta da língua. Agora que eu quero mesmo saber o porquê da cara de espanto na entrevista.

As duas saíram porta a fora e me deixaram sorrindo. Pensei que elas seriam um grande presente para a *Angels* e dariam um *up grade* ao bar. Vai ser uma renovação tê-las aqui, nem um bar ou casa noturna da região tem *bargirls* ou *performances* assim como as que elas fizeram.

Trabalhei quinta a noite toda e cheguei em casa pela manhã, cansado e irritado por ter que trabalhar a mais, já que o João fez merda quarta no aniversário da Lili a beijando a força e fez com que o Gu e ela terminassem, sendo assim, ele não foi trabalhar ontem, deixando a mim e ao Rodrigo sobrecarregados. Mas foi melhor o Gu e o João não se encontrarem por enquanto, ou vai ter outra briga na *Angels* e já basta a de quarta, que o Gu e o João saíram no soco no meio do Bar.

Deitei na cama e estava ansioso com a noite de hoje. Pensei que queria que o dia passasse bem depressa para eu ver logo como os clientes reagiriam as duas deusas do bar. Elas são lindas, vão arrasar corações. Lutei com o sono mais um pouco, até que por fim adormeci.

Acordei já era mais de três horas da tarde, tomei banho e fui para o *Jiu jitsu*. Fazia uma semana que o Gu tinha me convencido a lutar com ele e estava adorando. Suei, me exercitei e quando voltei para casa, passei o dia arrumando alguns papéis da *Angels* que era sempre o Gu que arrumava, mas após lutar com ele feito um doido no *Jiu Jitsu*, percebi que a história com a Livia estava mexendo com ele mais do que deveria e ele não teria cabeça para organizar nada, já que nem a sua vida, ele estava conseguindo organizar.



O dia voou e quando dei por mim, já estava entrando na *Angels* novamente. Assim que entrei já vi que o Rodrigo estava lá junto com o João.

— E aí? — Cumprimentei-os — O Gu não vem hoje, estive com ele e ele está mal.

— Não vem mesmo. Sei que ele está mal com o término, até me disse que precisa de uns dias. — Rodrigo respondeu.

— Você é foda, João, tinha que beijar a Livia à força? Fodeu com o relacionamento dos dois e pra quê? Aposto que logo que conseguir o que quer, vai largar como sempre faz. — Falei bravo. João era meu amigo, mas ele ferrou com tudo na quarta.

— Desculpa, cara, mas com a Livia é diferente, eu acho.

— Você acha? Olha, João, eu espero mesmo que seja diferente, porque estou saindo de vez em quando com a Samira e ela está muito puta com tudo isso e vive dizendo o quanto a Livia está sofrendo. E na verdade, acho que você errou, João. — Rodrigo falou mais compreensivo.

— Eu sei que errei. Mas o que está feito, está feito. Conversei com a Livia, pedi desculpas e ela me desculpou, enquanto o Gu continua fazendo merda, em cima de merda e magoando-a cada vez mais. Então não acho que ele seja mais merecedor da Livia do que eu.

— Bom, espero que vocês resolvam logo isso e que isso não respingue na *Angels* — Falei e João assentiu. — Bom, hoje temos a estreia das meninas e acho que vai ser legal — Me animei.

— Sim, estou até vendo a rapaziada pirando nas *minas* das bebidas e as garotas querendo ser como elas. — Rodrigo falou animado.

— Só acho que temos que instruir muito bem os seguranças para zelar pela integridade delas, já que sempre tem um ou dois engraçadinhos. — João disse indo em direção da vidraça que dava para a pista de dança. — E falando nelas... Elas chegaram.

João apontou para baixo e minutos depois elas estavam entrando no escritório, acompanhadas pelo Valmir, chefe dos seguranças.

— Valmir, pode ficar, por favor? Precisamos conversar com você sobre hoje à noite.

— Pois não, João.

— Precisamos que um segurança fique sempre de olho no bar que as meninas vão ficar, para que nenhum engraçadinho tente fazer qualquer graça direcionada a elas.

João falou e o Valmir disse que deixaria o Cassio, um segurança que já trabalhava com a gente há um ano. Ele disse que Cassio ficará e não sairá do lado do bar em que elas irão ficar e em seguida o dispensamos e ele saiu da sala. Olhei para as duas e elas estavam esperando que disséssemos alguma coisa e então eu disse:

— Estão preparadas?

— Nasci pronta! — Laura falou confiante e todos nós rimos enquanto a Clara parecia que iria enfartar a qualquer momento.

— Você está bem, Clara? — Perguntei.

— Sim, Estou ótima! Só estou pensando se esse emprego é tão perigoso assim que precisamos de um segurança ao nosso lado.

Sorri e respondi

— Bom, não. A *Angels* é super tranquila e bem frequentada. Fica de boa! Mas segurança nunca é demais, principalmente com o show que vocês duas vão dar. Hoje a casa vai à loucura. Se preparem.

Tive a impressão de ouvir um “ai meu Deus” da Clara quando me virei de costas e fui até a vidraça ver se lá em baixo já estava começando a encher, mas ainda era cedo.

— Bom, meninas, logo os clientes começam a chegar, vamos descer, que nós vamos mostrar a vocês como será a entrada de vocês e a apresentação. — Rodrigo disse pousando a mão no ombro da Laura e mostrando a saída a elas.

Descemos até a parte de baixo e fomos até o bar principal, que era o que ficava de frente para a pista. O bar aqui ia de ponta a ponta da balada, mas o de frente para a pista sempre era o que tinha mais visibilidade. Vi que a Clara olhava tudo como se tivesse encantada. Mostramos a elas como seria o funcionamento da apresentação que fariam, como seria o passo a passo de tudo e quando já estavam certas de tudo que teriam que fazer, elas se puseram a ver o local onde iriam trabalhar todos os dias, as bebidas e tudo mais. Vi que um sorriso de felicidade e contentamento se espalhou pelo rosto da Clara.

Deixei-as a vontade, se habituando ao lugar e subi para o escritório. Lá de cima fiquei olhando o movimento, a casa enchendo e as pessoas felizes. Eu também estava nervoso com a estreia delas. Na verdade era um tiro no escuro, podia também não ser bem aceito pelos frequentadores, aí nós teríamos que acabar com o show das meninas e isso seria doloroso. Faz apenas dois dias que as conheço, mas para mim elas já fazem parte da equipe *Angels*.

Tentei trabalhar em algumas planilhas de gastos e investimentos, mas nada fazia com que eu me sentisse menos ansioso. Fui até o vidro que dava de frente para a pista de dança e ela estava quase lotada. Lá de cima vi que Rodrigo e João corriam de um lado para o outro lá em

baixo organizando a apresentação. Tentei enxergar as meninas, mas nada delas.

Ouvi batidas na porta e me virei para ver que as duas estavam paradas esperando para entrar.

— Desculpa atrapalhar, Fernando, é que o João pediu para que ficássemos aqui até a hora da apresentação. — Laura disse meio envergonhada.

— Não atrapalham, podem entrar! — Falei sorrindo.

Clara entrou, sentou-se quieta no sofá, enquanto Laura perguntou se podia usar o banheiro. Assim que Laura nos deixou a sós, fiquei observando a Clara, e ela parecia um filhotinho acuado, mas em contrapartida esse seu jeito tímido às vezes é extremamente sexy e ela se tornava um misto de inocência e mulherão. Fui até a minha mesa e me sentei. Minha mesa dava de frente para o sofá em que ela estava sentada.

— Está nervosa? — Perguntei e ela enfim me olhou.

— Um pouco.

— Você é sempre quieta assim?

— Às vezes. Quando estou nervosa.

— Então você está nervosa? — Encostei-me à cadeira e cruzei os braços sorrindo.

— Sim, estou. Um pouco.

Sorri.

— Não precisa ficar, vocês dançam maravilhosamente bem.

— Obrigada! — Ela sorriu.

— Pensa que é como se dançasse em uma balada normal, nas que você frequentava antes de trabalhar aqui.

— Eu não ia.

— Como assim? Não frequentava baladas?

— Não! — Ela sorriu sem graça e deu de ombros.

— Mas você é nova pelo que vi na sua ficha. Não costumava sair?

— Não, sempre fui mais caseira.

Vi que ela parecia estar ficando mais nervosa com as minhas perguntas ao invés de se acalmar que era o que eu estava tentando fazer quando comecei a puxar assunto, então mudei de foco.

— Não vai me contar o porquê da cara de surpresa na entrevista?

Ela sorriu e vi que agora estava no caminho certo.

— Bom, eu... Achava que vocês eram velhos, carecas e barrigudos e quando disse isso a Laura ela não me contou que não eram. Achei que vocês estavam ali para disputar a vaga de *barmans* como nós, quando você se apresentou, fiquei surpresa.

— *Hummm...* Somos um pouco melhor do que você imaginava, né?

— Muito melhor! — Ela exclamou e ficou vermelha.

Laura voltou do banheiro e em seguida o João colocou a cabeça na porta e falou:

— Vamos meninas? Está na hora!

Laura deu um sorriso confiante e respondeu um “Bora” enquanto a Clara só assentiu. Todos saíram da sala e resolvi descer também para ver novamente o espetáculo e acompanhar de perto a aceitação do público. O *Dj* pediu para que as pessoas esvasiassem a pista e anunciou que teríamos uma novidade. Eu, Rodrigo e João nos sentamos de frente para onde o show seria feito.

As luzes se apagaram, ficou tudo escuro e a música da apresentação começou a tocar, com a batida alegre a multidão deu um grito. Quando as luzes se acenderam no meio da pista, lá estavam as duas... As novas *bargils* da *Angels*: Clara e Laura. Clara com um sorriso tímido, enquanto Laura sorria largamente. As duas começaram a fazer passos sensuais e dançando pé com pé, se encaminharam em direção ao bar. As pessoas voltaram a gritar e a aplaudir meio sem entender qual era a surpresa. Em seguida as luzes se apagaram novamente e as duas se colocaram atrás do bar. Quando as luzes voltaram a acender estavam focadas nas duas, as primeiras estrofes da música foram cantadas seguidas pela batida e então o show começou, garrafas voaram, elas dançaram, os frequentadores da *Angels* gritaram e foram à loucura. As duas eram um sucesso, as moças presente sorriam orgulhosas e os rapazes babavam.

— Senhoras e senhores vamos fazer muito barulho para as novas *bargilrs* da *Angels*!

Anunciou o *Dj* quando a apresentação acabou, seguido por gritos da galera presente e

as duas se cumprimentaram batendo as mãos e sorriram felizes para a plateia que as ovacionavam. E nós três lá... Babando para as nossas novas atrações... E que atrações!

Capítulo quatro

Clara

Após a estreia tudo dentro do meu estômago se acalmou, parei de ter a sensação de que iria vomitar a qualquer momento, como senti na primeira sexta que nos apresentamos. E no final, aquele nervosismo todo foi desnecessário, porque a estreia foi tão linda. Fomos super bem recebidas pelos frequentadores e quando estamos no comando das coqueteleiras, me sinto a diva das bebidas. As mulheres nos perguntam como faz para conseguirem fazer igual e os rapazes nos fazem propostas indecentes. Cassio, o segurança, já teve que tirar um ou dois engraçadinhos que se excederam nas propostas. Fiquei amiga do Cassio, ele é bem legal e já que ele sempre ficava ali, próximo ao bar nos protegendo, sempre que tínhamos uma folguinha parávamos para conversar.

Já faz duas semanas que estou trabalhando na *Angels* e estou amando. Os *Angels* foram muito simpáticos e compreensivos quanto a minha falta de prática no início, mas já estou pegando o jeito e fazendo tudo com maestria. Os outros *barmans* são super prestativos e me ajudam em tudo que preciso, graças a Deus não tenho nenhum colega de trabalho como a Shirley aqui. Quase não vejo o Gustavo trabalhando, fiquei sabendo que ele está sofrendo por amor, mas os demais *Angels*: Fernando, Rodrigo e João estão sempre por perto. Ainda fico tensa quando eles estão me olhando trabalhar. Vez ou outra o Fernando desce e fica aqui no balcão tentando puxar assunto e ainda não me acostumei a ter patrões tão jovens. Hoje é terça feira e a *Angels* fica muito sossegada, mas mesmo não sendo dia de apresentação, eu e Laura sempre tentamos ser o mais alegres possível, percebemos que isso agrada os clientes, então mesmo quando estávamos lavando copos, a gente se mantém cantando e nos divertindo. Hoje sei, que a melhor coisa que fiz, foi ter permitido que a Laura fizesse nossa inscrição para aquele teste. Além de trabalhar, me divirto muito aqui.

— Ei, Clarinha! Olha aquele gato, ali no canto. — Laura indicou o canto com o queixo. — Acho que ele está me querendo, não para de me olhar.

Sorri e balancei a cabeça em negativa.

— Amiga, desde que chegamos aqui, já perdi as contas com quantos carinhas você já foi embora depois que acaba o expediente.

— Preciso tirar o estresse, Clara, e nada melhor que sexo.

— *Afff...* Nem sei mais o que é isso. — Falei e coloquei a garrafa plástica na boca para beber um pouco de água, quando ouvi alguém perguntando atrás de mim.

— Isso o quê?

— Sexo. — Laura respondeu ao Fernando e eu engasguei com a água que estava bebendo.

Lancei um olhar assassino para a minha amiga e sorri sem graça para o Fernando.

— Você não é casada, Clara? — Ele me perguntou divertido.

— Sou... Não sou... Era... Sou separada! — Enfim consegui falar e parar de gaguejar.

— *Hummm...* E não namora?

— Não. — Eu estava fazendo uma caipirinha para o cliente, olhava para os limões que cortava e não olhava para o Fernando nem um segundo.

Ele dobrou os braços sobre o balcão e me perguntou:

— Por que sempre acho que você está com medo de mim?

— Medo? Não, de jeito nenhum! Só o respeito como meu chefe. — Senti minhas bochechas esquentarem.

— Quem tem chefe é índio, Clara, aqui sou mais como um amigo, vocês aqui são todos nossos amigos colaboradores, precisamos mais de vocês, do que vocês da gente, sem cada um dos funcionários aqui, a *Angels* não funciona. — Ele parecia divertido, com um sorriso faceiro no rosto. Ele me fez carinho com aquelas palavras e me senti útil, como nunca me senti na vida. O mundo precisava de mais patrões como os *Angels*.

— Tem razão. — Falei enquanto entregava a caipirinha ao cliente após anotar o pedido em seu cartão magnético. Em seguida voltei meu olhar para o Fernando e encarei seus olhos sorridentes. — Vou tentar ser menos introvertida.

— Não precisa, gosto do seu jeito. Você só me parece muito desconfiada.

— Não sou desconfiada. Bom, na verdade, acho que sou sim. A vida me fez ser um pouco.

— Me conta um pouco da sua vida? — Ele me perguntou cruzando os braços.

— Nada demais, só um casamento que não deu certo. — Preferi deixar a Mayara de fora da conversa, vai que eles implicam por eu ter uma filha. Ele assentiu a minha resposta.

— Está gostando de trabalhar aqui?

— Muito. — Enquanto conversava com ele eu tentava atender pedidos esporádicos que apareciam nessa terça feira calma.

— Bom, acho que estou te atrapalhando vou subir, outra hora conversamos mais.

— Você não me atrapalha, Fernando. — Tentei sorrir para ele.

— Então converse comigo também, me faça perguntas, sei lá, você realmente é muito reservada. Estou sentindo como se eu conversasse sozinho aqui ou estivesse em um interrogatório em que só eu pergunto. — Ele disse sorrindo

Tive que sorrir.

— Bom, vamos lá então... Você tem medo de mim? Você é casado? E gosta de trabalhar aqui? — Fiz a ele as mesmas perguntas que me fez.

Ele sorriu.

— Medo? Não. Casado? Não. Trabalho? Amo.

— Me conta o porquê de *Angels*?

— Você não esqueceu essa pergunta?

— Não. Você me deixou ainda mais curiosa e a Laura, amiga da onça, também não me contou.

— Então vou pensar se conto ou não.

— Pode me contar, eu te contei o motivo de ter ficado com cara de espanto no dia da entrevista.

— Tudo bem. Justo. Bom, vamos lá... Eu, Rodrigo, Gustavo e João, ganhamos esse apelido na faculdade e ele acabou dando origem ao nome da *Angels*. Éramos conhecidos como os Anjos da noite, que levavam as mulheres ao céu, na verdade ainda sou. — Ele falou com uma cara de safado que senti meu rosto quente.

Assim que terminou de responder, alguém o chamou e ele se levantou para ir ao encontro do chamado, mas antes falou:

— Foi bom conversar com você, Clara. Amigos?

Sorri.

— Sim, amigos.

Ele piscou para mim e se foi.

— Uau, que coisa linda. — Laura disse do balcão ao meu lado, com um sorriso no rosto.

— O quê? — Perguntei me virando para ela e tirando os olhos do Fernando.

— Essa interação, patrão/funcionário, coisa linda de ser ver. Ele é um gato!

— Para de ser ridícula! Eu sei o que está insinuando, mas sem chance. Nem que ele quisesse, o que não é o caso, eu não poderia.

— Por que não poderia?

— Porque tenho a Mayara.

— Que desculpa mais idiota. Não culpe a criança pelo seu medo bobo, você tem que entender que nem todo homem é um monstro como o Jeferson.

— Eu sei disso. Só acho tudo muito recente.

— Já faz um ano, Clara e mesmo se fizesse um dia. Você tem que viver.

— Ah, mas nem é por isso também. Só não quero me relacionar com ninguém e outra coisa, isso nem sequer vem ao caso, já que nada está acontecendo aqui. Ele é meu chefe e ponto, no máximo estamos começando uma amizade.

— Entendi. — Ela sorriu e continuou fazendo a bebida enquanto conversava com o rapaz que agora estava sentado de frente para nós no balcão e a encarava.

Dei a volta por traz dela e sussurrei para que só ela ouvisse:

— Mas tem alguém aqui que vai se dar bem hoje, né miga?

— Vou me dar ótima, miga! — Ela piscou para mim.

As horas passaram rápido e trabalhar aqui era tão bom, que eu nem as via passar. Já

eram mais de duas horas da manhã e a casa estava praticamente vazia. Uma chuva torrencial caía lá fora e agradeço a Deus por ter aceitado a proposta da dona Regina de deixar a Mayara dormir lá todos os dias e só buscá-la na escola no dia seguinte. Fiquei com o coração aflito de dormir longe dela, mas tira-la da cama de madrugada me deixava mais aflita ainda, então por fim aceitei a só pega-la depois da aula.

O *Dj* anunciou o fechamento da pista, do bar e por volta das duas e meia encerramos o expediente.

— Você se importa de ir embora sozinha hoje de novo? — Laura me perguntou fazendo beicinho.

— Quem tinha que estar fazendo beicinho era eu, né dona Laura? Mas a resposta é não. Claro que não me importo. Vai curtir a vida, mas cuidado, use camisinha e não desliga o celular.

Ela riu.

— Tá mãe. Pode deixar que farei isso. — Ela me deu um beijo no rosto, pegou a bolsa na dispensa e saiu.

Fiquei rindo, pensando como ela conseguia ser tão descolada e desapegada. Eu não conseguiria ser assim. Fazer sexo sem compromisso, sair com um homem cada semana. Sou do tipo romântica, mas também do que me adiantou ser tão romântica? Só apanhei, e muito. Balancei a cabeça em negativa, coloquei a bolsa no ombro e me virei para sair do estoque onde guardávamos as nossas coisas no armário. Assim que me virei dei de cara com o Fernando, encostado à porta, com os braços cruzados e me olhando.

— Ai que sustooo! — Gritei.

— Desculpa, não quis te assustar, é que estava indo embora e o Valmir me informou que só estava esperando você sair para fechar, aí vim para ver se estava tudo bem.

Respirei.

— Está tudo bem sim. Só estava terminando de arrumar minhas coisas, desculpa não queria atrasar vocês. — Falei envergonhada.

— Tudo bem, não atrasa. Você está bem? Parecia bastante chateada antes de me ver.

— Está tudo bem sim, só lembranças desagradáveis. — Tentei sorrir, mas só de

mentonar as lembranças sinto um medo terrível de aquilo tudo voltar, acho que o sorriso saiu mais como uma careta.

— Vamos? — Fernando me indicou a saída e eu assenti.

Passamos pelo Valmir e o desejei bom descanso, que me retribuiu com um sorriso. Saí na porta lateral que dava de frente para o estacionamento da *Angels* ainda acompanhada pelo Fernando. Já era mais de três horas da manhã.

— Bom, vou indo, Fernando. Até amanhã. — Sorri.

— Como você vai embora? Está de carro? — Ele perguntou e olhou o estacionamento como se procurasse um carro que não fosse o dele e o do Valmir, que estavam estacionados ali.

— Não, vou de taxi, tem um ponto bem ali. — Apontei para o outro lado da rua.

— Ah, não. Vem comigo, eu te levo.

— Imagina, não precisa se incomodar, eu estou acostumada, posso ir de taxi.

— Pode mesmo, mas eu não vou deixar, além do que, não é incômodo nenhum te levar.

Ele colocou a mão nas minhas costas me indicando o carro dele e fez um arrepio subir pelo meu corpo. Segui com ele até um carro preto luxuoso e lindo. Ele destravou o alarme e abriu a porta para eu entrar.

— Obrigada. — Agradei sem jeito e ele sorriu.

Entrei e fiquei sentindo o cheiro que pairava no carro, um perfume amadeirado tipicamente masculino, que pude sentir uma ou duas vezes, quando fiquei um pouco mais próxima dele, mas que aqui dentro estava muito presente. Ele deu a volta no carro, se instalou atrás do volante e me lançou um sorriso que retribuí mais uma vez sem jeito. Assim que ligou o carro o expliquei rapidamente onde eu morava e ele afirmou conhecer o endereço. Começamos a zapear pelas ruas vazias e um silêncio constrangedor pairava entre nós. Ele ligou o rádio e *Sam Smith - Leave Your Lover*, começou a tocar. Sorri pensando que era bem música que toca no rádio de madrugada.

— Qual a graça? — Como ele me viu sorrir?

— Essas músicas românticas que tocam de madrugada. — Respondi.

— Você não gosta? Eu gosto! Sou um cara romântico.

Ele sorriu e eu sorri de volta.

— Gosto. — Pensei um pouco e olhei para fora do carro, lembrando-me de tudo pelo que passei fazendo o sorriso sair do meu rosto e continuei a falar — Gostava na verdade. Parei de acreditar em romance há algum tempo.

— Esse seu ex-marido deve ter sido um idiota, hein? Mas não mude por causa de um homem que passou na sua vida.

— Sim, ele era. Você não faz ideia do quanto.

Andamos mais um pouco pela cidade, até que chegamos em frente a casa da Laura. Desafivelei o cinto e olhei para ele para agradecer, mas ele estava me olhando.

— Obrigada pela carona, Fernando. Desculpa o incômodo de fazer você sair do seu percurso para me trazer em casa.

— Incômodo nenhum. Foi um prazer ficar mais um pouco ao seu lado e tentar arrancar mais uma ou duas palavras dessa moça tão misteriosa e tímida.

Sorri.

— Tímida sim, não sei até agora como consigo me apresentar no bar, mas misteriosa não. Não tenho nada de mistério.

— Para mim parece ter. Será que você é uma feiticeira?

Gargalhei.

— Estou mais para bruxa e uma daquelas que não sabe fazer feitiços.

— Ah, sabe sim. Tenho visto muitos homens enfeitiçados por você.

— Duvido! A *bargirl* que faz sucesso com os homens é a Laura.

— Tenho certeza de pelo menos um que você enfeitiçou. — Ele me olhou intensamente e eu retribui corando e segurando o olhar por um segundo, até que quebrei o clima.

— Bom, mais uma vez obrigada pela carona, eu preciso descansar porque logo mais a noite, tenho que trabalhar novamente e tenho chefes que tiram o meu corô.

— Olha só, ela sabe fazer graça. — Eu sorri largamente para ele — Gostei desse seu lado, agora estou começando a me sentir seu amigo.

— Sim, você é! Vocês todos da *Angels* são. Mas vou indo, até mais tarde, Fernando.

— Até mais — Ele respondeu sorrindo.

Saí do carro e fui caminhando até o portão, o abri e quando me virei para fechá-lo, vi que Fernando ainda estava estacionado do outro lado da rua me olhando. Acenei para ele e fechei o portão sorrindo.

Fernando

Deixei a Clara na casa dela e fiquei pensando: o que será que ela esconde? Sempre que conversamos vejo uma tristeza escondida em seu olhar. Sinto-a arisca é como se tentasse se esconder e se privar de alguma alegria, que acha não ter direito de sentir. Desde a sua estreia na *Angels*, tento conversar, puxar papo, mas ela sempre tenta fugir, parece tensa e sempre muito reservada. Enfim hoje, consegui arrancar alguns sorrisos e consegui saber mais sobre essa moça, que quando está dançando é uma deusa e quando tento chegar perto, é contida e recatada.

Cheguei em casa e me joguei na cama, mas sei lá o porquê, o sorriso tímido da Clara não saía da minha cabeça. Rolei mais um pouco de um lado para o outro, até que enfim adormeci.

Acordei horas depois, no meu horário de costume, fui tomar banho e assim que saí do banheiro com a toalha amarrada na cintura, ouvi que a campainha do meu apartamento estava soando sem parar. Só pode ser a Adriana.

— Sabia que era você. — Falei para a minha irmã assim que abri a porta para ela entrar.

— Tem alguém com você hoje? Se tiver eu vou embora. — Ela disse procurando alguém pelo apartamento.

— Não mana, hoje não trouxe ninguém pra casa. — Revirei os olhos.

— *Ufa*, que bom, desde que vi aquelas duas mulheres nuas, dormindo no seu sofá na semana passada, fiquei meio traumatizada em vir aqui. Você podia pelo menos tê-las levado para o quarto.

Sorri.

— Para de ser dramática! Ninguém mandou você entrar feito um raio quando eu abri a porta. E no meu quarto só vai entrar aquela que vai ser a mãe dos meus filhos. Mas mudando de assunto, e aí, me diga o que veio fazer aqui?

— Vim dar um recado da nossa mãe. Ela disse que marcou um jantar hoje à noite e é para você ir.

— Sem chance!

— Sérico Nando, acho melhor você ir. Parece que é um dos representantes da empresa de Minas, que vem com a família e a mãe quer nos apresentar a eles.

— Tá. Diz a ela que vou tentar ir, porque estou cheio de trabalho na *Angels*. — Fui até a cozinha e voltei com um copo de água.

— Se eu disser isso, o papai vai me esganar antes de te esganar, você sabe que ele não curte que você seja sócio da *Angels* e o sonho dele é que você vire presidente da empresa.

— Deixa ele continuar sonhando, porque a *Angels* que é meu futuro.

— Bom, mas mudando de assunto, também vim aqui para passar um tempo com meu irmão. Vamos sair para comer alguma coisa? Aposto que você acabou de acordar e ainda não comeu.

— Vamos! Não comi mesmo e só vou colocar uma roupa.

Troquei de roupa, saí do quarto e a Adriana estava ainda de pé, na sala, me esperando.

— Por que não sentou?

— Eca! — ela fez uma cara de nojo — Eu não, esse seu apartamento mais parece um abatedouro.

Tive que gargalhar.

— Quase isso. — Minha irmã fez de novo uma careta de nojo.

Saímos para comer e claro, Adriana me fez ir com ela ao shopping. Tive que ajudá-la a escolher uma roupa para o jantar e isso foi mais cansativo do que uma noite inteira de trabalho.

Estávamos saindo da loja sorrindo, minha irmã com o braço enganchado ao meu, quando dei de cara com um quadril largo, (que já tinha admirado várias vezes) virado para mim, enquanto a dona dele, estava levemente abaixada chupando uma casquinha que uma linda menininha de cachinhos dourados, erguia em direção a ela. Clara!

Fiquei paralisado vendo a cena, até que a minha irmã me tirou do transe me puxando pelo braço.

— Vamos, Nando! — Quando minha irmã disse meu nome a Clara pareceu ouvir e se virou em minha direção.

Ela me olhou e meio que tomou um susto, como se tivesse sido surpreendida. Ela olhou da minha irmã para mim e pareceu ficar com um ar sombrio. Puxei minha irmã até ela e abri um sorriso para cumprimentá-la:

— Oi, Clara.

— Como vai, Fernando? — Ela se virou para a minha irmã e sorriu.

— Vou bem. Essa é minha irmã, Adriana.

— Ah! Irmã... É... Tudo bem, Adriana? — Clara pareceu aliviada.

— Oi, tudo sim, e você? — Minha irmã respondeu com um sorriso enorme no rosto e simpática demais para o meu gosto.

— Estou bem, também.

— Passeando? — Perguntei.

— Ééé... Sim, vim trazer a minha... A minha filha para passear um pouco. — Ela passou o braço pelo ombro da linda garotinha.

— Filha? Você tem filha?

— Sim. — Ela parecia envergonhada, ou como se tivesse sido pega mentindo.

Abaixei-me em frente à menina e perguntei:

— Olá, sou amigo da sua mãe. Qual o seu nome?

— Eu me chamo Mayara. E você como se chama?

— Fernando.

A menina pareceu pensar um pouco e em seguida abriu um sorriso como se estivesse lembrado de algo.

— Ahhh mãe, ele é o Fernando que você e tia Laura estavam falando que é um gatão?

— Mayara! — Levantei o olhar da menina para a mãe e Clara parecia que iria enfartar de vergonha.

Juro que ouvi a Clara dizer baixinho um “ai meu Deus!”.

— Não filha, você deve ter se confundido, nós dissemos que ele era nosso patrão. Foi

isso, patrão. — Eu estava mordendo o lábio tentando não rir do desconforto da Clara e minha irmã ria largamente.

— Ah, mas meu irmão além de patrão é realmente um gatão, não é Clara?

— *Hummm* sim, é... Digo... Claro, o Fernando é muito bonito. Gente, desculpa tenho que ir ao banco antes que feche. Vamos Mayara. Tchau Adriana foi um prazer conhecê-la. Até a noite Fernando.

Ela se virou sem esperar a resposta e estava indo para o lado errado e tive que alertá-la.

— Clara! — ela se virou e eu continuei. — Você está indo para o lado errado, tem um banco aqui atrás, ó. — Apontei para o banco.

— Ah claro. Obrigada!

Ela passou por nós, nos deu um sorriso tímido, com as faces vermelhas e seguiu para o banco.

— Você é ruim Nando, se divertindo com o constrangimento alheio. — Minha irmã me disse rindo.

— Não sabia que ela me achava um gatão, mas foi bom saber. Já amo essa menina.

— *Ahhh os Angels...* Sempre destruindo corações!

— Que nada irmã, ela é só a minha funcionária. E a última coisa que quero é quebrar o coração dela. Ele parece que já foi destruído.

— Então você gostaria de reconstruí-lo? — Adriana falou sorrindo e com uma sobrancelha arqueada.

— Para de tentar adivinhar as coisas e de fazer perguntas sem sentido. Anda, vamos embora que logo mais tenho um jantar para ir. — Falei revirando os olhos.

— E vê se você se comporta, viu Fernando?

— Pode deixar.

Continuamos com as compras mais um tempo, mas não conseguia tirar a Clara da cabeça e nem o sorriso do rosto.



Depois do shopping fui para a minha casa e me preparei para o jantar na casa dos meus pais. Não estava com a mínima vontade de ir, mas é melhor que ouvir outro sermão do meu pai. Saí de casa já eram quase sete horas da noite, o jantar estava marcado às oito. Assim que estacionei o carro na casa dos meus pais, minha mãe veio ao meu encontro.

— Filho, que bom que você veio! — Ela me deu um beijo no rosto.

— Eu tinha que vir, não é mãe? Ou você e o pai não me dariam sossego.

— Já que você falou assim, além da família da representante da empresa de Minas, vão estar aqui os *Nagasaki*.

— Ah mãe, sério? — Fabiana Nagasaki era a minha ex-namorada. Namoramos por dois anos e os pais dela eram sócios da empresa da família também. O sonho dos nossos pais era que nos casássemos, mas Fabiana também era contra a baboseira de casar japonês com japonês e decidimos terminar o namoro quando o amor acabou.

— Filho, eles são nossos amigos, além de sócios. Queríamos aproveitar que vamos fazer um jantar, para chamá-los também.

— Tudo bem, mãe, desde que não tentem me casar com a Fabiana de novo.

— Não vamos fazer isso.

— Espero que não mesmo. Porque você tinha que ser a primeira a querer acabar com essa tradição ridícula.

— Filho, tenho um acordo com o seu avô. Ele aceitou meu casamento com seu pai, por que prometi que vocês seguiriam a tradição.

— Ah não faça promessa que não pode cumprir.

— Faço sim, porque se não fosse essa promessa, você e sua irmã não estariam aqui.

— Seria melhor se não estivéssemos! — Vi que quando falei isso, minha mãe ficou com os olhos cheios de lágrimas e me senti culpado. Amo minha mãe e não quero vê-la chateada comigo.

— Desculpa mãe, mas tenta entender, você já passou por isso.

— Vamos entrar e deixar esse assunto para outro dia. — Ela me disse séria.

— Vamos.

Entrei na casa dos meus pais e minutos depois os convidados chegaram. Fabiana cumprimentou as pessoas e veio imediatamente até mim.

— Fernando, você está bem? — E me deu um beijo no rosto demorando um pouco demais.

— Estou sim e você?

— Ótima. Quanto tempo não te vejo! Você está mais... Bonito.

Sorri.

— Você continua linda. — E realmente continuava. Fabiana tinha rosto bonito, era alta magra e tinha cabelos pretos, compridos e lisos.

A noite prosseguiu, Adriana se juntou a mim e a Fabi para conversar, mas depois acabou ficando no sofá conversando com os demais, me deixando a sós com a minha ex por muito tempo e acabamos conversando mais do que deveríamos. Bebi uma, duas, ou dez doses de *whisky* com meu pai. Meu avô acabou vindo jantar também, o pai da Fabiana e o representante de Minas falavam de negócios e meu pai e meu avô volta e meia insinuavam que em breve eu assumiria a presidência da empresa. Não sei qual a parte que eles não entendem que não é isso que quero para mim. A educação que recebi, diz que tenho que obedecê-los, mas nesse caso não vai dar. Para os orientais a velhice é sinônimo de sabedoria e respeito, mas está difícil respeitar essa decisão. Deixar a *Angels* e assumir a empresa, seria como se eu assumisse a minha infelicidade.

Afastei-me do grupo e fui rumo à janela, que dava para o jardim e fiquei olhando a leve garoa que caía sobre o gramado. Pensei que se deixar a *Angels* fosse uma hipótese na minha vida, eu não trabalharia mais com os caras, não me divertiria ouvindo as músicas e curtindo as festas temáticas que fazemos e não veria meus amigos de trabalho todos os dias. Não veria a Clara. Não sei porquê ela me veio à cabeça, mas lembrei do embaraço dela hoje à tarde e sorri com a memória da Mayara me dizendo que a mãe me achava um gatão. Filha... Ela tem uma filha! Será que meus pais aceitariam que eu namorasse uma pessoa com filho? Eu não vejo problema nenhum. Mas o que eu estou pensando? Devo ter bebido demais, Clara é minha funcionária, nada mais que isso. Apesar, que aquela beleza e jeito de menina acanhada que ela tem, desperta em mim algo novo. Toda vez que a vejo sinto vontade de ser seu amigo e mesmo com da sua timidez, acho que estou conseguindo.

— Que sorriso faceiro é esse no seu rosto? — Fabiana interrompeu meus pensamentos e jogou o cabelo de lado. Caralho! Ela estava gata.

— Nada demais, bobeira. E aí, me conta o que anda fazendo de bom da vida?

Ela prosseguiu contando sobre a agência de viagem da qual ela era dona e sinceramente não ouvi mais nada, comecei a reparar no corpo dela e ela estava malhada, gostosa, o tipo de mulher que sempre me chamou atenção.

— A gente podia esticar depois do jantar e darmos uma volta, o que acha? — Ela perguntou.

— Acho ótimo! — Sorri.

Jantamos e após o jantar dissemos a todos que iríamos sair mais cedo, para darmos uma volta, e tanto os meus pais quanto os dela pareceram extremamente felizes com o nosso comunicado. Saímos e só foi o tempo de fecharmos a porta atrás de nós e ela me puxou para um beijo que acordou todas as partes do meu corpo.

— Você sabe que agora, eles lá dentro, vão começar a organizar nosso casamento, não sabe? — ela disse após se afastar um pouco de mim.

— Sei, e depois desse beijo eu até caso. — Ela sorriu e acho que hoje a noite começaria com um *remember* com a ex.

Clara

— Que tanto você olha para portaria, mulher? — Laura me perguntou e eu tentei disfarçar.

— Nada, só estou tentando ver o movimento de hoje. Será que a casa vai lotar?

— Sei... Mas em plena quarta feira? Duvido! Ainda mais que essa semana resolveu chover toda a chuva do ano.

— *Hummm*. — respondi de cabeça baixa, mas em seguida dei mais uma olhada para portaria.

— Clara, desde a hora que você chegou com a May do shopping, que estou achando você tensa.

— Você acha pouco, Laura? A minha filha disse ao meu chefe, que eu acho ele um gatão. — Soprei exasperada. — Como vou encará-lo?

— Ah, então é isso: como vai encará-lo? Vai encará-lo como sempre encarou, com esses olhinhos lindos que Deus te deu. E pare de ficar ansiosa querendo vê-lo, daqui a pouco ele chega.

— Não estou ansiosa para vê-lo, na verdade estou rezando para não vê-lo, hoje. — Voltei a mexer no balcão, de cabeça baixa.

— Amiga, sinto muito, porque ele acabou de entrar e já está vindo pra cá. — Minha amiga sorria largamente do meu desconforto.

Senti meu corpo formigar e minhas bochechas corarem. Já passava da uma da madrugada, achei que ele não viria trabalhar hoje, mas para a minha tristeza e vergonha, ele veio. Para ser sincera estou sentindo um misto de tristeza por ele vir, e esfregar na minha cara a vergonha de hoje à tarde, e uma alegria estranha por ele ter vindo.

— Você pelo menos podia disfarçar.

— Cala a boca, Laura!

— Oi, meninas! Como está a noite? — Ele sentou-se a nossa frente e já chegou perguntando, sorrindo e usando uma jaqueta de couro que o deixava lindo demais. Tá, ele é meu

chefe, mas não posso deixar de notar o quanto ele é bonito.

— Bem, um pouco fraco por conta da chuva, mas por ser uma quarta feira chuvosa, até que está cheio. — Laura respondeu e eu continuei quieta.

Ele deu uma olhada em volta e concordou:

— Verdade. Ei, Clara, sua filha é uma graça. — Claro que ele tinha que tocar no assunto.

Tirei os olhos da bebida que eu estava fazendo, enfim olhei para ele e sorri sem graça.

— Sim, ela é. Fala mais que o necessário, mas é uma graça.

— Ao contrário da mãe, que quase não fala. Mas na beleza é totalmente igual a você.

Tive a impressão de ouvir a Laura dizer um “uau” e olhei para ela, séria. Voltei a olhar para o Fernando sentindo as bochechas corarem.

— Você veio mais tarde hoje, está tudo bem? — Perguntei tentando mudar de assunto.

— Sim, tudo. Só tive uma distração.

— *Hum!* — Fiquei pensando se a *distração* seria uma mulher.

— Bom, meninas, vou subir e ver se está tudo bem. Bom trabalho pra vocês.

— Obrigada. — Eu e Laura respondemos juntas.

— Você vê que ele nem conversa comigo? Só tem olhos para você. — Laura disse após o Fernando sair.

— Deixa de ser boba, Laura, é que você já se tornou amiga deles, enquanto eu, ele ainda está tentando conhecer.

— Não acredito. Ele veio de novo!

Olhei na direção que Laura olhava e na entrada, vi parado, olhando em nossa direção o gatinho que a Laura tinha ido embora ontem. Assim que ele viu que ela o notou, piscou para ela e abriu um sorriso de contentamento.

— Olha só, vai sair com ele de novo?

— Acho que sim!

— Você repetindo *peguete*? É de se estranhar.

— Esse vale a pena.

Ela sorriu e em seguida vi o rapaz chegar mais perto, sentar-se de frente para ela e os dois começarem uma conversa calorosa. Já vi que hoje irei embora sozinha de novo, ou talvez, quem sabe, eu não consiga uma carona de novo com o Fernando.

O que eu estou pensando? Não! Tenho que parar com isso.

Cassio, o segurança, ficou conversando comigo um pouco, no bar, até dois rapazes começarem a se estranhar e ele ter que ir resolver. Cassio era bem bonito, era careca, forte, moreno e tinha um sorriso simpático. Tinha cara de mau, mas pelo pouco que conversei com ele, percebi o quanto tem coração mole. A hora passou voando como sempre e depois de fecharmos tudo, Laura me sorriu, soprou um beijo e foi embora correndo com o novo *ficante*.

Após ela sair, peguei minha bolsa no armário do estoque e fui correndo em direção à saída, para que não houvesse tempo do Fernando me ver saindo ou qualquer um que seja dos *Angels*, que quisesse me oferecer carona. Passei por Valmir sorrindo, desejei boa noite e me dirigi para o ponto de táxi. Cheguei lá e vi que não havia nenhum parado no ponto.

Como assim? Droga!

Deve ser toda essa chuva de hoje, fui em direção ao ponto de ônibus, já que a chuva deu uma trégua, eu conseguiria chegar em casa mais rápido se fosse de ônibus do que se ficasse esperando aqui um táxi chegar, mesmo detestando ter que andar sozinha e pegar ônibus de madrugada. O medo de o Jeferson me achar ainda pairava sobre mim, não como no começo, como quando me mudei, agora já consigo andar sozinha, mas antes nem isso era possível, só consegui me estabilizar de novo psicologicamente, depois de fazer um pequeno tratamento com a mãe da Laura, que é psicóloga. Não queria aquela vida do passado nunca mais.

Atravessei a rua, dei alguns passos e vi que faltavam menos de trezentos metros para eu chegar ao ponto de ônibus e graças a Deus eu já conseguia avistar um casal que a pouco estava bebendo na *Angels*. Dei mais alguns passos à frente e ouvi um leve zumbido de motor de carro se aproximando. Apertei o passo sem olhar para o lado. O carro chegou bem próximo ao meio fio da calçada e diminuiu a velocidade até quase parar, enquanto eu andava rapidamente quase correndo, sentindo um calafrio de medo e o coração pulando tanto, que o sentia pulsar no meu ouvido. Vi que o vidro escuro do carro começou a baixar e virei-me para frente a fim de a qualquer movimento a mais da pessoa que estava dentro do carro, eu começaria a gritar.

— Fugindo de algo, Clara? — Uma voz que eu conhecia bem, falou em alto e bom tom como se tivesse se divertindo.

Fernando

Assim que desliguei o computador desci para ir embora. Eu estava sozinho, João e Rodrigo já tinham ido mais cedo e como cheguei mais tarde, eu disse para eles irem, que eu fechava.

Estava saindo na portaria e como sempre perguntei para o Valmir se todos já tinham ido. Ele confirmou dizendo que só estava ele e o Cassio, que ele já estava indo embora e o Cassio que ficaria de plantão hoje. Fiquei meio desapontado, esperava que a Clara ainda estivesse aqui, que eu pudesse lhe oferecer carona e conversar com ela até a casa dela novamente. Sempre me divirto muito quando conversamos e eu tento tirar um pouco de informação, dessa moça tão reservada. Quando estava saindo Valmir me gritou e disse:

— Fernando, se você for para o lado do ponto de ônibus, dá uma olhada para ver se você vê a Clara. Ela foi embora sozinha de novo e não tinha nem um táxi no ponto hoje, por conta da chuva.

— Ah pode deixar, que vou exatamente para aquele lado, Valmir. — Abri um sorriso e Valmir me retribuiu com o dele.

Fui andando a passos rápidos até meu carro e torcendo para que a Clara não tenha conseguido pegar o ônibus até eu passar. Fiz o retorno no estacionamento e saí pela rua que dava para o ponto de ônibus mais próximo.

Assim que entrei na rua a vi seguindo em direção ao ponto. Clara era muito bonita e era extremamente perigoso ela andar assim de madrugada e sozinha. Desacelerei o carro e fui indo

devagar tentando parear o carro ao seu lado. Percebi que ela agiu com um misto de medo e desespero e começou a andar muito rápido. Abri o vidro e sorrindo perguntei a ela:

— Fugindo de algo, Clara? — Quando ela se virou para mim, parecia em pânico e não me respondeu. Arrependi-me de não ter sido rápido e feito com que ela me visse assim que me aproximei.

Desci do carro e fui ao seu lado, mas ela parecia não estar em si. A abracei e senti que ela estava tremendo. Vi que tentava respirar e se acalmar, mas não conseguia.

— Clara, você está bem? Não tive a intenção de te assustar. — Falei e ela começou a chorar compulsivamente. Eu estava começando a ficar em pânico também. Passei o braço na sua cintura, para apoiá-la — Nossa você está tremendo muito, meu Deus... Me desculpa, Clara? Me desculpa? — A abracei forte e ela chorava demais.

A mantive apertada em meu abraço e aos poucos o choro foi cessando. Eu estava a abraçando tão forte e me sentia tão culpado. Ela estava com a cabeça encostada no meu peito e quando ela parou de chorar, nem sei quanto tempo depois, falou:

— Me desculpa, Fernando. — Ainda tinha a testa encostada no meu peito e eu ainda a abraçava.

— Não tem do que se desculpar. Eu que tenho que pedir desculpas, não devia ter chegado como cheguei e te assustado tanto, a ponto de ficar assim.

Ela se afastou de mim, enxugou os olhos, não me olhou e parecia envergonhada. Coloquei o dedo indicador no seu queixo e o puxei devagar para cima, para que ela me olhasse.

— Não tem do que ficar envergonhada. Somos amigos e amigos dividem momentos como este. Quer que eu te leve para casa?

Ela assentiu e não disse mais nada. Peguei-a pela mão, a levei até o carro e a acomodei no banco do carona. Dei a volta no carro rapidamente e assumi o volante. Dirigi até onde ela morava em silêncio e quando estacionei em frente ao seu portão, virei-me para encará-la.

— Estou tão envergonhada, minha reação foi extremamente exagerada. — Ela disse olhando para as mãos.

— Não deveria estar, todo mundo tem o direito de sentir medo de algo.

Ela assentiu e enxugou uma lágrima solitária que escorria e eu continuei:

— Mas acho que não era exatamente de mim que você estava com medo ou pelo menos não só de mim.

Ela ficou em silêncio por um minuto e enfim falou:

— Eu já passei por algumas coisas na minha vida, que me fazem sentir medo. — Ela ainda não me olhava.

— Quer conversar sobre isso? Falar com amigos, às vezes ajuda a afastar o medo. Isso é né, se eu for seu amigo.

Enfim ela sorriu e me senti a melhor pessoa por conseguir colocar um sorriso em seu rosto.

— Depois de encharcar sua camisa de tanto choro, acho que você com certeza, tem que ser meu amigo. — Ela abriu um sorriso sem graça.

— Encharque quando precisar, na verdade espero que você não precise nunca mais. Entrei em pânico em ver você chorando.

Quis acrescentar que ela ficava linda mesmo chorando, mas achei melhor não, pelo menos não neste momento. Ela soltou o ar e achei que como sempre, não iria me contar nada e seria como sempre: calada e reservada, mas ela contou:

— Faz um ano que estou morando com a Laura, que me salvou de um inferno. — ela parou de falar, mas eu não disse nada e esperei que ela continuasse. — Eu morava em outro estado e saí de lá fugida, porque... Porque me casei com um monstro que me batia dia sim e outro também, toda vez que ele bebia.

Senti a cor deixar meu rosto e apertei com força o volante a minha frente. Como pode um homem, ou melhor, um lixo covarde que diz ser homem, ter coragem de bater em uma mulher tão meiga e delicada como a Clara?

— O deixei, saí escondida da minha casa, fugida da minha cidade, porque sei que se ele souber onde eu estou, ele virá me matar, ou pior, tirar a minha filha de mim e isso seria meu fim. Eu não sei viver sem a minha Mayara. E desde então eu sofro com medo. Já tive algumas crises de pânico, mas fiz tratamento e melhorei. Hoje o que você viu foi uma pequena crise e fiquei com muita vergonha de isso ter acontecido na sua frente. Queria realmente que você esquecesse o que viu.

Enquanto ela me contava, só pensava que se eu pegasse esse filho da puta que fez isso

com ela, eu matava, mas tentei me manter calmo, soltei o ar que eu estava segurando e respondi.

— Não vou esquecer nada do que vivi ao seu lado hoje. E sabe por quê? Porque você me contar isso, só me fez te admirar ainda mais. Nem todas as mulheres têm a força e a coragem que você teve quando fugiu daquele desgraçado. E olha, Clara, no que você precisar, eu estarei aqui, pode me considerar de verdade um amigo.

Ela me olhou e pude ver admiração no seu olhar, como se ela não acreditasse que minha resposta fosse ser essa.

— Obrigada, Fernando. — Ela me olhou intensamente por uns segundos e continuou — Bem, agora vou ter que entrar.

— Eu te acompanho até o portão.

E antes que ela pudesse me afastar e dizer que não era para eu descer, eu já estava do seu lado do carro. Ela desceu, eu apoiei minha mão nas suas costas e a acompanhei.

— Entregue, senhorita. — Falei sorrindo e tirando um sorriso tímido dos seus lábios.

— Mais uma vez, obrigada. Você é um excelente amigo.

— Ganhei a noite, passei de chefe ou patrão, para amigo. Já é um grande passo para humanidade.

Ela me olhou sorrindo, com os olhos ainda inchados pelo choro. Ficamos mais uns segundos sem dizer nada, apenas nos olhando e senti dentro de mim algo mudar, um sentimento estranho, que era como se eu tivesse o dever de protegê-la de qualquer perigo que ela pudesse correr.

Percebi que eu teria de dizer alguma coisa, limpei a garganta e disse:

— Vou indo, Clara. Até mais tarde.

— Até. — Ela respondeu e dei um beijo em seu rosto.

Fui andando em direção ao carro e quando me virei para entrar ela ainda me olhava do portão, acenei para ela e parti para casa.

Capítulo seis

Fernando

Acordei e só conseguia pensar na noite de ontem, primeiro tive uma recaída com a minha ex e depois vivi aquele momento tão intenso com a Clara. Que noite!

Estou deitado de costas na minha cama, com as mãos apoiando a cabeça e olhando para o teto, enquanto penso que a minha ex está bem gata e o sexo de ontem foi incrível, até marcamos de nos ver hoje de novo. Enquanto com a Clara eu senti algo que nunca senti por ninguém na vida, senti vontade de cuidar dela, protegê-la de todos os perigos do mundo e nunca mais vê-la chorar tanto, como chorou ontem. Meu telefone começou a tocar, me tirando dos meus pensamentos e vi no identificador de chamada que era a minha mãe.

— Bom dia, mãe!

— Boa tarde, né, Fernando, já são duas horas da tarde!

— Ah, mãe, para mim é bom dia, acabei de acordar.

— Filho, eu e seu pai precisamos falar com você. Você poderia vir até a nossa casa hoje? — Percebi que ela mudou o tom de voz e parecia tensa.

— Sobre o que vocês precisam falar?

— Venha e conversamos pessoalmente.

— Tudo bem, daqui à uma hora estarei aí.

Desliguei, me arrumei e fui até a casa dos meus pais, não sei o que querem falar comigo, mas pelo tom de voz da minha mãe não deve ser coisa boa.



— Pai, isso não pode ser verdade, você não pode estar falando sério.

— Estou falando seríssimo, Fernando. Já decidimos.

Meu pai estava sentado de frente para mim, no sofá da sala da casa deles, com minha mãe ao seu lado. Tenho certeza que a minha irmã já sabia dos planos que os dois tinham para mim e decidiu sair para não me ver surtar.

— Eu não posso me casar com a Fabiana, pai.

— Você pode e vai. Seu avô está me pressionando e você sabe o quanto ele é a favor das tradições. Eu e sua mãe a quebramos uma vez, mas com você vai ter que ser como sempre foi. Precisamos de você na presidência da empresa.

— Pai, eu não posso.

— Por que não pode, Fernando? Você nem sequer tem namorada e namorou por tanto tempo a Fabiana, não custa nada fazer a vontade do seu avô. Além de que, ele está idoso, podemos perdê-lo a qualquer momento e para ele seria uma alegria ver você casado com a Fabiana e mantendo as raízes da família. — Minha mãe disse calmamente.

— Vocês poderiam ter feito a vontade do meu avô e não terem se casado. — Falei me levantando.

— Não fale assim com a sua mãe, Fernando! — Meu pai falou um pouco mais alto.

— Desculpa. — Falei e voltei a me sentar. — Tentem entender meu lado, vocês já passaram por isso. Eu não amo a Fabiana.

— Mas vocês saíram juntos ontem, então você deve gostar ao menos um pouco dela. — Meu pai sorriu discretamente.

— Sim, como amigo, mas não para me casar com ela.

— Bom, filho, a realidade é que a empresa tem que ficar entre as famílias sócias e no caso, o próximo casamento é entre você e a Fabiana. — Meu pai disse sério e se recostando no

sofá.

— Pai, o senhor está ouvindo o absurdo que está dizendo?

— Não vejo absurdo, vejo praticidade.

— Vocês dois deveriam ter sido práticos e não terem se casado.

Não dei tempo para que eles respondessem ou me repreendessem, levantei-me e saí da sala indo em direção a porta da frente. Não fui criado assim, nunca deixei meus pais falando sozinhos, mas nem toda a sabedoria e paciência oriental me fariam ficar calmo em uma situação como esta. Não consigo entender essa coisa ridícula que eles insistem em manter, duvido que ao menos tenham perguntado a opinião da Fabi.

Entrei no meu carro e fui direto para *Angels*. Quero trabalhar para esfriar a cabeça.

Clara

Busquei a Mayara na escola e passamos no mercado à caminho de casa. Ela comprou um monte de guloseimas e continuamos o caminho conversando.

— Mãe, aquele moço, o seu patrão, ele gosta de você, né?

— Gosta, como amigo, filha. — Tentei não sorrir para a carinha de decepção que ela fez.

— Mãe, acho que você deveria ser namorada dele.

— Não posso, Mayara.

— Por quê?

— Porque ele é meu patrão.

Ela pensou um pouquinho.

— Mas aí seria mais fácil, pelo menos você trabalha com ele de noite e não vou precisar te dividir com ele de dia.

Tive que rir da carinha dela, de quem tinha arrumado um jeito para acabar com a guerra no mundo.

— Mas acontece, mocinha, que não estou procurando namorado e nem o Fernando iria querer ser meu namorado, se fosse o caso.

— Você não sabe o que está perdendo *mamis*. O Fernando é muito bonito.

Ri do jeito dela e fomos o caminho todo rindo e comendo bobearas como duas amigas, que é o que somos.

Chegamos em casa e encontramos a Laura jogada no sofá, com cara de quem comeu e não gostou.

— O que foi, amiga? — Perguntei.

— Ah, nada. Só uma noite mal dormida, se é que me entende!

— Entendo. E é assuntos impróprios para menores. — Falei tampando os ouvidos da Mayara.

— E você, está bem? Veio pra casa com o Fernando de novo?

— Tia Laura, não é verdade que a mamãe deve namorar com o tio Fernando?

— Tio? — Perguntei.

— Sim, tio. Já tô treinando pra quando ele virar seu namorado, mãe.

Mayara sorria e eu sorri também.

— Filha, para de criar expectativa em cima de uma coisa que não pode acontecer.

— Estou com você, May. Eu também acho que sua mãe deve namorar o Fernando e ele é lindo, não é?

— Sim, ele é lindo. Tem o olho puxado igual o príncipe da princesa *Mulan*.

Rimos da carinha de encantada dela.

— Masss... Sinto acabar com o sonho de vocês e dizer que não será possível.

— Duvido. — Laura disse.

— Eu também duvido, tia.

— Oras... Vocês duas podem parar de se juntar, para fazer conspiração sobre a minha vida?

— Se você ficar enrolando, vai aparecer outra loira gata como você e vai pegar o bonitão. — Laura disse com a sobrancelha arqueada.

— Tia, nenhuma loira é tão gata quanto a minha mãe.

— Tem razão, gatinha, toca aqui. — Laura ergueu a mão espalmada e a May bateu com a mãozinha dela.

Eu sorria.

— Muito obrigada. Não tem como minha autoestima ficar baixa estando ao lado de vocês duas. Mas, e se o Fernando tiver uma namorada?

— Ele não tem que eu sei.

— Vai que você não sabe.

— Eu sei. — Laura disse com certeza e eu ri.

— Mãe, ele não tem. Você é a princesa dele e se tiver outra, ela vai ser a bruxa má.

Eu e a Laura rimos do Comentário da Mayara.

— Desde quando a minha vida amorosa é pauta para conversas aqui nesta casa? Podem parar as duas, de ficar confabulando coisa que nunca vai existir.

— Nunca, diga nunca, querida Clarinha. — Laura disse sorrindo para mim acompanhada pela minha filha. — E como eu disse, para de enrolar e pega o *Boy*, antes que alguém pegue.

Revirei os olhos para ela ainda rindo e fui em direção a cozinha pensando nesse diálogo doido que acabamos de ter. Será que Fernando tem alguém? Será que eu conseguiria começar algo com ele? Será que realmente existe uma química entre nós, como a Laura diz ou é só fruto da imaginação da minha amiga?

Bom, parei de pensar nisso, porque o Fernando é meu patrão e eu não deveria pensar nele desse jeito. Não deveria estar imaginando coisas que não podem acontecer e pior, que até podem acontecer, mas podem me ferir, me machucar mais do que eu já fui machucada pela vida. Portanto é melhor eu parar de imaginar o impossível e voltar para a minha vida estável e sossegada, com a minha filha sonhadora e minha amiga doida.

Fernando

Acordei na sexta pela manhã, meio estressado por vários motivos. O primeiro de todos é que não voltei a falar com os meus pais depois da conversa de ontem, o segundo é que ontem acabei não indo a *Angels*, porque me encontrei com a Fabi no caminho, saímos para conversar sobre essa historia maluca de casamento e acabamos emendando a noite. O terceiro motivo é que preciso parar de ter recaídas com a minha ex, o sexo é bom, ela é gostosa, mas nossos pais querem nos casar e pelo o que vi, ela também parece não estar a fim desse combinado. E o quarto motivo pelo qual estou irritado, é que eu não vi a Clara ontem e sei lá, estou com a impressão de que eu deveria ter ido à *Angels*, para levá-la até sua casa, não saber o que aconteceu com ela depois que foi embora do trabalho, está me deixando preocupado.

Até que tive uma ideia, levantei da cama em um pulo e liguei para *Angels*. Sempre ficava um segurança lá durante o dia e por sorte, o segurança que ainda estava lá era o Valmir, que era totalmente de confiança. Não deveria pedir para que outra pessoa, que não fosse Gustavo, João e Rodrigo, abrisse os arquivos confidenciais dos funcionários, mas eu estava tão preocupado, que passei por cima das regras para saber notícias dela. Pedi para Valmir ir até a minha mesa, pegar a pasta com o nome da Clara e procurar o número do telefone dela, que ele achou rapidamente. Pensei por um minuto se deveria ou não, ligar para ela e claro o sim prevaleceu. O telefone deu dois toques, até que ouvi a voz dela invadir meus ouvidos:

— Alô.

— Oi, Clara.

— Oi, com quem eu falo?

— É... Aqui é o Fernando. — Limpei a garganta e continuei — Estou ligando para saber se está tudo bem.

— Sim, está sim. — Vi que ela parecia surpresa.

— É que ontem eu não pude ir a *Angels* e fiquei preocupado em deixá-la voltar sozinha para casa.

— Não voltei sozinha. Ontem voltei acompanhada.

Parei de falar. Será que ela saiu com alguém ontem? Na verdade ela é solteira, é mais que compreensível que ela saia com alguém.

— Arrumou companhia, ontem? Legal, só toma cuidado com esses carinhas que frequentam a *Angels*. — Perguntei sem vontade de ouvir a resposta e com um pouco de raiva.

— Não. — Ela riu. — A Laura voltou comigo, mas muito obrigada por se preocupar.

— Sempre me preocupo com as minhas amigas. — Falei mais aliviado.

Ela sorriu e um silêncio se formou na linha.

— Fernando, desculpa, preciso desligar. É que a Mayara está aqui, louca me pedindo para levá-la até o parque dos pássaros. Quer patinar com os patins novos que ganhou dos pais da Laura.

— Nossa, adoro patinar, sempre fui ótimo nisso.

— Eu sou um zero a esquerda, tropeço até andando, quem dirá em cima de rodinhas, mas ser mãe é isso, vou me virar para fazer as vontades desta pequena.

— Olha, se você não se importar eu posso fazer companhia a vocês e ensinar umas técnicas para a Mayara. — Me ofereci para o passeio mãe e filha, não estou acreditando que fiz isso!

— Seria ótimo, mas não precisa se for te atrapalhar. — Ela parecia sorrir.

— De jeito nenhum. Estou livre hoje. Pego vocês aí em dez minutos.

Clara ficou em silêncio e tenho certeza, pelo pouco que a conheço que ela estava pensando em recusar a minha companhia.

— Tudo bem. — Por fim, ela respondeu.

Desliguei surpreso e feliz por ela ter concordado e corri me arrumar para encontrar com duas gatas. Já estava quase saindo quando tive uma ideia.

— Dri. — Falei quando a minha irmã atendeu ao telefone. — Me empresta os seus patins?

— Claro, mas você não tem o seu?

— Sim, mas é que vou emprestar um pra Clara.

— Clara? A *bargirl* que te acha um gatão?

Ri.

— Essa mesmo. Vou levar ela e a filha ao parque dos pássaros para aprender a andar de patins.

— *Uauuuu!* Que passeio família, quem te viu, quem te vê, hein?

— Cala boca, Adriana! É que estou sem fazer nada, ela me disse que iria e resolvi relembrar os velhos tempos me oferecendo para ir junto.

— Tudo bem, não precisa se explicar, maninho. Divirta-se. Ah! E ela é uma gata, viu.

— Dri, não tem nada a ver, somos só amigos, para de imaginar coisa onde não tem.

— Sei, maninho...

— Olha, já estou passando aí para pegar, leva para mim no portão, por favor? Porque não quero ver nossos pais.

— Tudo bem. Mas eles ainda persistem com a história do casamento?

— Sim. — respondi exasperado. — Estão irredutíveis e agem como se isso fosse completamente normal.

— Não se estressa, tudo vai se resolver, eles vão cair em si e ver o quanto isso é idiota.

— Tomara, não quero ser o renegado da família, mas também não quero me casar por obrigação. Ah, vou esquecer isso por hora e estou passando aí para pegar os patins.

— Tudo bem.

Passei na casa dos meus pais, peguei os patins com a Adriana e uma cesta de comes e bebes que pedi para ela preparar, quando liguei do caminho.

Já estava estacionando o carro em frente à casa da Clara, quando a vi sair no portão com a filha. As duas eram bem parecidas e lindas.

— E aí, meninas, vamos nos divertir? — Falei descendo do carro.

— Simmm. — A Mayara gritou e eu sorri enquanto olhava para a mãe dela, que me olhava com um sorriso tímido nos lábios.

— Oi. — Ela me disse sem graça.

— Oi. — respondi sorrindo e pegando as coisas delas para guardar no banco de trás.

— Tem mesmo certeza que quer fazer isso? — Me perguntou fazendo uma carinha de dúvida.

— Claro que tenho. Amo patinar.

O sorriso tomava conta do meu rosto enquanto elas entravam no carro e seguíamos até o parque. Quando chegamos lá, estacionei embaixo de uma árvore e abri o porta malas para tirar tudo que eu havia preparado.

— Nem pensar! — Clara falou com um pânico evidente no rosto ao ver os patins que eu oferecia a ela.

— É fácil. Vou te mostrar o quanto é simples. — Eu sorria largamente.

— Nem pensar! Eu não nasci para isso. Eu sou tão desastrada que vou me quebrar inteira e pensa: hoje é sexta feira, tem apresentação na *Angels*. Você não quer perder uma das suas atrações, não é?

— Veremos. Até a hora de irmos, eu vou te convencer a pelo menos tentar andar um pouco.

— Duvido que consiga.

— Eu sempre consigo tudo que quero. — Pisquei para ela e ela sorriu.

— Tudo bem senhor mimado, até a hora de irmos veremos.

Sorri para ela e segurei o olhar até sermos interrompidos por uma vizinha:

— Mãe, antes de começarmos a patinar, podemos comer? Eu estou com uma fominha.

— Ahhh, princesa Mayara, eu penso em tudo. — Falei indo até o porta malas e tirando a cesta de piquenique que pedi para a minha irmã preparar para mim. — Tcharammm.

— O que é isso? — Mayara perguntou.

— Cesta de Piquenique. — Pisquei para ela.

— Nunca fiz piquenique. — A May falou com os olhinhos brilhando e notei que a Clara se fechou como se tivesse tido uma lembrança ruim. — Ele nunca nos deixava sair, né, mãe?

— Sim, filha, mas esqueça isso, é passado e hoje estamos aqui para nos divertirmos, não é? — Um turbilhão de emoções passava no olhar que as duas trocaram.

— Olha... Vocês duas vão ficar aí, tristes? Ou vão sentar comigo ali debaixo daquela árvore e comer esse monte de coisa gostosa que eu trouxe?

— Coisa gostosaaaa. — A pequena gritou e foi correndo em direção à árvore.

— Obrigada! — Clara sussurrou para mim me olhando intensamente e senti um arrepio subir pelo meu corpo, um arrepio acompanhado por um sentimento bom.

Comemos e depois que a May estava de barriga cheia, logo começou a correr atrás dos pombos e nos deixou a sós. Clara me contou um pouco do que viveu com o marido e a cada história que ela me contava, eu sentia uma raiva enorme me atingir e uma vontade gigante de socar a cara desse homem até ele não respirar mais.

— Ela sofreu bastante, e eu, tive que ser forte por mim e por ela. O que me deixava um pouco mais tranquila quando estava internada com alguma coisa quebrada, era que ele ficava um doce por conta da consciência pesada, mas aí era só eu sair e ficar bem, que ele voltava a beber, aí a bebida o transformava e ele ficava agressivo outra vez.

Engoli em seco, olhei para a criança que corria feliz a minha frente e tentei imaginar o tanto de medo que ela passou. Voltei a olhar para a mulher delicada, que estava sentada ao meu lado, de cabeça baixa, me contando a pior parte da sua vida e pensei: Tão delicada e tão forte.

— Foi assim. — Ela ergueu o olhar e me olhou nos olhos, com um sorriso tranquilo nos lábios, depois que acabou de me contar como enfim teve coragem de sair do inferno em que vivia.

— Você foi muito corajosa e forte. Nesse momento para mim, você é a mulher mais forte

que conheci na vida.

— Ah, para!

— Sério! Foi preciso muita força para fugir de tudo que você vivia, mas acho que você deveria ter ido à polícia antes e denunciado ele.

— Se eu fizesse isso ele nunca me deixaria em paz, então a melhor saída foi fugir. Ele nem imagina onde estou. — Ela deu de ombros sem graça.

— A melhor coisa que você fez foi vir para cá.

— Sim, foi.

— E a segunda melhor, foi trabalhar na *Angels*. — Eu sorri e ela me sorriu de volta.

— Ei, vocês dois. — A menininha linda com sorriso no rosto nos interrompeu. — Vamos ou não andar de patins?

— Vocês vão, eu não. — Clara respondeu erguendo as mãos em rendição.

— Ah mamãe, você não vai fazer essa desfeita com o Fernando, vai?

— Verdade, muita desfeita. — Falei sorrindo depois de receber um sinal de positivo da May para concordar com ela. Essa menina era tão linda.

— Vão vocês, enquanto isso fico aqui criando coragem.

Clara encheu a Mayara de apetrechos de segurança, em seguida colocamos nossos patins e comecei a ensinar a ela tudo que eu sabia de como patinar com facilidade. Clara nos acompanhava com atenção, sorrindo de longe e nos vigiando de onde estava.

— Sabe, queria te chamar de tio, você se importa? — Mayara me perguntou com um sorrisinho angelical no rosto.

— Claro que não.

— Pode ser tio Nando, então?

— Tio Nando, ficou ótimo. — Eu sorria. Mesmo que eu não tivesse nenhum contato com crianças anteriormente, acho que estou me saindo bem.

— Tio Nando, você quer namorar a minha mãe?

Engasguei.

— Não... Bom, não... Somos só amigos. — Enfim consegui falar e a menina pareceu triste.

— Ah que pena. Você não sabe o que está perdendo, ela é muito legal sabe. — Ela se desequilibrou, eu a segurei e logo ela fez um sinal para que a deixasse continuar sozinha.

— Sim, ela é muito legal. — Olhei para frente e já estávamos quase perto de onde a Clara nos olhava.

— Você tem os olhos puxadinhos iguais aos do príncipe da princesa *Mulan*.

Ri.

— É porque sou descendente de japônês.

Ela pareceu pensar um pouquinho enquanto dava breves passinhos deslizando com as rodinhas dos patins.

— E você é muito bonito e altão.

— Obrigada. Você também é muito bonita e parece a princesa... — Pensei um pouco e não sabia o nome de nenhuma princesa e ela percebeu.

— Você não conhece as princesas?

— *Hummm...* Você me pegou, realmente não conheço. — Falei sorrindo.

— Meninos. — Ela disse revirando os olhinhos. — Eu sou loira, mas queria mesmo ser a princesa Merida, a valente. Ela tem o cabelo todo enrolado, selvagem e solto, é forte e corajosa e protegeu a mãe dela, quando correu perigo.

Ela pareceu reviver lembranças tristes, fez uma carinha que doeu meu coração.

— Pois eu digo que você é igual a essa princesa aí. Tenho certeza que é você, que sempre protege a sua mãe. Eeee... se soltar o cabelo e bagunçar assim... — passei a mão nos cabelos dela deixando-os bagunçados. — Vai ficar como os dela.

E então ela voltou a sorrir.

— Ah você bagunçou meu cabelo, vou te pegar! — Ela veio andando em minha direção parecendo um robzinho sobre rodinhas e eu simulei fugir dela. Ambos ríamos até que chegamos próximos da Clara.

— Mamãe, o tio Nando bagunçou o meu cabelo para ficar igual ao da *Merida*.

— Ah, mas isso é inadmissível! É um pecado bagunçar os cachos de uma princesa. E desde quando somos “tio Nando”? — Clara me perguntou cruzando os braços.

— Nós conversamos e chegamos a um acordo, agora sou Tio Nando. E mudando de assunto, agora que a May é uma profissional nos patins. — Pisquei para a Mayara — É a sua vez de aprender.

— Ai, meu Deus, nem pensar, Fernando.

— Mãe, chama ele de Nando também, combina muito mais com ele. E mãe, vai patinar, é muito legal — Tentei segurar o sorriso ao ver o desconforto da Clara com as tentativas da filha de nos aproximar, mas foi em vão, ri largamente.

— Tudo bem... Nando, — Ela pausou sorrindo. — Eu vou, mas se eu cair e me quebrar toda, vou pedir indenização a você.

— Feito.

Ela colocou os patins da minha irmã e me fez tirar o meu, segundo ela, eu não conseguiria segurá-la se eu tivesse usando patins também. Ela foi patinando devagar e sorria como criança, fomos até o final do corredor arborizado e voltamos. Ela segurando a minha mão e a May sentada na grama, à alguns metros de distância nos olhando.

Quando estávamos voltando, um pombo passou voando na frente da Clara e a desequilibrou, fazendo com que ela quase caísse, e eu para impedir, a segurei pela cintura e a puxei para mim, firmando o seu corpo ao meu. Quando ela se equilibrou novamente, estava com o corpo colado ao meu e a mão sobre o meu peito. Os olhos dela pararam fixados nos meus e eu senti a minha respiração acelerar. Olhei para os lábios dela e vi que ela também respirava aceleradamente.

— Respira! Eu te peguei. — Ela assentiu, se afastou de mim, mas não disse nada.

Tentei me controlar enquanto o meu coração batia acelerado, descompassado e meu corpo reagia estranhamente. Eu não conseguia entender essa sensação, mas para mim, com certeza, era apenas reação pelo movimento brusco que fiz para segurá-la, só por isso.

Capítulo sete

Clara

Meu coração estava a mil por hora, eu nunca tinha sentido algo tão forte assim.

— Respira! Eu te peguei. — A sua voz fez com que eu acordasse do transe, que o seu corpo colado ao meu, e seus braços fortes me segurando me deixou.

— Obrigada. — Consegui falar e me afastei. — Eu disse que isso não iria dar certo, tenho dois pés esquerdos, sou um desastre ambulante.

— Eu acho que nunca deu tão certo. — Olhei para ele, mas desviei o olhar e fui até o banco mais próximo. Tirei os patins e voltei até onde tínhamos deixado a Mayara. Ele veio andando ao meu lado, mas permaneceu em silêncio.

— May, amor, vamos embora? Já está ficando tarde e tenho que me arrumar para trabalhar.

— Tio Nando poderia te deixar faltar hoje e ficaríamos mais um pouco.

— Não posso deixá-la faltar, porque eu sentiria muita falta dela lá na *Angels*, baixinha. — Ele falou sorrindo para a minha filha.

— Então você também fica e não sentirá saudade de nós. — Minha pequena estava destinada a me matar de vergonha hoje.

— Mayara, por favor, filha nós temos responsabilidades que devemos cumprir, outro dia a gente volta.

— Amanhã?

— Não!

— Sim!

Eu e Fernando dissemos juntos.

— Ei, vocês dois decidam-se. Eu tô com o tio Nando, voto pelo sim para amanhã.

— Nesse caso, Clara, você é voto vencido, eu e a May votamos e ganhamos, então amanhã estaremos aqui novamente.

E assim foi, fomos ao parque no dia seguinte e no fim de semana e a amizade entre a Mayara e o Fernando ficava mais forte. Enquanto eu, me peguei o admirando por diversas vezes e o pior, imaginando o quanto ele seria um pai excelente todas as vezes que via a tamanha atenção que ele dava para a minha pequena e o quanto ela se sentia protegida perto dele. Certa noite de segunda, estávamos deitadas e abraçadas na cama, ela disse que adorava quando o tio Nando saía com a gente, porque ela sabia que ele nos protegeria se “ele” viesse nos procurar. Sempre que ela se referia ao pai como “ele” meu coração se apertava e ainda mais nessa ocasião, quando ela se sentia mais protegida com alguém que conheceu há pouco tempo, do que com o pai que a colocou no mundo.

Eu e Fernando, continuávamos somente amigos. Eu sentia um frenesi sempre que estava perto dele, eu sempre tentava disfarçar e às vezes achava que ele estava sentindo o mesmo, mas não passamos do estágio amigos, mesmo saindo tantas vezes em passeios família, não demos nem um beijo, nem sequer chegamos perto disso e estou quase chegando a conclusão de que na verdade ele só quer ser meu amigo mesmo.



Sexta feira, dia de apresentação e eu e Laura montamos outra coreografia para a apresentação de hoje. Vamos dançar a musica *Bom da Ludmilla*. Como sempre na minha vida, quando vou fazer algo novo, fico nervosa e suando frio. Já tinha passado a coreografia com a Laura milhares de vezes em casa e aqui, mas mesmo assim, eu só vou ficar tranquila depois de nos apresentarmos e ver o público aplaudindo e comprando todas as bebidas do bar.

Eu estava sentada no sofá para descanso no estoque, sozinha, porque a Laura tinha ficado nervosa, de tanto ver meu nervoso e saiu de perto de mim. Já estava maquiada e produzida para começar o show. Comecei a estalar os dedos, minha cabeça estava baixa e o meu olhar estava fixo no meu salto alto.

— Meu Deus, me ajude a não cair de cabeça no chão. — Falei baixinho.

— Você não vai! Quando você dança você se transforma.

Saí do meu transe em um susto, quando ouvi a voz do Fernando invadir o espaço.

— Aiii, você me assustou.

Ele sorriu, veio até onde eu estava e se sentou ao meu lado.

— Desculpa. Acho que tenho o dom de te assustar.

Ela riu e eu continuei:

— Mas sabe, já te conheço o bastante para saber que você estaria aqui surtando de medo de enfrentar uma apresentação nova.

— Não estou surtando, só estou um pouquinho nervosa.

— Deixa eu ver...

Ele pegou a minha mão e entrelaçou os dedos nos meus, fazendo com que um arrepio subisse pelo meu corpo. Eu o encarei para ver se ele estava sentindo o mesmo e quando ergui meus olhos para conferir, vi que os olhos dele estavam nos meus lábios. Engoli em seco e direcionei os meus olhos instintivamente para os lábios dele também. Um calor difícil de controlar subiu pelo meu corpo e o aperto que a mão dele dava na minha, era acolhedor e tranquilizador. Tirei rapidamente a minha mão da dele, quando o barulho do Cassio, o segurança, abrindo a porta invadiu a sala.

— Fernando, o João pediu para que eu te chamasse.

— Ok, já estou indo.

Vi que o Cassio me olhou e sorriu, Fernando quando viu o sorriso que ele me lançou, fechou a cara e saiu pisando duro sem me olhar mais nenhuma vez.

— Como você está se sentindo para a apresentação de hoje, colega? — Cassio me perguntou vindo até mim.

— Infartando. — Respondi, fiz uma careta e ele sorriu.

— Fica calma! Vocês vão arrasar, como sempre.

Lancei um sorriso para ele e ia agradecer quando o Valmir abriu a porta e disse:

— Cassio, o Fernando pediu para você ir assumir seu posto que a casa está enchendo.

Cassio me olhou meio sem entender, me lançou um sorriso sem jeito e saiu, me deixando sozinha com o nervoso da apresentação e com o comichão que a mão do Fernando na minha e os olhos dele na minha boca me deixaram.

Fernando

Saí mais algumas vezes esses dias com a Fabiana, mas sinceramente, não consegui me concentrar nela. Minha cabeça não saía do sorriso da Clara, nos passeios que tive com a Clara, em tudo relacionado à Clara. Venho saindo com ela e a filha esses dias e tem me feito muito bem. Todas as tarde arrumo algum programa para ficar com as duas, a princípio ela relutou um pouco, como sempre muito fechada, também não a culpo aquele marido filho da puta que ela teve a deixou assim, mas depois se acostumou a sair comigo. Estou encantado com a Mayara: uma menina, educada, um anjo e muito carinhosa. Nunca tive contato com nenhuma criança, mas estar com a May e a Clara é como se eu me completasse e ficasse inteiro como nunca estive.

Minha mãe, meu pai e meu avô, ainda estão insistindo nessa história de casamento com a Fabiana e estou me esquivando o quanto posso. Não quero contrariar meus pais e nem brigar com a minha família, mas também não vejo como isso possa ser possível se eles continuarem com essa ideia fixa. A única, fora a Dri, que me defende é a minha avó que também acha que eu tenho que casar por amor e não por convenções. Mas verdade seja dita, nem por amor eu pensava em me casar. Apesar de ter mudado um pouco isso depois de conviver mais com a Clara e com a Mayara.

Hoje mais cedo a Fabiana me ligou, dizendo que ela também está sofrendo pressão dos pais dela e que por ela marcaríamos logo esse casamento só para parar de ouvir tanto encheção de saco, pensei que ela também está passando para o lado negro da força. Acho que vou precisar parar de ver a Fabi, na verdade, não sinto vontade de vê-la mesmo, a única que não sai

da minha cabeça desde a primeira vez que a vi é a Clara.

Está quase na hora de abrir a *Angels* e estou dando uma volta antes que as portas se abram e lotem a casa, já que como sempre, já temos fila na porta. O Show das meninas com as garrafas é sucesso, elas até foram apelidadas de anjas, e toda sexta é isso, filas gigantes para vê-las. Ainda mais hoje, que anunciamos uma apresentação nova, a casa vai ferver. Enquanto caminhava pela *Angels* estava com os olhos frenéticos procurando por Clara. Por mais que eu tente ficar longe, eu não consigo, porque meu instinto protetor fica sempre em alta quando estou próximo a ela. Principalmente hoje, que é dia de apresentação nova e tenho certeza que ela deve estar em algum canto surtando.

— Ei, Laura, onde está a Clara?

— Ah, ela esta lá no estoque, surtando como sempre, mas nem me abalo, sei que quando tiver de ser, ela vai dançar e arrasar.

— Disso não tenho dúvida. — Respondi para Laura que sorria.

— Mas vai lá no estoque, ela deve estar querendo conversar, principalmente conversar com você.

Ergui uma sobrancelha, meio confuso, para a Laura. Sei que ela meio que torce para acontecer algo entre Clara e eu. E ultimamente tenho pensado tanto nela, que acho que é bem provável que aconteça. Laura sorriu e indicou o estoque com a cabeça encerrando a conversa. Fui até lá e assim que entrei, a vi sentada no sofá com os ombros tensos e de cabeça baixa. Como ela é linda. A assustei sem querer, quando interrompi uma oração que ela fazia em voz alta e me aproximei dela. Peguei a sua mão, na tentativa de acalmá-la, mas só o que eu consegui foi fazer com que o meu coração saltasse disparado, apenas por sentir o toque da mão macia dela na minha. Olhei para os seus lábios e aquela vontade de beijá-la que me atingia todas as vezes que eu ficava ao seu lado, me atingiu novamente. Das outras vezes, eu não pude beijá-la, pois estava na frente da sua filha, mas agora... Nada me impede. Vi que ela também estava afetada e senti nossa respiração acelerar, até que no instante seguinte quando eu ia beijá-la, fomos interrompidos pelo segurança que me avisou que o João estava me procurando.

Cassete! Afastei-me da Clara e vi um largo sorriso que o tal do segurança, Cassio, lançou para ela. E aquilo não me agradou nada, porque a vi retribuir. Será que eles têm alguma coisa? E eu estou aqui, esse tempo todo de idiota, achando que ela não tem ninguém. Bem, vi lá de cima do escritório, algumas vezes eles conversando quando a *Angels* estava vazia. Mas será? Não. Não

pode ser. Saí do estoque e passei bufando pelo Valmir e pedi para que ele mandasse o Cassio para o posto dele, não queria que ele ficasse sozinho com a Clara.

Subi para o escritório bufando e encontrei os outros *Angels* me esperando.

— Qual é? — Perguntei.

— Está de TPM, hoje? — Rodrigo me perguntou.

— Não, quero agilizar. E você está bem? — Perguntei para o Gu.

— Melhorando.

— Bom tê-lo de volta. — Falei e ele me respondeu com um aceno de cabeça e deu uma encarada no João. Gu estava abatido e parecia miserável. Ele realmente ama a Lívia, nunca o vi assim por mulher nenhuma.

Fizemos uma reunião rápida, decidimos o que cada um faria para manter a ordem da *Angels* hoje e em seguida desci para esperar a apresentação. Sentei no balcão do bar principal e vi a *Angels* encher enquanto eu esperava. Logo o *Dj* anunciou as anjas, fez a contagem regressiva junto com todos que estavam ali e as luzes se apagaram. Quando se acenderam novamente, lá estavam as duas, uma de costa para outra e entre fumaça e nuances de luzes brilhantes. E lá estava ela. Clara!

Gritos romperam o espaço entre palmas, assobios e os acordes da música que começava a soar nos autofalantes. Eu estava hipnotizado olhando o desenho do corpo cheio de curvas da Clara e o quadril que mais parecia uma das curvas do Oscar Niemayer, de tão perfeito e estava perfeitamente abraçado pela calça preta e justa.

As duas foram andando até o balcão, pegaram cada uma, uma garrafa de *Chandon*, como dizia na música, e começaram a fazer passos, jogar garrafas e usar a coqueteleira.

Eu só faltava babar, assim como todos os outros homens ali presentes.

Relaxa que eu quero você

Relaxa que eu quero prazer

Relaxa que a noite promete e naturalmente vai acontecer

Eu tô ficando louca, arrepiando toda

Eu tô querendo te pegar gostoso

Fazer você pirar daquele jeito

Bom, bom, bom, bom, bom...

Ela dançava provocante, passava a mão pelo corpo e eu tive certeza que era ela que eu queria naquele momento. Ela me olhou várias vezes durante a apresentação e isso me deixou louco. Ela nunca tinha me olhado antes.

Elas terminaram o número brindando com a bebida que haviam feito e a oferecendo para o público, mas o olhar da Clara pertenceu somente a mim quando ela terminou.

Clara

Saí do bar junto com a Laura, fomos ovacionadas pelo público e o bar começou a encher, outros *barmans* se colocaram a disposição e começaram a fazer diversas bebidas que os frequentadores pediam. Como sempre Laura e eu seguimos para o estoque para nos recuperarmos

e voltarmos para o atendimento. Assim que me aproximei do sofá me joguei nele. Sentia-me aliviada como se tivesse tirado das minhas costas um peso enorme.

— Pensei que não fosse conseguir. Amiga, eu estava muito nervosa. — Falei e a Laura se jogou ao meu lado.

— Eu tinha certeza que você ia arrasar como sempre. Mas falando sobre o Fernando, você o viu babando muito por você durante toda a apresentação?

— Não pira, Laura, ele só estava lá olhando para ver se estamos nos saindo bem. E do mesmo jeito que ele olhou para mim, ele te olhou também.

— Não senhora! Ele só te olhou! Até porque, se ele me olhasse dessa forma, eu já o teria arrastado para esse sofá e só Deus iria me fazer largar daquele gato.

Ri e quando ia dizer algo, um movimento na porta chamou a minha atenção e quando olhei, lá estava o Fernando nos observando.

— Já estou recuperada, vou lá ajudar os meninos no bar. — Laura falou saltando em um pulo. — Mas fica aí mais um pouco descansando o pé, Clara, você me disse que estava doendo. — Minha amiga falou em meio a uma piscada. Meu pé não estava doendo coisa nenhuma, da onde ela tirou isso?

— Você se machucou na dança, Clara? — Fernando se aproximou de mim e parecia preocupado.

— *Humm*, não. Estou bem, não se preocupe.

— Crianças... Não se comportem. E Clara, lembre-se do sofá. — Laura falou e saiu sorrindo.

— O que ela quis dizer? — Fernando perguntou.

— Não faço ideia! — Me fiz de desentendida.

Ele sentou-se ao meu lado, pegou meu pé e colocou no colo dele, enquanto eu ficava sem entender.

— Não faça essa cara de espanto, Clara. A Laura disse que seu pé estava doendo e como um bom patrão e amigo, vou fazer uma massagem para que você fique melhor.

— Não precisa, Fernando. — Tentei tirar o pé do colo dele.

— Claro que precisa. Eu insisto.

Ele ficou apertando meu pé e graças a Deus eu tinha ido à pedicure. Fiquei tensa a princípio, mas logo comecei a aproveitar a massagem e relaxar.

— Está melhor?

— *Ham?* Há sim, claro, está melhor. — Como eu sou ridícula, meu pé nem estava doendo. — Muito obrigada, Fernando! — Tirei o meu pé do colo dele.

— Fernando? Achei que tínhamos deixado claro que eu seria Nando.

Sorri.

— Nando... Ainda não tive oportunidade de te agradecer pelos passeios, por você ter tratado a minha filha com tanto carinho esses dias. Ela está muito feliz em ser sua amiga.

— E eu estou muito feliz em ser amigo dela. Não precisa agradecer, eu é quem agradeço.

Ele ficou me olhando por um tempo, mas quebrei o olhar e coloquei meus sapatos.

— Bom, deixa eu voltar para o bar que deve estar fervendo. — Falei me levantando.

— Se não estiver se sentindo bem, tire a noite de folga. Tenho certeza que o pessoal vai dar conta do bar.

— Estou bem, mas obrigada por oferecer. — Que vergonha de ficar mentindo que estou bem, quando nunca estive mal. Dei um sorriso sem graça á ele e me virei para sair.

— Espera! — Ele segurou a minha mão. — Quero dizer que adorei a *performance* de hoje, você estava incrível.

Pensei que ele fosse fazer algo mais, mas ele apenas me olhou e sorriu. Sorri para ele em resposta.

— Obrigada!

Vire-me e fui para o bar deixando-o lá me olhando.

Cheguei ao bar, que estava uma loucura, mas a Laura e os outros *barmans* não deixaram a peteca cair e mesmo corrido estavam dando conta.

As horas varam com tanta correria e quando dei por mim já era hora de fechar. O

peguete da Laura estava lá essa noite, esperando-a terminar o expediente para saírem, faziam dias que eles não saíam, na verdade desde o dia que tive um princípio de crise de pânico, a Laura evitou me deixar ir embora sozinha. Mas hoje depois de garantir mil vezes a ela que eu ficaria bem, ela disse ao *peguete* (que descobri que se chama Mateus) que poderia sair com ele.

Falei para a minha amiga ir logo, que eu terminaria de ajeitar o nosso balcão. Ela saiu me mandando beijos e dizendo que me amava, enquanto eu sorria da minha amiga louca.

Assim que terminei, fui para o estoque e todos já tinham ido. Comecei a ajeitar o armário, cantando a música da apresentação, baixinho e balançando o corpo. Fechei o armário, coloquei a bolsa no ombro, virei-me para sair e tomei um susto:

— De novo você me assustando, Fernando! — Falei colocando a mão no peito.

— Desculpa! — ele riu e veio até mim. — Estava indo embora, porque pensei que a Laura iria embora com você, mas daí, ela veio me perguntar se eu poderia te levar, porque ela tinha um compromisso e aqui estou eu. Fiquei te olhando cantar e dançar ali da porta.

— Ai, meu Deus, que vergonha!

— Estou pensando seriamente em colocar você cantando nas próximas apresentações.

— Quer espantar todos os clientes? — Ele sorria largamente da minha vergonha e eu tampei os olhos.

Ele veio até mim, puxou as mãos do meu rosto e quando ergui o olhar, ele estava sorrindo. Nossos rostos ficaram muito perto um do outro e tentei me afastar dele, mas foi em vão, assim que percebeu que eu iria me afastar, ele me segurou pela cintura, me puxou para perto dele e sussurrou no meu ouvido.

— Desde que eu te vi dançando, estou com tanta vontade de fazer uma coisa...

— O quê? — Consegui perguntar com a respiração ofegante.

Ele sorriu sabendo o efeito que estava me causando e continuou:

— Seu cheiro é tão bom, Clara. Todos esses dias que passamos juntos, eu queria te ter assim nos meus braços. Não sei o que acontece comigo quando estou perto de você. Fico assim, só querendo ficar mais perto e mais perto e mais perto. — E ele me apertou ainda mais contra seu corpo.

Ele colou o rosto dele encostado ao meu e meus olhos estavam fechados absorvendo cada palavra que ele dizia. Eu não deveria deixar isso acontecer. Eu não deveria! Eu tinha que ter autocontrole, tenho que o afastar, como eu sempre faço, mas eu simplesmente não estou conseguindo. Ele passou o nariz pela a minha bochecha e eu sentia meu peito subir e descer acompanhando a minha respiração que estava acelerada assim como a dele.

Ele foi passando o rosto devagar na lateral do meu, até que ficamos frente a frente, nariz com nariz, com uma distância mínima separando a minha boca da dele, e foi então que os lábios dele romperam a distância, encostaram-se aos meus e ele me beijou. Um beijo de início casto e calmo, mas que assim que ele viu que não o afastei ele intensificou. E eu não conseguia pará-lo, simplesmente não conseguia pará-lo! Sentia meu corpo formigando de prazer apenas com o beijo que ele estava me dando. E já fazia tanto tempo que eu não me sentia assim, por que não aproveitar? Coloquei meus braços em volta dele e o apertei, cravei as minhas unhas em suas costas. Eu o queria! Sinto que o queria desde a primeira vez que o vi aqui. Ele me agarrou pela cintura, me ergueu sentando-me sobre a mesa que estava ao nosso lado. Pude sentir que ele estava muito afim de tudo isso e eu não estava diferente. Fiquei consumida de prazer e já não era mais dona do meu corpo, nem das minhas ações. Eram muitos dias de tesão reprimido e de desejo abafado, por querer e pensar que eu não poderia começar um novo relacionamento, mas por hoje eu não pensaria nisso e me entregaria. Sim vou me entregar e fazer uma loucura, pela primeira vez na vida.

Sem tirar a minha boca da dele, peguei a bainha da camisa que ele vestia e puxei para que ele a tirasse. Ele ergueu os braços sem titubear e em seguida pude ter um rápido vislumbre daquela barriga cheia de gominhos e sexy pra caramba, que estava na minha frente. E enquanto eu ainda admirava a sua barriga, ele foi rápido e fez a mesma coisa que eu, tirando a minha blusa. Enrolou a mão no meu rabo de cavalo o puxando para baixo, deixando o meu pescoço livre, beijando-o e me deixando louca.

Estávamos perdidos um no outro, quando ouvimos uma batida na porta. Fernando separou-se de mim e pareceu estar com raiva por ter que fazer isso.

— Só um minuto! — Ele disse sério, pegou a camisa do chão e a vestiu enquanto ia até lá ver o que era.

O ouvi falando com alguém, que me pareceu ser o Valmir. Enquanto eu estava ali, parada com o rosto pegando fogo de vergonha e de falta de vergonha. Peguei a minha camisa do chão e fui colocar quando ele voltou.

— Era o Valmir e o mandei embora. Disse a ele que eu fecharia aqui.

Já estava vestida e não respondi. Estava morta de vergonha. Percebi que ele me olhava e parecia tenso então falei:

— Preciso ir embora.

— Por favor, não vá! Poderíamos continuar de onde paramos. — Olhei para ele e ele estava com cara de cachorro abandonado. Fechei os olhos soltei o ar e quando voltei a abri-los, o vi ali, lindo na minha frente e pensei: Por que não?

Acabei com a distância entre nós e coleí a minha boca na dele novamente e recomeçamos de onde tínhamos parado. Em minutos estávamos sem as camisas de novo e em seguida sem as calças e no instante seguinte eu estava nua em cima do sofá. Perdida entre as suas mãos que subiam e desciam me acariciando pelo corpo todo. Ele se afastou e me olhou inteira. Senti-me com vergonha, afinal eu não estava em forma e tenho consciência disso.

— Você é linda! — Ele falou e colocou uma mão de cada lado do meu quadril apertou e deitou sobre mim novamente.

Tentei não pensar no meu peso extra e me deixei levar (até porque era impossível pensar em qualquer outra coisa que não fosse aquele homem gostoso me beijando) Ele puxou a minha perna pela coxa, colocando-a apoiada no quadril dele e se colocando entre as minhas pernas, para em seguida me preencher e me fazer soltar um gemido de prazer.

— Faz muito tempo que eu não faço isso. — Sussurrei envergonhada.

— *Shiuuu*, você está perfeita. Você é perfeita!

Ele voltou a me beijar para que eu parasse de pensar tanto e eu parei. Entreguei-me. Eu estava entregue, de corpo alma e porque não dizer de coração.

Fernando

Meu Deus! Eu não acredito nisso. Estou no estoque da *Angels* com a Clara. Transando com a Clara. E ela é linda, irresistível e muito melhor do que eu imaginei todos esses dias. Muito melhor!

Estamos deitados, saciados e ofegantes no sofá, ela está deitada com a cabeça no meu

braço e parecendo com vergonha, preocupada. Está quieta demais.

— Você está bem? — Perguntei erguendo o queixo dela com o indicador, para que me olhasse.

— Você vai me demitir?

Sorri para ela.

— Não posso demitir uma funcionária tão boa. Literalmente boa, ótima, maravilhosa, gost... — Ela me deu um tapa me interrompendo, se levantou e me disse:

— Estou falando sério. Como vai ser nossa relação patrão/ funcionário?

— Somos bem mais que patrão/funcionário agora, Clara. Na verdade já éramos, né? Éramos amigos.

Ela me olhou sorrindo e o cabelo loiro, encaracolado dela, estava jogado de lado, meio bagunçado e a deixando ainda mais linda.

— Sim, somos. — Ela ficou séria e continuou: — Mas isso não vai se repetir.

Fiquei sério também.

— Por que não? Foi tão ruim assim?

— Foi ótimo, como nunca foi. — Ela baixou a cabeça envergonhada. — Mas eu tenho uma filha.

— E em que parte isso é um empecilho? — Perguntei franzindo a testa.

— A parte que tenho que manter os pés no chão e não sair do meu foco, que é ela.

— Sejam os francos, a gente se curte e desde o início, desde o primeiro dia que nos vimos, rola uma química, uma atração forte entre nós e não adianta negar, porque mesmo você tendo se feito de durona, eu senti. Então vamos só deixar rolar e quando estivermos a fim, se você me quiser, porque eu sempre vou querer você, a gente continua.

Ela pareceu pensar e estar em conflito, mas por fim disse:

— Tudo bem! Então seremos amigos com benefícios?

— Se é isso que você quer. Seremos o que você quiser. Faremos do seu jeito.

— Isso é estranho. Não tenho essa experiência, você sabe do meu passado e nunca foi do meu jeito, sempre fui obrigada a aceitar o que me era imposto.

Ela ficou com o olhar triste e eu só consegui pensar: onde eu acho o filho da puta do ex-marido dela para socar a cara dele?

— Mas comigo, sempre será você que manda, faço do seu jeito.

— Tudo bem. Mas a Mayara não pode saber.

— Mas você sabe que ela ficaria feliz em eu ser seu namorado, não é?

— Mas não seremos namorados, seremos amigos com benefícios.

— Ai. — Coloquei a mão no peito simulando ter levado um tiro. — Assim você quebra meu coração.

— Deixa de ser bobo!

Ela sorriu. Que sorriso lindo! E coloquei minhas mãos uma de cada lado do rosto dela e a beijei.

— Preciso ir, deve estar amanhecendo, já. — Ela falou quando a soltei.

— Vamos, eu vou te levar.

Colocamos a roupa e a beijei com vontade mais algumas vezes, a levei em casa e quando ela se virou para entrar, sorriu para mim um sorriso que acertou bem dentro do meu coração.

Cheguei em casa e caí na cama sorrindo feito um bobo. Essa mulher mexeu comigo, e enfim eu a tive inteira para mim. Debaixo daquele rosto meigo e jeitinho de menina ela é um furacão que me deixou louco. Percebi em cada toque, que ela me queria tanto quanto eu a desejava, em cada passeio da mão dela no meu corpo.

Acordei já era à tarde, com meu telefone tocando e revirei os olhos quando vi que a chamada era da casa da minha mãe.

— Fala, mãe.

— Não é a mamãe, sou eu.

— Oi, Dri.

— Maninho, mais uma vez fui designada a te dar um recado.

— Manda.

— Nossos pais vão dar um jantar hoje e pediram para eu te convidar, querem selar a paz e *batian* e *ditian* também estarão aqui.

— Tudo bem, avise a eles que eu também estarei aí. Estou com saudade da *batian*. — Como toda a colônia japonesa, chamamos nossos avós assim, de *batian* e *ditian* e minha *batian* é maravilhosa, a melhor avó que eu poderia ter.

— Impressão minha ou estou sentindo você com uma voz bem calma? Nem reclamou de ter que vir na reunião de família. — Ri. Minha irmã me conhecia tão bem que sabia reconhecer meu estado de espírito até por telefone.

— Ah Adriana, coisas boas acontecem.

— E essas coisas boas tem algo a ver com a loira?

— Tudo a ver com a loira.

Ela riu.

— Sabia! Eu vi que você estava caidinho por ela.

— Caidinho também não, irmã.

— Caidinho, sim! Você foi andar de patins com ela e a filha. Isso é coisa de namorado, e namorado apaixonadinho.

Apaixonado?

— Não pira, Adriana.

— Não estou pirando, estou constatando.

— Tá bom, olha, vou levantar e tomar um banho e logo mais a noite nos vemos no jantar.

— Combinado. Vai trazer a namorada?

Essa minha irmã não tem jeito.

— Não tenho namorada e vê se me erra, Dri! Beijos e nos vemos mais tarde.

— Beijooooosss — Ela gritou e desligou rindo.

Passei o dia todo pensando no que aconteceu entre Clara e eu e só conseguia pensar que a queria de novo nos meus braços e no que dependesse de mim isso iria acontecer em breve.

Levantei-me e comi alguma coisa, me joguei no sofá e a Clara não saía de jeito nenhum dos meus pensamentos, então decidi ligar para ela e ouvir sua voz.

— Alô. — Ela atendeu meio sem jeito.

— Oi, Clara, liguei para saber se está tudo bem.

— Sim. — Ela respondeu e ouvi um pequeno sorriso. — E você?

— Desde hoje mais cedo, estou muito melhor e contando os minutos para chegar a noite para te ver.

— Eu igual.

Senti um calafrio no estômago e uma alegria em ouvir que assim como eu, ela também tinha gostado do que aconteceu entre nós.

— Fernando, queria que você soubesse que não sou assim. Não saio fazendo sexo logo na primeira vez que beijo um homem, na verdade só tinha feito sexo com o meu marido. Não sei o que aconteceu comigo! — Ela parecia envergonhada.

— Não se preocupe, sei exatamente o que aconteceu com você. O mesmo aconteceu comigo. Atração! Me sinto completamente atraído por você desde o dia que te vi na entrevista.

Houve um silêncio e enfim ela respondeu:

— Sim.

E eu sorri.

— Fico feliz que se sinta atraída por mim.

— Eu também fico feliz que se sinta atraído por mim.

E o sorriso no meu rosto era tão largo que eu mal conseguia falar.

— Clara, eu tenho que desligar, nos falamos mais a noite. Vou chegar um pouco mais tarde, mas estarei lá. Até mais tarde, linda!

— Tudo bem, então até mais tarde, lindo!

Ficamos os dois em silêncio, mas nem um dos dois desligava. Ouvi a respiração dela acompanhada por um suspiro que parecia uma risadinha e por fim ela desligou. Fiquei olhando para o celular e sorrindo feito um bobo. O que essa mulher está fazendo comigo?

Levantei-me do sofá para fazer algumas ligações relacionadas à *Angels*, e então me preparar para o jantar em família, mas antes de qualquer coisa, acabei de ter uma ideia. Preciso ligar para um certo lugar e fazer uma surpresa, para uma certa pessoa.



Cheguei á casa dos meus pais atrasado e todos já estavam lá. Meus pais, a *Dri*, *batian* e *ditian*. Meus avós tinham a cabeça branquinha e rugas de sabedoria. Meu vô tinha um olhar carrancudo e minha vó uma carinha sorridente, os olhinhos puxados quando ela sorria quase se fechavam por completo. Cumprimentei a todos e meu avô começou a conversar comigo:

— Como você está, Nando?

— Estou bem, *ditian*. E o senhor?

— Estou bem. Ainda trabalhando muito, não vejo a hora de você assumir o cargo de presidente da empresa, para eu e seu pai descansarmos.

Fiquei em silêncio e só assenti.

— Mas o menino ainda é muito novo para assumir a empresa e além do mais, ele já tem o trabalho dele. — Minha vó intercedeu por mim e eu pisquei para ela por sempre me defender.

— Aquilo nem pode ser chamado de trabalho é mais um passatempo, mas nada que um bom casamento não o faça crescer e mudar de vida. E falando nisso, Fernando, como anda a Fabi?

Meu vô não sabia ser nada sutil.

— Acho que está bem, *Ditian*.

— Acha? O pai dela disse que vocês têm saído muito juntos esses dias. — Meu avô estava me pressionando e estou começando a não gostar disso.

— Saímos como amigos. E nem foi tanto assim.

— Deixa o menino, Seiji. Os jovens não são como nós, que não nos conhecíamos e nos

casamos. Hoje o mundo é diferente.

— Mas pelo bem da tradição não deveria ser.

Revirei os olhos para a minha irmã que estava do outro lado do sofá, mas fui pego em flagrante pelo meu pai, que viu o meu gesto e balançou a cabeça em negativa.

Jantamos, e durante todo o jantar o assunto que prevaleceu foi ou sobre a minha solteirice, ou sobre a empresa da família que eu tinha que tomar conta, ou sobre o meu casamento que tinha que sair o mais rápido possível e esses assuntos eram sobre os quais, eu não queria falar nem com meus pais, nem com os meus avós, nem com ninguém. Mudei de assunto o quanto eu pude, porque se eles insistissem nisso eu teria de ser grosso e minha educação não permite que eu seja grosso com os mais velhos.

Quando voltamos para sala e estávamos tomando um chá depois do jantar, eis que meu avô solta o verdadeiro motivo desse jantar:

— Fernando, na verdade eu que pedi para seu pai providenciar essa reunião em família, para decidirmos o seu futuro.

— E como seria essa decisão?

— Você vai se casar com a Fabiana. Todos os seus antepassados seguiram a linhagem e se casaram em benefício da família e com você não será diferente.

— Os meus pais não se casaram.

— Filho, isso não está em questão. — Minha mãe se intrometeu na conversa.

— Quando a história é com vocês não está em questão, não é? Mas o que não está em questão aqui é a minha vida pessoal. Eu não vou me casar com ninguém a não ser que eu a ame. O que não é o caso da Fabiana.

— Mas a Fabiana já aceitou o acordo, só falta você aceitar e enfim aceitar o seu futuro.

O quê?

— Ela não pode ter aceitado. E *Ditian*, o meu futuro está mais do que decidido, eu tenho a *Angels*. E é lá que vou ficar, porque ao contrário do que pensam, lá é sim um trabalho. O meu trabalho! — Falei alto e grosseiro com meu avô.

Meu pai fechou a cara para mim e falou:

— Fernando, você não pode falar assim com seu *ditian*.

— Deixem o menino, vocês todos! — Minha avó tentou interceder por mim, mas eu já estava possesso.

— Eu posso! Vocês estão tentando decidir a minha vida, sem pensar em mim e só pensando em benefício de vocês e da empresa.

Levantei-me para sair e quando estava chegando à porta ouvi meu avô dar um grito abafado e quando me virei para ver o que foi, vi minha mãe, minha vó, minha irmã em cima dele e ele com a mão no peito, tentando respirar com dificuldade.

Capítulo oito

Clara

Não acredito no que eu fiz! Eu transei com o meu chefe!

Eu sou uma pervertida! Mas foi tão bom, e nunca beijei um homem e transei com ele em seguida. Mas com o Fernando é tudo diferente, desde o início é uma atração inexplicável.

— Que sorriso é esse no seu rosto, dona Clara? — Laura entrou no quarto e me tirou dos meus pensamentos pervertidos.

Sentei-me com as pernas cruzadas e olhei para ela com o rosto iluminado com o maior sorriso do mundo.

— Eu transei com o Fernando. — Tampei os olhos de vergonha.

— Mentiraaa! Conte-me tudo agora. Mas vocês já estavam saindo e você não me contou?

Tirei a mão do rosto, olhei para ela com vergonha e comecei a contar:

— Não. Nem tínhamos nos beijado, mas todas as vezes que ficávamos juntos, um clima estranho pairava entre nós e tínhamos que nos separar, na verdade eu sempre colocava a distância entre nós. Mas hoje mais cedo, estávamos sozinhos e o clima esquentou e eu não me reconheci, o ataquei e aconteceu.

— E foi bom?

— Se foi bom? Foi ótimo, nunca senti algo assim, esse frio na barriga, essa impulsividade de não conseguir me controlar, esse frenesi todo que sinto desde a primeira vez que o vi.

— *Arrahhh* e você me dizia que não sentia nada, não é sua louca?

— Não sei o que sinto, amiga, estou confusa. Ainda sofro com o medo do Jeferson voltar e tem a Mayara e...

— Ei, espera aí, o que tem a Mayara? Ela não vai te impedir de fazer nada. E pelo que eu posso ver, ela e o Fernando se dão super bem.

— Sim, eles se dão, mas...

— Mas nada, vai ser feliz e para de ficar caçando assunto onde não tem.

Sorri para ela.

— Tá bom, Tá bom, mandona!

— E hoje tem *repeteco*? — Ela apoiou o queixo no punho como se tivesse vendo uma novela.

— Não sei. Não deixamos nada certo, mas acho que ele gostou também, porque me ligou hoje.

— Ele te ligou? — Ela perguntou com a sobrancelha arqueada.

— Sim. — Respondi sem entender o espanto.

— Pois amiga, ele deve estar caidinho mesmo. Os *Angels* não são assim. Eles não são do tipo que ligam, eles são do tipo que pegam e já era. O mais romântico deles era o Gustavo e já sabemos que ele está fora de circulação e sofrendo pela prima.

— Bom, o Fernando me ligou, não sei o que isso quer dizer, só sei que ele me ligou.

— Isso quer dizer tanta coisa!

Fomos interrompidas pela Mayara que entrou no quarto correndo, com os olhinhos arregalados.

— Mãe, tem um rapaz lá fora segurando um buquê enorme de rosas e tá perguntando por você.

Saí em direção à porta e dei de cara com um entregador sorridente e bem vestido.

— Boa tarde, você é Clara Siqueira?

— Sim, sou eu.

— Tenho uma entrega para você o cartão está no buquê. Assine aqui, por favor?

Ele me entregou uma prancheta e assinei o recebimento da entrega. Eu estava meio sem jeito, mas o sorriso não saía do meu rosto.

— Obrigado! — Ele me disse sorrindo e me entregou o buquê gigantesco de rosas vermelhas.

Virei-me para entrar e na porta de entrada, Mayara e Laura me olhavam com o maior sorriso do mundo em seus rostos.

— Tá namorando! Tá namorando! Tá namorando!

As duas começaram a cantar e bater palmas. Passei por elas, entrei em casa, coloquei o buquê sobre a mesa e tirei o envelope que ao invés de um cartão tinha uma folha dobrada. Abri e comecei a ler.

“Quando as palavras fogem, as flores falam”

Bruce W. Currie

Obs: Fiquei um bom tempo olhando para o cartão pensando o que eu escreveria, enfim achei esse trecho na internet e achei perfeito, mas agora pensei em algo.

“Para aquela que ilumina as minhas noites e é mais quente que o sol da manhã!”

Obs 2: Tentei fazer um poema, mas ficou horrível. Então, em poucas palavras o que quero dizer é que desde que você apareceu na Angels você faz das minhas noites mais iluminadas e essa manhã foi a melhor e mais quente de toda a minha vida.

Um grande beijo

Fernando

Dobrei a folha rindo feito uma boba, ergui o olhar e encontrei dois pares de olhos me encarando.

— O que foi? — Perguntei para a Laura e para Mayara.

— Quem enviou, mamãe?

— O tio Nando. — Respondi meio sem jeito.

— Mamãe tá namorando com o tio Nando? — May perguntou olhando para a Laura como se ela fosse responder a verdade e eu não.

— Mamãe tá namorando com o tio Nando. — Laura afirmou para Mayara sorrindo.

E as duas começaram a cantar: “A mamãe tá namorando, a mamãe tá namorando...”.

— Parem as duas, não estou namorando nada, o Fernando só me enviou essas flores porque somos amigos.

— Amigos de foda! — Laura sussurrou para que só eu ouvisse.

— O que é amigos de foca, mãe? — Mas claro que a May ouviu.

Engasguei, a Laura soltou uma sonora gargalhada e claro que eu olhei feio para ela.

— Explica você, agora. — Falei rangendo os dentes e tentando não rir.

— São amigos que brincam juntos, sabe May? Porque as focas são muito brincalhonas.

— Ah entendi! — Ela desfez a carinha de dúvida e abriu um sorriso. — A mamãe e o tio Nando têm brincado bastante mesmo.

— Ô se tem! Você não faz ideia, Mayzinha, o quanto eles brincaram hoje.

— Cala a boca, Laura!

— Mãe, vocês brincaram hoje e nem me levaram?

A Laura deu outra gargalhada enorme e riu sem parar até sair lágrimas dos olhos. Olhei feio para ela e falhei completamente na minha braveza, começando a rir com ela sem parar e a May nos seguiu inocente, rindo também, mesmo sem entender nada. Quando o ataque de riso

passou a Laura nos olhou e disse:

— Ai, eu amo vocês, amo ter vocês aqui!

— Nós também te amamos, tia Laura. — Ela deu um beijo na cabeça da May.

— E eu amo você, por ter me salvado. — Falei substituindo as lágrimas da gargalhada pelas lágrimas de agradecimento, mas ainda assim sorrindo.

— Bom, agora vai colocar essas rosas lindas em um vaso, amiga. E May, eles não te levaram porque eles brincaram no trabalho e lá não pode entrar criança.

— Ah tá, tia, entendi!

— Você me faz passar por cada uma... — Falei para a Laura e fui em direção à cozinha pegar um vaso para colocar as rosas.

Peguei meu celular e enviei uma mensagem para o Fernando:

“Obrigada pelas rosas e pela... Carta? Adorei poeta! E quanto a nossa manhã... Também foi a mais quente da minha vida!”

Ele me respondeu quase que imediatamente:

“Aguardando ansiosamente pela próxima;)”

Senti um calafrio subir pelo meu corpo e mais uma vez lá estava eu: com um sorriso bobo no rosto e sendo flagrada pela Mayara e a Laura que me olhavam de longe e sorriam comigo.

Fernando

Estávamos todos da família, sentados, na sala de espera do hospital, todos me olhavam como se eu fosse o culpado por estarmos ali. Apenas a Adriana me olhava com compaixão e tentava passar com o olhar a calma e o sentimento de que nada daquilo era culpa minha.

Já não estava aguentando os olhares acusadores, até que o médico chegou e anunciou que meu avô teve um princípio de infarto, mas que estava bem. E todo e qualquer aborrecimento deveria ser evitado, e mais uma vez todos os olhares se voltaram contra mim. Virei-me para ir embora sem nem ao menos dizer tchau para ninguém. Estou me sentindo péssimo, não quero fazer mal ao meu avô, mas me recuso a aceitar esse combinado que eles estão me propondo, porque além de mudar a minha vida pessoal, eles querem que eu mude minha vida profissional.

Fui para casa frustrado e com raiva, já eram mais de meia noite e decidi ligar para os caras e avisar que não iria a *Angels* hoje. Deitei-me na minha cama e fiquei pensando que merda foi essa noite. Mandeí uma mensagem para a minha irmã perguntando como estava o vovô e ela me respondeu de imediato, falando que ele estava bem, que nem parecia ter acontecido nada com ele. Que bom!

Deitei na minha cama e após receber a notícia que meu avô estava bem, me peguei pensando na Clara em meus braços e de repente era isso que eu mais queria agora. Pensei o quanto ela parecia frágil e forte ao mesmo tempo. Aquele rosto delicado me fazia pensar que eu sempre deveria estar ao lado dela para protegê-la. Lembrei-me da visão que tive do corpo dela nu, deitado de lado e encostando-se ao meu. Como ela era linda.

Ela tentou esconder o corpo de mim diversas vezes, por vergonha, falta de costume, não sei. Só sei que ela não tinha noção de que não deveria ter vergonha daquele corpo tão lindo e perfeito. Só de pensar já fiquei louco e decidi que iria a *Angels* sim. Precisava vê-la.

Arrumei-me e saí, quando dei por mim já estava sentado em um banco alto, em frente ao balcão dela, encarando-a enquanto ela fazia uma bebida e conversava sorrindo com um cliente. Ela ainda não tinha me visto e isso me dava alguns minutos de liberdade para admirá-la, sem que ela se fechasse como sempre fazia e ficasse toda tímida. Fui tirado do transe que a Clara me causava, quando uma mão passou no meu queixo.

— Ei mano, segura a baba porque está molhando todo o balcão. — Rodrigo me falou.

— Ah cuida da sua vida, cara!

— Cuidado, você vai ficar caidinho pela Clara e vê se não vai transar com ela ou vamos ter que responder um processo por assédio, depois.

Fiquei em silêncio e só sorri olhando para ela.

— Não! Não vai me dizer que vocês dois já...

— Já! Mas prefiro que você mantenha a matraca fechada. Ela é muito tímida e não vai querer que ninguém saiba. — O interrompi.

Ele deu uma gargalhada.

— Não acredito, cara, faz tão pouco tempo que ela está aqui e você já está assim, babando por ela?

— E quem pode me culpar? Olha pra ela. Ela é uma deusa!

No instante em que falei e a olhamos, ela jogou a coqueteleira para cima e a pegou.

— Tem razão, ela é uma deusa!

Dei um tapa na cabeça do Rodrigo.

— Tira o olho. — Falei sério — E pensar que a minha família quer que eu case por convenções e tradições e eu posso perder tudo isso. — Continuei falando sem tirar o olho dela.

— Casar? Como assim?

— Ah! Longa história cara, mas resumindo, tenho que casar com alguém da colônia japonesa e me tornar o presidente da empresa da família. E no caso esse alguém da colônia japonesa é a Fabiana, minha ex.

— *Eita* porra! Que foda! Coisa de novela mexicana *issaê*, ou melhor, novela japonesa. — ele riu da própria piada e tive que rir desse palhaço.

— Nem me fale...

No momento em que eu disse isso, ela olhou para mim e me lançou um sorriso lindo que me fez esquecer todo o resto e eu pisquei para ela em resposta. Clara terminou de atender o cliente e veio em minha direção.

— Oi, rapazes, querem beber algo?

— Quero um beijo na boca. — Rodrigo falou sorrindo e eu o fuzilei com o olhar.

— Com *Halls* e morango? — Ela perguntou meio sem jeito.

— Sim, completo.

Ela saiu para fazer o drink e me deixou a sós com o Rodrigo novamente.

— Você só pode estar querendo morrer. — Falei bravo.

— Mano, vocês ficam muito idiotas quando estão apaixonados, primeiro o Gu e agora você.

— Vou ser bem sincero com você, nunca senti por mulher nenhuma o que sinto pela Clara, não tenho certeza se estou apaixonado, ainda, mas já a considero minha e isso não te dá o direito de pedir um beijo na boca pra ela.

— Era só uma bebida! — Ele disse e gargalhou.

— Acho bom, e acho melhor você nem pensar em chegar perto dela.

— *Xiiiiii*, está apaixonado mesmo. — Ele ria.

— E você, não? Pensa que eu não sei desse seu rolo com a Samira?

— Ah deixa quieto isso aí.

Nesse momento a Clara voltou e entregou o *drink* do Rodrigo.

— Prontinho. — Que sorriso lindo!

— Clara, não quero fazer desfeita, mas vou deixar a bebida aqui para o Fernando, que ele estava aqui me falando que está louco pelo seu beijo na boca.

Rodrigo disse isso e saiu dando risada e me deixando a sós com ela.

— Está mesmo? — Ela me perguntou sem jeito.

— Sim, estou, minha boca está seca. — Olhei para os lábios dela e ela ficou vermelha.

Ela olhou em volta sem jeito e limpou a garganta.

— Bom, preciso te agradecer pessoalmente pelas rosas. Obrigada! Nunca tinha ganhado rosas antes. — Ela mudou de assunto.

— Não há do que agradecer. Desculpa pela carta, não sou bom com palavras.

— Pois eu te achei ótimo. Adorei cada palavra.

Ela ficou me olhando e vi um sorriso tímido em seu rosto.

— Clara, você podia me ensinar a ser *barman*, ainda fico bobo quando vejo o que você pode fazer com a coqueteleira. — Mudei de assunto para que ela não ficasse com vergonha.

— Ah! Eu sou tão desastrada, que também fico boba quando me vejo fazendo essas coisas. É como dizem: a necessidade faz o sapo pular. — Ela deu de ombros.

— Fico feliz pela sua necessidade te trazer aqui ou eu nunca teria te conhecido.

— Verdade. — Um cliente interrompeu nossa conversa e ela parou de me olhar para atendê-lo. Minutos depois quando a bebida já estava pronta, ela entregou ao cliente, mas antes de pegar, ele segurou a mão dela, sorriu, entregou um cartão e se virou sentido a pista de dança, mas antes lhe lançou uma piscada. Clara olhou o cartão, me mostrou sorrindo e com a sobrancelha arqueada.

No cartão estava escrito: “Posso te levar para casa, hoje?” e um número de telefone.

Ela pareceu ficar meio sem jeito.

Pedi uma caneta a ela, peguei o cartão e escrevi: Nem fodendo! Ela me olhou com a boca aberta. Eu me levantei e me dirigi até onde o cara estava. Cutuquei o ombro dele e entreguei o cartão. Dei uns tapinhas nas suas costas e o deixei me olhando sem entender, enquanto eu me dirigia de volta para o balcão.

— Você é louco? — Ela sorria largamente. — Ele é cliente e você é dono da *Angels*, não pode fazer isso!

— Exatamente por eu ser dono, é que eu posso.

Ela sorriu e balançou a cabeça em negativa.

— Você realmente é louco!

— Sou, e você não faz ideia do quanto estou louco.

Ela deu uma risadinha tímida, colocou os cotovelos sobre o balcão e apoiou o queixo sobre o punho e disse:

— Ah é? Então me conta.

— Contar? Não. Logo mais vou te mostrar. — Dei um beijo na testa dela e subi para o

escritório enquanto ela me olhava com um sorriso no rosto.

Passei o resto das horas até a *Angels* fechar, lá em cima, olhando pelo vidro do escritório, em que eu a via e ela não me via, tomando conta de cada movimento dela e admirando o quanto ela era linda.

Clara

Já está quase na hora de irmos embora e ainda estou com um sorriso no rosto que não consigo controlar, desde que o Fernando fez uma pequena cena de ciúme aqui no bar. Bom, na verdade, não sei se foi ciúme ou ele estava apenas garantindo que ninguém mais desse em cima da amiga/funcionária de foca dele, como diz a Mayara.

— Achei fofo, ele com ciúmes. — Laura disse com as mãos espalmadas na bochecha.

— Ele não estava com ciúmes e também não deveria ter feito isso. Aquele rapaz é cliente e ele é o dono.

— Como ele mesmo disse: exatamente por ser ele, o dono, pode fazer isso sim. — Ela piscou para mim. — Vou embora com o Mateus, o Fernando vai te levar hoje?

— Não sei, ele não me...

— Claro que vou, posso? — Fernando apareceu do nada atrás de mim e me interrompeu.

— Ah, claro... É... Por favor, se não for te atrapalhar. — Gaguejei um pouco, por ter sido pega de surpresa e continuei. — Porque acho que a Laura vai embora acompanhada hoje de novo. — Apontei com o queixo para o outro lado do balcão, onde a Laura conversava com o Mateus.

— Será um prazer te levar.

Sorri para ele em resposta e comecei a organizar meu balcão. Ele ficou me olhando e eu já estava ficando sem jeito, com aqueles olhos sobre mim, até que o João o chamou e ele foi até o estoque.

O *dj* tocou a última música e a casa se esvaziou. Laura me deu um beijo e foi embora

depois de arrumar tudo e se certificar de que o Fernando me levaria. Amo essa minha amiga.

Quando não restava mais ninguém, fui até meu armário peguei a minha bolsa e quando me virei, lá estava ele, lindo, com os braços cruzados na frente do peito e me esperando encostado ao batente da porta. Fernando!

— Vamos? — Me perguntou com um sorriso perfeito, que até senti meu corpo estremecer.

— Vamos!

Passei por ele e segui para a saída. Quando passamos pela porta da *Angels*, quem estava lá essa noite era o Cassio e então o cumprimentei sorrindo:

— Boa noite, Cassio! Bom resto de trabalho.

— Obrigada, Clarinha, bom descanso! Boa noite, Fernando!

— Boa noite! — O Fernando respondeu seco e com uma cara de bravo que ainda não tinha o visto fazer.

Em seguida ele pegou a minha mão e entrelaçou nossos dedos como se quisesse mostrar para o Cassio que eu estava com ele. Seguimos para o carro e evitei olhar para trás, o Cassio saberia que eu estava transando com o chefe. Quando entramos no carro, ele se virou de frente para mim e me perguntou:

— Tenho reparado que o Cassio vive tentando te agradar e conversar com você. Você e ele têm ou tiveram alguma coisa?

— O Cassio? Não! — Fiquei sem entender a pergunta, porque eu e Cassio éramos amigos, mas nunca tivemos nada.

— Que bom.

Ele colocou as mãos uma de cada lado do meu rosto e me puxou para um beijo que tirou o meu fôlego. A língua dele passeava pela minha boca, enquanto a mão desceu do meu rosto para a minha cintura, me apertou e não consegui reprimir um gemido que saiu pela minha boca. Ele se afastou de mim, me olhou e me disse sorrindo:

— Vamos? — Eu só assenti e olhei para fora da janela. Eu estava sem ar. — Porque se eu continuar te beijando no carro, eu não respondo por mim.

Olhei para ele e sorri sem jeito.

— É meio tarde para conversarmos sobre isso, mas também preciso saber. Você tem alguém?

— Não. Sozinho na pista. — Ele piscou para mim e me deu um sorriso sem jeito.

Seguimos com o carro e ele pegou a estrada contrária de onde eu morava.

— Para onde estamos indo? — Perguntei.

— Surpresa! — Ele pegou a minha mão, levou até a boca e deu um beijo.

Continuamos seguindo com o carro e logo comecei a ver as curvas da serra do mar. Andamos mais alguns quilômetros e chegamos ao topo onde tinha um recuo, com um monumento que lembrava um pinga d'água. Ele parou o carro e descemos. Fomos andando até pararmos de frente para um abismo que ao longe víamos o mar e o sol que estava começando a nascer.

Ele me puxou para frente dele e colocou os braços a minha volta. Fernando era mais alto que eu, então a boca dele ficava na altura da minha orelha. O sol dava seu espetáculo ao longe, enquanto nós estávamos ali, abraçados. Fechei meus olhos e senti a brisa fresca do início da primavera cortar meu rosto. Meu coração batia acelerado pelo contato do corpo dele no meu. E então ele sussurrou no meu ouvido, me apertando ainda mais contra seu corpo.

— Você me faz ficar em paz.

— E você faz com que eu me sinta protegida.

— O que eu mais quero desde que te conheci, além de beijar a sua boca, é te proteger.

Sorri e senti o peito dele trepidar, o que me dizia que ele estava sorrindo também.

— Você sabe que devemos parar com isso antes que um de nós possa sair machucado, né?

— Não pretendo acabar com nada.

— Mas deveríamos, eu sou muito complicada pra você, tenho um passado complicado.

Ele me virou de frente para ele.

— Seu passado não me interessa, na verdade só me interessa se for para eu dar um soco bem no meio da cara do seu ex. Nesse momento só me interessa o futuro que eu quero construir com você.

Ai, meu Deus!

— Eu sou sua funcionária.

— Sei separar bem as coisas.

— Eu tenho uma filha.

— Que não é empecilho nenhum e eu adoro. Ah e tenho certeza que ela me adora também.

Eu sorri.

— Sim, ela é sua fã número um. Por culpa da Laura, ela já acha que estamos namorando. — revirei os olhos. — Mas eu não quero confirmar nada a ela, até porque não tem nada acontecendo entre nós. Bom, nada sério pelo menos, né? — Falei sem jeito.

Ele ficou me olhando nos olhos e eu estava presa nos braços dele.

— Para de colocar empecilhos entre nós dois!

— Não é empecilho é só que...

— Quer namorar comigo? — Me disse sério e eu quase acreditei.

Desvencilhei-me dos braços dele e dei alguns passos até chegar à beirada do precipício.

— Não brinca assim, Fernando. Além de que combinamos que seríamos somente amigos com benefícios.

— Sei que ontem prometi fazer do seu jeito e sermos somente amigos com benefícios, mas ver outros caras dando em cima de você hoje, me mostrou que esse negócio de amigos não vai rolar.

Virei-me para ele.

— Mas nós ainda estamos nos conhecendo. E nos conhecemos tão pouco para já começarmos um namoro.

— Mas eu ficaria, mais feliz se te conhecesse enquanto namorássemos. Não é isso que dizem? Que o namoro é a fase em que os casais se conhecem? Então... Quer namorar comigo?

— Mesmo com todos os contras que eu coloquei?

— Sim. Quer namorar comigo?

— E nos beijamos pela primeira vez ontem, ainda assim você quer me namorar?

— Sim, você tem muito mais a seu favor, você é totalmente pró. Além de que o nosso primeiro beijo ontem, foi o primeiro beijo mais completo, mais intenso, mais perfeito que já dei.

Sorri com vergonha e fiquei em silêncio olhando para o chão. Ele ergueu meu queixo com o indicador e me fez olhar nos olhos dele.

— Quer namorar comigo?

— Você tem certeza?

— Absoluta!

Eu pensei, olhei dentro dos seus olhos e depois de soltar um suspiro seguido de um sorriso falei:

— Sim.

Ele me ergueu pela cintura, me beijou intensamente e disse quando nos separamos.

— Meu Deus, como é difícil arrancar um sim de você. Achei que iria me fazer implorar.

— Estava esperando que você se ajoelhasse e fizesse como nos contos de fadas.

— No pedido de namoro ainda não, estou guardando esse trunfo para o pedido de casamento. — Arregalei os olhos para ele e ia dizer algo, mas ele continuou — Não surta, Clara, só estou brincando.

Eu sorri em resposta e o beijei. Mas acho que eu bem queria que fosse verdade.

Capítulo nove

Fernando

Eu estou namorando! Eu que jurei para mim mesmo, que depois da Fabiana eu não iria mais namorar ninguém, mas aí a Clara apareceu e estou namorando.

Levei-a até em casa e fui para a minha com um sorriso bobo no rosto. Por mim eu ficaria com ela o resto do dia, mas entendo que hoje por ser domingo, ela ficaria o dia todo com a filha.

Cheguei em casa, dormi, mas resolvi acordar um pouco mais cedo e ir almoçar na casa dos meus pais, para saber como estava a saúde do meu avô. Quando cheguei lá, meu avô e minha avó também estavam para o almoço. Tentei ser o mais amável possível e tratar a todos com carinho, não queria estressar a minha família.

O almoço correu perfeitamente bem, ninguém parecia lembrar que o mal estar do meu avô aconteceu por minha causa. Mas correu bem até o momento que meu pai me chamou no escritório.

— Entre, Fernando. — Ele me disse assim que eu coloquei a cabeça porta adentro. — Te chamei aqui para conversar sério com você, de homem para homem.

Sentei-me de frente para o meu pai e o encarei.

— Pode falar pai, mas se for sobre...

— Sim, é sobre o casamento e agora mais do que nunca, você vai ter que aceitar. Seu avô enfartou por conta dessas suas rebeldias. — Meu pai me interrompeu.

— Não é rebeldia, pai, é a minha vida, é o meu futuro.

— Deixa de ser egoísta e para de pensar só em você, Fernando.

— E se eu não pensar em mim, quem vai pensar?

— Seu avô pode morrer de desgosto e a culpa vai ser completamente sua. — ele falou alto, mas depois assumiu novamente a calma oriental e continuou. — Filho eu amava a sua mãe quando me casei, meu pai não aceitou o casamento de início e eu quase fui deserdado, mesmo ainda amando a sua mãe, hoje me arrependo de ter sido tão impulsivo e agido de forma negligente com a empresa da família, então conto com você para assumir o papel que era para ter sido meu.

— Pai, o senhor está vendo como tudo isso é ridículo?

— Não tem nada de ridículo em tradições.

— Mas o senhor não cumpriu.

— E me arrependo disso. Não quero que passe pelo mesmo arrependimento. Case e pelo menos tente. Dê esse orgulho ao seu avô. Ou você quer ser responsável pela morte dele por desgosto? A sua última malcriação já deu a ele um infarto de presente.

Fiquei em silêncio, passei a mão pelo cabelo e esfreguei os olhos. Eu estava em um beco sem saída. E se eu continuasse negando o casamento e isso fizesse com que meu avô morresse? Eu nunca iria me perdoar. E se eu aceitasse? Eu teria que terminar com a Clara. Eu não quero isso. Não faz nem um dia que estamos namorando.

— A Fabiana não vai querer esse casamento. — Falei de cabeça baixa.

— Como eu te disse, os pais dela já a convenceram. Ela está de perfeito acordo.

Fiquei de cabeça baixa. Eu não posso aceitar isso. Eu não posso aceitar jogar a minha vida na lata do lixo por conta de uma tradição. Eu vou ser infeliz. Mas também não posso permitir que por minha causa o meu avô morra. Ele é meu *ditian*, sempre me pegou no colo e cuidou de mim, desde bebê. No momento em que eu estava de cabeça baixa pensando, meu avô abriu a porta do escritório e entrou me tirando da minha dúvida.

— Filho, você pode me levar para o meu médico de novo, estou sentindo uma dor no peito meio estranha.

Meu pai se levantou rapidamente e se dirigiu a saída guiando meu avô pelo braço. Antes que eles saíssem falei:

— *Ditian*, aguenta as pontas, que quero o senhor no meu casamento com a Fabi.

Tanto meu pai, quanto o meu avô abriram um sorriso enorme para mim e me felicitaram

pela escolha, chamaram o resto da família, que entraram no escritório em seguida e ouviram a novidade contada pelo meu avô que já não sentia mais nada. Minha irmã e minha avó me olhavam com tristeza, já a minha mãe me olhava como se enfim tivesse tirado um peso das costas.

— Vou me casar e assumir a empresa, mas isso durante o dia, à noite continuo na *Angels*.

— Continuei e vi as feições mudarem.

— Vamos precisar de você em tempo integral, Fernando. — Meu pai disse sério.

— Sem chance, pai. Não abro mão da *Angels*. Eu me viro e faço os dois serviços, mas a *Angels* eu não largo.

— Ei, deixem o menino. Ele já vai fazer duas coisas que vocês querem, se contentem com isso. — Minha avó me defendeu e eu sorri sem vontade para ela em resposta.

— Tudo bem, mas vamos acelerar esse casamento, então. — Meu pai disse e tenho certeza que a pressa é por medo de eu desistir de aceitar essa ideia idiota.

Certifiquei-me de que meu avô estava bem, dei tchau á todos e fui embora. Fui o caminho todo pensando em como iria contar isso para a Clara. Como contaria para a mulher que pedi em namoro, que eu não poderia namorá-la porque vou me casar com outra?

Caralho!

Soquei o volante com raiva e machuquei o meu pulso que começou a latejar, mas é bom, pelo menos a dor vai me dar outra coisa para pensar que não seja essa situação ridícula. Preciso resolver isso. Mas não quero terminar com a Clara, gosto tanto dela, como nunca gostei de ninguém. Mas eu preciso. Pela saúde do meu avô eu preciso.

Clara

O Fernando me deixou em frente a casa da Laura já passavam das sete horas da manhã e assim que ele sumiu do meu campo de visão, eu fechei o portão, saí correndo, abri a porta da sala e encontrei a Mayara sentada no sofá e a dona Regina fazendo café na cozinha. Dona Regina me fazia o favor de trazer a Mayara cedo no sábado e no domingo, já que ela não tinha escola. Tentei por diversas vezes pagá-la para cuidar da minha filha, mas ela se negava e dizia que para ela, a minha May era como neta.

Assim que elas me viram, o sorriso enorme que estava no meu rosto, entregou a felicidade que eu estava sentindo, o sorriso refletiu nos rostos delas e assim elas me sorriram também em resposta.

— Parece que alguém viu o passarinho verde. — Dona Regina disse colocando o café sobre a mesa.

— Mamãe, você tá feliz?

Corri para o sofá e me joguei ao lado da minha filha.

— Sim, estou feliz, muito feliz, como nunca estive. — Falei e comecei a fazer cócegas na May, que ria como um anjinho e era o som mais lindo da minha vida. — E não vi passarinho verde, não, dona Regina.

Dona Regina me sorriu em resposta.

— Aposto que o sorriso é por causa do amigo de foca dela, vó Regina. — Mayara falou e a mãe da minha amiga, me olhou com olhar questionador.

— Coisa da Laura, isso, nem queira saber.

— Minha filha Laura e sua boca aberta, acho que já entendi tudo. — Fiquei vermelha e tentei disfarçar, mas ela continuou — não se envergonhe minha filha, você é jovem e já passou por sofrimentos demais na vida. Merece ser feliz! — Sorri em resposta e a porta se abriu, deixando uma Laura destruída entrar.

— *Eita*, amiga! Um trem passou em cima de você? — Perguntei.

— Não, mas você já viu o tamanho do Mateus? Ele pesa e só posso dizer que o meu início de dia foi produtivo.

— Informação demais, filha, não se esqueça de que para mim você ainda é uma bebê.

— Dona Regina gritou da cozinha e a Laura revirou os olhos.

— E você? Teve *repeteco*?

— *Repeteco*, não. Mas eu fui pedida em namoro!

— O quê? Que *pepeca* doce é essa que um *Angel* prova uma vez e já te pede em namoro?

— Cala a boca, Laura! — Falei rindo para a minha amiga e apontei para a Mayara que estava vendo TV, agora alheia a nossa conversa. — Bom, na verdade, vamos nos conhecer enquanto namoramos, tentei de todo jeito fazê-lo mudar de ideia, mas ele foi muito persuasivo.

— Imagino o quanto!

— Não tem nada a ver com sexo, mas ele foi muito romântico. Nunca me trataram como ele me trata. Nem o Jeferson na nossa época de namoro, antes de ele virar sapo, era assim.

— Você está feliz?

— Nunca estive tão feliz.

— Você está apaixonada por ele, né?

— Ai amiga, há muito tempo não sei o que é me sentir assim, mas acho que estou sim. Não tenho por que esconder isso de você, mas estou com medo. Muito medo!

Laura pegou a minha mão, apertou e sorriu para mim.

— Clarinha, pode ser que não dê certo, pode ser que você sofra, mas você não vai saber se não tentar. Seja feliz e assuma os riscos. Se você sofrer estarei aqui para enxugar suas lágrimas e te ajudar a dar um chute na bunda dele. E se der certo, serei sua madrinha e estarei lá, linda no altar.

Pisquei para não chorar.

— Posso viver mil vidas e nunca agradecerei o bastante por tudo que você fez e faz por mim e minha filha. Obrigada!

— Deixa de ser boba, sei que faria o mesmo por mim. E olha só... Ela está namorando.

— Mamãe tá mesmo namorando com o tio Nando? — Mayara se voltou para a nossa

conversa e perguntou sorrindo.

— Sim, filha, estou! — Eu não queria contar para ela, mas a May me perguntou tão feliz que resolvi que contaria.

— Ebaaaa. Mamãe tá namorando... Mamãe tá namorando... — E ela e a Laura começaram de novo com a cantiga característica.

Eu sorria e dona Regina também sorria me olhando.

— Tá bom, Tá bom... Já podem parar! — Falei rindo e indo para a cozinha.

As duas vieram atrás de mim e juntas continuaram com a cantoria até terminarmos em risos e um brinde com café.

Não sei se estou fazendo certo ou errado, mas é arriscando errar que posso acertar. E espero de coração que o Fernando seja um acerto em minha vida, estou cansada de sofrer por escolhas erradas.

Fernando

Marcamos uma reunião hoje na *Angels*, com todos os sócios, já que a situação entre o Gu e o João está cada vez mais difícil. Ambos não conseguem mais trabalhar juntos sem brigar. Se bem que entendo o Gu, eu no lugar dele também estaria possesso com o João.

Fui o primeiro a chegar e estava somente eu e o Cassio, o segurança. Ele me olhava estranho e tentei não reparar muito no olhar que ele me lançava. Pode parecer neurose, mas espero que esse olhar não tenha nada a ver com a Clara ou não vai prestar.

O tempo que eu estava sozinho tentei mexer em uns papéis dos fornecedores, mas só conseguia pensar que eu teria de contar para ela, hoje, sobre o casamento e isso aperta meu peito. Acho que como o Rodrigo me disse, realmente estou apaixonado. Tudo me lembra a Clara e o medo que eu estou de perdê-la está me consumindo desde o momento em que prometi para

minha família que eu iria me casar. Não acredito que isso esteja acontecendo comigo!

Apenas alguns minutos se passaram e o Gu chegou. Nem me cumprimentou direito e foi logo falando:

— E aí mano, deixa eu te perguntar. João e Lívia ainda estão juntos?

Dei uns tapas nas costas dele para tentar acalmá-lo e falei:

— Esquece cara, deixe eles pra lá!

— Fernando, escreve o que eu estou falando, se o João magoar a Lívia eu mato ele.

— Eu ajudo você a matar!

Comecei a olhar novamente e em silêncio para os papéis que eu estava segurando, tentando tirar da minha cabeça o pensamento de que eu tinha que contar para Clara sobre o casamento e eu não poderia continuar meu namoro com ela, se eu iria me casar em breve, meu namoro teria de acabar. Bosta!

— E você está bem? Parece triste.

Gustavo me tirou dos meus pensamentos me trazendo de volta ao momento.

— Problemas, cara. Meus pais e essa mania que eles têm de controlar a minha vida. Minha avó tenta me ajudar, mas tá difícil.

— Ainda aquele lance do casamento? O Rodrigo me contou.

— Ainda e cada vez me enrolo mais. Acho que estou apaixonado. Mas deixa isso pra lá outro dia enchemos a cara e te conto tudo.

Ele sorriu para mim, me deu uns tapas de macho e falou:

— Se precisar desabafar, tô aqui, cara!

— Tudo bem, obrigado!

Algun tempo depois os outros chegaram e demos início à reunião que foi tensa e resultou em João sendo afastado para a filial que iríamos abrir no interior dali a alguns meses e o Gu pediu um afastamento para dar um tempo de tudo e se recuperar do estrago que o término com a Lívia o causou.

Fiquei no escritório esperando a hora da *Angels* abrir e nem fui embora após a reunião.

Do vidro panorâmico do escritório vi os funcionários chegarem e vi quando a Clara e a Laura passaram pela portaria. Vi o Cassio segurando-a pelo braço, tirando algo do rosto dela e disse algo à ela, que retribuiu com um sorriso. Fechei os olhos deixando a raiva e o ciúme se espalharem pelo meu corpo. Tentei me controlar, mas pensar em outro homem tocando a Clara me deixa louco. Virei-me para sair e bati a porta do escritório ao passar por ela, desci as escadas correndo e encontrei com a Clara no caminho do estoque.

— O que ele te disse? — Falei parando de frente para ela.

— Ele quem? Do que você está falando? — Ela parecia não entender.

— O Cassio, eu sei que ele está dando em cima de você.

— Ele só tirou um cisco do meu rosto, não está dando em cima de mim.

— Está! Ele te quer que eu sei. — Falei exasperado e ela recuou. — Se você ficar sozinha, jura que não vai ficar com ele?

— Ficar sozinha? — Ela engoliu em seco.

— Sim. — Eu precisava contar para ela.

— Eu sabia. Já está pensando em terminar comigo? — Ela deu um sorriso sarcástico, ficou séria e parecia triste.

Pensei e pensei e não respondi. Eu preciso contar para ela, eu preciso contar que vou me casar, mas não consigo. Simplesmente não consigo deixá-la solteira e sozinha para ficar com outro.

— Anda Fernando, fala. Está arrependido? Não faz nem vinte e quatro horas que estamos juntos e já se arrependeu? Eu sabia! — Os olhos dela estavam cheios de lágrimas e pareciam sem entender a minha fúria e indecisão. Ela se virou para ir ao estoque e eu segurei o braço dela e a trouxe para perto de mim a prendendo em um abraço sem me importar se os outros funcionários estavam olhando.

— Me desculpa? Não é nada disso. É só que... — Engoli em seco. Eu preciso contar para ela. Eu preciso. — É só que eu tenho medo de te perder e fiquei com ciúme. — Bom, não era mentira. Eu realmente estou com medo de perdê-la.

— Se você tiver dúvida do que você quer, por favor, me fala agora, Fernando, que assim nem continuamos.

— Eu não tenho dúvidas, Clara. Ver você sorrindo para o Cassio daquele jeito, e ele perto de você, só me deixou com certezas. Certeza de que não quero que você seja de mais ninguém. — Eu tinha que contar, mas não consegui, não com ela envolvida nos meus braços.

Afastei-a com delicadeza e segurei seu rosto com as duas mãos e a beijei intensamente. Quando me separei dela, vi que deixamos todos ali olhando embasbacados e com um sorriso no rosto. Inclusive a Laura que acompanhava a conversa toda, não muito longe de nós.

— Quero que todos aqui saibam, principalmente os homens, que a Clara é minha namorada. Então fiquem longe se quiserem manter seus empregos. — Voltei a beijá-la e dessa vez ela estava com um sorriso tímido no rosto e as bochechas coradas. Ao fundo ouvimos os funcionários aplaudindo e assobiando.

Separei-me dela e dei mais um último beijo.

— Nando, já posso começar meu expediente ou teremos mais algum show ou quase briga antes de eu começar?

— Adorei o “Nando”. — sorri e ela também. — Pode começar. Show, mais tarde daremos mais um, mas esse será só entre nós dois. E brigas, não mais. — Dei mais um beijo nela e me virei para voltar para o escritório a deixando sorrindo.

E o sorriso dela era o que me acalmava e o que me deixava em estado de pânico só de pensar que posso acabar com seu sorriso, quando ela souber que estou praticamente noivo de outra. Meu Deus! Como eu pude me meter nessa confusão? De solteiro e na pista, passei para namorado e noivo de duas mulheres diferentes.



A noite de ontem foi calma na *Angels*, hoje é segunda feira, estamos de folga e eu trouxe a Clara para a minha casa. Estamos deitados, os dois nus, ela dormindo no meu braço, com a coxa por cima do meu corpo e estamos cobertos com um lençol fino, branco, que mostra todas as curvas da minha Clara. Minha. Até quando? Estou me sentindo um canalha. Nunca pensei que iria passar por isso. Tirei o braço devagar debaixo do pescoço dela, para não acordá-la e fui até a cozinha preparar um café da manhã para nós.

Fiquei parado alguns minutos olhando para a geladeira e outros alguns olhando para o armário e não faço ideia do que ela gosta de comer. Apoiei as mãos na pia esperando ter uma

intervenção divina de como agradar a minha namorada no café.

— Precisa de ajuda? — Fui tirado da minha dúvida pela voz da Clara que preencheu o ambiente. Olhei para ela que estava vestindo minha camiseta, calcinha e estava descalça. Tinha o cabelo loiro encaracolado jogado de lado e estava incrivelmente sexy.

— Tenho algumas perguntas sérias para te fazer. — Ela ficou séria.

— Quais?

— Você prefere leite, café ou chá? Pão, bolacha ou bolo? Adoçante ou açúcar?

Ela sorriu, sentou-se no banco que ficava na ilha, na minha cozinha e pareceu aliviada.

— Café, sempre café. Não sou muito de comer de manhã e açúcar.

Ela se serviu do café que eu tinha colocado para fazer na cafeteira e tomou um gole.

— *Ufa*, que bom, porque esse foi o dilema mais difícil de resolver. Ia te levar café na cama. — Dei de ombros.

— Que fofo! — Ela parecia feliz.

— Mas como você está aqui, que tal tomarmos café na padaria e depois irmos buscar a Mayara na escola?

Ela me olhou surpresa.

— Você vai comigo buscá-la na escola?

— Sim. Não é isso que você faz todo dia quando acorda?

— Sim. — ela abriu um sorriso radiante. — Ela vai ficar feliz em te ver lá. Minha filha assim como eu, está encantada com você. — Assim que ela disse isso me olhou assustada, como se tivesse falado demais. — Bom, é... eu... posso tomar um banho antes de irmos?

— Você está encantada por mim? — Falei segurando para não rir.

Ela ficou corada e disse:

— Difícil não se encantar por qualquer um dos *Angels*. — Fechei a cara e ia brigar com ela, mas ela completou: — E impossível não se encantar por você! — Ela mordeu o lábio para conter o sorriso e eu dei a volta na ilha, a beijei e a ergui no colo.

— Olha, vou te beijar mais um pouco para você ter certeza se realmente está encantada por mim e sim, você pode tomar banho, mas eu vou com você para me certificar de que esse banho vai ser bem tomado.

Seguimos para o banheiro entre beijos, risos e carícias. E foi o banho mais bem tomado e o melhor banho da minha vida.

Capítulo dez

Clara

Estávamos no carro seguindo para a escola da May, e abrimos mão do café já que estava próximo da hora do almoço. Eu não me sentia tão feliz assim há muito tempo. Acho que

nunca me senti assim. Olhei para o lindo mestiço dirigindo o carro ao meu lado e dei um sorriso. Sim, tenho a certeza que nunca, nunca mesmo!

— Está rindo de mim ou para mim? — Ele me perguntou já sorrindo.

— Com certeza para você.

— Me conta o porquê está rindo para mim e me deixa rir com você.

— Estou rindo porque estou feliz.

— E eu sou o motivo dessa felicidade? — Me perguntou e riu para mim um sorriso lindo e perfeito. Que homem lindo!

— Sim, você é!

Fernando entrelaçou nossos dedos, suspirou e eu fiz o mesmo.

Fomos em direção ao portão da escola da May e quando ela estava saindo, ergueu a cabecinha e me viu. Assim que notou a presença do Fernando ao meu lado, ela abriu um sorriso radiante e veio correndo em nossa direção. A mochila saltitava nas suas costas e o rabo de cavalo, loiro e ondulado balançava de um lado para o outro.

— *Mamis*. — ela me abraçou. — Oi, tio Nando — Ela fechou a mão em punho, deu um soquinho no punho fechado do Fernando e ele só sabia sorrir.

— Como está, gatinha?

— Ganhei estrelinha hoje, de melhor aluna.

— Juraaa? Que linda filha, parabéns!

— Parabéns, May. Isso aí, garota! — Fernando falou sorrindo.

— Mayyyy — Uma amiguinha da escola gritou quando a viu, e em seguida veio para perto. — Nunca tinha visto seu pai. — A menina disse olhando para o Fernando e sorrindo inocentemente. Senti vontade de fazer um buraco no chão e me enfiar nele. Olhei sem graça para o Fernando, dando de ombros e não sabia o que dizer.

— Ele não é meu pai. — Mayara falou triste e aquilo cortou meu coração.

Fernando se abaixou na altura das meninas e disse sorrindo em cumplicidade para as duas:

— Não mesmo. Eu sou o melhor amigo dela, o que é muito mais legal, porque a gente pode fazer muita bagunça e nem preciso chamar sua atenção, né May?

Minha filha assentiu já com os olhinhos brilhando.

— Que legal, May, você tem um melhor amigo adulto! Isso é irado.

No mesmo instante a minha filha abriu um sorriso enorme e concordou com a amiga. Começou a contar todos os passeios que fizemos juntos e que o Fernando era um excelente patinador. Vi ela falando do Fernando com tanto orgulho, o orgulho que ela deveria falar do pai e isso fez meus olhos se encherem de lágrimas, mas eram mais de alegria do que por qualquer outro motivo. Esse homem consegue ser perfeito. Ele salvou a minha filha de um constrangimento e a fez se sentir especial. Nesse momento eu entendo que aquele ditado “quem ao meu filho beija, a minha boca adoça” é perfeito. E agora eu tenho certeza, nesse momento, com esse ato, ele me fez sentir certeza. Eu amo o Fernando.

Uma lágrima teimosa rolou pelo meu rosto sem que eu quisesse e senti o polegar dele a secar.

— Você está bem? — Ele sussurrou.

— Graças a você. Nunca estive melhor. Obrigada! — ele piscou para mim e passou a mão pelo meu rosto.

As crianças estavam alheias ao nosso momento e se despediram assim que a mãe da amiguinha a chamou e acenou um tchau de longe para mim, que retribuí. Fomos para o carro do Fernando e quando entramos a minha pequena que não perde a chance de me fazer passar vergonha na frente do Fernando, falou:

— Tio Nando, já que agora você é namorando da minha mãe, vocês não são mais amigos de foca?

— Ai, meu Deus. — Falei e fechei os olhos rindo.

— Amigos de foca? — Ele se virou rapidamente para mim enquanto dirigia e arqueou uma sobrancelha entendendo do que se tratava. — Acho que entendi. Bom, nós somos sim, May, e espero que sejamos para sempre. Sua mãe é muito boa em ser amiga de foca.

— Ah, queria ter um amigo de foca também. — Mayara falou pensativa.

— E só piora. — pensei alto e Fernando ria mais alto que o meu pensamento — Filha

você só pode ter amigos de foca, quando for adulta, no seu caso só depois dos trinta anos.

— Ah, que pena!

— Fica tranquila, Clarinha, quando ela estiver com trinta anos ainda estarei aqui para dizer se ela já pode ou não escolher o amigo de foca. — Ele sorriu para mim e eu senti um frio passar pela minha barriga. O que ele quis dizer com isso? Nada, Clara! Não pira! Ele só está dizendo que vai estar por aqui sendo amigo da May.

Fernando nos levou para almoçar e em seguida para assistir um filme infantil que estava em cartaz. Ele ria junto com a May e eu estava apaixonada vendo os dois juntos. Não deveria ter me apegado tão rápido, mas está sendo inevitável. Passamos uma tarde de segunda feira, maravilhosa e quando ele me deixou em casa a noite, eu só pensava que queria mais dele, ficar mais com ele e ser toda e completamente dele.

Fernando

Assim que deixei minhas meninas em casa, decidi resolver o inevitável. Liguei para a Fabiana. Já que ela ainda não tinha me procurado para conversar sobre o nosso casamento, eu vou fazer isso. Só de pensar que estou enganando a Clara fico enjoado e me sinto um canalha. Eu quis contar, mas a felicidade que sentimos hoje não me deixou.

— Alô. — Fabiana atendeu no primeiro toque.

— Precisamos conversar.

— Estava esperando mesmo você me ligar e imaginando quanto tempo isso ia levar.

— Já sabe que vamos nos casar?

— Sim. E até que estou feliz com isso.

— Fabiana, eu não estou nada feliz com isso! Eu estou apaixonado por outra pessoa.

Ela ficou em silêncio por alguns instantes.

— Você o quê?

— Isso mesmo, eu estou apaixonado e ela ainda não sabe de tudo isso que está acontecendo, nem minha família sabe da existência dela e eu simplesmente não sei o que fazer. Não quero perdê-la!

— Você sabe que não está sendo nada romântico com a sua futura esposa, né?

— Para de levar na brincadeira que eu estou falando sério, Fabi.

— Conta que você vai casar comigo e termina com ela. Não quero ser traída.

— Eu tentei contar e não consegui. Eu não consigo. E por isso quero que, por favor, sejamos discretos até eu tentar tirar essa ideia da cabeça dos nossos pais.

— Sinto muito, mas isso vai ser impossível. Eles estão irredutíveis.

— Mas eu preciso tentar. Preciso de tempo para tentar.

Ela ficou em silêncio por alguns segundos e por fim disse:

— Tudo bem, vamos tapeá-los enquanto pudermos.

— Obrigada, Fabi.

— Por nada. — Respondeu sem vontade.

Encerramos a conversa de maneira fria e sem graça, mas pelo menos eu consegui uma aliada para enrolar meus pais, quanto ao casamento.

A noite caiu e fiquei zanzando pela casa, pensando na Clara e pensando em um jeito de resolver esse rolo que está a minha vida. Penso em como tudo mudou desde que a Clara apareceu e me fez mais feliz. Queria tanto tê-la aqui comigo agora. E como se adivinhasse que estou pensando nela, o meu celular acende, avisando que uma mensagem da Clara chegou.

“Obrigada pelo dia de hoje! <3 ”

Como sempre, ela é sucinta, mas amo esse seu jeito.

“Eu que agradeço cada minuto com vocês!”

Fiquei esperando-a responder, mas ela não fez isso, então eu liguei.

— Oi. — Ela atendeu sem jeito.

— Estou parecendo muito desesperado te ligando horas depois de ter passado à tarde com você?

— Não. E eu? Estou parecendo desesperada te mandando mensagem? Desculpa se te atrapalhei em algo.

— Você nunca atrapalha e foi bom ter enviado. Eu estava pensando em você.

— Pensando coisa boa?

Pensei no meu casamento com a Fabiana, que um dia eu teria que contar para a Clara, mas não agora e omitir isso dela doeu no meu peito. Fechei meus olhos e respirei fundo me segurando para não contar nada por enquanto.

— Boa, mas Clara, eu queria te pedir para que mesmo que eu não mereça, mesmo que às vezes as coisas compliquem, peço para que você não desista de mim.

Ela ficou em silêncio e eu não consegui interromper o silêncio dela.

— Fernando tem alguma coisa que você gostaria de me contar?

E foi a minha vez de ficar em silêncio.

— Não.

— Tem certeza?

— Na verdade tenho que te dizer uma coisa, mas preciso conversar com você pessoalmente.

— Pessoalmente? É sério assim?

— A coisa mais séria da minha vida.

— Entendi. Conversamos amanhã na *Angels*, então?

Eu fiquei em silêncio juntando coragem para resolver a minha vida. Eu não posso me casar. Não com a Fabiana, não depois de conhecer a Clara.

— Sim, nos vemos amanhã. — Concordei.

— Mais uma vez obrigada pelo dia!

— Eu que agradeço!

Ficamos em silêncio e ela desligou. Meu peito estava apertado. Eu não queria perdê-la, eu não podia perdê-la. Eu a amo. Fechei meus olhos e assumir isso para mim mesmo, foi mais fácil do que imaginei. Eu a amo tanto, não posso perdê-la.

Levantei-me da cama, troquei de roupa, peguei a chave do carro e eu precisava que

ela soubesse de tudo.

Clara

Desliguei o telefone e fiquei pensando na conversa que acabei de ter com o Fernando, enquanto olhava para o aparelho em minhas mãos.

O que está acontecendo entre nós dois?

Fui até a cozinha beber água, evitando fazer barulho, porque já passava das dez e a minha Mayara estava dormindo. Quando cheguei lá, encontrei a minha amiga com um copo de água na mão, encostada à pia e olhando fixamente para o celular que estava a sua frente. Peguei um copo d'água e me encostei ao lado dela assumindo a mesma posição.

— Estamos sem sono? — Perguntei.

— Estamos!

— Falei com o Fernando agora e ele está estranho, mas ao mesmo tempo carinhoso e agindo como um namorado.

— Ele é seu namorado! — Ela falou ainda olhando para o mesmo ponto. — E eu saí para jantar com o Mateus e ele me pediu em namoro.

— E você?

— Eu disse que precisava ir embora, não respondi e agora estou aqui pensando nele.

— Por que não aceitou? Não gosta dele? — Olhei para ela.

— Gosto, mas tenho medo.

— Medo do quê?

— De dar certo.

— E isso não é bom? — Ergui uma sobrancelha para ela.

— Não sei. Tenho medo de me envolver.

— Essa é a ideia de um namoro, se envolver. Deixa rolar amiga, ser der certo ótimo se não, você parte para o próximo gato que te der mole na *Angels*. — Ri, fui até a mesa peguei o celular e entreguei para ela. — Liga pra ele.

— E se ele não me atender? Acho que ele ficou magoado.

— Se ele não te atender ele é um idiota. Liga! — Entreguei o celular para ela, que me olhou hesitante, mas enfim pegou.

— Vou ligar, mas primeiro me conta, o que de estranho tem no Fernando?

— Não sei. Disse que tem algo a me dizer, mas tem que ser pessoalmente e vai me falar amanhã. Na verdade ele parece me esconder algo, mas quando estamos juntos é tão perfeito. Ele é tão maravilhoso com a Mayara, amiga.

— Então deixa que ele continue perfeito. Se ele estiver te escondendo algo, não vai conseguir esconder por muito tempo... Se ele estiver, não quer dizer que ele esteja.

— Tem razão, pode ser só paranoia da minha cabeça.

— Pode ser.

Voltamos as duas a olhar para o nada, até que quebrei o instante de silêncio.

— Amiga?

— O quê?

— Eu estou apaixonada pelo Fernando. Eu o amo e não queria amar, mas em tão pouco tempo, ele com todos os gestos e palavras me fez amá-lo.

— Amiga? — Foi a vez de ela falar.

— Eu amo o Mateus. Eu o amo e não queria amar, mas em tão pouco tempo, ele com todos os gestos e palavras me fez amá-lo.

Nos olhamos e começamos a rir como duas loucas, até uma buzina nos fazer parar. Corremos para a janela da sala e lá estava o carro preto do Fernando. Olhei para a minha amiga com um olhar surpreso e dei de ombros.

— Não era amanhã? — Ela perguntou.

— Era. — Falei sorrindo.

— *Humm...* Ele está tão apaixonado que não consegue aguardar. Vai lá ver o que o gato quer, amiga. E arrasa!

Sorri para ela, fui até meu quarto, olhei o celular e tinham chamadas perdidas, dele. Enviei uma mensagem avisando que já iria sair. Coloquei um vestido soltinho de mangas e fui ao seu encontro. O que ele está fazendo aqui?

A hora que abri a porta da sala, logo o vi. Ele estava encostado no carro com os braços cruzados na frente do peito... Braços fortes abraçados pela camisa fina e parecia tenso. Ele me lançou um sorriso e eu retribui. Fui andando até ele e quando cheguei a sua frente, eu não sabia se o beijava ou se só o cumprimentava, mas ele foi mais rápido se desencostou do carro, passou o braço pela minha cintura e me beijou. Um beijo forte com a língua passeando pela minha boca, que posso dizer que acendeu todas as partes do meu corpo.

— Oi. — Ele falou.

— Oi.

— Não aguentei esperar até amanhã, preciso te dizer agora.

— O que é, Fernando? Por que você...

— Eu te amo. — Ele me interrompeu e eu fiquei o olhando sem saber o que dizer. Ele não deve ter dito o que achei que disse. — Eu te amo, amo muito. Te amo por você ser essa mulher forte e frágil ao mesmo tempo. Te amo por você não ter sido fácil comigo como todas as outras. — Ele riu. — Te amo por você ter a Mayara que me ensina tanto, quando estou com ela. Enfim... — Ele segurou meu rosto com as duas mãos e encostou a testa na minha — Eu te amo como nunca ameí mulher nenhuma na minha vida. — Ele soltou um suspiro e fechou os olhos. — Não precisa me amar, até porque eu não mereço e sei que estou indo muito rápido com você, mas é

que com você foi assim: você chegou e meu coração se apaixonou. Rápido, muito rápido. Acho que te amo desde a primeira vez que te vi.

Eu não sabia o que falar eu estava em estado de choque, mas era um estado de choque bom. Eu senti... Senti que ele também sentia algo por mim. Mas não imaginei que fosse tanto. Ele me ama?

— Só me fala alguma coisa, qualquer coisa. Como eu te disse, não precisa me amar também, mas...

Eu o interrompi e o beijei. Beijei com voracidade. Em seguida separei-me dele e abri a porta do carro para que ele entrasse. Sem titubear ele entrou, eu sentei em seu colo com uma perna de cada lado do seu corpo e continuei o beijando enquanto a mão dele subia por dentro do meu vestido e chegava até os meus seios, que ele começou a acariciar com uma mão em cada. Eu não sei o que acontece comigo quando estou ao seu lado, mas fico tão tomada e excitada que não consigo me controlar. Comecei a me esfregar nele e senti sua ereção e o tanto quanto ele me queria. Abri o zíper da sua calça, mostrando a ele exatamente o que eu estava precisando naquele momento e sem parar para pensar ele puxou a calça para baixo junto com a cueca em questão de segundos, deixando seu membro exposto e rijo, livre para mim. Colocou a mão entre as minhas pernas e puxou a minha calcinha para o lado, com a outra mão na minha cintura ele me guiou para que eu me sentasse sobre ele e devagar me preencheu fazendo com que eu jogasse a cabeça para trás e me deliciasse com a sensação. Deixei meu pescoço livre para ele, que o beijou, mordeu, enquanto eu o cavalgava. Primeiro lenta e calmamente e depois intensifiquei o ritmo que deixou a ele e a mim presos em um transe de prazer. Sua mão apertava a minha bunda e passeava pelo meu corpo me deixando completamente louca. Até que não mais aguentássemos, nos deixamos levar e nos entregamos à sensação de êxtase que os nossos corpos se deleitavam e tentavam controlar os espasmos de prazer.

Quando enfim nossa respiração se acalmou, eu encostei a minha testa na dele e consegui falar alguma coisa sobre a declaração de amor que ele me fez.

— Eu também te amo.

Ele sorriu, me beijou e me respondeu:

— Adorei sua forma de demonstrar isso.

Passei meu nariz no dele, ainda estava sentada em seu colo e minha mão passeava pelos seus braços fortes.

— Sempre sonhei em fazer sexo no carro. — Falei.

— Estarei aqui com você, para realizar todos seus sonhos, minha Clara. E o que fizemos não foi sexo, foi amor. — Ele falou de olho fechado aproveitando o carinho que eu estava fazendo.

— Eu não sei se vamos dar certo, Nando, mas ouvir que você me ama, me deu uma esperança de que enfim eu posso ser feliz. — Eu o beijei.

— Sim, eu vou te fazer feliz e vou passar por cima do que for que possa me impedir. — percebi que ele parecia estar sofrendo e se referindo a algo específico quando disse isso. — Você vai ser minha para sempre, Clara. — ele me pegou pelo pescoço emaranhando os dedos nos meus cabelos e aprofundou o beijo. Senti que o que estava adormecido começou a acordar e dei um sorriso contra a sua boca. — Dorme comigo hoje? Juro que te trago de volta antes da Mayara acordar. — Ele voltou a me beijar e passou a mão nos meus seios, fazendo com que fosse impossível dizer não.

— Preciso avisar a Laura.

— Usa o meu celular, mas vamos agora, porque estou pronto para o segundo *round* e não vou te deixar dormir longe de mim por nada nesse mundo.

Eu sorri e ele continuou:

— E vamos rápido, porque não quero um policial batendo no vidro do carro.

Saí do colo dele pulando para o banco de trás, enquanto ele assumia o volante e em seguida assumi meu lugar no banco do carona. Avisei minha amiga, que me incentivou a dormir com ele. Disse que não me preocupasse em voltar cedo, que ela não iria sair, o Mateus estava vindo para cá, e ela tomaria conta da Mayara, quando minha filha acordasse. Enquanto falava com Laura, ergui o polegar em sinal de positivo para o Fernando que dirigiu rapidamente para a sua casa. Quando dei por mim já estava em sua cama, nua e ouvindo repetidos eu te amo, que ele me dizia enquanto acariciava meu corpo. E essa foi uma das noites mais felizes da minha vida. Essa noite entrou para o cantinho na minha cabeça, em que guardo os meus momentos felizes.

Eu estava tão feliz que me sentia nas nuvens, o que é uma pena, já que a queda das nuvens é alta demais e no dia seguinte a minha queda me esperava.

Fernando

Acordei cedo, preparei um café preto, servi duas xícaras e fui até o quarto onde a mulher da minha vida me esperava. Depois de uma noite regada a muito sexo, sexo não, amor. Fizemos amor a noite toda, apaixonados e felizes.

Porra! Tô parecendo uma mulherzinha. Mas que se foda! Eu estou apaixonado, feliz e ninguém vai me separar dela. Essa noite serviu para me dar força para lutar contra a minha família. Eles não vão me obrigar a fazer algo que eu não queira, principalmente agora.

Entrei no quarto e a vi deitada, nua, abraçando o travesseiro e os cachos loiros espalhados nas suas costas. Coloquei as duas canecas de café sobre o criado mudo e comecei a beijar as costas dela, até fazer com que ela acordasse.

— Acorda dorminhoca! O dia já está amanhecendo e foi você quem me pediu para te acordar e te levar para sua casa, antes que a May acordasse.

— *Hummm...* Quero dormir.

— Acorda, gata! — Dei um beijo no pescoço dela e ela abriu um olho e depois colocou o travesseiro em cima da cabeça. — Sente o cheirinho de café. E pensa no sorriso da May assim que ela acordar e te ver lá.

Ela levantou devagar, jogou o cabelo para o lado e sorriu para mim meio hesitante, depois saiu correndo em direção ao banheiro. Voltou minutos depois com o dente escovado e o cabelo em um coque bagunçado.

— Achei uma escova de dente nova no banheiro. Eu usei, espero que não tenha dona. —

ela revirou os olhos para mim, parecendo brava e pegou a xícara de café se sentando na cama sobre as pernas.

— Nada aqui tem dona, ou melhor, tudo aqui tem dona e a dona é você. Você é a dona de tudo, inclusive do meu coração. — Dei um beijo na sua bochecha e ela me retribuiu com um sorriso tímido.

— Isso foi brega.

— Mas te fez sorrir, isso que importa.

Ela piscou para mim.

— Estou cansada e hoje tenho que trabalhar, vou passar o dia inteiro dormindo.

— Não senhora, você pode dormir até umas duas horas da tarde, umas três, passo lá pra pegar vocês duas. Prometi para May ontem, que hoje iríamos ao Fliperama, aquela casa de jogos que tem perto da sua casa.

— Fliperama?

— Sim, ontem a hora que você foi ao banheiro, ela disse que os amigos vão lá com os pais. — dei de ombros e continuei. — prometi que a levaria.

— Ela não me pediu isso. E você não precisa fazer isso também, Fernando.

— Não preciso, mas eu quero. — Peguei a caneca que ela segurava e coloquei sobre o criado mudo.

— Obrigada! — Ela me olhou e suspirou.

— Eu que agradeço.

E então a agarrei, joguei de volta na cama e a acordei como realmente eu queria acordá-la



Deixei a Clara na casa dela e fui para a casa dos meus avós, precisava ver como o meu avô estava se sentindo. Mas quando eu cheguei lá, ele tinha ido para a empresa e só a minha avó estava.

— Como você está meu amor? — Ela me recebeu, já me pegando pela mão e me levando para o sofá e se sentando ao meu lado.

— Estou bem *batian*. Só essa história de casamento que não está me fazendo nada bem e também...

— Você está apaixonado por outra mulher, não é meu filho? — Ergui os olhos para olhá-la e não precisei contar nada que ela já sabia de tudo.

— Estou. E ela tem uma filha. Uma filha linda e educada. Ela já sofreu muito na vida e não quero ser o causador de mais sofrimento, *batian*, mas quanto mais eu tento desenrolar essa história, mais eu me enrolo nela.

— O amor é uma armadilha, é preciso ter sabedoria para cair nela sem se machucar. Na verdade a paixão que os ocidentais têm é uma armadilha. Por isso, nós orientais, pensamos em um casamento calmo e sereno, em que podemos pensar e agir com calma, em que a paixão surge só depois com o tempo. Desde criança, vi casamentos arranjados, nunca os noivos demonstravam afeto ou falavam de amor. Aprendi com meus pais que a euforia da paixão é colocada em segundo plano e se privilegia sentimentos como devoção, respeito, compromisso, cordialidade e bem querer. Mas isso só com o tempo.

— Mas não quero isso para mim, *batian*.

— Eu sei filho. Você foi criado aqui, em outro tempo. Eu te entendo completamente, mas seu *ditian* é um tradicional oriental e pensa como tal. Não quero que se sacrifique pela empresa ou pelas vontades de seu pai e avô. Mas é que desde que seu avô passou mal, eu estou meio preocupada e não sei o que fazer. Quero te apoiar, mas não quero contrariá-lo.

— Entendo, e não quero que faça isso. — Falei olhando para as minhas mãos.

Minha avó notou a minha tristeza e falou:

— Mas me fale meu neto, ela é bonita?

— Ela é linda. — Peguei meu celular e mostrei uma foto em que eu e a Clara estávamos sorrindo, que tirei hoje mais cedo.

— *Utsukushi* — Minha vó a chamou de linda em japonês e sorriu. — Entendo agora por que você está apaixonado.

— Não conte a minha mãe, ela não vai entender.

— Não vou contar, mas você precisa resolver sua vida meu neto.

— Vou resolver *batian*, vou resolver. Mas acho que o casamento não será a minha escolha. Quero ficar com a Clara.

Minha avó apenas sorriu. Entendo que ela esteja preocupada com meu avô e por isso não esteja mais me apoiando como antes, mas é a Clara que eu quero e com ela que eu vou ficar.

Almocei com a minha avó e até a hora que saí, meu avô ainda não estava em casa. Não consegui conversar com ele e dizer exatamente como estou me sentindo, mas tenho esperança de que se eu falar calmamente e mostrar meus pontos, ele vai me entender e me deixar livre desse casamento.

Estacionei o carro em frente à casa das minhas meninas e elas já vieram andando em minha direção com seus sorrisos nos rostos.

— Oi, tio Nando. Você realmente cumpre o que promete, né?

— Cumpro sim. Pode sempre esperar quando eu disser que estarei aqui. Porque eu sempre vou estar. — Clara sorriu para mim, um sorriso de gratidão.

Seguimos para o Fliperama e passamos mais de três horas entre jogos e sorrisos. Mayara parecia feliz e Clara nos olhava de longe com amor, já que ficou fora da maioria das brincadeiras, pois segundo ela, não sabia jogar. Enquanto eu e Mayara disputamos em todos os jogos disponíveis, desde carrinho de bate-bate à simulador de montanha russa e foi uma tarde maravilhosa. Nunca vi uma criança tão feliz e que sorria tanto como a Mayara.

Quando estávamos saindo do Fliperama, eu entrelacei meus dedos aos da Clara e a May pegou a minha mão sorrindo. Parecíamos uma família feliz e eu me senti parte dessa família. Sem contar, que nada do que vivi até esse momento, fez com que me sentisse tão completo como me sinto agora. E todas as noites, com mulheres diferentes a cada noite, me pareceram tão erradas e tão sem sentido.

Nesse momento, o que eu mais quero para mim, é essa vida, com essa mulher e essa criança linda, me fazendo sorrir.

Mas o encanto foi quebrado no momento seguinte. Assim que viramos a esquina, para irmos até onde o carro estava estacionado, demos de cara com a minha mãe e minha irmã.

— Nando! — Minha irmã falou feliz quando me viu e olhou para a Clara, depois para a

Mayara e as cumprimentou com beijo no rosto. — Oi, meninas, como estão? Lembro-me de vocês, se lembram de mim?

— Estamos bem. — Clara respondeu contida e parecia que desmaiaria a qualquer momento, acho que já tinha percebido que aquela a sua frente era a minha mãe.

Minha mãe as olhava como se elas fossem algum tipo de criatura extraterrestre e lógico que a Clara percebeu.

— Eu também me lembro de você, é a irmã do tio Nando. — Mayara falou sorrindo, enquanto eu não sabia o que falar e só queria que o chão me engolisse naquele momento. Se minha mãe souber da Clara, vai contar ao meu pai, que vai arrancar meu fígado e pior que isso, será que ela vai falar algo sobre a Fabiana para Clara?

— Ah! Olha, tenho uma pergunta de primeira necessidade para fazer a você, Clara. Você já dormiu na cama do Fernando?

— Adriana! Por favor. — Falei e Clara parecia querer abrir um buraco no chão.

— Ah, me responde você então, Nando, já dormiu?

Segurei o sorriso e assenti.

— Ahhh... É ela então, não é? Sabia! Desde a primeira vez que te vi, Clara, eu sabia que era você. — Clara nos olhava sem entender e eu ria para a minha irmã indiscreta.

Minha mãe revirava os olhos impaciente.

— Tudo bom, Fernando? — Enfim ela me perguntou .

— Tudo. Mãe essa é Clara — apontei para a Clara que estava ao meu lado calada e vermelha como um pimentão. — E essa menina linda é a filha da Clara. — Apontei para a Mayara que estendeu a mão para a minha mãe e disse:

— Prazer dona...

— Lucia. — Minha mãe respondeu e pegou a mão da menina.

— Eu gosto muito do tio Nando, sabe dona Lucia? Seu filho é muito bonzinho. — Minha mãe sorriu para ela. E voltou o olhar novamente para Clara.

— Mãe, a Clara, ela é... — Limpei a garganta. — Trabalha na *Angels* e... — Neste

momento, Clara soltou minha mão, nitidamente chateada e me interrompeu.

— Sou funcionária da *Angels*. Olha, desculpem, mas logo mais tenho que ir trabalhar e preciso levar a Mayara até em casa. — Ela deu um sorriso forçado e vi em seu olhar, que estava muito magoada. — Até logo dona Lucia e Adriana. — Ela se virou para ir, mas segurei a mão dela e falei:

— Eu te levo.

— Não precisa, é aqui pertinho, vamos andando. Nos vemos na *Angels* — Ela se soltou da minha mão, não olhou nos meus olhos e foi.

— Tchau. — Mayara acenou sorrindo e se foi com a mãe que não olhou para trás.

— Você está namorando uma mulher que tem uma filha, Fernando?

— Mãe! — Adriana repreendeu minha mãe.

— Mãe...

— Mãe, nada! E a Fabiana como fica nessa história? Ela sabe disso?

— Não me importo com a Fabiana. Só ainda não joguei esse casamento para o alto por causa da saúde do meu avô e eu amo a Clara.

Minha mãe riu de mim e minha irmã ria para mim.

— Sempre quis ter uma sobrinha e a Mayara é perfeita.

— Cala a boca, Adriana! Você tem noção que seu pai vai te matar não é, Fernando?

Dei de ombros e não respondi. Olhei para o lado tentando achar uma saída para essa situação, mas nada me veio à cabeça.

— Eu vou ficar com ela, quer vocês queiram, quer não. E agora vou indo porque preciso levá-las em casa e se eu correr, ainda pego elas aqui perto. Tchau.

Dei um beijo na minha irmã que estava sorrindo, fui até o estacionamento, peguei o carro e fui em direção a elas. Encontrei ambas andando na calçada a alguns metros da casa em que moravam. Mayara contava algo e Clara parecia pensativa. Buzinei e a Mayara me acenou feliz, enquanto Clara olhou para frente e continuou andando. Fui seguindo-as devagar até que estacionei em frente ao portão. Desci do carro a tempo de interceptá-las antes que entrassem.

Quando atravessava a rua vi a Clara pedindo para que a Mayara entrasse e a menina me deu tchau sorrindo e obedeceu. Enquanto a Clara me esperava no portão de cabeça baixa e com olhar magoado.

Cheguei perto dela e meu coração palpitava, não queria brigar com ela, ou pior, não queria que ela terminasse comigo.

— Clara...

— Você me apresentou para a sua mãe como se eu fosse uma funcionária qualquer da Angels. É só isso que eu sou para você?

— Não! Claro que não, você é...

— Você tem vergonha de mim? — Ela estava com os olhos cheios de lágrimas e lutando para não deixá-las cair.

— Não tenho vergonha de você, nem nada. Só fiquei nervoso. Faz tempo que não apresento uma mulher para a minha mãe e...

— Principalmente uma mulher com uma filha, não é?

— Clara, não é nada disso. Por favor, me deixa explicar?

— Eu ouvi sua mãe Fernando. Eu a ouvi dizer que tenho uma filha, como se isso fosse uma doença. — As lágrimas agora escorriam no rosto dela.

— Por favor, não chora, Clara. Eu não me importo em você ter uma filha, muito pelo contrário eu amo a Mayara.

— Mas você não me apresentou como sua namorada. — Ela falou baixo.

— Olha, minha família é complicada, e tudo é muito mais enrolado do que parece ser. Acredite, não te apresentei como namorada para te poupar. Mas peço que você tenha paciência comigo e com a minha família e não me deixe, porque eu te amo. E não tenho vergonha de vocês e nem nada parecido com isso, só fiquei nervoso por ter que apresentar a mulher que eu amo para a minha mãe em uma esquina qualquer. Eu queria te apresentar a todos, em um jantar de gala que é o que você merece. — Vi que ela deu um pequeno sorriso, de cabeça baixa, balançou a cabeça em negativa e fechou os olhos. Ergui o rosto dela para que seus olhos se encontrassem com os meus. — Me perdoa por ter sido um idiota?

Ela me olhou e não respondeu.

— Por favor? — implorei.

Ela me beijou e eu a agarrei pela cintura e a apertei forte quando o beijo terminou.

— Não me deixa? Por mais que eu mereça, você jura que não vai me deixar?

Ela só me olhou e me beijou mais uma vez, sem responder a minha pergunta e me deixando preocupado e rezando para resolver logo essa questão do casamento com a Fabiana, para ficar livre para a minha Clara. Era só ela que eu queria para a minha vida. Mas essa história está longe de um final feliz e hoje à noite eu veria o começo do fim e definitivamente não era feliz.

Capítulo onze

Clara

Meu coração está apertado desde a hora que encontrei com a mãe do Fernando. Estou na *Angels* e ele já passou aqui no meu balcão me agradando de todas as maneiras. É difícil ficar brava com um homem que te trata como uma rainha, mas algo me diz que essa história com a mãe dele está muito mal contada.

— Estou te achando tão quietinha, amiga. — Laura me tirou dos meus pensamentos.

— Só pensando na vida.

— Ainda a história da mãe do Fernando te incomodando, né? Olha amiga, sogra nunca é legal mesmo, então abstrai isso aí e bola para frente.

— Estou com a impressão de que algo ainda está por vir.

— Só se for uma transa quente, com seu boy, no estoque mais tarde, hein? — Minha amiga falou pertinho para que só eu ouvisse e eu morri de rir.

— Obrigada por me animar.

— Não há de que. E falando em transa quente, estou para te perguntar uma coisa faz

tempo.

— Anda, pergunte. Tô vendo que lá vem merda.

— Você que já pegou o Fernando, então me conta. É verdade o que dizem sobre os *Angels*? Ele é tudo isso mesmo?

— Ele é mais, muito mais. Me leva muito além do céu.

— E outra pergunta... — Ela continuou e a doida sorria.

— E quanto ao que dizem de japônês?

Fiquei sem entender e franzi a testa semicerrando os olhos para ela em desentendimento. Ela em resposta juntou o polegar e o indicador mostrando algo pequeno

— Sabe amiga... O... Você sabe o que, dele... — Ela apontou para baixo e enfim eu entendi e comecei a rir sem parar.

— Como você é ridícula, Laura!

— Tá, eu sou o que você quiser, mas me conta que estou curiosa.

— Não, não é verdade. Estou muito bem servida!

— Uauuu. Deixa eu ver? Nunca fiquei com japônês.

— Laura! — Eu gargalhei e ela me acompanhou.

— Pode ser por foto, você não tem nenhuma, aí?

— Não! Sua pervertida. E eu não fico tirando foto das partes do meu namorado.

— Não sou pervertida, sou curiosa.

— Então deixa de ser curiosa! Eu não estou com esse tipo de curiosidade quanto ao Mateus, estou?

— Não. Mas se você quiser, ele me mandou uma foto ontem, eu posso te mostrar. — Ela falou já pegando o celular.

— Não! — Falei espalmando as duas mãos interrompendo-a — Pelo amor de Deus, não quero ver nada. — Eu estava rindo largamente e minha amiga louca me acompanhava.

— Adoro te ver assim, sorrindo e feliz. Não deixe que nada tire seu sorriso, amiga.

Mas como alegria na minha vida não dura muito, eu fui tirada do meu momento descontração com a minha amiga, por uma voz feminina que fez meu mundo desabar.

— Por favor, mocinhas.

Mocinhas? Tanto eu quanto a Laura olhamos para a dona da voz e era uma japonesa linda. Tinha o cabelo comprido e cílios enormes. Acho que são postiços. E ela estava acompanhada por uma loira peituda, que deve ser amiga dela.

— Pois não? — Laura perguntou.

— Você sabe onde eu consigo encontrar o Fernando?

— Fernando? O *Angels*?

— Detesto esse apelido idiota, mas sim. O Fernando meu noivo.

— Noivo? — Eu e Laura perguntamos juntas.

— Sim. Vamos no casar em breve.

Laura olhou para mim sem entender e tentando ver se eu estava bem, ela não deu mais atenção para a noiva, que veio ao meu lado esperando que eu dissesse alguma coisa. Eu me sentia paralisada. O ar pareceu sumir do lugar, eu precisei segurar no balcão, para que uma tontura que me atingiu não me derrubasse. O som do lugar pareceu emudecer e tudo ter ficado em câmera lenta.

Eu não tinha ouvido aquilo. Não pode ser verdade. O meu Fernando, aquele que me ama, que faz tudo para me agradar, não pode ter me enganado assim, ele não pode estar noivo. Olhei para a Laura pedindo ajuda e ela parecia tão em choque quanto eu. Tudo em questão de segundos, cada movimento em questão de segundos e no segundo seguinte olhei para o lado e lá estava ele. Com os olhos arregalados, branco como papel e em choque. Fernando estava atrás da japonesa, mas não disse nada, simplesmente permaneceu parado me olhando e esperando a minha reação.

— Ah, aí está você, gato! — A mulher disse se virando e dando um beijo na boca do Fernando que não reagiu.

— Noivo? — eu consegui enfim perguntar para ele e já não aguentando sustentar as lágrimas por muito tempo. — Você é noivo? — Engoli em seco.

Ele deu a volta na mulher, que olhava dele para mim e de mim para ele, e veio até bem próximo ao balcão.

— A gente precisa conversar, Clara. É tudo mais complicado do que você imagina.

— Só me responde, você está noivo dela?

Ele colocou a mão na cintura e parecia procurar coragem.

— Estou. — ele respondeu de cabeça baixa, soltou o ar que estava segurando e fechou os olhos como se sentisse dor ao dizer aquilo.

Eu sacudi a cabeça em negativa e saí do meu balcão indo em direção ao estoque. Percebi que ele ficou onde estava e mais um pequeno instante que os olhei antes de me virar, o vi brigando com a mulher. Laura veio atrás de mim, mas eu não a esperei, entrei correndo no banheiro do estoque e fiquei lá trancada chorando. Nunca serei feliz. Nunca serei feliz. Nunca serei feliz!

— Clarinha, abre a porta e conversa comigo. — Laura me pediu.

— Por favor, Laura, só me deixa sozinha agora.

— Não posso te deixar sozinha!

— Ela não vai ficar sozinha, pode voltar para lá, Laura, eu fico com ela. — Ouvi voz do Fernando.

— Acho bom você arrumar a merda que você fez. — Laura disse e pela voz ela estava muito brava.

Eu não quero falar com ele. Eu não vou sair daqui.

— Clara, por favor, sai daí e vamos conversar.

Eu não respondi, eu simplesmente não queria falar com ele. Ele está noivo? Como pôde não ter me contado isso? Como pôde ter mentido para mim?

— Tudo bem, você não precisa sair daí, mas eu também não vou sair daqui. Preciso te contar tudo que está acontecendo.

Eu ouvi o que ele falou, sua voz estava baixa e triste. E meu coração aos pedaços ao ouvi-la. Não sei quanto tempo se passou, mas eu tinha que voltar ao trabalho. Eu precisava

trabalhar, não posso perder esse emprego, já estou perdendo demais.

Abri a porta do banheiro e o vi sentado no sofá que já fizemos amor uma vez. Estava de cabeça baixa e com o rosto triste. Assim que me viu ele levantou rapidamente e veio até mim.

— Não é o que você está pensando, Clara. — Ele disse baixo e calmo, como se estivesse testando a minha reação.

— Você me enganou, mentiu para mim quando perguntei se você tinha alguém e você disse que não.

— Eu não tinha. Até esses dias eu não tinha.

— Esses dias?

— Bom, eu não tenho ninguém na verdade. Só você.

— E como você explica essa noiva, Fernando? Me fala que ela está mentindo, por favor! Ela está mentindo? — Perguntei e comecei a chorar copiosamente.

— Ela não está mentindo. Eu realmente estou noivo — Ele falou de cabeça baixa.

— Então não tenho mais nada para falar com você. — Passei por ele e ia em direção à saída do estoque.

— Espera não é assim, como você pensa. — Ele falou segurando o meu braço.

— Preciso trabalhar. — Tentei me soltar, mas foi em vão e então gritei com ele. — Você mentiu para mim. O que mais que você me disse é mentira? Você realmente me ama?

— Eu não menti, eu só omiti. E você não pode duvidar do meu amor por você. Nada na minha vida é tão verdadeiro quanto o que eu sinto por você. — Ele falou alto.

Fechei os olhos e respirei fundo.

— Preciso trabalhar. — Me soltei dele e enxuguei meu rosto com as duas mãos. Estava saindo quando ele entrou na minha frente me impedindo de sair.

— Você não vai a lugar nenhum até me ouvir. Eu não estava noivo quando te conheci. Eu estou sendo forçado pela minha família a me casar, para assumir a empresa da família. — Ele sorriu em desdém ao falar essa história ridícula em voz alta.

— E você vai me dizer que se chama Carlos Daniel e faz parte de uma novela mexicana

também? — Tentei me soltar, mas ele me segurou mais forte.

— Sei que é inacreditável, mas, por favor, acredite em mim, Clara. Minha família é uma tradicional família japonesa, que segue tradições, e o casamento tem que ficar entre famílias japonesas, meus pais quebraram essa tradição e juraram ao meu avô que os filhos deles dariam prosseguimento a ela. Eu tentei quebrar a tradição de novo, mas meu avô teve um princípio de infarto, quando eu me rebelei e depois disso assumi esse compromisso, por causa da saúde do meu avô.

Parei para pensar e enxuguei uma lágrima que rolou pelo meu rosto.

— Por favor, Clara, acredita em mim. Eu não quero a Fabiana, eu quero você, mas não posso colocar a saúde do meu avô em risco.

Engoli em seco para tentar parar de chorar. Olhei nos olhos dele e pareciam tão tristes quanto os meus.

— Me perdoa por não ter te contado antes, mas eu só não sabia como contar.

Fechei meus olhos e respirei fundo.

— Preciso voltar a trabalhar. — Dei a volta nele e sai do estoque, sem olhar para trás e sem nem importar se eu estava apresentável ou toda borrada de maquiagem.

Quando cheguei ao meu balcão encontrei a Laura, com um olhar preocupado para mim.

— Resolveram?

Balancei a cabeça em negativa para a minha amiga e preferi não falar para não começar a chorar novamente. Peguei um pedido de um cliente e comecei a fazer a bebida dele. Quando olhei para o lado, vi o Fernando conversando exaltado com a japonesa que ainda estava lá e ambos faziam gestos com as mãos e pareciam discutir. Tirei o olhar de onde eles estavam e voltei-me para a bebida, quando a entreguei ao cliente, vi o Cassio se aproximar do balcão.

— Você está bem, Clara?

Apenas balancei a cabeça afirmando.

— Se precisar de algo, é só me chamar. Se precisar de carona para ir embora, sei lá.

— Ela não vai precisar. — Olhei para o lado e Fernando estava lá com os braços cruzados e com cara de mau para o Cassio.

— Obrigada, Cassio, se eu precisar eu te chamo. — Falei e voltei a arrumar as bebidas.

— Você não vai precisar. E me espera que eu vou te levar para casa, você querendo ou não. Eu, o seu namorado vou te levar. Porque para mim ainda não acabou. — ele se virou e foi em direção ao escritório me deixando olhando para as suas costas e com o coração palpitando.

As horas passaram rapidamente e acabei contando a Laura tudo que o Fernando tinha me contado no estoque. Ela me aconselhou a escutá-lo e dar a ele uma chance de se explicar com calma e me mostrar o que ele realmente quer. A *Angels* esvaziou, o *dj* tocou a saideira e quando eu menos percebi, já estava na hora de ir para casa. Olhei para a minha amiga e ela deu de ombros apontando com a cabeça para o Mateus que a esperava para levá-la. Balancei a cabeça afirmativamente indicando que ela poderia ir sem problemas e ela me respondeu com um sorriso. Eu e Laura éramos assim, desde quando éramos adolescentes, um olhar e já dizíamos tudo uma para outra.

Encerrei o meu trabalho, fui para o estoque pegar as minhas coisas. Todos os outros *barmans* já tinham saído, eu estava sozinha, mas mesmo de costas para a porta senti que alguém me observava. Senti o perfume que eu já conhecia tão bem, invadir a sala e agora eu já não mais me assustava com a sua presença repentina, eu sentia sua presença, eu podia senti-lo, da porta, me olhando. Virei-me e lá estava ele, Fernando me olhava intensamente encostado ao batente da porta.

— Está pronta? Vamos?

— Você não precisa me levar. — Falei sem olhar para ele e fechando o armário onde eu guardava a minha bolsa.

— Eu não preciso, mas eu quero e vou! — Senti um arrepio passar pelo meu corpo, peguei a minha bolsa e quando ia passar no espaço entre ele e o outro lado do batente, ele me segurou pelo braço, me virou e me prensou contra a porta, me beijando com vontade e eu me deixei levar. Tentei não pensar no motivo pelo qual eu estava brava com ele, mas a voz daquela mulher dizendo que era noiva dele, não saía da minha cabeça e ele não ter me contado, mentido para mim, estava me machucando. No meio do beijo comecei a chorar e ele percebeu.

— Não chora. Estou me odiando por te fazer sofrer, mas eu preciso que entenda que não depende só de mim. — Eu não disse nada, fiquei olhando para o chão. — Vem comigo.

Ele pegou a minha mão, me levou em direção à saída e eu o segui meio no piloto automático. Ele me colocou no banco do carona e assumiu o volante dirigindo até a casa dele.

Chegamos lá, eu desci e fomos os dois sem dizer uma só palavra até chegarmos a sala. Ele pediu para que eu me sentasse no sofá, sentou-se de frente para mim e pegou a minha mão.

— Eu pensei bastante nas últimas horas e desde o primeiro minuto que comecei a pensar, você é única certeza que tenho na minha vida. Você e a Mayara. — ele sorriu sem vontade para mim. — Mas eu não posso deixar de me preocupar com o meu avô. E tenho certeza que você entende meu lado. — Apenas assenti. — E o que quero te propor, é que você... — Ele hesitou e soltou o ar que estava prendendo enquanto nesse momento eu olhava direto para ele. — Fique comigo.

— Ficar com você? — O encarei.

— Sim, vou resolver isso, eu juro. Não vou me casar com a Fabiana. É com você que eu quero me casar. Mas eu preciso de tempo, pelo menos até eu ver que meu avô não corre risco de vida.

— E enquanto isso? — Perguntei.

— Eu sou seu, completamente seu, mas sem que meu avô saiba.

— Eu serei um segredo?

— Não vai ser por muito tempo, eu juro!

— E depois?

— Depois você será minha, para sempre e para quem quiser ver, só preciso convencer a minha família de que não serei feliz com a Fabiana. Que só serei feliz com você. — Ele passou a mão no meu rosto e eu me levantei.

— E você acha que sua família sendo tão tradicional, vão me aceitar? Você acha que mesmo que você não se case com essa tal de Fabiana, eles vão aceitar que você namore uma mulher que já tem uma filha?

— Sim, eu acho. Impossível eles te conhecerem e não te amarem. E a Mayara nunca vai ser um empecilho. Eu já amo vocês duas e sei que quando eles as conhecerem também vão amar.

Como continuar com raiva de um homem que me fala essas coisas? Andei até próximo a ele cruzei os braços e me mantive séria. Essa história ainda estava me magoando!

— Você teve algo com essa mulher enquanto estávamos juntos?

— Claro que não. Nosso noivado é uma mentira, uma farsa para que o meu avó não fique mal.

— E por que ela te beijou quando te viu?

— Eu não sei! Ainda estou sem entender. Ela nunca fez isso e também nem queria esse casamento.

Fiquei de cabeça baixa ainda pensando no que eu faria com a minha vida. Eu o amo tanto.

— Clara, por favor... Só pensa que eu te amo e o resto... Nós vamos vencer cada problema.

Pensei mais um pouco, até que por fim falei séria:

— Se eu aceitar, como vai ser? — Ele sorriu e fechou os olhos em contentamento. — Eu falei... se eu aceitar, não quer dizer que aceitei.

— Se você aceitar, vou tentar te fazer a mulher mais feliz do mundo e a Mayara a garotinha mais feliz do mundo. Vou tentar resolver essa situação com a minha família o mais rápido possível e o meu noivado com a Fabiana vai continuar sendo só de fachada.

Pensei que amo esse homem e não consigo viver sem ele, além do que, ele me quer e eu o quero, não posso deixar a família dele nos separar. Isso não é justo comigo e menos ainda com ele.

Mas, e se ele estiver mentindo para mim? E se ele realmente estiver noivo da japa linda?

— Como vou saber que essa sua história é verdadeira?

— Falei com a Fabiana e ela aceitou confirmar e contar tudo que você quiser saber. Por favor, Clara, vamos tentar?

Ai meu Deus, que eu não esteja fazendo errado, mas eu o amo. E é ele. Tenho certeza que é ele.

— Tudo bem!

— O quê? — ele perguntou sem acreditar.

— Vamos tentar, mas não quero ser culpada por brigas que você terá com a sua família

e...

Ele me agarrou interrompendo o que eu estava dizendo, me ergueu e me beijou. Quando a boca dele tocou a minha, nada mais importou e toda a tensão desse dia se esvaiu e éramos só nós dois.

Posso estar fazendo errado eu deveria ter me afastado, mas não consigo, é mais forte que eu. O amor que eu sinto por ele é mais forte que eu.

Fernando

Quando vi a Fabiana na frente da Clara, senti o maior desespero do mundo. Vi no olhar da Clara que ela tinha descoberto o bendito casamento e isso me quebrou ao meio, graças a Deus agora estou com ela, dormindo deitada em meu braço e a sensação que eu sinto é a melhor do mundo.

Olhei para a minha namorada, dei um beijo em sua testa e falei baixo:

— Eu te amo!

Achei que ela estava dormindo, mas ela me respondeu baixinho.

— Eu também te amo!

— Clara, vamos fazer dar certo. Eu preciso que dê certo, porque ficar sem você vai ser a pior coisa que pode me acontecer. Estamos há pouco tempo juntos, eu sei, mas já te amo tanto! Não vivo sem seu cheiro — Apertei-a e cheirei seu cabelo. — Sem seu gosto — Dei um beijo casto na boca dela. — Não vivo sem você.

— Para de me falar isso!

— Só estou dizendo a verdade.

— Às vezes gostaria que você mentisse. Não me dissesse coisas tão lindas, que daí quem sabe assim, eu não estaria tão apaixonada por você.

Abri um sorriso e fiquei olhando para o teto, sorrindo feito um bobo apaixonado, que é o que eu me tornei depois que eu conheci essa bendita mulher.

Levei a Clara para a casa, depois de pegarmos a Mayara na escola e mais uma vez o sorriso da menina ao me ver ali com a mãe, foi o maior sorriso do mundo e isso enche meu coração e me faz ter cada vez mais vontade de fazer essas duas felizes, só para ver esses sorrisos.

Após me despedir delas, depois de prometer para a Mayara que na próxima segunda passaríamos mais tempo juntos, segui para casa do meu avô para saber como ele estava, mesmo não aprovando o que ele está fazendo comigo, eu o amo e preciso saber como ele se sente. É por amá-lo que estou nessa confusão toda, mas isso é só por enquanto, porque vou sair dela o mais rápido possível. Estava no caminho para casa do meu avô, quando avistei uma floricultura e me lembrei do quanto a Clara gostou de receber flores na primeira vez que enviei, e se é para vê-la feliz, por que não enviar de novo?

Comprei um enorme buquê de rosas vermelhas e novamente tentei me inspirar para escrever um cartão, mas o poeta em mim tinha ido dar um passeio mais uma vez. Fiquei olhando para o papelzinho em branco e resolvi procurar na internet algo que tivesse a ver com esse nosso momento. Achei uma citação e escrevi.

“Ah o amor...

Que nasce não sei onde,

vem não sei como,

e dói não sei porquê.”

Luiz Vaz de Camões

TE AMO, MEU AMOR!

Anexei o cartão ao buquê e sorri feliz por pensar no enorme sorriso que ela daria ao receber as flores.

Segui para casa do meu avô, mas antes não tivesse ido. Ao chegar lá, toda a felicidade de uma manhã de reconciliação com a Clara, passou.

— Eu não vou a esse jantar! — Falei.

— Fernando você como o futuro presidente da empresa tem que estar presente com a sua noiva.

— *Ditian*, eu tenho que trabalhar, hoje a *Angels* funciona e precisa de mim.

— Ela funciona tarde da noite, dá para você fazer as duas coisas. — Meu avô estava deitado no sofá e no momento que terminou a frase colocou a mão no coração e fez uma careta. Que me lembrou de que eu tinha que poupá-lo de todo aborrecimento.

— Tudo bem eu vou, mas vou ficar pouco.

— Tudo bem. Só durante o jantar. — Ele falou sorrindo.

Minha avó estava sentada no outro sofá e deu de ombros para mim como se pedisse desculpa por ter que me ver passar por isso.

— *Ditian*, gostaria de conversar com o senhor. Sei que as tradições são importantes, sei que eu deveria segui-las para que vocês ficassem felizes. Mas se eu segui-las eu não ficaria feliz, eu não estou feliz. Eu não amo a Fabiana, eu não gosto de trabalhar na empresa. Isso vai me deixar infeliz. Só peço para que você pense por um minuto, você prefere me ver triste e seguindo tradições ou feliz vivendo a vida que eu amo?

— Fernando, infelizmente nossas vontades não podem ser colocadas acima das nossas obrigações. E você pode se sentir infeliz agora, mas com o casamento, quando você assumir seu cargo, vai ver como isso era o certo. É o que nossos antepassados fizeram e o que você tem que fazer.

Respirei fundo para não brigar com meu avô e piorar a situação da saúde dele

— Tudo bem! — Falei com o maxilar tensionado. — Vou indo. Nos vemos a noite. — Levantei, dei um beijo na minha avó e fui para casa.

Fui dirigindo e pensando se deveria ou não contar para Clara sobre esse jantar. Se eu contar, ela vai fingir estar tudo bem, por causa do nosso combinado, mas eu sei que no fundo ela vai ficar sofrendo e ficar pensando que estarei lá com a Fabiana e não com ela. Não vou contar. Vai ser rápido e não vai ter como ela saber. Não vou fazê-la sofrer por nada.

Cheguei em casa mandei uma mensagem para Clara, dizendo que a amava mais que a mim mesmo e ela respondeu com um “ Eu também te amo”, me fazendo rir. A noite caiu rapidamente e comecei a me arrumar. A ocasião era formal e pedia terno e gravata, mas como não estou a fim de impressionar ninguém lá e vou para a *Angels* direto depois, coloquei uma calça jeans, uma camisa social e um terno. Quando saí rumo ao jantar, peguei o celular mais uma vez, antes de ligar o carro e pensei em ligar para a Clara e contar, mas o rosto triste dela me veio à mente e desisti. Liguei para a Fabiana e avisei que já estava passando para pegá-la e ela respondeu que já estava pronta.

Parei o carro em frente à casa da Fabiana e ela veio andando em direção ao carro. Eu não desci para encontrá-la nem nada, mas preciso dizer que ela estava linda em um vestido dourado e longo. Mas nada que se compare a beleza da minha Clara. E imediatamente já a imaginei aqui comigo, linda em um vestido longo e me acompanhando nesse jantar. Com ela eu até aceitaria ser presidente da empresa sem reclamar. Senti uma tristeza em pensar que a estava enganando e que ela não estaria ao meu lado, que nem notei a Fabiana falando comigo.

— Vamos, Fernando! — Olhei para ela enfim a notando e então só assenti sem vontade.

Seguimos para o jantar em silêncio e a Clara não saía da minha cabeça. Pensei que eu deveria contar para ela onde e com quem eu estou nesse momento, mas o medo dela terminar tudo comigo está falando mais alto.

Entramos no salão e fomos seguidos por diversos olhares e meneios de cabeça em cumprimento. Fomos em direção a nossa mesa, que estava marcada e dividiríamos com meus pais, os pais dela e meus avós. Minha irmã Adriana, como ainda podia fugir, fazia de tudo para não participar dessas baboseiras e não estava presente. Quem me olhasse com mais atenção, conseguiria ver em meu olhar, que eu não estava ali, que minha cabeça não estava ali e que eu não estava feliz.

O jantar estava um saco e eu estava ali só para cumprir minha obrigação perante a minha família. A Fabiana tentou puxar assunto comigo, mas foi em vão e eu continuei calado o quanto pude. Sentia todos os olhares em cima de mim e tentei desviar de todos eles mexendo na minha comida e pensando na minha Clara.

— Como você está bonita, Fabi, cada vez mais bonita na verdade. Você não acha, Fernando? — Minha mãe tentou chamar a minha atenção.

— Sim, está. — Falei sem vontade e a Fabiana pareceu se iluminar com o meu

comentário me lançando um sorriso enorme.

— Vão me dar netos lindos, esses dois. — A mãe da Fabiana se meteu na conversa.

Pensar em filhos com a Fabiana fez meu estomago revirar e eu não queria mais ficar naquela mesa. Pedi licença e fui até a frente do salão que dava para um gramado e no meio tinha um pequeno jardim cheio de rosas. Rosas... Como não me lembrar da minha Clara quando vejo rosas? Fechei meus olhos e pensei que isso estava sendo demais para mim. Eu não quero essa vida. Peguei meu celular do bolso, disquei o número da Clara e imediatamente ela atendeu.

— Olá, meu anjo nipônico. — Ah essa voz me acalma.

— Anjo nipônico? — E só com as suas primeiras palavras, ela já conseguiu me tirar um sorriso.

— Sim, meu anjo. Só meu! — Ela acrescentou sorrindo e continuou — Nando, foi bom você ligar, eu e a May estávamos falando de você agora.

— Ah, é? O que falavam? — Falei com um sorriso bobo no rosto.

— Sim. Acabamos de ver na TV, um parque aquático que tem na cidade vizinha e eu disse que poderíamos ir qualquer dia desses e adivinha?

— O quê? — Eu ainda sorria.

— Ela disse que só vai se você, o melhor amigo dela, for. Segundo ela, se você for vai ser muito mais legal. Você realmente conquistou a minha filha.

— Fala para ela que nós vamos, sim, e esse passeio vai ser o melhor de todos. — Ouvi a Clara dando o recado e a menina gritando de alegria ao fundo.

— Ouviu a alegria? Você faz muito bem a minha filha.

— E a mãe dela, eu faço bem?

Ela deu uma risadinha no telefone, que fez um arrepio de contentamento passar pelo meu corpo.

— Sim, você me faz maravilhosamente bem!

Uma tristeza passou sobre mim em pensar no que eu estava fazendo. Eu não posso continuar omitindo as coisas dela. Tenho que contar onde estou nesse exato momento.

— Eu te amo. — Ela me disse acabando com todas as forças que eu estava criando para contar a ela onde eu estava.

Soltei o ar que estava segurando.

— Eu também te amo. Nunca se esqueça disso.

— Não vou esquecer. Bem, meu amor, vou terminar de me arrumar para *Angels* e nos falamos mais tarde.

— Tudo bem. Até mais tarde.

Ela me disse mais uma vez que me amava e desligou. Mais uma vez eu não tinha contado a ela a verdade e aqui estava eu olhando para o celular em minha mão.

— Fernando! — Virei-me e vi a Fabiana atrás de mim. — Estão te chamando na mesa. Seu avô e seu pai precisam de você lá para contar algo sobre a empresa.

— Vamos! — Passei por ela sem dizer mais nada, mas ela segurou meu braço.

— Olha, sei que você ama aquela moça, mas eu estou aqui, não queria estar no início, mas a nossa proximidade me trouxe sentimentos do passado e eu gosto de você Fernando! — Ela parecia triste.

— Desculpa, Fabi, eu também gosto de você, o que vivemos foi bom, mas eu amo a Clara. Aqui não era onde eu queria estar e esse noivado falso não era o que eu queria para a minha vida. Consegue entender o quanto eu estou puto com isso?

— Consigo, mas tenta esquecer essa Clara só um pouco e tenta pensar que somos só nós dois, só por hoje.

— Não consigo esquecê-la, nem por um segundo.

Ela fez uma cara de brava e me olhou com um olhar rígido.

— Você vai mesmo me trocar por uma mulher que já tem uma filha?

— Olha, Fabiana, não vamos por esse caminho. Eu amo a filha dela tanto quanto eu a amo. E se quer continuar ao menos sendo a minha amiga, espero que respeite as duas e não fale mais uma palavra em relação a elas.

— Não está mais aqui quem falou. — ela ergueu as mãos em rendição com o olhar

triste.

— Vamos entrar. — Falei ríspido, ela assentiu e quando nós estávamos entrando no salão, um fotógrafo nos parou e pediu para que parássemos rapidamente para uma foto. Estávamos sendo fitados por vários pares de olhos e eu não podia fugir. Então eu me coloquei ao lado dela.

— Podem ficar mais próximos, por favor? — O fotógrafo pediu e a Fabiana pegou a minha mão e colocou em volta da sua cintura assumindo um enorme sorriso no rosto, enquanto o meu só assumia uma carranca de raiva por estar passando por isso.

Fomos em direção à mesa e após terminarmos o jantar nos levantamos para acompanhar a apresentação. Eu queria ir embora, mas como a minha avó era a atração e pediu para que eu ficasse mais alguns minutos para vê-la cantar, eu fiquei. *Batian* era uma cantora maravilhosa de karaokê, subiu no palco usando um lindo *kimono* e começou a cantar uma canção japonesa que falava sobre ancestrais e tradição. Ela cantava lindamente e com uma voz que acalmou meus pensamentos e pelos minutos que a canção soava pelos autofalantes do salão, eu me permiti esquecer tudo que eu estava vivendo. Mas não por muito tempo, já que olhando em volta eu via toda uma colônia japonesa, em que apenas uma ou duas pessoas ali não eram orientais ou descendentes. Minha mãe era uma delas. Percebi vagamente a música acabar e meu pai assumir o microfone começando a falar sobre diversas metas cumpridas e a cumprir da empresa, mas não percebi o que ele disse a seguir. Minha cabeça estava na Clara e era com ela que eu queria estar agora, não sei como pude me meter nessa confusão, aliás, pensando melhor, como eu pude deixar que me metessem nessa confusão?

Fui tirado dos meus pensamentos quando o flash da máquina do fotógrafo me chamou atenção e ouvi que meu pai anunciava o meu casamento. Todos aplaudiam e com o copo para o alto gritavam “*kampai*” em celebração aos noivos. Olhei para o lado e a Fabiana sorria radiante e quanto a mim? Só queria fechar os olhos e sumir dali. Talvez meu pânico naquele momento estivesse tão estampado no meu rosto, que quando olhei para a minha avó, ela me olhava com pena.

Esperei que o foco das pessoas do salão mudasse de mim para o telão, onde gráficos de evolução da empresa nos últimos anos eram exibidos e tentei sair dali escondido sem ter que ouvir mais uma palavra sobre esse maldito casamento, mas foi em vão, quando eu estava quase chegando à porta encontrei a minha mãe. Tentei passar por ela sem ter que dizer nada, mas ela me interceptou:

— Sei que você está infeliz, mas, por favor, pensa na nossa família, seu avô está doente e seu pai está tão feliz com esse casamento.

— Eu penso em todos, mas ninguém parece pensar em mim. E a senhora como minha mãe deveria ser a primeira a pensar na minha felicidade e não apoiar essa loucura.

Ela pareceu ficar triste.

— Não posso ficar contra seu pai.

— Então prefere ficar contra mim?

— Ela tem uma filha, Fernando, nunca vai dar certo.

— Isso quem tem que decidir sou eu. E para mim, a filha dela só faz somar.

Saí do salão sem olhar para trás e deixei minha mãe lá me olhando ir embora. Preciso ver a minha Clara e beijá-la muito, para esquecer todo estresse que a minha família me fez passar essa noite.

Clara

Já passava da meia noite e o Fernando ainda não tinha chegado à *Angels*, tentei ligar no celular dele depois que cheguei aqui, mas estava dando caixa postal. Eu estava ficando preocupada e quase estava entrando em pânico, mas olhei novamente para a entrada e o vi entrando e meu coração se acalmou. Ele veio em minha direção, lindo, usando terno e jeans, entrou para a parte de dentro do balcão, me pegou pela cintura, me virando para ele e me dando um beijo que me tirou o ar e aplausos dos clientes que estavam sentados nos bancos altos à minha frente.

— Estava com saudade e estou louco por você. Não vejo a hora de irmos embora. — ele disse próximo a minha orelha quando o beijo terminou e arrepiou todos os pelos do meu corpo.

— Também estava com saudade, agora me deixa trabalhar que você me mata de vergonha. — Ele sorriu para mim, me deu uma piscada e saiu em direção ao escritório me deixando sem ar e com um sorriso no rosto.

Trabalhei como uma louca, a *Angels* estava *bombando*, mas quando estávamos quase no final do expediente, comecei a prestar atenção nos meninos e percebi que algo estava

acontecendo. Vi o Rodrigo com a mão na cabeça e parecia desesperado, o João estava chorando e o Fernando parecia em pânico. Vi que eles pediram para o *dj* encerrar a pista e esvaziar a casa o mais rápido possível.

— Sabe o que está acontecendo? — Perguntei para a Laura que estava o meu lado também acompanhando tudo.

— Não faço ideia. — Ela deu de ombros.

— Parece que a Livia do Gustavo sofreu um acidente na serra do mar. — Cassio disse se aproximando de nós.

— O Gu deve estar arrasado, parece que ela está entre a vida e a morte. — Valmir disse também se juntando a nós.

Olhei para a porta e uma morena com os cabelos encaracolados entrou como o vento e Rodrigo foi a passos largos ao seu encontro, abraçando-a e beijando-a tentando acalmá-la. Ela chorava copiosamente falando algo, mexendo freneticamente com as mãos e creio eu, que fosse sobre o acidente. Eu já tinha visto ela por ali, ela vivia junto com o Rodrigo, mas não sei o que eles têm afinal. Ele parecia se preocupar com ela e cada gesto dele era de mais puro carinho. Outro rapaz que também sempre estava junto com a morena, entrou chorando e com os olhos inchados. Todos pareciam puro desespero e quando olhei para o Fernando vi que ele também estava preocupado e eu queria acalmá-lo, mas preferi esperar antes de me intrometer.

A casa esvaziou rapidamente e vi quando o João pegou uma garrafa de *vodka* e virou de uma vez só. Seu desespero era evidente e vi também quando o Fernando foi até ele para tentar tirar a garrafa de suas mãos. João chorava como um bebê.

— Aquilo é culpa! Sabemos que a Livia terminou com o Gustavo por culpa dele. — Valmir falou para nós.

— Coitado. — Laura falou.

Vi o Fernando se aproximando de nós e em poucos passos ele estava a nossa frente.

— Clara, a Livia do Gu, sofreu um acidente e vamos até o hospital, saber notícias. Quer ir comigo? — Ele parecia tão preocupado.

— Claro que sim. Eu te acompanho. — Não conhecia a Livia, na noite que eu entrei ela e o Gu terminaram e o rolo entre eles não deixou que ela viesse mais aqui, mas pelo pouco que ouvi

dela, acho que nos daríamos bem.

Fechamos a *Angels* e depois com os nervos mais calmos, eles decidiram que iríamos ao hospital no dia seguinte, não conseguiríamos fazer nada lá agora e todos precisavam dormir. Assim eles estariam fortes caso precisassem apoiar o amigo, se o pior acontecesse.

Fui para a casa do Fernando, dormi com ele poucas horas e quando acordei liguei para a dona Regina, contei a história toda e ela se prontificou a ficar com a Mayara para mim. Um pouco mais tarde fui para o hospital junto com ele e os demais amigos para dar o apoio que o Gustavo precisava. Estavam todos os *Angels*. (exceto o João que achou melhor não ir, por estar se sentindo muito culpado e para não irritar o Gustavo) e descobri que a morena se chamava Samira e o rapaz que chorava se chamava Igor e eles eram os melhores amigos da Lívia. Samira estava devastada, chorava sem parar e era consolada vezes por Igor e vezes por Rodrigo. Chegamos ao Hospital e graças a Deus as notícias eram boas. Lívia estava bem. Teria de ficar em observação, mas estava bem. Todos ficamos mais calmos, menos o Gu, que mesmo nos dando a notícia de que ela iria se recuperar, ainda parecia em pânico.

Todos foram entrando em pares, para vê-la e quando chegou a vez do Fernando entrar, achei melhor ficar na sala de espera, já que eu não a conhecia.

A sala de espera estava cheia de pessoas da família de Lívia, e tinha também uma amiga mestiça dela que me lançou um sorriso sem jeito quando eu comecei a encará-la. Eu a encarava lembrando-me de toda a bagagem que os olhos puxados como os dela estão sendo na minha vida. Retribui o sorriso com as bochechas coradas por estar encarando-a e peguei um jornal que estava sobre a mesa ao meu lado, para me distrair. Mas antes eu não tivesse feito isso, assim que abri as páginas, meus olhos foram como um imã para uma foto em que o Fernando aparecia com a mesma roupa que ele chegou à *Angels* ontem. Ele estava ao lado da tal Fabiana, que por sinal estava deslumbrante e exibía um enorme sorriso. A mão dele abraçava a sua cintura os fazendo parecer um lindo casal. Meu coração começou a disparar e a legenda da foto foi para dilacerar meu coração de vez: “Feliz casal herdeiro da Nipon S/A, anuncia casamento em jantar de sócios, na noite de ontem”. Li rapidamente a notícia que dizia que o casal celebrou com alegria o noivado ontem, em família e o Fernando tinha sido anunciado como o próximo presidente a assumir a cadeira no topo da empresa.

Engoli em seco lutando para não chorar, fechei o jornal e comecei a me levantar para sair dali antes que ele voltasse. Coloquei a minha bolsa no ombro e fui em direção a saída, dando sorrisos sem jeito para os parentes da Lívia que pareciam notar que algo de errado estava

acontecendo comigo.

Assim que os olhos deles saíram de mim e eu senti a brisa do lado de fora do hospital, desabei a chorar e jurei para mim mesmo que iria acabar com essa história. Isso está me fazendo mal. Eu não consigo seguir, preciso ser feliz. Queria que fosse com o Fernando, mas percebo que com ele não vai ser possível. Ele não me contou. Ele foi a um jantar com ela e não me contou. Ele vai se casar com outra e anunciou para todos, fazendo a família dele feliz, sem nem ao menos lembrar que eu existo.

Saí desnorteada e fui andando até uma praça que ficava em frente ao hospital. Sentei em um dos bancos em baixo de uma árvore e parei para pensar o quão rápido desencadeei o amor pelo Fernando e o quão rápido eu desejaria que ele saísse do meu peito. Comecei a chorar compulsivamente e tentei não pensar no quanto doía pensar em deixá-lo, mas ele mentiu para mim, ele está me enganando.

Doía tanto, doía tanto que eu só queria que parasse de doer. As pessoas passavam por mim e me olhavam com piedade, deviam achar que eu estava perdendo alguém naquele hospital. E estava mesmo, acabei de perder a confiança que eu tinha no Fernando e com isso, perdi o amor da minha vida, porque não posso e não consigo mais continuar.

Tentei controlar a minha respiração, fechei os olhos e respirei fundo e por fim parei de chorar. Coloquei a bolsa no ombro, juntei forças para levantar dali e voltar para minha casa, mas quando me virei, lá estava ele, atrás de mim me olhando apreensivo.

— Fiquei te esperando voltar para a sala de espera e aí abri o jornal. Vi a notícia. Perguntei de você e me disseram que você tinha saído um tanto transtornada e então entendi que você também tinha visto. Olha, eu preciso explicar, só preciso...

— Do que você precisa? De uma trouxa que sirva de diversão para você antes do casamento?

— Não é nada disso, Clara, por favor...

Ele deu dois passos e tentou chegar perto de mim, mas eu o parei.

— Nem vem. É exatamente isso. Eu acreditei em você, abri meu coração e minha vida para você entrar. Eu te amei.

— E eu te amo, Clara!

— Me ama? Não, não ama. Não a ponto de enfrentar a sua família, me levar a um maldito jantar e me apresentar como sua namorada. Claro que não. Apresentou a sua noiva perfeita, a que se encaixa aos padrões que sua família exige, não é?

— Eu ia te contar... — ele tentou chegar perto de mim mais uma vez e eu me afastei.

— Não, você não ia. O que eu sou para você afinal?

— Você é a mulher que eu amo.

— Não ama. — Gritei sem me importar com as pessoas que passavam a nossa volta. — Pra mim acabou.

— Não! — Ele estava com os olhos lacrimejando, engoliu em seco como se lutasse para não chorar. — Não acabou. Eu amo você e isso tudo foi um mal entendido. Minha família pediu para que eu fosse naquele jantar, mas eu não sabia que iam falar sobre o casamento, eu só fui para que meu avô não se estressasse.

— Não me interessa mais, Fernando. — Falei calmamente, engoli em seco e sequei as lágrimas — Você teve a oportunidade de me contar e não me contou, preferiu me fazer sofrer assim, lendo uma notícia no jornal de um casal feliz e perfeito. Para mim não dá mais. Acabou! — Virei-me para ir embora, mas ele pegou meu braço e me parou.

— Por favor, Clara, não faz isso. Eu amo você. Preciso de você para me livrar desse compromisso que minha família arrumou.

— Não consigo. Não consigo te dividir com outra, Fernando. Não quero ser a outra, o seu segredo. Quero ser onde sua vida começa e termina. Já sofri muito em relacionamento e não quero sofrer de novo.

— Clara... Você é... Por favor... — Ele parecia acabado, mas para mim não dava mais para continuar.

Só me soltei da mão dele e parti para longe dali. Estava destruída, doía muito e nem todas as surras que levei do Jeferson me fizeram sentir uma dor igual a essa. Mas mesmo completamente acabada de tristeza prefiro terminar com tudo agora. Vai doer, mas vai passar. Vai passar.

Capítulo doze

Fernando

Meus dias estão sendo miseráveis, tentei de todo jeito falar com a Clara mais de uma vez, mas ela não quer saber de mim, faz quase uma semana que terminamos e ela não fala comigo, não atende meus telefonemas e não vai trabalhar na *Angels*. Tentei conversar com a Laura, mas fiquei com medo, já que ela só faltou espumar pela boca de raiva quando eu cheguei perto. O máximo que eu consegui tirar da Laura foi que a Clara está bem e tentando seguir.

Não fui mais ver meus pais e nem meus avós. Desliguei diversas vezes ligações da Fabiana e só atendi uma vez a minha irmã, para dizer que eu estava bem. Mas ela notou na minha voz que eu não estava, então tive que contar a ela que terminei com a Clara e ela ficou mais desapontada que eu.

Fui trabalhar no piloto automático, porque não podia deixar a *Angels* só com o João e o Rodrigo, eles precisavam de mim lá, pelo menos por enquanto, enquanto o Gu fazia companhia a Livia que estava se recuperando perfeitamente.

Pedi para a Laura avisar a Clara que o emprego dela não tinha nada a ver com o nosso relacionamento e que ela poderia voltar quando quisesse, mas a resposta foi que ela já estava procurando outro emprego e isso acabou comigo.

Tentei manter contato com a Mayara e liguei algumas vezes para falar com ela, mas me doía demais ouvir a menina dizer que a mãe estava tão triste ou que queria ir passear comigo e com a mãe, que achei melhor me afastar dela. E essa distância doeu demais, amo essa criança e não ter contato com ela acabou não sendo possível, então já que eu não me afastei, elas me afastaram da May e nas últimas vezes que liguei, a Laura ou dizia que ela não estava ou dizia que ela não podia atender. Então entendi o recado, era mesmo para eu me afastar da menina também. Decidi que iria tentar esquecer a Clara e a vida tão boa que ela me apresentou nesses dias, mas quanto mais eu tentava, mais eu pensava nela, no sorriso dela, no seu jeito sereno e contido e no quanto eu a amava. Em uma das tentativas de contato, mandei uma mensagem com uma citação de Mário Quintana que dizia:

“Eu agora – que desfecho!

Já nem penso mais em ti...

Mas será que nunca deixo

de lembrar que te esqueci?”

Ainda te amo.

Ela não respondeu. Comecei a ler poesias à procura de citações em que eu pudesse mandar para ela e quem sabe me trouxesse ela de volta. Sentia saudade dela e da Mayara. Meus dias eram sem graça e sem sentido sem elas. Até que em uma tarde de segunda, pouco mais de uma semana após terminarmos, recebi uma ligação do Rodrigo.

— Fala, cara. — Atendi.

— Fernando, tô ligando para avisar que você ferrou a minha vida!

Dei risada.

— Em que parte que eu ferrei a sua vida que já era ferrada?

— Na parte que eu tinha acabado de transar com a Samira, meu celular tocou e na tela apareceu o nome da Laura. Samira ficou puta e foi embora, depois que ela saiu liguei de volta para a Laura e ela estava me ligando para pedir o emprego da Clara de volta.

— Ah e o que eu tenho a ver com isso? — Senti um sorriso se abrir no meu rosto. Clara queria voltar.

— Tem a ver que por sua causa, ela ligou para mim e não para você. Ela disse que volta para as apresentações com a condição que não tenha que interagir com você.

Que bosta! Pronto balde de água fria.

— E o que você disse?

— Eu disse que tudo bem. Os frequentadores da *Angels* têm pedido insistentemente para as meninas voltarem com as apresentações e isso porque só não teve apresentação por algumas vezes. Tô atrás da Clara por todos esses dias.

— Que bom que ela vai voltar, então.

Meu coração sentia um fio de esperança de tê-la de volta.

— Vê se não estraga tudo, e põe ela pra correr de novo, tá? Sabe como ela é arredia.

— E como sei. Mas pode deixar vou mantê-la por perto.

— Tá mesmo apaixonado, hein? — Ele riu do outro lado da linha.

— Estou, e você devia parar de ser frouxo, pegar de vez a Samira e experimentar esse sentimento. Tenho certeza que sua *mina* é ela, cara!

— Acho que ainda não, somos só amigos.

— É impressão minha ou ouvi você começar a conversa dizendo que eu ferrei com a sua vida por empatar sua segunda foda com a Samira? Ah não né, vocês são só amigos!

— Vai se fuder, Fernando! — ele me xingou rindo. — Vou desligar, nos falamos depois e vê se fica na sua em relação à Clara.

— Tudo bem, vou tentar.

— E cara, tá você tem razão. Tô meio que de quatro pela Samira.

— Ah! Sabia.

Desligamos rindo e fiquei pensando sobre tentar ficar longe da Clara. Tentar... Mas duvido muito que eu consiga me manter longe dela.

Clara

Terminar com o Fernando acabou comigo, fiquei destruída e tentei ser forte para não deixar a Mayara ver o quanto eu estava acabada, mas foi em vão. Diversas vezes ela foi quem me consolou e me vi chorando deitada no colo da minha filha de cinco anos, enquanto ela afagava meus cabelos e me dizia que tudo ia ficar bem.

Fernando tentou falar com a Mayara algumas vezes no telefone, mas para evitar que a minha filha sofresse mais no futuro, decidi pedir para a Laura dizer a ele que ela não estava algumas vezes, mas sei que ela está sentindo falta do melhor amigo. Fora que terminar com o Fernando significava mais coisas que só um término de namoro. Eu decidi sair do meu emprego também e isso está me deixando ainda mais triste, porque mesmo a Laura me dizendo que está tudo bem, que ela da conta dos gastos e eu não preciso me preocupar, eu me sinto péssima em pensar que estou desempregada e serei um estorvo aqui na casa dela.

Faz dias que saí da *Angels* e não consegui nada além de portas na cara e milhares de currículos entregues, mas sou persistente e não vou desanimar. Estou chegando em casa depois de um dia inteiro em busca de um emprego e assim que abri a porta encontrei Laura e Mayara

sentadas cada uma em um sofá, comendo pipoca e assistindo Valente, o desenho preferido da Mayara.

— Oi, mamãe.

— Oi, filhotinha. Você está bem? — Perguntei porque minha filha parecia desanimada.

— Sim, só estou cansada. — Ela disse meio dengosa.

Coloquei a mão na testa dela e não estava com febre. Graças a Deus. Deve só ter brincado muito na escola.

— Como foi sua procura, amiga?

— Péssima, Laura. Ou dizem que não tenho experiência ou nem se quer deixam me apresentar.

— Se eu fosse você voltava para *Angels*, uma coisa não tem nada a ver com a outra e eles estão loucos atrás de você. Tanto os donos, quanto os clientes.

Parei para pensar e cheguei à conclusão que talvez eu pudesse fazer dar certo e voltar a trabalhar lá, sem ter nada com o Fernando. Somos adultos, poxa!

— E se eu voltar? Será que vai dar certo?

— Vai sim amiga, se você quiser, eu vou agora ligar para o Rodrigo. Eu também estou muito triste sem a minha parceira, né?

— Tomara que eu não me arrependa, mas *ok*, pode ligar, por favor!

Laura pegou o celular discou para o Rodrigo e foi até a cozinha beber água. Minutos depois ela voltou e disse:

— Contratada de novo. E o Rodrigo deu graças a Deus e me prometeu que o Fernando nem vai chegar perto de você.

Pensei que eu queria que ele chegasse perto de mim, que eu o queria bem perto de mim, mas infelizmente nem tudo o que a gente quer a gente tem.



Sexta feira e aqui estou eu, me preparando para iniciar a apresentação na *Angels*. Desde que voltei ainda não vi o Fernando e nem quero. Na verdade eu quero, estou louca para

vê-lo, mas tenho medo dos sentimentos que vão aflorar em mim.

Estou ansiosa para a apresentação, vamos dançar *Buttons* do *The Pussicat Dolls* uma música com uma batida incrivelmente sexy, que fez com que pensássemos em usar nessa dança uns passos super sensuais e claro que me deixam nervosa e tensa como sempre antes das danças novas.

Como sempre estou aqui, a espera da hora de entrar e sentada no sofá do estoque, que me trás tantas lembranças. Fecho os meus olhos para absorver cada uma delas e paro para pensar em tudo que eu poderia ter tido, mas não deu pra ser.

Na última apresentação com uma música nova, ele estava aqui comigo me acalmando e ainda de olhos fechados pude sentir as mãos dele nas minhas, o sorriso dele me iluminando e sua fala doce me seduzindo. Que ódio! Preciso parar de pensar nele e esquecer de vez que um dia isso aconteceu entre nós. Ainda estava com a cabeça baixa olhando para os saltos do meu sapato, com rabo de cavalo comprido caindo de lado pelo meu pescoço e tentando acalmar a minha respiração, quando a porta do estoque se abriu e o Cassio entrou. Por um minuto, um pequeno minuto desejei que fosse o Fernando.

— Oi, bonita!

— E, aí? — perguntei sorrindo.

— Pronta pra hoje?

— Nasci pronta. — Ele me deu um sorriso e sentou ao meu lado.

— Bom, Clara, sei que não conversamos muito nesse tempo que estive aqui, até porque nem temos tempo e também, depois o Fernando deixou bem claro que não queria ninguém nem perto de você. — ele sorriu, mas meu sorriso vacilou. — Mas eu quero que saiba que eu estou aqui e se precisar de um amigo...

— Ah, que gracinha. — Passei a mão na careca dele. — Obrigada. E quer dizer que você não chegava perto de mim por causa do Fernando?

— Sim. Eu e todos os outros. Ele deixou bem claro desde o início, que tinha interesse em você.

Parei de sorrir e ele continuou:

— Mas isso é passado, você pode passar o rodo geral nos *barmans*, que todos vão ficar

mais que felizes. Todos aqui babam em você sabia?

— Dispensó! — Respondi e gargalhei alto. Nesse instante a porta se abriu e o Fernando entrou com uma porção de papel e notas nas mãos e nos olhou parecendo surpreso. Acho que não sabia que estávamos ali e com uma cara de bravo interrompeu a minha gargalhada e fez meu rosto assumir um olhar sério.

— Vou indo ver a porta, te vejo no bar. — Cassio disse percebendo a tensão.

— Também já vou com você, vou procurar a Laura. — Falei imediatamente.

Passei com o Cassio ao lado do Fernando e ele nos olhava. Pelo olhar pensei que ele fosse voar no pescoço do Cassio a qualquer momento.

Segui para fora do estoque rapidamente, evitando olhá-lo mais uma vez e segurando a respiração para não chorar, enquanto o coração batia descompassado dentro do peito, como se eu fosse ter um ataque cardíaco. Deus, me ajude a passar por mais essa fase e arranca do meu peito esse sentimento.

Algun tempo depois a casa lotou, engoli tudo que me fazia vacilar, engoli meu choro e depois de conversar com a minha amiga, que me acalmou e me fez rir, fiquei mais tranquila e pronta para dançar. Quando dei por mim, já estava no centro do bar principal, me preparando para dançar *Buttons*.

A batida da música começou e com uma garrafa em cada mão eu e Laura também começamos. Jogamos as quatro garrafas para cima e as pegamos em seguida completamente em sincronia, fazendo a galera gritar. Rebolamos e fizemos passos sensuais que deixaram os homens ali babando. Na parte em que a voz do homem invade a música nós assumimos as coqueteleiras balançando gelo e *vodka* para lá e para cá entre passos e reboladas. Terminamos a apresentação, gritos e palmas invadiram o lugar e na sequência o bar lotou deixando os *barmans* malucos. Olhei sorrindo para minha amiga, que me retribuiu também com um sorriso enorme no rosto e estou feliz por voltar à *Angels*. Eu amo isso aqui. E como se uma força puxasse meu olhar, eu olhei em direção aos clientes e em uma mesa próxima ao meu balcão, Fernando me fitava com um olhar sério e intenso que fez meu corpo se arrepiar. Tirei meu olhar do dele e fui até o estoque tomar uma água e me recuperar para voltar a trabalhar, mas aqueles lindos olhos me encarando não me saíam da cabeça.

Fernando

Não sei se rio ou se choro, quando vejo esse bando de macho olhando e babando pela minha Clara. Tudo bem que ela não é mais minha, mas eu ainda a amo e ver outros homens a desejando me deixa muito puto. Fora o Cassio que vive de graça para cima dela. Eu pisco e lá está ele: todo amigo. Filho da puta! Já pedi para os caras mandar ele embora, mas eles não aceitam, porque afinal de contas ele trabalha muito bem e é um bom funcionário.

Quando o vi hoje mais cedo com a Clara no estoque, quis voar no pescoço dele e socar sua cara até ele entender que a Clara é minha e ele tem que se manter longe, mas usei todo o meu autocontrole e me mantive no meu lugar de chefe. Vi a apresentação das duas e antes não tivesse visto. Foi sensual e maravilhosa como sempre e a Clara tem o dom de me deixar cada vez mais apaixonado por ela, cada vez mais encantado e triste por ela não ser minha. A apresentação acabou e subi para o escritório ficando lá até a hora de ir embora. Algumas vezes fiquei lá de cima no vidro panorâmico, que dava de frente para onde ela ficava e me permiti admirá-la trabalhando. Tão linda! A vi sorrindo, concentrada, conversando com os clientes, com a Laura e por duas vezes com o Cassio. Vi ele e Laura tocarem os punhos em cumprimento como se combinassem algo e em seguida ele fez o mesmo com a Clara. O que eles estavam combinando?

Mais tarde já tínhamos encerrado o expediente e ainda lá de cima, eu os observava, vi quando a Laura saiu com o namorado, mandou um beijo para a amiga e colocou o dedo médio e o indicador no olho e apontou os dois para o Cassio, como se dissesse que estava de olho nele. Ele sorriu em resposta e fez sinal de positivo. E foi aí que eu entendi, ele ia levá-la para casa.

Ah, mais não ia mesmo!

Peguei a chave do carro e virei-me para sair, mas assim que ia passar pela porta o João estava lá, me parou e disse:

— Já sei o que vai fazer e o Rodrigo me deixou responsável de te impedir.

— Eu não vou fazer nada. — Me fiz de desentendido.

— Sei que está indo atrás dela. Tô de olho em você, Fernando, e você não vai fazer isso.

— Porra! — Voltei para dentro da sala e joguei a chave na mesa com raiva.

— Fica calmo, cara, tudo vai se resolver, mas você precisa dar espaço pra ela.

— Se eu der espaço, aquele filho da puta do Cassio, vai ocupar ele e ficar com a Clara.

— Se isso acontecer é porque era pra ser, cara! — Ele colocou a mão no meu ombro e tentou me acalmar, mas só conseguiu me deixar com mais raiva. Não é para ser coisa nenhuma, a Clara não vai ser de mais ninguém. Ela é minha!

— Você sabe o que é amar alguém? Você já amou alguém na sua vida, João?

— Já amei. — ele fechou a cara e vi uma escuridão passar por seus olhos, como se uma lembrança ruim passasse por eles. — E não deu certo, depois disso tirei o amor da minha vida e toda vez que penso em me apaixonar saio correndo e você sabe disso.

— Tá, mas eu não quero correr para lugar nenhum, a não ser que seja para ela e é isso que vou fazer. — Peguei de novo a chave do carro e passei correndo por ele, que ficou me gritando.

Desci as escadas, passei pela portaria e o Valmir me olhou com um olhar compreensivo quando perguntei se a Clara tinha já tinha ido.

— O Cassio a levou, Fernando, mas não se preocupe, eles são só amigos.

Dei dois tapinhas de agradecimento no ombro dele e fui rapidamente em direção ao meu carro. Segui pelas ruas desertas, já passava das cinco da manhã e o dia estava amanhecendo. Assim que cheguei em frente a casa da Clara, vi o carro do Cassio parado e ela estava descendo do carro dele. Ele desceu do carro e foi até ela, cheio de sorriso. Desci também do meu e quando ele foi dar um beijo no rosto dela de despedida eu cheguei ao lado dos dois.

— Clara? — Falei e ela me olhou assustada como se esperasse qualquer pessoa ali menos eu. Cassio também me olhava e parecia me encarar com o olhar fulminante.

— O que você quer aqui? — Ela falou friamente e o babaca ao lado dela só me encarava.

— Preciso falar com você, pode me dar um minuto?

— Não é hora para isso.

— Só um minuto. E só eu e você de preferência. — Falei encarando o idiota do Cassio que não tinha dado um passo.

— Quer que eu fique, Clara?

— Não, tudo bem, pode ir, nos vemos a noite. — ela sorriu para ele, que deu um beijo no rosto dela e se virou para ir até o carro, mas antes me deu uma encarada, que por Deus, se ele fizer isso de novo eu soco a cara dele.

— O que você quer? — Clara me perguntou quando ele partiu.

— Quero você!

— Não começa, se o assunto é sobre isso eu vou entrar. — Ela se virou para abrir o portão e eu segurei levemente o braço dela.

— Espera. Não sei o que vim fazer aqui, só vim. Fiquei louco quando vi você saindo com o Cassio e não quero você com ele.

— Você não tem que querer nada, eu saio com quem eu quiser.

— Você não vai sair com ele! — Gritei e ergui as duas mãos para dar ênfase ao que eu ia dizer e nesse instante a Clara ergueu o braço na frente do rosto por puro instinto, como se esperasse que eu fosse bater nela.

Olhei para ela com o rosto perplexo, ela abaixou a mão do rosto parecendo com vergonha e eu tenho certeza que o meu rosto mostrava o quanto aquela situação me deixou com um misto de raiva do ex-marido e vontade de abraçá-la e protegê-la.

— Eu não ia... Eu nunca faria... Me desculpa.

— Eu sei, foi só o costume. — Ela estava de cabeça baixa e começou a chorar. Aquilo apertou o coração no meu peito. E minha vontade era achar esse ex-marido e bater nele até que ele não respirasse mais.

— Me desculpa! Não foi minha intenção. — Mas por dentro eu estava com raiva, por ela, por um minuto imaginar que eu poderia ser como o crápula do ex-marido dela.

— Tudo bem, eu que peço desculpa. — Ela disse chorando muito.

Eu prometi ficar longe, eu prometi me afastar, mas que se foda todas essas promessas. Dei um passo em direção a ela e vi que continuou no mesmo lugar. Então rompi a distância que separava meu corpo do dela e a abracei, colocando meus braços por cima dos braços dela e a prendendo no meu abraço, enquanto ela com as duas mãos tampava os olhos envergonhada e chorava compulsivamente.

— Ele não vai mais fazer isso com você. Eu estou aqui e vou te proteger sempre.

Ela não respondeu e continuou chorando, alguns minutos se passaram e o choro foi cessando cada vez mais, até que ela parou de chorar, encostou a cabeça no meu peito e em seguida passou os braços pela minha cintura me abraçando. E isso era tão bom. Abaixei minha cabeça na altura da dela e fui puxando com o meu rosto o rosto dela. Devagar vi que ela se deixou levar e no instante seguinte estávamos nos beijando. Um beijo tão bom, tão doce e cheio de amor, um beijo que começou devagar, mas se intensificou depois, e a peguei pela cintura a prendendo no meu corpo e enfiando a minha língua na boca dela como se eu precisasse disso para respirar. Esses dias que passei sem ela foram como se eu estivesse vivendo na escuridão e agora com esse beijo tudo mudou e tornou tudo mais claro e mais feliz. Meu coração está a mil por hora e meu corpo todo aceso ao encostar-se ao dela. Separei-me da sua boca sem vontade e enchi todo seu rosto com beijos por todas as partes.

— Tão bom tê-la nos meus braços novamente. Me perdoa por tudo e fica comigo? Eu não queria mentir para você, eu só não queria te ver triste. — Sussurrei.

— Não dá. — Ela me deu um banho de água fria. — Não aguento te dividir com outra.

— Você não vai precisar. Eu sou todo seu.

— Então vamos agora à casa do seu avô e contamos para ele que estamos juntos. — Ela me colocou contra parede e eu não podia fazer isso, não queria ser responsável por matar meu avô.

— Eu não posso, Clara. Esse desgosto mataria meu avô.

— Eu sou um desgosto?

— Não! Eu sou! Você é tudo na minha vida e sei que eles vão te aceitar só te peço um pouco de paciência.

— Tudo bem!

— Tudo bem? — perguntei já com uma faísca de felicidade se acendendo dentro de mim.

— Sim, mas enquanto você não me apresentar para sua família e estiver noivo da tal Fabiana, eu vou ficar com o Cassio e vou apresentá-lo a todos como namorado.

— Porra, Clara! Isso não se compara. Eu não tenho nada com a Fabiana e você e o

Cassio... Não brinca assim comigo.

— Não estou brincando com você. E eu e o Cassio não temos nada além de amizade, mas quero que entenda o quanto isso que está me propondo é ridículo. Se ponha no meu lugar.

Fiquei olhando para ela, a encarando com o peito subindo e descendo com a minha respiração ofegante. Ela não pode insinuar que vai ficar com o Cassio. Coloquei a mão na cintura e abaixei a cabeça olhando para o chão, procurando um jeito de ela me aceitar de volta.

— Pelo menos me diz que vai esperar eu resolver isso? Que não vai ficar com mais ninguém?

— Não sei. Você me machucou, Fernando e se aparecer alguém menos complicado que você, que faça com que eu te esqueça, então é o que eu vou fazer e vai ser melhor para nós dois. Só quero que você me deixe em paz até resolver a sua vida.

Mordi o canto da minha boca e balancei a cabeça em negativa. Ela não pode fazer isso comigo. Não pode ser tão fácil assim para ela me trocar por outro. Voltei a olhá-la e ela me encarava com os olhos cheios de lágrimas, mas com um rosto tomado de decisão. Pensei que se é assim que ela quer... Se acabar com nosso amor vai ser melhor para nós dois como ela disse, então é isso que ela vai ter. Avancei para cima dela e a beijei com vontade com as mãos uma de cada lado do seu rosto e quando me separei disse olhando em seus olhos:

— Segue sua vida, então.

Fui para o meu carro sem olhar para trás e com o coração partido e doendo como se fosse sair do peito. Maldita tradição. Mas preciso por um fim nisso e tomar de volta as rédeas da minha vida. Não posso deixar que eles me façam infeliz, mas por enquanto e por mais uma vez, com a Clara não vai ser, e com isso permito que sim, que eles me façam infeliz.

Capítulo treze

Clara

Ouvir o Fernando me dizendo para seguir minha vida doeu, doeu tanto que minha vontade era sair correndo atrás dele e dizer que eu o aceito de qualquer jeito, mas a minha dignidade, meu ciúme e meu instinto de auto preservação não deixaram. Além de que meu amor por ele é grande demais para aceitar dividi-lo com outra pessoa.

Hoje é segunda feira e estou de folga. Não vi o Fernando nem sábado nem domingo, ele definitivamente está me dando o espaço que pedi e evitando me ver. Talvez tenha decidido de vez firmar compromisso com a Fabiana e me deixar.

Levei a May na escola, dormi um pouco e agora estou indo buscá-la novamente. Vou andando porque vendi minha lata velha nessa última semana que fiquei desempregada, precisava levantar um dinheiro. Não consegui muita coisa, porque por ele estar parado e sem funcionar nesse tempo que eu estava namorando e como o Fernando sempre me levava onde eu queria, não estava usando aquele museu, o que o fez parar de vez. Então agora que não tenho mais meu carro e nem o Fernando o que me resta é andar, mas é bom que além de fazer um exercício para perder essas gordurinhas extras, ainda aproveito para pensar.

Quando deixei minha filha na escola, percebi que ela estava um pouco febril, mas ela disse que estava bem e queria ver a melhor amiga, então a deixei ficar. Agora estou aqui no portão a esperando sair preocupada pensando se ela está mesmo bem. Quando a vejo, aceno sorrindo e ela me lança um sorriso sem graça e vem andando devagar e desanimada em minha direção.

— O que você tem, princesa? — Pergunto quando ela chega perto de mim com o rostinho triste.

— Estava esperando que por hoje ser segunda, o tio Nando pudesse estar aqui me esperando com você, mamãe.

— Ah, sinto muito, meu amor, mas eu e o tio Nando não estamos mais namorando.

Coloquei a mão na testa dela e ela estava com febre.

— Sinto falta dele. Ele é meu melhor amigo.

No mesmo instante me senti culpada por ter feito com que ele parasse de ligar para ela. Mas no fundo sinto que é melhor assim, minha filha se apegou demais a ele.

— Vou tentar ligar para ele, tá?

Ela assentiu e me lançou um pequeno sorriso. Peguei o celular do bolso e liguei. Faço tudo para ver minha filha feliz. O celular chamou, chamou e ele não atendeu. Tentei de novo e caiu na caixa postal, ele deve ter desligado para não falar comigo. Pensar isso fez um nó na minha garganta e me segurei para não chorar.

— Filha, ele deve estar ocupado, depois a mamãe tenta de novo, tá bom?

— Tenta só mais uma vez, *mami*, se ele atender falo rapidinho e digo que só liguei para falar oi.

Respirei fundo e para ver minha filha sorrir tentei novamente, no segundo toque ele atendeu.

— O que foi, Clara? Se arrependeu e me quer de volta? Ou cansou de ficar em paz? — ele falava alto e bravo, meus olhos se encheram de lágrimas, pisquei para contê-las respirei fundo e respondi:

— É a Mayara... Ela quer falar...

— Quer falar comigo e vai jogar a culpa na criança?

— Desculpa, foi engano. — Desliguei, tentei conter o choro que estava fechando a minha garganta e me sufocando.

— Filha... É... O telefone deve estar errado, vamos para casa lá eu ligo para ele, tá meu amor?

Minha filha assentiu e fui para casa com ela depois de comprar alguns doces para animá-la e passar na farmácia e comprar um antitérmico. Quando chegamos em casa, logo Laura percebeu em meu olhar que eu não estava bem. Após fazer a May dormir um pouquinho contei tudo para ela e chorei como uma criança no colo da minha amiga.

— Eu vou matar ele. — Ela gritou.

— Mas eu não entendo, Laura, ele nunca me tratou assim com tanta grosseria.

— Se bem, que pode ser que você ligou em uma hora ruim, não sei. Alguma explicação deve ter para ele ter te tratado assim. Não faz o jeito dele, ele é um doce com a May e com você.

— Ou simplesmente ele não me ama mais.

— Duvido que seja isso. Ele é muito apaixonado por você.

Estava chorando encostada no ombro da Laura quando ouvi gemidos da May e fui correndo ver o que ela tinha. Quando cheguei ao quarto, coloquei a mão na sua testa e estava queimando em febre. Meu Deus!

Laura me ajudou a tirar a roupa dela e dar um banho para ajudar a baixar a febre. Coloquei minha filha no colo e estava levando para o banheiro quando ela ergueu a cabecinha e me disse:

— Mamãe, ele disse que sempre estaria aqui. Ele cumpre com a promessa.

Não consegui responder a minha filha e me odiei por fazê-la amar o Fernando e sofrer comigo também, por ele ter ido embora. Coloquei-a embaixo do chuveiro no banho morno quase frio e a deixei lá por alguns minutos. Ela tremia e meu coração estava partido em vê-la daquele jeito. A tirei do banho, a sequei e a febre baixou, mas alguns minutos depois ela voltou a subir.

— Vamos ter que levá-la ao médico, Clara. — Laura me falou preocupada e eu estava entrando em pânico.

— Vamos!

Peguei minha bolsa, celular e partimos no carro da Laura até o hospital público mais próximo. Demorou uma vida até sermos atendidas e a minha filha estava deitada no meu colo, com as bochechas vermelhas e os olhinhos murchos. Coloquei mais uma vez o termômetro nela e a febre ainda estava alta, o termômetro acusava trinta e nove graus e a Laura vendo o meu desespero, fez um pequeno barraco para a minha May ser atendida. Dei um beijo na testa da minha filha tentando tirar dela o que quer que fosse que estivesse a fazendo ficar com essa febre.

Após o escândalo da Laura enfim a médica chamou a minha filha e então entramos para sermos atendidas. A médica fez exames e não achou nada que indicasse aquela febre alta o que me preocupou ainda mais. Mas disse também que a minha filha estava desidratada e receitou soro e medicamento na veia. Deve ser porque não comeu nem bebeu nada hoje o dia todo.

— Mamãe, quando eu estiver boa, vamos naquele parque aquático que você me prometeu? — Minha May me perguntou com um fiozinho de voz.

— Claro que sim, nós vamos sim, amor.

— E o tio Nando vai também? Tô com saudade dele. — Olhei para a Laura que estava ao meu lado e ela me olhou com compaixão.

— Sim filha, ele vai!

— Liga para ele mais uma vez, Clara, estou achando que essa febre toda é emocional.

— Eu também estou. — Falei com meus olhos cheios de lágrimas. Peguei meu celular e disquei mais uma vez para ele, que desligou a ligação no segundo toque. — Laura você pode ficar aqui com ela? Vou resolver isso.

Minha amiga me apoiou e disse que ficaria com a May o tempo que precisasse e me emprestou a chave do carro dela para que eu fosse mais rápido. Dei um beijo na minha filha prometendo voltar logo e quando eu estava saindo ela me chamou e disse:

— Mamãe, se você ver o tio Nando, pergunta pra ele o que eu fiz para ele parar de gostar de mim? — Aquilo que ela disse quebrou meu coração e tive que usar toda a minha força para não chorar.

— Você não fez nada, filha, é impossível não te amar. Ele só anda muito ocupado no trabalho, mas ele vai vir te ver.

— Ele vai? — Os olhinhos dela brilharam. — Se você encontrar com ele, fala que se ele vier me ver eu compro pipoca para ele com as minhas moedas que guardo para o presente de natal. Para brincar com o meu melhor amigo eu abro mão do presente.

Pisquei muito para não chorar, sorri para ela e sai do quarto onde estava a maca em que colocaram minha filha para tomar soro.

— Clara. — Minha amiga me gritou e veio em minha direção — Vai logo e se você achar ele, fala para ele que vou matá-lo depois que a Mayara o ver. Vou ficar aqui tentando ligar para os outros *Angels* tentando saber onde ele está. Fica com o celular que eu te aviso.

Abracei minha amiga, disse que iria até a casa dele e parti para achá-lo. Pela minha filha eu vou atrás dele onde ele estiver. E estou me odiando por fazer a minha princesa passar por isso.

Fernando

Acabo de sair da casa dos meus pais. Estou respirando com dificuldade, acabei de ter uma briga feia com eles, em que eu disse que não conseguiria continuar com essa mentira e eles me pressionaram a continuar com ela pela saúde do meu avô.

Nunca briguei com os meus pais, sempre os respeitei, nem sequer ergui a voz quando eles brigavam comigo, nem sequer respondi para falar a verdade e desde que conheci a Clara, eles têm me irritado tanto com essa historia de casamento que me exalto, os respondo e viro as costas para eles os deixando falando sozinhos. Mas é tão difícil assim eles respeitarem a minha vontade e superarem essa tradição?

Estou no meu carro e com ódio. Ódio dessa situação, dos meus pais, do meu avô e ódio da Clara. Sim, dela, que não consegue entender o que estou passando e ao invés de me apoiar e ficar do meu lado me abandona. Droga! Fui ligar o carro para sair e meu celular começou a tocar e era ela. O que ela quer agora? Não tinha me dito que queria paz? Enquanto isso me colocava no inferno e acabava com a minha paz ao terminar comigo.

— O que foi, Clara? Se arrependeu e me quer de volta? Ou cansou de ficar em paz? —
Atendi expressando toda a minha raiva dessa situação.

— É a Mayara... Ela quer falar...

— Quer falar comigo e vai jogar a culpa na criança? — Falei isso e na mesma hora me arrependi.

— Desculpa, foi engano. — Ela disse e desligou.

Porra! Soquei o volante com raiva e fiquei pensando: vai ver era a May que queria falar comigo mesmo. Como eu sou burro! Mas também, a Clara não me quer, faz com que eu deixe de ligar para a filha dela, que eu aprendi a amar e depois me liga do nada. Não consigo entender.

Liguei o carro e fui a um bar próximo de onde meus pais moravam e fiquei lá o resto da tarde. Não queria ir para a minha casa, porque lá tudo me lembra a Clara, apesar de que não preciso de nada que me lembre dela, porque mesmo aqui onde nunca a trouxe, essa mulher não sai da minha cabeça. Joguei uns dardos para desestressar e bebi. Quando eu estava me sentindo ligeiramente tonto resolvi ir para casa com a minha raiva. Mas agora a raiva era de mim também. Por que não a deixei falar o que a May queria? Por que não a escutei?

Estava próximo a minha casa e assim que virei na minha rua, avistei o carro da Laura parado em frente ao meu portão. Estacionei meu carro na frente do dela e assim que desci, vi que a Clara que estava lá dentro com o celular no ouvido. “Achei ele” ela disse quando cheguei do lado da sua janela. Ela desligou o celular e desceu do carro com uma cara de brava com misto de preocupação.

— Eu estava atrás de você. — Foi a primeira coisa que ela disse e senti uma alegria dentro de mim.

— Desculpa, fui um idiota no telefone quando você me ligou, mas é que eu tinha acabado de brigar com meus pais e...

— Sinceramente não me interessa, o que me interessa agora, é a minha filha que está no hospital com uma febre, que eu não sei de onde veio e chama pelo melhor amigo dela — Franzi a sobranalha sem entender e ela continuou. — E eu, eu te liguei para você ir até lá, só dizer um oi, para ver se ela melhora e você me tratou como lixo. — Ela começou a chorar e eu estava sem entender e mesmo sem entender eu tentei abraçá-la.

— Me larga! — ela gritou — Me arrependo por ter feito isso com a minha filha. Ter feito ela te amar a ponto de sofrer com o seu sumiço. Só preciso que você vá até ao hospital vê-la. Por favor, você pode fazer isso por ela?

— Meu Deus! — Exclamei me sentindo muito mal.

— Você não podia ter abandonado ela! — Ela gritou.

— O quê? Eu não abandonei, vocês me afastaram dela. — Eu também gritei.

— Ela é só uma criança! — Ela falou baixo e chorando.

— Clara, eu tentei falar com ela e percebi que você não queria que eu continuasse, só por isso parei. O que esta acontecendo com ela? — Ela enxugou as lágrimas, mas ainda demonstrava raiva e preocupação.

— A May está com febre e desanimada há dias, hoje ela desencadeou uma febre alta e começou a falar de você a cada duas palavras. Por isso te liguei, eu não ligaria se não fosse pela minha filha e nunca usaria ela para falar com você. Já estou me sentindo péssima por ela estar passando por isso por minha causa.

— Eu sei que você não usaria, me desculpa por ter te acusado assim, é que eu estava nervoso e...

— Você pode ir comigo vê-la agora, por favor? — Ela me interrompeu com frieza.

— Claro! Vamos. Vem comigo no meu carro depois a gente vem buscar o carro da Laura.

— Não, você vai no seu e eu no da Laura.

— Tudo bem!

Ela se virou, entrou no carro e deu partida. Nunca a vi tão fria comigo. Apressei-me para entrar no meu carro e a segui até o hospital onde a Mayara estava. Eu me sentia um lixo por ter falado com ela como falei, mas ela tinha que me entender, foi na hora da raiva. Estava me sentindo um lixo também por ter deixado a May. Nunca devia ter desistido dela. Nunca!

Assim que chegamos ao hospital, fui andando as pressas com ela até a sala em que a Mayara estava tomando medicação e assim que entrei, a Laura me fuzilou com olhar que quase voltei correndo para o lugar de onde eu vinha, mas a visão daquela coisinha pequenina, com um acesso no braço e dormindo ali naquela maca, me deixou com o coração partido e me sentindo um bosta por ela estar sentindo a minha falta. Sentei-me na cadeira ao lado dela, assumindo o lugar onde a Laura estava e passei a mão nos seus cabelos. Senti meu peito apertar e meus olhos se encheram de lágrimas.

— Como eu estava com saudade de você, pequena! — Falei baixo com a voz embargada, mas assim que ouviu minha voz ela abriu os olhinhos e sorriu para mim.

— Tio Nando, é você mesmo?

— Sim, sou eu princesa. — Ela tentou se sentar e eu a ajudei com calma, achando que

ela queria ir ao banheiro ou coisa assim, mas assim que se sentou ela jogou os braços sobre mim e me deu um abraço apertado.

— Se você ficar comigo um pouquinho, quando eu melhorar eu pego meu dinheiro do cofrinho e te compro aquela pipoca que você gosta.

Eu estava me segurando para não chorar.

— Vamos fazer assim, — falei me separando dela com meus olhos cheios de lágrimas e olhando nos seus olhinhos lindos. — se você melhorar logo, e você vai! Aí eu levo você e sua mãe naquele parque aquático que a gente tinha combinado. O que você acha? — Evitei olhar para Clara, não queria saber o que ela achava sobre isso e tenho certeza, pela frieza com que está me tratando, que ela não deve ter gostado.

— Você não esqueceu? — Os olhinhos da May brilharam.

— Claro que não. Lembra que eu sempre cumpro as minhas promessas?

— Sim, lembro. Mas achei que você não gostava mais de mim e queria te pedir desculpas, tio Nando. — Ela disse parecendo triste.

— Desculpas pelo que, princesa?

— Porque fiz alguma coisa que te deixou bravo, parou de gostar de mim e não me ligou mais. — Olhei para Clara que estava chorando e pisquei lutando firmemente para não chorar.

— Você não fez nada, minha linda, é só que eu estava tão ocupado e não tive tempo de ligar. Mas olha, isso nunca mais vai acontecer, mesmo que o mundo acabe ou que uma bruxa me jogue um feitiço e me diga que você está ocupada e não pode falar comigo — Olhei para a Laura que revirou os olhos para mim — eu ainda assim vou te ligar.

— Jura? — Ela sorriu e eu sorri de volta.

— Juro!

— Jurando e dando o mindinho? — Ela falou e ergueu o dedinho mindinho para que eu entrelaçasse o meu ao dela.

— Jurando e dando o mindinho. — Respondi fazendo o que ela queria.

— Jurando, dando o mindinho e dando três pulinhos?

— Mayara, já está bom, ele já jurou. — Clara disse sorrindo e eu a acompanhei.

— Tio Nando, eu te amo, você é meu melhor amigo.

— Eu também te amo, pequena. — Ela me abraçou de novo e aí não consegui me segurar mais e uma lágrima caiu do meu rosto.

Fomos interrompidos por uma médica que entrou na sala com resultados de exame de sangue, urina e um ultrassom do abdômen, que a Laura disse que ela fez enquanto a Clara estava atrás de mim. E todos eles estavam perfeitos, sem nenhuma alteração. A médica deu alta para a May, disse para ficarmos de olho e qualquer febre ou algo diferente que ela sentisse que a trouxéssemos de volta.

Seguimos para a casa delas. Laura foi em seu carro e a May insistiu para que ela e a mãe fossem comigo e eu claro, que curti isso. Essa menina é o máximo! Preciso reconquistar a Clara e me desculpar por ter a feito sofrer tanto.

— Tio Nando.

— Oi. — Respondi a Mayara olhando pelo retrovisor.

— Eu fiquei muito brava com você, sabe? Não gosto de ver a minha mãe chorar e ela chorou muito porque você não era mais namorado dela.

Olhei para a Clara que permaneceu olhando janela a fora.

— Ah May, eu amo vocês e nunca quis fazer você ficar brava e a sua mãe chorar. Mas se quer saber, eu também chorei e senti muita saudade. Fiquei muito triste esses dias.

— Tadinho de você, tio Nando!

Ouvi a Clara bufar baixinho e eu não segurei o riso.

— Filha, fica quietinha, você não estava se sentindo bem agora a pouco.

— Agora tô bem, mamãe. Então tio Nando, eu quis dar um chute na sua canela.

Tive que rir.

— Desculpa, May, por te deixar tão brava assim. Mas foi a sua mãe que não quis mais ser a minha namorada e como eu disse, também chorei muito e fiquei muito triste.

Nesse momento a Clara me olhou. E era tão intensamente que foi uma pena eu estar

dirigindo se não eu a teria beijado.

— E quando vamos ao parque? Porque estou com tanta vontade de brincar na água, chupar sorvete e brincar com meu melhor amigo.

A menina parecia estar ligada nos duzentos e vinte e não parava de falar, nem parecia ter saído de um hospital. Nunca imaginei que alguém pudesse ficar doente por falta de uma pessoa e sentir esse amor tão inocente dessa criança por mim, aqueceu meu coração e me deixou muito feliz.

— Quando a sua mãe quiser.

— Quando vamos *mami*?

Clara me olhou séria, como se me pedisse ajuda para dizer não e eu dei de ombros e sorri.

— Quando você quiser. Eu não vou me afastar mais.

Ela soltou o ar, se virou para trás e sorrindo para a filha disse:

— Em breve, filha.

Bruno Mars - Just The Way You Are começou a tocar na estação do rádio que estávamos ouvindo e a música de amor preencheu o carro. Clara voltou a olhar janela a fora nitidamente tocada e eu não resisti, sem pensar duas vezes soltei uma mão do volante e peguei a dela que estava apoiada em sua perna, entrelacei nossos dedos e sorri feliz para a cara de surpresa dela. Olhei pelo retrovisor e vi uma Mayara sorrindo largamente ao ver meu gesto e pisquei para ela em cumplicidade.

— Em breve mesmo. Eu sou persistente não desisto do que quero. — Falei e ela voltou a olhar para fora do carro, mas não tirou a mão da minha, o que me fez sorrir largamente.

Parei o carro em frente a casa delas e desci para tirar a May do banco de trás. A peguei pela mão, demos a volta no carro e nos encontramos com a Clara do outro lado.

— Princesas, entregues!

— Obrigada, por ter ido. — Clara me disse séria.

— Não queria que isso tivesse acontecido e que eu tivesse precisado ir. — Ela apenas assentiu.

Abaixei da altura da Mayara e falei olhando nos olhos da menina:

— E você mocinha, tem que ficar boa logo para a gente ir ao parque e sempre que estiver com saudade de mim, não guarde só para você, é só me ligar que sempre estarei por perto.

— Eu já estou boa, podemos ir amanhã? — E ela parecia mesmo, nem parecia ter saído do hospital a pouco, e isso só comprova que o que ela estava sentindo era saudade.

— Bom, precisamos ver com a sua mãe, se ela quiser... — Olhei para a Clara que parecia estar lutando uma batalha interna.

— Amanhã você tem aula, May.

— Por favor, mamãe?

Ela mordeu o canto da boca, pensou, me olhou, eu retribui o olhar indeciso dela com um sorriso e por fim ela disse:

— Ok. Mas só ser for para irmos cedo e voltarmos cedo porque amanhã eu trabalho.

— Por mim, tudo bem!

— E por mim também. — Mayara disse com uma carinha travessa.

— Filha, agora se despeça do Fernando e entre que vou resolver com ele sobre amanhã e já entro.

A menina veio até mim, me abraçou, me deu um beijo e disse que estava muito feliz que eu voltei e em seguida entrou correndo para a casa, forte como um touro, me deixando sorrindo feito bobo.

— Não pense que isso muda alguma coisa — Clara tirou meu sorriso. — Sou grata por você ter feito minha filha melhorar, mas isso não muda o fato que ela estava doente por sentir sua falta.

— Eu não planejei me afastar dela, foi você quem quis assim. E se fui grosso com você quando me ligou, é porque naquele instante eu tinha acabado de brigar com meus pais por sua causa. Para que eles te aceitem, porque eu não quero brigar com eles para ficar com você, quero que eles te aceitem e te respeitem como minha namorada.

— Mas não quero mais isso.

— Eu sei que você me quer sim, sei que você me ama como eu te amo e não vou deixar que essa tradição acabe como o nosso amor. Eu só preciso de tempo. Tempo para fazer meu avô se acostumar com a ideia e tempo para fazer você me perdoar pelo tanto que tenho feito você chorar.

Ela olhou para o chão, ficou sem me olhar e eu continuei:

— Não está fácil para mim também, não está fácil ficar entre a minha família e o amor da minha vida. Porque eu amo você, Clara, amo muito. Mas não consigo simplesmente virar as costas e matar meu avô de desgosto porque eu o amo também e me sentiria um egoísta fazendo isso. Mas também por outro lado me sinto um lixo por você estar sofrendo e hoje descobri que eu amo a sua filha, tanto quanto se ela fosse minha, porque me senti a pior pessoa por ela estar naquele hospital por minha causa.

Ela começou a chorar.

— Por favor, não chora mais.

Ela respirou fundo, passou a mão nos olhos e enxugou as lágrimas. Em seguida disse ainda sem me olhar:

— Vou entrar e se você não quiser ir amanhã não se sinta forçado a nada, eu invento uma desculpa para a Mayara. Com tempo ela vai ter que acostumar a não ter você por perto.

— Porra, Clara! Você não ouviu nada do que eu te disse? Eu disse que te amo e amo a Mayara e você pode estar tentando me esquecer e eu sei que mereço isso, mas eu não vou te deixar. Amanhã eu vou estar aqui às sete horas da manhã, vou pegar as duas donas do meu coração, eu vou à droga daquele parque tirar milhares de sorrisos do rosto da sua filha, quer você aceite isso ou não! Eu não vou abrir mão de vocês entendeu?

Ela enfim me olhou e senti naquele instante que talvez ela tenha entendido que eu não ia embora mesmo que ela pedisse.

— E quanto a amanhã, vou sair com você como o melhor amigo da May, e só. Não vou fazer nada que você não queira. Ah não ser que você me peça. — Segurei o olhar dela no meu, mas como sempre ela muito arredia disse mais uma vez que ia entrar, se virou de costas para mim e entrou.

Fiquei olhando-a entrar e minha vontade era correr atrás dela e dar um beijo naquela boca linda, mas me contive entrei no meu carro e fui para minha casa sentindo meu corpo

formigando de eletricidade e desejo. Preciso reconquistar essa mulher.

Clara

Entrei sem olhar para trás ou eu teria desistido de me fazer de forte e teria fraquejado e beijado aquela boca linda que estava ali na frente dizendo que me amava. Entrei em casa e lá estavam as minhas duas melhores amigas. May deitada em um sofá com a maior carinha de feliz do mundo, e isso me deixou feliz também, e a Laura no outro me olhando com uma sobrancelha arqueada, esperando eu dizer alguma coisa. Entrei e me sentei no sofá que a May estava e coloquei as perninhas dela em cima das minhas. As duas continuavam me olhando.

— O que foi? — Perguntei.

— Você está namorando com o tio Nando de novo?

— Não, Mayara, e não vou. — Ela fez uma carinha de triste.

— E amanhã vocês vão ao parque aquático? — Laura perguntou.

— Sim, vamos. — Ela continuou me olhando — Fiz errado?

— Não, só acho que vocês poderiam dar um foda-se bem grande para tudo que os separam e parar logo com essa palhaçada de vai e volta.

— Olha a boca, Laura. — Falei apontando a May e a Laura deu de ombros. — Acho que não dá mais para fazer isso. Acabou mesmo.

— Vamos ver.

— É, vamos ver. — May acompanhou a Laura nos fazendo rir.



Acordamos cedo, a May faltou à aula hoje, deixei só hoje, para agradá-la porque estava doentinha ontem. Troquei sua roupa e preparei uma mochila com as suas coisinhas e roupas para levar ao parque. Coloquei um short jeans desfiado, uma baby look preta e chinelos. Graças a Deus hoje estava um dia espetacular e um sol lindo brilhava no céu, logo cedo. Mayara estava muito empolgada e conversa com a sua boneca contando que iria levá-la para passear e eu sorri para essa cena. Sorriso esse que vacilou quando pensei que eu ficaria de novo perto do Fernando. Esse pensamento me dava um comichão no corpo todo e me dava também um medo horrível dessa intensidade que nos cerca.

— Mamãe, hoje vai ser legal, né?

— Vai sim, meu amor. E como você está se sentindo?

— Estou muito bem e muito feliz. Mamãe, hoje você não vai brigar com o tio Nando, né?

— Ah e sou eu que brigo com ele?

— Sim, ele é bonzinho e você não tem dó dele. Não briga com ele.

— Não, May, eu não vou. — Respondi sorrindo e pensei que o Fernando conseguiu aqui uma grande defensora.

Logo ouvimos uma buzina e saímos ao encontro do Fernando que nos esperava no carro. Assim que o vi perdi uma batida do meu coração, ele estava lindo usando uma bermuda Jeans e uma camisa polo branca, como sempre agarrada ao músculo do seu braço. Andei até ele enquanto a Mayara já tinha corrido e pulado no seu colo.

— Como está se sentindo, pequena?

— Eu estou muito bem! — Mayara respondeu já no chão e de mãos dadas a ele.

— Bom dia, Clara. — Ele me cumprimentou e me deu um confere me olhando de cima a baixo com aquele maldito sorriso lindo, perfeito e alinhado.

— Bom dia. Vamos? — Falei sentindo minhas bochechas pegarem fogo.

— Vamos! — Ele concordou sorrindo.

Entramos no carro e fomos em direção ao parque. Eu evitei conversar e fiquei olhando para o lado de fora da janela. No rádio do carro tocava Adele - *One and Only*, amo essa música e ouvindo ela penso que eu gostaria de dizer tanta coisa para o Fernando... Queria gritar com ele,

estapeá-lo e depois dizer o quanto o amo e o quanto eu gostaria que ele mandasse a família dele a merda e ficasse comigo. Mesmo achando isso tão errado, porque família é família e ele não deve mandá-la a merda. Mas essa história de tradição me faz sofrer, e mesmo sofrendo às vezes me pego o admirando por ser tão fiel a família a ponto de aceitar ser infeliz para mantê-los bem. E isso é lindo nele. Mas dessa história toda o que pega em aceitá-lo de volta é a tal de Fabiana, ela não dá para aguentar e não aceito.

Adele parou de cantar e a música que tocou ontem do *Bruno Mars - Just The Way You Are* soava agora nos auto falantes do carro e no mesmo instante lembrei-me da mão do Fernando na minha ontem e o quanto eu tive que me segurar para não agarrá-lo.

— Sabe o que diz essa música, May? — Fernando me tirou dos meus pensamentos.

— Não sei, tio Nando.

— Essa música fala o quanto o cara acha a moça bonita, linda, o quanto ama os olhos dela, o sorriso dela e que não a mudaria em nada, porque ela é incrível.

— Nossa! Ela deve ser igual a mamãe, então.

Ele não respondeu, mas sei que está sorrindo, sinto seus olhos em mim e não consigo conter o sorriso, mas continuo olhando para fora do carro. Enquanto penso agora que minha filha e o Fernando são cúmplices perfeitos e vai ser difícil me manter brava por muito tempo.

Chegamos ao parque e era lindo, minha filha estava encantada com tudo, assim como eu. Coloquei meu maiô preto com um recorte mais moderno, em que tampava a barriga, mas deixava a minha cintura a mostra. Assim que o Fernando me viu, percebi que ele perdeu alguns segundos me olhando e segurei os lábios para não rir. Tinha levado um livro que eu adorava e sentei-me em uma espreguiçadeira, usando meu óculos de sol, de onde conseguia ver perfeitamente os dois na água brincando feito duas crianças, um jogava água no outro e o Fernando ajudava ela a escorregar no tobogã infantil, no qual ele também escorregava em seguida e era muito engraçado.

Fechei o livro e percebi que eu não conseguiria me concentrar nele com aquela cena linda a minha frente. Fernando daria um excelente pai.

Resolvi me juntar a eles e quando cheguei perto, minha filha ria muito enquanto o Fernando corria atrás dela e eu não pude conter meu sorriso feliz.

— Mamãe, vem brincar com a gente?

— Só vou ficar olhando de longe.

— Ah não. Veio ao parque tem que se molhar. — Fernando veio até mim, me segurou e disse para a May jogar água e claro que ela fez. Ele me abraçava por trás enquanto minha filha me molhava. Eu ria e tentei me focar na brincadeira, mas as mãos dele em mim, fez com que uma eletricidade percorresse meu corpo. Tentei me desvencilhar, mas já era tarde, já estava toda molhada e não estou falando da água que a May jogou em mim. Queria que ele não tivesse esse efeito no meu corpo, mas é impossível não reagir ao toque dele.

Separei-me do Fernando, sorrindo, e assim que olhei o seu rosto, vi que ele também tinha sentido. Eu também o afetava e muito e sinceramente isso me deixou em êxtase, talvez ele não estivesse me enganando com a Fabiana. Se ele a quisesse, não teria porquê fazer tudo isso que ele faz para ver a mim e minha filha feliz. Sorri para ele, que me sorriu de volta.

As horas passaram e já era uma hora da tarde. May já tinha comido um lanche e estava começando a ficar com fome de novo, então decidimos ir embora e almoçar no caminho de volta para casa. Ela relutou um pouquinho para ir embora, minha peixinha adorava água, mas com a promessa de comer sobremesa e depois de eu dizer que precisava descansar para trabalhar a noite, ela aceitou ir sem reclamar mais.

Almoçamos em um restaurante bem próximo a minha casa e estávamos felizes. Ele me fazia feliz, minha filha parecia radiante. Assim que terminamos o almoço eu tentei pegar a conta para pagar e o Fernando brigou comigo.

— Você já pagou o parque, o lanche, agora quer pagar o almoço? Não! Pode deixar que eu pago.

— Nem pensar, eu pago. — Ele falou bravo.

— Vamos dividir isso, então, eu não serei justa se te deixar pagar. — Ele revirou os olhos — Por que você quer pagar tudo?

— Porque eu posso!

— Ah, tá achando que é o Christian Grey? — Falei cruzando os braços e foi a minha vez de revirar os olhos.

— O quê? — Ele pareceu não entender.

— Deixa, acho que você não leu o livro. — Ri.

— Mas sei quem é. E te digo que sou bem melhor que esse tal de Grey. — ele falava bravo.

Ri alto. Ele não conhece o *Christian Grey*, mas sinceramente para mim ele é bem melhor que dez Greys juntos.

— Rindo de mim? Não cuspa no prato que comeu dona, Clara. — Ele me disse com a sobrancelha arqueada.

— Longe de mim! — Falei com as mãos espalmadas em sinal de rendição.

Mayara estava alheia a nossa conversa louca e eu olhava para a boca dele com muita vontade de beijá-lo. Ele teve mais de uma chance de me agarrar no parque, mas não fez e eu amei isso. Sinal que ele está levando a sério a história de respeitar meu tempo e sairmos hoje somente como amigos. Mas para ser sincera, eu rezei para que ele me beijasse daquele jeito possessivo que só ele sabe, por mais de uma vez hoje. Pagamos a conta e quando estávamos saindo o Fernando deu uma paralisada. Olhei na direção em que ele olhava e vi a sua irmã e sua mãe vindo em nossa direção. Ah não, de novo não!

— Se quiser posso ir para o carro e te esperar lá. Não quero te obrigar a estar comigo e sua família. Posso simplesmente pegar a May e fingir que não estamos juntos. — Falei já me sentindo triste.

— Não fala isso. — Ele parecia bravo e triste com o que eu disse, mas não tive tempo de me afastar, pois a irmã dele correu até nós.

— Mayyy... — Adriana se apressou em cumprimentar a minha filha com carinho da mesma forma que o Fernando faz e isso aqueceu meu coração. May retribuiu o cumprimento indo até ela, a abraçou, começou a contar tudo sobre o parque e Adriana ouvia como se fosse a conversa mais interessante da sua vida. Eu gostava da irmã dele.

— Como vão? — A Mãe dele disse chegando próximo a nós e me olhando de cima a baixo mais uma vez.

— Bem! Vamos, Clara. — Fernando respondeu sem me dar a chance de responder também. E dessa vez, entrelaçou os meus dedos aos dele, como se estivéssemos juntos. E até então ele não tinha feito isso o dia todo.

— Fernando, espera. Você pelo jeito, não entendeu o que seu pai e eu te dissemos ontem, não é? Vai continuar com isso e matar o seu avô?

— Isso que você se refere... É o amor da minha vida e eu não vou abandoná-la e ser infeliz. — Eu me mantive quieta e estava começando a querer sair correndo e chorando.

— Você vai virar as costas para a sua família, por causa de uma mulher, mãe solteira que vem com... — ela olhou para a Mayara que mais ao longe conversava com a Adriana e não ouvia a nossa conversa. — Que vem com um rabo.

— Vem com o quê? — Falei irada. — Olha aqui, sou mãe solteira sim. E faço de tudo para sustentar a minha filha sozinha, sem ajuda do pai. E, além disso, a amo tanto que a crio para ser feliz acima de tudo e não a sacrifico pelos outros. E prefiro ser uma mãe solteira, sem família, que mora com a amiga e trabalha para sustentar a filha, do que ser uma dondoca sem sal, que coloca a empresa, dinheiro e status social acima da felicidade do filho e tem a cara de pau de querer me julgar não ser merecedora do amor dele, simplesmente por eu ter uma filha. Ah! E quer saber... Vai à merda. — Falei tudo de uma vez só e virei-me para ir em direção ao carro deixando o Fernando pensar de que lado ele queria ficar. E sem pensar nem por um segundo ele veio rapidamente até mim, entrelaçou nossos dedos deixando a mãe dele com cara de tacho, nos olhando de onde estava. Despedi-me da Adriana com um beijo e peguei a Mayara pela mão, indo embora dali de cabeça erguida e alma lavada.

Fernando

Minha mãe é inacreditável! E é incrível que ela parece descobrir qual a hora mais inoportuna para aparecer. Meu dia com a Clara e a May estava tão bom, estávamos nos divertindo tanto e eu estava conseguindo fazer a Clara se soltar comigo de novo, no entanto, mais uma vez minha mãe estraga tudo.

Estamos no carro em silêncio enquanto no DVD passa o desenho show da Luna, um desenho que a May adora e a musiquinha irritante do desenho é o único barulho no carro. Eu dirijo em silêncio e a Clara parou de sorrir e olha de novo para fora do carro pensativa.

— Me desculpa? — Falei baixo, mas ela me ouviu e me olhou. — Você não merecia passar por isso.

— Tudo bem! Preciso que me desculpe também por gritar com a sua mãe. Eu não deveria ter feito isso.

— É tudo culpa minha.

— Não é culpa sua. — Ela pegou a minha mão e sorriu.

Pronto, meu coração acelerou.

Estacionei em frente à casa delas e desci para tirar a May como sempre.

— Quer entrar um pouquinho? — Clara me convidou e me surpreendeu

— Quero! — Respondi com um enorme sorriso no rosto.

Entramos, e logo vimos um bilhete da Laura em que ela dizia que tinha ido para casa do Mateus. Clara riu para o bilhete que também dizia para ela voltar logo para mim e consegui ler sem que a Clara visse e sorri. Afinal a Laura não me odiava tanto assim, era só fachada para me fazer ter medo. E para ser sincero eu fiquei com muito medo dos olhares macabros que ela me lançou algumas vezes.

Clara foi dar banho na May e meia hora depois ela voltou.

— Ai, a May estava tão cansada que dormiu assim que saiu do banho e mandou um

beijo para você de obrigada.

Olhei para ela sorrindo e cantei:

— Esse é o Show da Luna, Luna, Luna... — E ela retribuiu a minha canção com uma enorme gargalhada ao perceber que eu cantava a canção do desenho da May.

— Essa música não sai da minha cabeça, também.

— Pena que ela dormiu ou podíamos assistir mais um pouco. — Falei arqueando uma sobrancelha.

— Nem pensar! Então graças a Deus que ela dormiu, né? — Estávamos falando da May e rindo tão leves. Parecíamos dois pais orgulhosos.

— Olha, eu nunca vi uma criança brincar tanto quanto a May brincou hoje.

— É, nem eu, ela quase dormiu no banho tadinha. Muito obrigada por cumprir suas promessas. — Clara me disse sorrindo e levando o olhar dos meus olhos para a minha boca claramente me pedindo um beijo, mas eu reuni todo meu autocontrole e não a agarrei.

— Quer beber alguma coisa? — Me perguntou indo até a geladeira e eu fui atrás dela. Ela abriu a geladeira pegou uma cerveja para mim e se virou para me entregar, mas eu estava tão perto dela, que quando se virou deu de cara comigo e ficamos a poucos centímetros um do outro. Ela engoliu em seco e ficou olhando para a minha boca como se esperasse que eu a beijasse, mas de novo eu não a beijei.

Eu disse a ela que hoje seria somente seu amigo e só faria alguma coisa se ela me pedisse, então é assim que vai ser. Cumpro minhas promessas, apesar de estar sofrendo muito para cumprir essa.

Dei um passo para trás abri minha cerveja e a Clara pegou um copo de Coca *cola* para ela. Ela estava visivelmente afetada assim como eu. Ambos ficamos em silêncio, mas um sorriso bobo estava no meu rosto.

— Uma pena hoje não ser segunda, não é?

— Nem me fale. Ter que trabalhar hoje, vai ser cansativo, mas tenho que ir. Já te disse que tenho chefes que arrancam meu coroa?

Sorri para ela.

— Você sabe que se você não quiser ir, tem um dos seus chefes que é apaixonado por você e não vai se importar se você faltar.

Vi que ela respirou fundo e soltou o ar olhando para o chão e em seguida voltou a me olhar.

— Apaixonado? — Ela perguntou me olhando tão intensamente que estremeci.

— Sim, muito, completamente apaixonado e louco por você!

Ela mordeu o canto do lábio inferior, fechou os olhos como se lutasse uma batalha interna e como um raio, rompeu a pequena distância que nos mantinha separados, colocou uma mão em cada lado do meu rosto e me beijou.

Ela me beijou!

E caralho!

Que sensação maravilhosa. Essa é minha garota, ela não pede nada. Ela faz! E eu a agarrei pela cintura e a beijei, beijei com gosto, matando a vontade que eu estava de beijá-la todo esse tempo. Nos separamos e encostei minha testa na dela tentando controlar a minha respiração.

— Eu estava com tanta saudade de você! — Falei e beijei o rosto dela.

— Nando... Eu também sou completamente apaixonada e louca por você, mas sabemos que nós não vamos dar certo, não é?

— *Shiuuuu*, por favor, não vamos falar sobre isso agora.

A beijei, a ergui em meu colo, a levei até o sofá colocando-a sobre ele e deitei em cima dela beijando e passando a mão por todo o seu corpo. Que saudade eu estava disso tudo. E aqui, com ela é onde eu quero estar. Ela se virou até ficar por cima começou a tirar a minha roupa, mas consegui pará-la:

— E a May? — Perguntei.

— Ela tem sono pesado e pelo cansaço vai demorar para acordar. — Sorri e voltei a beijá-la.

Fizemos amor sem pressa e aproveitando cada pedaço um do outro. Era o nosso retorno, eu vou tê-la de volta e eu amo essa mulher. Ela se levantou pegou a minha mão e me levou para o

banheiro onde tomamos banho juntos, com carinhos e carícias, nos amando sem parar para pensar no que nos impedia e nos separava e foi a tarde mais feliz da minha vida. Mas não seria por muito tempo.

Capítulo catorze

Fernando

Eu estava abraçado com a Clara na cozinha da casa dela, quando a porta da sala se abriu e a Laura entrou com um rapaz, que creio que seja o namorado dela, o Mateus.

— Ah, até que enfim! Vocês se entenderam? De vez agora ou tenho que esperar cenas dos próximos capítulos? — Laura disse quando nos viu.

— Ainda não conversamos, vamos viver um dia de cada vez e ver o que dá. — Clara olhou para mim e concordei beijando a testa dela.

— Sim, mas para mim é de vez. Estou pronto para enfrentar o que for para ficar com a Clara. — Laura me olhou sorrindo como se aprovasse o que eu disse.

— Que bom! Mas amiga me deixa enfim te apresentar formalmente. Esse é meu namorado o Mateus. — Clara foi até ele e deu um beijo em seu rosto sorrindo. — E esse é o Fernando, amor, meu chefe e namorado da minha melhor amiga. — ele apertou a minha mão sorrindo e eu fiz o mesmo.

— O Fernando eu já conhecia como dono da *Angels* e a Clara quem não conhece? Todo mundo conhece as duas anjas da *Angels*.

— Nem me fale, morro de ciúme daqueles marmanjos olhando a minha gata e babando.

Por ela — Falei.

Laura revirou os olhos e pegou uma cerveja para cada um na geladeira. Assim que abri a cerveja meu celular começou a tocar e o peguei para ver quem era. Na tela aparecia o nome da minha irmã.

— Oi, Dri.

— Nando, o vovô está passando mal. — Ela estava desesperada.

— O que está acontecendo?

— A mamãe estava contando sobre você e sua namorada e ele começou a passar mal. Levaram ele para o hospital.

— Estou indo, te encontro lá.

— O que houve? — Clara me perguntou preocupada.

— Meu avô está no hospital. Vem comigo?

— Fernando, se eu for, vou piorar as coisas.

— Você é minha namorada, não é?

Ela pareceu pensar.

— Tudo bem, eu vou, mas se eu ver que as coisas estão complicando eu venho embora.

— Tudo bem!

Clara se arrumou e arrumou as coisas da Mayara para levá-la para casa da mãe da Laura, rapidinho. Acordou a menina que ainda estava cansada e foi reclamando. Clara parecia tensa e não falava comigo e eu estava mais tenso ainda.

Onde eu estava com a cabeça em levar a Clara ao hospital?

Isso vai dar briga e pode piorar a saúde do meu avô. Mas também, já está mais que na hora de todos entenderem que ela é a mulher da minha vida.

— Se você quiser desistir de me levar, eu entendo.

— Não! Você é a minha namorada, eles têm que entender isso. Além do mais, meu avô

vai melhorar e te aceitar. — Tentei parecer convincente, mas sei que nem eu mesmo acreditei no que disse.

Deixamos a May na casa da mãe da Laura e alguns minutos depois, estávamos no hospital, desci do carro com pressa e a Clara apressou o passo para me acompanhar. Assim que entrei, vi a Adriana na portaria, ela me olhou e deu um sorriso.

— Como ele está? — Perguntei.

— Pelo o que vimos, foi só mais um susto e ele está bem. Tudo bom, Clara?

Minha irmã e minha namorada se cumprimentaram com um beijo no rosto e a Clara voltou a entrelaçar nossos dedos. Falei para a minha irmã que iria entrar para saber notícias, mas antes que eu entrasse ela disse:

— A Fabiana está lá dentro e nossos pais e a *batian* também. — Ela parecia pedir desculpa com os olhos.

— Tudo bem! — Passei por ela e continuei andando.

— Não, Fernando, espera. — Clara segurou a minha mão com as duas mãos e me parou.

— O que foi?

— Não acho uma boa ideia.

— Eu decidi que eles vão ter que te aceitar. A partir de hoje você é minha namorada e em breve esposa. — Sorri e ela sorriu nervosamente em troca.

— Tudo bem, vamos!

Seguimos para a sala de espera e assim que passamos as portas de vidro, vi que minha mãe notou que a Clara estava comigo e forceu a boca.

— Olá. — cumprimentei — Para quem ainda não conhece essa é a minha namorada, Clara. Todos me olhavam com os olhos arregalados, como se não esperassem isso de mim.

— E eu sou sua noiva, que saiu do seu lado em uma foto no jornal, você podia ao menos, me respeitar. Já pensou se tem algum repórter por aqui e tira uma foto sua com ela? Como eu ficaria? — Fabiana me olhava com raiva e ainda mais raiva para a Clara

Clara apertou a minha mão e senti ali que ela estava muito nervosa. Minha avó levantou-se e veio até nós.

— Como vai querida? Muito prazer em conhecê-la. — Clara sorriu sem graça e retribuiu o abraço que a minha avó lhe oferecia.

— Inacreditável você trazer essa mulher aqui, Fernando. Seu avô está lá naquela cama de hospital por sua causa. Porque a sua mãe contou para ele que você estava namorando e não iria mais se casar. Saiba que se ele morrer a culpa é sua. Sua e *dessazinha* aí. — Meu pai falou exaltado.

Clara começou a soltar a minha mão para sair dali. Olhei para ela e seus olhos estavam cheios de lágrimas.

— Só preciso que a respeitem. É pedir demais? — Falei olhando para o meu pai. — E só estou aqui por que estou preocupado com meu avô.

— Então não precisa continuar aqui e para mim, você não faz mais parte dessa família. Você nem sequer respeita sua noiva, não foi esse o filho que eu criei.

— Ela não é minha noiva e se fazer parte dessa família tenha que custar a minha felicidade então eu dispenso. Vamos embora daqui Clara.

Saímos do Hospital, eu puxando a Clara pela mão e ela parecia triste ao meu lado.

— Fernando!

Olhei para trás e minha mãe me chamava.

— É isso que você quer para você? Brigar com toda a sua família?

— Mãe eu amo a Clara e é com ela que vou ficar. Se for preciso brigar com a minha família que não pensa na minha felicidade é isso que vou fazer! — Clara enxugou uma lágrima que escorreu pelo seu rosto.

— Mas seu avô está muito doente, já esta velho, você podia fazer a vontade dele e se casar com a Fabiana, depois veríamos isso.

— Fernando! — Clara falou, mas eu não a deixei continuar.

— Não, eu não vou! — Gritei. — É a Clara que eu amo.

— Nada contra você Clara, até te peço desculpa pelo nosso último encontro, mas o Fernando precisa cumprir a tradição, nós precisamos dele.

Minha mãe falou isso, e vi uma tristeza evidente passando por seu rosto e algo a mais ali que a preocupava além da saúde do meu avô. Minha mãe virou-se e entrou de volta no hospital sem dizer mais nada.

Peguei novamente a mão da Clara e entramos no carro em silêncio. Fomos em silêncio até a Angels e quando parei o carro no estacionamento a Clara se virou no banco do carro de frente para mim e disse o que eu estava esperando que ela não dissesse:

— Te entendo perfeitamente agora. Vim o caminho todo pensando nessa história toda e é muita bagagem para mim Fernando e ainda mais para você.

— Clara, por favor, não diga o que eu acho que vai dizer.

— Eu quero que sejamos somente amigos — Ela olhava para as próprias mãos e aquelas palavra doeram dentro de mim.

— Não! Você não vai me deixar!

— Fernando, não quero ser responsável por te afastar da sua família.

— Você não será. Eu sou responsável por minhas escolhas e eu estou escolhendo você.

Ela estava chorando.

— As palavras da sua mãe dizendo que a sua família precisa de você estão martelando na minha cabeça.

Enxuguei uma lágrima que escorria no rosto dela e dei um beijo na sua bochecha.

— Por favor, Clara, não me deixa. Eu enfrento o que for para ficar com você. Eu demorei, mas agora eu sei que eu consigo enfrentar tudo para ficar com você. — Encostei minha testa na dela — Eu te amo tanto, por favor, não termina comigo.

— Não dá Fernando, você sabe do meu passado, sabe o quanto eu sofri e se Deus nos livre, algo acontecer com seu avô eu nunca vou me perdoar e sei que para sempre vou te lembrar de morte. Só quero ser vida e coisa boa para você.

— Por favor, Clara!

— Case-se com a Fabiana e se no futuro for para ser, nós ficaremos juntos. Eu entendo agora por que tem que aceitar a tradição, é a saúde do seu avô. Case-se com ela.

Afastei-me dela, encostei a minha cabeça no encosto do banco do carro e fechei meus olhos controlando a minha respiração para não chorar feito um bebê. Minha respiração estava ofegante e franzi os lábios segurando as lágrimas, mas uma rolou pelo canto externo do meu olho e a Clara enxugou. Ela beijou meu rosto e depois a minha boca e quando vi eu estava chorando e a beijando descontroladamente enquanto ela estava sentada no meu colo.

— Eu nunca amei ninguém assim. — Falei e desci beijando o pescoço dela. — e não vou deixar de te amar. Você ainda vai ser minha para sempre! Sem empecilhos, sem nada, nem ninguém que nos separe.

Clara, assim como eu, chorava e me beijava enquanto ouvia todas as minhas juras de amor em silêncio. E essa foi a nossa despedida.

Capítulo quinze

Clara

Saímos do carro depois de fazer amor pela última vez e meus olhos estavam inchados de chorar e minha boca inchada de tão intensos que foram os beijos de despedida que o Fernando me deu. Estamos andando em direção à *Angels*. Um longe do outro de cabeça baixa e em silêncio.

— Não quero me afastar da Mayara de novo. — Fernando falou baixo e com uma voz triste.

— Também não quero que ela perca o melhor amigo dela. — Em resposta ele sorriu sem vontade.

— Também quero que me prometa que não vai sair da *Angels*.

— Não vou.

Ainda estava cedo e a *Angels* estava vazia. Passamos pela portaria e quando estava no pé da escada que dava para o escritório, ele parou de frente para mim e olhando nos meus olhos tão intensamente que achei que fosse me beijar de novo ele disse:

— Você tem certeza disso? — Ele estava tão triste.

— Não tenho certeza de nada, mas no momento, sua família precisa mais de você do que eu.

— Mas eu preciso de você.

— Já conversamos, Fernando. Vai resolver tudo isso e quando for o momento recomeçamos.

— Tudo bem. — Ele estava serrando o maxilar. Vê-lo chorar por tudo isso me quebrou, me doeu. — Se precisar de mim, sempre estarei pronto para você. — ele passou a mão pelo meu rosto, virou as costas e subiu para o escritório.

Fiquei no estoque até a Laura chegar, me abraçar e me dizer que tudo iria ficar bem. Tentei convencer a mim mesma que o que eu estava fazendo era o certo, mesmo me doendo muito. Não acho certo fazer com que ele fique contra a família, para ficar comigo e se o nosso destino for ficarmos juntos, isso vai acontecer.

Juntei meus cacos e quando a casa começou a encher, assumi meu posto e me ocupei em servir bebidas no piloto automático. Alguns clientes já conhecidos, pediram para que eu jogasse umas garrafas e isso fez com que eu sorrisse um pouco e me sentisse um pouco melhor. Olhei diversas vezes na direção da escada que dava para o escritório, na esperança de ver o Fernando, mas não o vi. Laura tentou me alegrar também, me mostrando diversos gatinhos que nos olhavam do outro lado do balcão, nenhum me interessava, mas pelo menos me fez sorrir e me tirar um pouco da minha tristeza.

Continuei com o meu trabalho, tentando o fazer da melhor maneira possível e pensando que pior do que está, não poderia ficar, então trabalhar pelo menos pode me distrair. Mas... É aí

que me engano.

Joguei uma garrafa para cima em meio a um sorriso e quando iria pegá-la novamente, um vulto sentando-se do meu lado do balcão, tirou a minha concentração e quando vi quem era que estava ali, me olhando com um sorriso nos lábios, eu paralisei. Meu coração parou e todos os meus pesadelos se tornaram reais, o que eu mais temia nos últimos tempos estava acontecendo. Jeferson estava aqui!

Não ouvi o barulho da garrafa se estilhaçando no chão, só conseguia sentir meu medo tomando conta de mim, meu coração tão acelerado que eu consegui senti-lo pulsar nos meus ouvidos. Gritos meus, dele e da minha May vinham na minha memória, socos, ameaças, as mãos dele no meu pescoço e o ar fugindo dos meus pulmões. Tudo isso voltando na minha mente como se estivessem acontecendo agora e que fizeram minhas pernas trêmulas titubearem e a cor fugir do meu rosto. No instante seguinte tudo era escuridão.

Ele me achou! E tudo que está ruim, pode piorar. E aí eu desmaiei.

Acordei alguns segundos depois com a Laura dando tapinhas no meu rosto e o Fernando entrando feito um louco na parte de dentro do balcão e tudo parecia em câmera lenta. Olhei para o lado do balcão em que vi o Jeferson e ele não estava mais lá.

— Ele voltou, eu vi. Preciso ver a Mayara, preciso ver como ela está. — Falei tentando me levantar.

— O que aconteceu, Clara? — O pânico no rosto do Fernando era evidente.

Senti uma ardência na minha mão, olhei para ela e vi que estava sangrando, devo ter cortado quando caí em cima dos cacos de vidro.

— Meu Deus! Você está sangrando! — Fernando me pegou no colo e saiu comigo dali.

Ele subiu as escadas para o escritório comigo no colo, como se eu não pesasse nada e era seguido por uma Laura muito preocupada. Quando entramos no escritório ele me levou direto para o banheiro que tinha lá e colocou a minha mão debaixo da água corrente. Eu não conseguia falar, meu pensamento estava no meu ex-marido. Era ele. Tenho certeza que era ele.

— Ele está aqui!

— Ele quem, Clara? — Laura me perguntou da porta do banheiro enquanto o Fernando lavava o sangue que estava na minha mão. O corte não era tão grande, então ele pegou uma

maleta de primeiros socorros no armário do banheiro e ele mesmo fez um curativo. Levou-me para o sofá com todo o cuidado e eu comecei a chorar de novo.

Rodrigo, João e Gustavo entraram na sala com olhares preocupados e eram seguidos por Valmir e Cassio. Fiquei morta de vergonha quando caí em mim e percebi a cena que eu tinha feito.

— Me desculpem, por favor. Eu não queria fazer essa cena que fiz ainda a pouco e eu pago todo estrago que eu causei lá.

Vi Fernando balançar a cabeça em negativa enquanto fazia o curativo, mas não disse nada.

— Não se preocupe com isso, Clara, mas precisamos saber o que aconteceu. — Rodrigo me disse.

— Eu vi meu ex-marido. — Falei de cabeça baixa e um arrepio passou por meu corpo, como se dizer isso em voz alta, pudesse trazê-lo de volta novamente.

— Puta que pariu! Onde aquele filho da puta, está? Não acredito que ele veio atrás de você, aqui. Vou mata-lo.

— Não, Fernando. — Comecei a chorar de novo, de medo que o Jeferson fizesse alguma coisa com ele, e a Laura me abraçou.

— Fica calma, amiga. Você não está mais sozinha, aqui ele não pode fazer nada com vocês.

Todos os outros me olhavam sem entender.

— Fica calmo você também, Fernando. Você está assustando-a ainda mais. — Gustavo falou para ele, que passou a mão no rosto e veio se sentar ao meu lado.

— Clara, vamos dar uma olhada nas câmeras de segurança e ver quem é ele. Pode ficar tranquila que ele não vai chegar perto de você de novo. — João disse com firmeza e me acalmou.

Revisei as imagens da câmera de segurança do meu balcão. Todos os *Angels* ao meu lado e minha amiga segurando a minha mão, todos esperando que eu dissesse se realmente era o Jeferson que estava lá. Rezei para não ser, mas era, lá estava ele, realmente era ele. Não consigo acreditar e só de vê-lo no vídeo, um tremor de medo passou pelo meu corpo e Fernando sussurrou

para mim que tudo iria ficar bem.

Tive que ir embora mais cedo, não tinha cabeça para trabalhar e minha amiga foi embora comigo. O Fernando insistiu para me trazer, mas eu insisti que não precisava, o deixando muito nervoso.

Fui deitar e estava ainda assustada e minha amiga, que é a melhor amiga que alguém pode ter, deitou na cama da Mayara e dormiu no mesmo quarto que eu.

Acordei no dia seguinte, conversei um pouco com a Laura e contei para ela algumas das surras que tomei e como o Jeferson era um bom pai e bom marido no dia seguinte a cada uma delas. Evitei conversar sobre ele com ela por todo esse tempo, mas agora que sei que ele voltou é indispensável mantê-lo só na minha memória, já que ele está presente de volta na minha vida. O pesadelo se tornou real.

Precisei me recuperar do susto e ser forte para buscar a Mayara na escola. Estava com o carro da Laura, que insistiu para que eu fosse com ele e não a pé. Fiquei esperando minha filha sair no portão da escola, até que todos os pelos do meu corpo se arrepiaram de medo ao ouvir a voz que há algum tempo eu não ouvia.

— Clara.

Virei-me devagar para o lado de onde a voz vinha e Jeferson me olhava.

— Não queria te assustar ontem, me desculpa?

— O que você quer aqui? — Tentei falar em um fio de voz e agradecendo por estar em meio a um monte de gente. Bom, se ele veio para me matar ele não faria aqui.

— Clara, não fique com essa cara de medo. Eu não vou te fazer mal!

— Você já me fez mal, no momento em que veio atrás de mim. — Ele estava calmo. Calmo demais.

— Eu sou o pai da Mayara, eu quero contato com a minha filha.

— Você não pensava isso antes, quando enchia a cara de álcool, me batia e traumatizava a minha filha.

— Nossa filha!

— Minha filha! — Falei alto, mas logo mantive a voz baixa novamente e perguntei. —

Como você me achou?

— Eu sei exatamente onde você está desde quando você matriculou a Mayara na escola. Você sabe que eu tenho como pagar e como descobrir tudo que eu quiser.

— Sei... Me lembro de como você teve que pagar alguns médicos para se calarem quando quebrou a minha costela, ou quando deslocou o meu ombro e fez parecer que era uma queda da escada. — O medo começou a passar e a raiva me dava coragem para enfrentá-lo.

— Abaixa suas armas, Clara, estou aqui em missão de paz. Só quero a minha filha.

— Minha filha! E por que só agora?

— Quando eu vi que vocês tinham ido embora e eu não sabia para onde, eu bebi e bati o carro. Fiquei internado e nesse tempo decidi que iria melhorar e procurar vocês. Eu fiz um tratamento psicológico e toxicológico, parei de beber e agora que estou preparado, estou aqui e quero vocês de volta. Estou curado, não sou mais aquele louco. Estou arrependido.

— Essa frase foi a que mais ouvi você dizer, depois de me deixar com algum roxo ou corte pelo corpo.

Meu corpo estava formigando com um misto de coragem e medo.

— Mais uma vez, me desculpa? Só posso te pedir desculpa.

— Por favor, volte para o lugar de onde você veio e me deixe em paz com a minha filha.

— Não posso. Quero vocês de volta.

— Não! — Falei alto. — Vai embora, por favor. Preciso preparar a May antes de ver você de novo.

Nesse momento o portão se abriu para as crianças saírem e eu tentei me afastar do Jeferson para que ela não o visse, mas foi em vão. Logo ela saiu e me viu, me presenteando com um sorriso, mas em seguida ela olhou ao meu lado, como sempre na esperança de ver o Fernando, mas assim que viu o pai e o reconheceu, ela arregalou os olhos e parou abruptamente com o medo estampado em seu rostinho. Fui até ela entendendo perfeitamente o medo que ela estava sentindo. Eu senti o mesmo.

Quando cheguei em sua frente, abaixei-me a sua altura e falei:

— Filha, olha para a mamãe. Vai ficar tudo bem. Ele está aqui e mudou, ele não é aquele monstro. — Minha filha ainda estava paralisada de medo e eu tinha que fazer algo para tirá-la daquele transe. — Olha, pensa na Fera, do desenho a Bela e a Fera, ele era um monstro, mas depois se tornou um príncipe. — ela olhava para ele ainda com os olhos arregalados e não me respondeu. — Filha, fala com a mamãe, olha, eu estou aqui e ele não vai te fazer mal.

— Cadê o tio Nando? — Graças a Deus ela falou.

— Ele está trabalhando, mas logo vai vir te ver tudo bem? — Ela assentiu.

— Quer ir falar com seu pai? — perguntei e ela olhou para ele que estava sorrindo em resposta. — Se você não quiser está tudo bem. Querida ele não vai nos fazer mal, ele disse que mudou.

— Tudo bem, eu quero falar com ele! — Minha Valente.

Fomos andando em direção ao Jeferson e agora que o medo que eu estava sentindo passou um pouco, posso ver que está diferente. Tem o cabelo cortado e penteado, seus olhos verdes parecem de alguém de bem e posso dizer que alguém que não saiba do seu passado pode achá-lo bonito.

— Oi, minha filha. — ele disse se aproximando da Mayara e ela não respondeu. — Olha, estou aqui para te pedir desculpas e dizer que estou arrependido de tudo que eu fiz. — Mayara continuava quieta o olhando. — Eu sei que não mereço o perdão de vocês, mas o papai mudou e nunca mais vai fazer aquelas coisas de novo. Vou cuidar de vocês.

— Não precisa. Volta para lá e deixa eu e a mamãe aqui. O tio Nando cuida da gente.

Jeferson me olhou e vi uma fagulha de raiva no seu olhar.

— É aquele que te pegou no colo ontem, não é?

— Minha vida não te interessa mais. — Falei calmamente para ele. — Filha se despeça do seu pai e vamos embora que logo a mamãe vai ter que trabalhar.

— Tchau. — Mayara disse secamente e ele abaixou e deu um beijo na minha filha.

— Tchau. — Falei e segui em direção ao carro.

Meu coração já estava mais calmo, mas eu ainda tinha o pé atrás em relação a ele. Esse reencontro foi muito mais calmo, do que eu imaginei que seria por todos esses anos, mas não

acredito nessa redenção. Não acredito nem um pouco, apesar de que todos merecermos uma segunda chance, mas o Jeferson já teve todas as chances que alguém poderia ter.

Fernando

Estou aqui preocupado, dormi mal e estou me segurando para não ligar para Clara. Preciso saber como ela está, mas agora eu sou apenas o patrão dela, não tenho direito sobre a sua vida pessoal. Mas já que não posso ligar para a Clara, então decido ligar para a Laura que me certificou que a amiga está bem e foi buscar a May na escola. Menos mal, porque a Clara parece forte, mas é muito frágil e sei que precisa de mim para protegê-la. Ontem quando a vi desmaiando lá de cima do escritório, de onde não tirei os olhos dela a noite toda, eu fiquei em pânico e nem sei como descí as escadas.

Hoje decidi ir ver como estava meu avô e ele estava bem, mas o que não fica bem é meu psicológico toda vez que vou até lá. Para a minha infelicidade, quando cheguei para vê-lo a Fabiana também estava o visitando e ele fez com que eu confirmasse novamente que teria casamento e já nos fez escolhermos uma data para nos casarmos. Eu mais parecia um robô, enquanto os dois resolviam em que templo seria e o quanto a empresa ficaria melhor com a união das nossas famílias.

Meu avô me tratava como um ótimo contrato assinado e a Fabiana como o vestido novo que ela estava querendo comprar. Minha avó parecia triste ao ver a minha tristeza, mas mesmo triste, dessa vez resolvi não dar esse desgosto ao meu avô e fiz a vontade dele aceitando tudo que ele e a Fabiana propunham. Saí da casa deles mais uma vez com o casamento marcado e dessa vez a cerimônia seria daqui um mês e fui embora com meu avô me agradecendo por dar-te essa alegria antes que ele morra. Essa chantagem é tão injusta comigo, mas preciso fazer isso por ele. Amo meu avô e não quero vê-lo infeliz. Só não sei o porquê a Fabiana insiste em aceitar isso,

ela poderia dizer não e seguir a vida dela.

A noite caiu e fiquei o dia todo sem falar com a Clara, só preciso aguentar mais um pouco e vencer um dia sem ela na minha vida. Eu preciso conseguir!

Mandei uma mensagem para a Laura, que me certificou de que tudo estava bem. Eu estava impaciente e nervoso.

Por que está sendo tudo tão confuso? Não poderia ser como os casais normais, em que o cara conhece a mina, namoram, noivam, casam, tem filhos e vivem felizes para sempre? Que porra de vida complicada!

Peguei uma garrafa de *vodka* no bar da *Angels* e levei para ao escritório a fim de esquecer toda essa porra de vida bagunçada do caralho. Falei para os caras que eu preferia fazer o trabalho burocrático e não ficar lá em baixo. Eles me deixaram ficar tranquilo no escritório, porque sabem que estou aqui sofrendo com essa vida de merda, em que tenho que ver a mulher que eu amo me deixando enquanto prometo ao meu avô que vou me casar com uma mulher que não amo só para mantê-lo feliz, com o coração calmo e vivo.

Depois de beber um copo ou cinco de *vodka*, fui até o vidro panorâmico do escritório e sem que eu percebesse, já estava lá de cima admirando cada movimento da minha Clara. Ela está sorrindo sem graça para um cliente que está debruçado por cima do balcão tentando ficar perto dela.

O que aquele idiota está fazendo?

Vi que Clara ergueu uma mão espalmada, pedindo para ele parar e ela já não estava mais sorrindo. Mas o cliente continuava apoiado no balcão e ela parecia irritada. Olhei em volta a procura do Valmir ou do idiota do Cassio.

Cadê ele quando eu preciso que ele fique perto da Clara?

Ou de qualquer um dos *barmans*, ou seguranças daqui. Mas não vi nenhum deles, Laura se aproximou do homem, que a afastou e fez sinal como se quisesse falar com a Clara e não com ela. Clara fez sinal para a miga de positivo e pareceu dizer que estava tudo bem.

Fiquei olhando aquele homem irritando as meninas, sei que a Clara não deve estar gostando e apesar de saber que elas sabem se virar, resolvi descer e ver de perto o que estava acontecendo. Tentei ir por trás de um jeito que a Clara não me visse se aproximar e fiquei atrás de uma das pilastras, de onde consigo ouvir o homem, mas a clara não me vê.

— Ei, gata, vai que tal? Cenzão por uma rapidinha. Duvido que você trabalhando aqui, já não fez esse tipo de programa.

O quê? O filho da puta está achando que a Clara faz programa? Saí de trás da pilastra e a Clara me viu.

— Ah, entendi você quer mais, né? Tudo bem pago duzentos, mas quero um boquete também. — Ele continuou.

Ah não aguentei me segurar.

— Filho da puta, asqueroso. — Falei e parti para cima do cara o pegando pelo colarinho e o jogando no chão, em seguida soquei incansavelmente seu rosto, descontando nele toda a raiva que eu estou da minha vida. Só parei quando o Valmir apareceu e me tirou de cima dele.

— Tira esse nojento, daqui! E que sirva de lição para todos os presentes. Ninguém mexe com as nossas anjas. — Gritei e todos os frequentadores que estavam a minha volta me aplaudiram. — Desculpem por essa violência. — Falei mais calmo e eles riram.

Olhei para a minha mão e estava sangrando. Clara deu a volta no balcão, me pegou pela mão e subimos para o escritório.

Chegando lá ela fez comigo o mesmo processo que eu fiz com ela na noite anterior, lavou a minha mão para tirar o sangue e depois enrolou gaze e esparadrapo. Por isso tínhamos esse kit de primeiros socorros aqui, não é sempre, mas quando tem brigas aqui, alguém sempre precisa de atendimento.

Enquanto ela cuidava da minha mão, sem me dizer uma só palavra, eu olhava para ela e admirava cada traço do seu rosto.

— Você é tão bonita!

— E você está bêbado. — Ela me respondeu.

— Não estou não, estava, mas não estou mais. — Ela riu discretamente, enquanto ainda arrumava meu curativo. — Sabe, eu tinha prometido a mim mesmo que iria conseguir ficar um dia inteiro sem falar com você, mas já falhei. — Ela me deu um outro sorriso. — E o seu ex apareceu?

— Sim, mas está tudo sob controle. Ele mudou, se tratou com médicos e está bem. Parece outra pessoa.

— Você não caiu nessa, né?

— Não. E não o quero na minha vida, mas ele parece diferente. Quer ser pai para Mayara. — Ela terminou de fazer o curativo e levantou para ir embora.

— Espera... — Segurei sua mão, que tinha um curativo das princesas e sorri. — Me arruma um curativo das princesas também? — Ela sorriu para mim e o sorriso dela me iluminou

— A May vai ficar feliz em saber que você quer usar um dos curativos dela.

Ficamos em silêncio.

— Percebe que somos alma gêmeas? Até quando um machuca a mão dramaticamente o outro faz a mesma coisa. — Ela riu e concordou

Ficamos em silêncio de novo, sem ter o que falar um para o outro, então resolvi quebrar o silêncio com algo que eu realmente queria falar:

— Sinto sua falta.

Ela engoliu em seco, me olhou e tocou no assunto que me doía.

— Como está o seu avô? — Fechei meus olhos balançando a cabeça em negativa.

— Ele está bem. Principalmente depois que eu fui lá hoje e prometi que me casaria com a Fabiana o mais rápido possível. — Omiti que era daqui um mês, não queria magoá-la ainda mais, mas algo me dizia que eu tinha que contar para ela e acabar logo com qualquer fagulha de esperança que possamos ter de ficarmos juntos. Mas eu não tive coragem, quero aproveitar só mais esse momento.

— Ah! — Ela balançou a cabeça afirmativamente e pareceu muito triste. Senti-me um idiota por ter dito aquilo — Tenho que descer. — Ela falou me olhando.

— Clara, você sabe que eu quero você, não sabe? — Ela balançou a cabeça afirmativamente.

— Mas a vida não é justa e nem sempre podemos ter tudo o que queremos. — E foi a minha vez de balançar a cabeça e concordar.

— Posso ir ver a May amanhã na escola?

— Pode. Ela vai ficar muito feliz.

Ela se virou e saiu da minha sala, me deixando sozinho, tonto pela vodka e completamente triste por não poder ter terminado essa conversa com um beijo avassalador na minha Clarinha. Olhei para a garrafa sobre a minha mesa e pensei: Por que não terminar essa garrafa?

Bebi até a última gota e fui praticamente carregado para a casa, pelo Rodrigo, que me xingou, e jurou que da próxima vez, iria me deixar morrer afogado no meu próprio vômito.

Capítulo dezesseis

Clara.

Eu estava mais uma vez na porta da escola, esperando a Mayara sair, quando fui mais uma vez abordada pelo cretino do meu ex-marido. Ele se instalou ao meu lado e estava com um presente nas mãos que disse ter comprado para ela. Fiquei calada com os braços cruzados, ao lado dele, até que a minha filha nos viu e veio andando calmamente em nossa direção. Ela me deu um beijo, olhou para o pai e disse oi.

— Olha, trouxe isso para você. — ele ofereceu o embrulho para ela.

Ela me olhou, como se pedisse permissão para aceitá-lo e eu fiz que sim com a cabeça e dei um sorriso de incentivo. Afinal era o pai dela e toda criança gosta de receber presente.

May abriu e lá tinha uma boneca da princesa Aurora, com vestido rosa e cabelos loiros. Era Linda. Mayara sorriu e agradeceu o presente.

— Será que posso te pegar para almoçar comigo um dia desses?

— Eu só almoço com a minha mãe. — Ela respondeu secamente.

— Vai com calma. — eu disse para o Jeferson e ele assentiu, mas fomos tirados do nossa pequena conversa, quando a Mayara gritou em alto e bom som:

— Tio Nandooooo! — E saiu correndo na direção em que o Fernando vinha e o abraçou.

— Estava com saudade!

— Eu também estava, pequena. Vim te ver hoje, porque eu estava passeando, quando vi um presente que me lembrou de você... *Tcharammm*. — Ele entregou um pacote para May, que abriu eufórica, com os olhinhos brilhando. Quando ela terminou de rasgar o embrulho e abrir a caixa, o sorriso dela se alargou e ela gritou:

— A Valenteeee... — Ela se jogou de novo no abraço do Fernando, que retribuiu o abraço sorrindo mais que a minha filha. — Olha mãe, é a princesa Merida e ela vem com arco e flecha. — Minha filha estava radiante com o presente do Fernando, enquanto o pai dela, via que o dele não causou tanto frisson.

— Aquela é a princesa favorita dela. — Falei sorrindo e o meu ex-marido só assentiu nitidamente envergonhado, por não saber qual a princesa favorita da sua filha.

Fernando diminuiu a distância entre nós e só então ele notou a presença de Jeferson ao meu lado. Então fechou a cara e notei que o reconheceu dos vídeos das câmeras de segurança da *Angels*. Ele chegou ao meu lado, me puxou pela cintura e me deu um beijo no rosto, demorando mais que o necessário.

— Fernando, esse é o pai da Mayara. — Fernando serrou o maxilar e parecia lutar internamente para se segurar e não socar o Jeferson. Ele sempre disse que faria isso e acho que está se segurando por estar na frente da May.

Fernando estendeu a mão para o Jeferson e assim que ele aceitou seu aperto de mão, vi que fez uma careta e tive que reprimir um sorriso porque sabia que o Fernando havia apertado a mão do meu ex extremamente forte.

— Eu sou o melhor amigo da Mayara e se alguém, quem quer que seja, fizer algo com ela ou com a Clara, é comigo que vai ter que se entender. — Fernando encarou o Jeferson com um olhar tão duro, que se fosse comigo eu teria corrido para as montanhas. — Eu sou do tipo que detesta covardia. Gente covarde comigo não tem vez e resolvo isso com uma surra bem dada e cadeia.

Jeferson estava branco.

— Te entendo, mas todos tem o direito de uma segunda chance e direito a mudança.

— Mas tem uns que tem direito a um belo soco no meio da cara.

— Bom, vamos Fernando, temos que almoçar. — Falei vendo que aquela conversa estava indo para outro caminho e esses dois iriam acabar se pegando. Graças a Deus a May estava muito entretida brincando com a Valente.

— Vamos. Vamos almoçar, princesa? — Fernando perguntou para a May.

— *Ebaaa*, o tio Nando vai almoçar com a gente?

— Vou sim. Vamos, Clara? — Fernando me chamou.

— Vamos. Até mais, Jeferson.

— Até. Mas Clara precisamos discutir um jeito de eu me aproximar dela. Eu sou o pai. Tenho os meus direitos — Ele olhou para o Fernando quando disse essa última parte e o Fernando o encarou com raiva.

— Não tem nada para discutir e infelizmente você é o pai. — Falei baixo para que a minha filha não ouvisse.

— Eu mudei, Clara.

— Até que você realmente me mostre que mudou, não tenho nada para discutir com você. — Virei as costas para ele e fui com a minha filha e o homem que eu amo almoçar. Nós três seríamos a família perfeita e um casal perfeito se o Fernando pudesse formar um casal comigo e consecutivamente uma família.

Chegamos em casa e fiz uma macarronada rápida para o almoço. Fernando queria nos levar a um restaurante, mas por causa do nosso relacionamento, não relacionamento, decidi convidá-lo para almoçar em casa e eu mesmo cozinhar para ele. Não queria ser vista com Fernando pela sua mãe ou por qualquer outra pessoa. Tínhamos terminado e assim seria.

A May almoçou, logo se levantou e deu continuidade a brincadeira com as bonecas, deixando a mim e ao Fernando sozinhos na mesa. Já tínhamos terminado de comer e eu já tinha arrumado a mesa e lavado a louça com a ajuda dele.

— Você não tinha cozinhado para mim ainda.

— Para tudo sempre tem a primeira vez. — Sorri.

— Clara, preciso te contar uma coisa que eu tinha que ter dito ontem, mas não tive coragem.

Eu estava sentada ao seu lado e ele pegou a minha mão fazendo um arrepio percorrer meu corpo. Olhei para ele e o sorriso que eu estava dando congelou em meu rosto ao ver a expressão aflita que ele tinha no dele.

— Pode falar! — Dei um sorriso forçado.

— Lembra que eu te disse que fui ver meu avô ontem e que eu tinha marcado o casamento novamente?

Ele olhava para as nossas mãos unidas sobre a mesa e passava o polegar devagar acariciando os nós dos meus dedos.

— Sim, me lembro. — Engoli em seco.

— Então... Meu casamento com a Fabiana está marcado para daqui um mês.

Paralisei e não sabia o que dizer, senti um caroço se formando na minha garganta e minha vontade de chorar estava tomando conta de mim. Eu sabia que iria acontecer, mas não sabia que iria ser tão rápido. Tirei a minha mão debaixo da dele e tentei conter a minha respiração.

— Parabéns! — Enfim consegui dizer com o sorriso mais falso que já dei na vida e me levantei da mesa, virando-me de costas para ele e piscando freneticamente fazendo as lágrimas se dissiparem.

— Clara...

— Está tudo bem, Fernando, tudo mesmo. Espero que você seja feliz e...

Ele veio até mim e me deu um beijo me prensando contra a pia.

— Eu não vou ser feliz, se não for com você.

— Você precisa fazer isso.

— Uma palavra sua e eu não faço.

— Não, você tem que fazer isso, faça isso... — Falei fechando os olhos e ele enxugou uma lágrima que caiu.

— Então vai ser assim? Eu vou me casar com outra?

— Sim.

Ficamos nos olhando por alguns minutos.

— Eu vou indo. — Ele falou muito triste.

— Vou tentar ir buscar a May na escola durante a semana que vem de novo.

Assenti porque sei que se eu dissesse algo eu iria chorar.

— Só não cai na conversa do seu ex-marido tão fácil, tá? E se precisar de mim só me chamar. — ele me deu um beijo na testa e saiu da cozinha. Vi quando ele passou pela May na sala, disse que a veria na semana que vem e que a levaria para tomar um sorvete. Ele parecia tão triste, mas não mais do que eu.



Esse mês passou tão rápido, tão rápido que enquanto eu não sabia se rezava para ele ir devagar ou se passasse de pressa mesmo, ele simplesmente passou.

Hoje é quinta-feira e depois de amanhã é o casamento do Fernando, a *Angels* não vai abrir nesse fim de semana e hoje seus amigos prepararam uma despedida de solteiro para ele. Meus dias, desde que soube que o casamento dele já tinha data marcada, andam miseráveis e não converso com ele desde o dia que almoçamos juntos na minha casa, só o vejo de longe e ele não vem falar comigo também, me evita e evita até mesmo trocar um misero olhar comigo.

Não ficamos sequer no mesmo local e nos dias de apresentação ele simplesmente não aparece para trabalhar ou vem depois que eu e a Laura já abrimos o bar. E assim ficamos... nos queremos com força, nos amamos, mas não podemos nem nos olhar.

Soube, sem querer, pelo Cassio, que ouviu o Rodrigo falando, que uma das exigências do Fernando para essa despedida de solteiro era que eu e a Laura trabalhássemos. Não iria entrar mulher, mas como somos funcionárias, nós serviríamos de atração na festinha deles. Isso me deixou extremamente revoltada, ele me fazer participar, mesmo sabendo que eu o amo e estou infeliz com o seu casamento, e assim mesmo me obrigou a fazer parte disso.

Tenho saído com o Cassio e ele é um bom amigo. Para que eu não ficasse triste nas segundas, Laura propôs de sairmos e o convidou, desde então, eu, ele, a Laura e o Mateus, temos nos tornado bons amigos. No início ele até tentou algo mais, mas deixei claro que seríamos somente amigos. E agora sou a melhor amiga do Cassio e até o ajudo com conselhos amorosos. Teve vezes que o Fernando nos viu conversando e nos fuzilou com o olhar, Cassio disse que iria contar para

ele que éramos somente amigos, mas não deixei e disse que não devia explicação da minha vida pessoal para o Fernando.

Jeferson tem ido dia sim e outro também ver a Mayara na escola, parece ter realmente mudado, mas ainda não confio nele cem por cento. Vez ou outra, percebo algo frio em seu olhar, quando tenta algo comigo e com a Mayara e não retribuímos e quando vejo isso nele, me causa calafrios.

Laura e eu estávamos usando nosso uniforme todo em preto e eu estava arrumando as bebidas quando vi o Fernando chegar. Ele usava uma camisa preta de botão agarrada nos músculos e estava incrivelmente lindo. Fiquei pensando que os amigos dele já deveriam estar aqui e se era para eu trabalhar nessa droga de despedida de solteiro, que começasse logo e acabasse logo para eu ir embora logo.

Fernando me olhou e sorriu. Ele estava feliz. Nesse um mês que passou com a ex, resolvendo coisas do casamento devem ter se dado bem e ele já deve ter me esquecido. Pisquei para conter as lágrimas que se formavam nos meus olhos e continuei arrumando as garrafas nas prateleiras do bar. Percebi que o movimento a minha volta era cada vez menor e ao invés de encher a *Angels* estava esvaziando. Olhei para a portaria e a Laura me mandou um beijo e saiu acompanhada do Valmir. Os demais *Angels* também desceram as escadas do escritório e saíram sorrindo, cúmplices. Saí de trás do balcão e fui até o estoque saber quem mais estava ali, mas não tinha ninguém. Que estranho!

Voltei para o balcão e estava tudo no mais absoluto silêncio. Franzi a testa e estava começando a ficar com medo, já me imaginei em um filme de terror em que apareceria um assassino e me mataria sem que ninguém visse, mas aí quando uma música começou a tocar meu filme de terror se tornou um romance.

“ Hoje eu vejo que não consigo entender

O que houve entre nós...”

Era a música *Memórias*, da banda *Malta*, que estava tocando. Perdi uma respiração e comecei a olhar em volta mais uma vez para ver se conseguia ver alguém. Fui andando até o centro da pista de dança, com as luzes me rodeando e piscando como se a balada fosse começar. Olhei para a cabine do *Dj*, sabia que tinha alguém ali, já que a música soava pelo salão.

Até que de lá saiu o Fernando.

Arregalei os olhos e ele veio sorrindo em minha direção segurando um enorme buquê de rosas azuis. Quando chegou bem perto de mim, ele parecia tenso e nervoso.

— Fernando... O que você está fazendo?

— Não tem nada, nem ninguém nesse mundo, que eu queira mais passar os meus últimos dias de solteiro do que com você.

— Não podemos fazer isso, você vai...

— Por favor, Clara, eu não quero me casar, uma palavra sua e eu largo tudo. Só estou fazendo isso pelo meu avô e já que eu tenho que fazer e sei que você não vai me dizer para não fazer, preciso de uma despedida, na qual vou me prender pensando enquanto estiver estragando a minha vida.

Fiquei olhando para ele, pensando que eu não deveria, mas eu queria, queria muito uma nova despedida. Só mais essa vez! Eu prometi para mim mesma.

— Trouxe isso para você, leia o cartão. — Disse me entregando o buquê

Abri o cartão e lá estava escrito:

“Toda despedida é dor... tão doce toda via, que eu te diria boa noite até que amanhecesse o dia.”

William Shakespeare

— Queria poder me despedir de você eternamente. Ter uma despedida por dia até que amanhecesse o dia e depois tê-la novamente para assim poder me despedir de novo. Mas como isso não é possível, por enquanto, porque nada é definitivo, eu te pergunto: Clara, passa a noite comigo?

— Você está ficando bom nisso de citações. — Falei enxugando uma lágrima.

— Tudo por você.

— Eu não queria ter que me despedir de você, mas também preciso de algo para me lembrar.

Eu fiquei em silêncio, olhando nos seus olhos e aí ele rompeu a distância e me beijou. Como eu estava com saudade desse beijo, como eu estava doida para sentir a boca dele na minha de novo. Não deixei ele se separar de mim e o segurei pelo pescoço intensificando o beijo, porque

não queria parar para pensar, se não eu perderia totalmente o rumo. O beije com vontade, a vontade que eu estava de beijá-lo por todo esse tempo. Ele passava a mão pelo meu corpo e me mostrava que também estava com saudade.

— Estamos só nós dois aqui? — Perguntei.

— Completamente sozinhos.

Arranquei a camisa dele e ele a minha e quando percebi já estava fazendo amor com o Fernando no meio da pista de dança e a música embalava nossa despedida.

“... E quando penso no que vivemos

Fecho os olhos, me perco no tempo.

Pra mim não acabou

Pra mim não acabou.”

Capítulo dezessete

Fernando

Pode parecer loucura, mas nesse momento estou deitado no chão da pista de dança da *Angels*, com a Clara nos meus braços, nossas roupas por todos os lados e as luzes piscando a nossa volta. Ela estava em silêncio olhando para as rosas que estavam próximas a nós.

— Por que rosas azuis?

— Porque significam sexo quente de despedida.

Ela riu e ergueu uma sobrancelha em desdém.

— Sério?

— Claro que não. A vendedora da floricultura disse que significa amor e prosperidade e tô muito a fim de prosperar no amor. — Ela riu sem vontade e passou a mão pelo meu rosto em seguida olhou em volta parecendo apavorada.

— Fernando, e as câmeras de segurança?

— Todas desligadas. — Ela soltou o ar mais calma, me olhou semicerrando os olhos e

sorrindo.

— Você já tinha planejado isso?

— Não, mas não queria que nossa conversa fosse filmada caso você resolvesse me bater por ter feito isso.

— Eu estava com saudade demais de você para perder tempo te batendo.

Sorri, mas fiquei sério em seguida e disse:

— Você sabe que uma palavra sua e está tudo cancelado.

— Você sabe que não dá. — Ela se sentou e se cobriu com a minha camisa que estava ali perto.

— Não entendo por que você cisma em me afastar. — Falei bravo, ela me olhou, balançou a cabeça em negativa e começou a procurar as roupas.

— Espera. — Falei e ela parou me olhando séria.

— Fernando, o que eu mais queria nesse momento era falar para você largar tudo e ficar comigo. Eu quero você, quero tanto você, que chega a doer, mas eu não sou capaz de fazer isso, pedir para você cancelar tudo e consecutivamente fazer você virar as costas para sua família. Eu não sou assim.

— Eu sei, eu entendo. Não vamos falar mais nesse assunto, ele só nos machuca, vamos só viver o momento. Me desculpa?

— E pensa, se ficamos juntos e o seu avô tem um ataque cardíaco por causa disso, morre e aí nosso relacionamento vai ser lembrado para sempre por ter sido a causa da morte dele e não quero isso pra gente. Eu quero ser motivo só de alegria para você.

— Tudo bem, eu entendo, mas não aceito. — Falei de cabeça baixa. — Mas fica comigo essa noite e só me deixa essa noite como lembrança de tudo que poderia ter sido e não foi. — Ela passou a mão no meu rosto, me beijou e disse quando se afastou.

— Eu amo você. Amo muito você, tanto que estou te deixando ir para você não precisar escolher.

— Eu também amo tanto você! — Dei um beijo no nariz dela e ela sorriu.

— Como vai ser depois que você se casar? Vai deixar a *Angels*? — Ela me perguntou sorrindo, mas era um sorriso triste.

— Não, mas terei que vir menos ou chegar mais tarde.

— *Hummm*. — Ela pareceu triste e engoliu em seco, mas me deu mais um sorriso triste depois. — Vai virar homem de negócios. Presidente de uma multinacional.

Fiz uma careta.

— Só queria ser dono da *Angels*. Mas isso não vai ser para sempre, vou só esperar a poeira abaixar e mandar esse casamento para o inferno.

Ela abaixou a cabeça, olhando para as mãos e ficou séria. Estávamos novamente sentados um de frente para o outro.

— O que foi? — Perguntei.

— Nada, só que... Só de pensar em você com ela, já me sinto péssima e peço que se for trazer ela aqui algum dia, prefiro não ver.

Só consegui assentir. E em seguida a beijei, não queria que a nossa despedida fosse regada a tristeza e pensamentos ruins. E mais uma vez nossos corpos nus se tocaram e voltamos a fazer amor. Era o adeus e isso doía, mas na verdade eu preferia pensar que não era um adeus, preferia pensar que esse seria um até logo e que a minha Clara iria me esperar resolver a minha vida para sermos felizes.

O dia amanheceu, e continuávamos deitados, mas agora estávamos em um colchonete que achamos no estoque. Ela estava deitada de lado e eu estava cheirando o seu pescoço, perdido em meio aos seus cabelos. Comecei a dar beijos no seu ombro a fim de acordá-la e não demorou muito e ela começou a se espreguiçar.

— Bom dia, gata!

— Bom dia, gato! Preciso ir embora. E você também precisa, amanhã é o seu casamento. — Ela pareceu tão triste quando mencionou isso e eu também fiquei.

— Não senhora. Você não precisa, já combinei tudo com a Laura e não vamos falar disso. Lembra que eu disse que queria passar os meus últimos dias de solteiro com você? Então é isso que eu vou fazer. A não ser que você não queira. — Fiz uma cara de triste.

— Não deveria, acho que isso só vai nos fazer mais mal, mas eu quero.

Abri um largo sorriso.

— Fica aqui que eu já volto. — Dei mais um beijo nela e fui até a cozinha.

Tinha deixado tudo semipronto. Tinha sanduiches de peito de peru, bem leve porque sei que ela não come assim que acorda, bolo e coloquei um café para passar na cafeteira. Assim que ficou pronto, coloquei tudo em uma bandeja e levei para ela que estava deitada de barriga para cima admirando as luzes que ainda piscavam para todos os lados. Peguei uma rosa do buquê no chão e coloquei na bandeja. Ela me viu se aproximar e sorriu.

— Café no colchonete? Que chic.

— O melhor, para a minha melhor. — Pisquei para ela.

Ela pegou a xícara de café e deu um longo gole.

— Então quais são os seus planos para hoje?

— Te prender aqui e te deixar como minha escrava sexual pelo resto da vida.

Ela gargalhou.

— Ótima ideia.

— Mas falando sério, meu plano é só ficar aqui com você, sem intervenção do mundo, por mais hoje, e aí mais tarde te levo para casa. — Não consegui conter a tristeza em dizer que a levaria para casa.

— Tudo bem, mas eu preciso de roupas.

— Roupas para quê? — arqueei uma sobrancelha.

— Preciso de uma escova de dente.

— Sei que você tem uma na sua bolsa lá no armário. Para de achar desculpa para me abandonar na minha despedida de solteiro.

— Tudo bem, vamos ficar aqui então. — Ela sorriu e dei um beijo nela.

Acabamos o café, ela saiu para ir até o banheiro e eu fiquei ali deitado no colchonete e olhando para o teto alto da *Angels*. Amo esse lugar, mas daria ele para qualquer um sem pensar duas vezes, se eu pudesse ficar com a Clara. Amo tanto essa mulher que troco a *Angels* que é algo

que amo tanto, por ela.

Se meu avô pedisse que eu largasse a *Angels* e assumisse a presidência e em troca poderia ficar com a Clara eu faria isso.

Meu celular começou a tocar e atendi, mas antes tivesse ignorado a ligação.

Clara

Fui ao banheiro com um sorriso no rosto, mas por dentro eu estava sangrando por saber que agora estou vivendo esse momento com o amor da minha vida, mas que amanhã ele estará se casando com outra. Paro de escovar os dentes e fecho meus olhos.

O que eu estou fazendo? Só estamos nos machucando mais com tudo isso.

Terminei de escovar os dentes e voltei para a pista de dança da *Angels*, onde estava montado o nosso ninho de amor. Assim que fui sentido a pista vi que o Fernando estava no telefone,

mas continuei andando, fazendo assim ser inevitável ouvir o que ele dizia.

— Tudo bem... eu sei... Não vou fugir... Claro que vou estar aí, meu amor.

Ele falou meu amor? Amor? Ele estava falando com a noiva.

Ele se virou olhou para mim, sorriu, mas o sorriso dele sumiu quando viu a minha cara de brava. Comecei a juntar as roupas e me vestir.

— Vou ter que desligar, te ligo depois, beijos. — Ele colocou o celular ao seu lado e veio até mim. — Ei, aonde você vai?

— Embora.

— Por quê?

— Porque devo estar te atrapalhando, afinal seu casamento é amanhã e você deve estar cheio de coisas para fazer.

— Para com isso, Clara, não tenho nada para fazer, só atendi o telefone porque...

— Era ela não era?

— Ela quem?

— Sua noiva.

— Não, não era...

— Eu sei que era. Bom, vamos acabar logo com isso, essa despedida só está aumentando o meu sofrimento e adiando o inevitável.

Fui até ele, dei um beijo e me afastei. Olhei para ele, para aqueles olhos tristes e o beijei de novo.

— Bom casamento para você. — E então me afastei de vez, peguei meu buquê e fui embora sem olhar para trás.

Assim que cheguei ao estacionamento olhei para o buquê em minhas mãos e o joguei na lata de lixo. Eu preciso me afastar, não vou aguentar ver isso. Só de ouvi-lo falando com ela já estou em pedaços, não vou suportar isso.

Fui embora chorando como uma desesperada. Peguei um taxi e assim que desci em frente a minha casa eu ainda chorava por pensar que tinha acabado. Dessa vez era pra sempre.

Quando fui abrir o portão ouvi uma voz me chamando e me virei para ver o Jeferson ali parado.

— O que foi? — Gritei.

— Clara, me desculpa eu conversei com você outra hora.

Soltei o ar e o encarei:

— Me desculpa, você, eu não tenho que descontar em você a minha raiva da vida.

— Tudo bem! Eu mereço um pouco dela sim. — Ele sorriu.

— Mas como você descobriu onde eu moro?

— Clara, eu sei de tudo desde sempre lembra?

— Tá, mas o que você quer? — Enxuguei meu rosto só então lembrando que eu estava chorando.

— Bom, primeiro quero saber se você está bem? — Ele me lançou um olhar compreensivo.

— Não, não estou nada bem. — Ele veio até mim como se fosse me abraçar.

— Não, não precisa! — Falei erguendo as mãos espalmadas.

— Tudo bem. — Ele pareceu triste — Vim aqui por que tenho uma proposta para você.

— Que tipo de proposta? — Por mais que ele tentasse, e para ser sincera nesse último mês ele tentou bastante e me pareceu mesmo ter mudado, eu ainda tinha o pé atrás com ele.

— Preciso voltar para a empresa e agora que estou conseguindo ficar mais próximo da May eu não quero deixá-la.

— Mas também não vai levá-la de mim. — Já falei rápido e alto.

— Não, não pensei nisso. Mas você sabe que se eu quisesse seria fácil tirá-la, já que seu emprego não é lá essas coisas e você a deixa com uma desconhecida que nem parente dela é.

— Isso é uma ameaça? Porque se for...

— Não, não, não... — ele falou em defensiva. — Eu mudei Clara, acredite. Só estou te dizendo que com a minha condição financeira, eu conseguiria mais fácil tirá-la de você, mas não vou fazer isso.

— Ok, e qual é a proposta?

— Eu te proponho que você volte comigo para a nossa cidade e trabalhe na minha empresa. Nossa empresa. Porque ainda somos casados e o que é meu é seu. — Ele sorriu.

— Não vou voltar com você, Jeferson.

— Espera, escuta a minha proposta. É o seguinte, nós nem precisamos nos ver se você não quiser, você terá uma casa só sua, com a May e trabalhará na empresa. Você vai ser completamente independente de mim e terá a sua vida.

Parei para pensar e eu não consegui nem sequer ouvir o Fernando falando com a futura esposa, imagina vê-lo com ela. E eu morando na mesma cidade que eles será inevitável vê-los, sair daqui seria o melhor no momento.

— E o que você ganha com isso? — Perguntei.

— Vou ficar perto da minha filha e vou tentar reconquistar o amor dela.

— Preciso pensar. — Ele abriu um sorriso enorme.

— Só de você pensar eu fico feliz. Mas eu preciso da resposta o mais rápido possível porque o cargo de auxiliar de escritório precisa ser preenchido e eu preciso voltar. Você tem meu telefone qualquer coisa só me ligar.

Ele me deu um beijo no rosto, sem me deixar dizer mais nada e se virou para ir embora. Entrei em casa triste e estava tudo em silêncio, me joguei no sofá e fechei os olhos tentando entender o porquê da minha vida ser essa droga. Quando voltei a abrir os olhos, em cima da mesa de centro da sala, vi um jornal que estava aberto na mesma foto que eu tinha visto há algum tempo atrás, do Fernando com a Fabiana, mas agora a matéria anunciava o casamento dos dois. Joguei longe o jornal, coloquei almofada no rosto e abafei um grito, e outro e outro até que as lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto e senti mãos tirando a almofada do meu rosto e quando abri meus olhos a Laura estava enrolada em uma toalha, me puxou para um abraço e me manteve no seu abraço até que as lágrimas cessaram.

— Sinto muito por tudo isso, amiga. Me desculpe por deixar o jornal aberto. O que aconteceu que você já está aqui?

— Não dá, Laura, eu não sou capaz de aceitar esse casamento dele, eu não vou conseguir vê-lo casado com outra.

— Me desculpa por ter sido cúmplice dele na despedida, Clara, achei que deixando vocês sozinhos, enfim se resolveriam e esse casamento não sairia.

— Tudo bem, amiga, foi bom, foi ótimo, até o telefone dele tocar e eu cair em mim que aquele momento teria que acabar e ele iria voltar para a Fabiana.

Soltei-me do abraço da Laura e continuei:

— Amiga, eu vou embora com o Jeferson.

— Você o quê? — Conteí tudo para ela, da proposta que ele me fez e ela ouviu tudo e disse quando terminei de contar: — Nem pensar, Clara, você não vai!

— Ele mudou, Laura, ele não vai mais fazer aquelas coisas e a May está começando a se dar bem com ele e minha filha merece um pai.

— Não, Clara!

— Mas a proposta é boa, não vamos morar juntos e o melhor, eu não precisarei mais ver o Fernando, nem ler jornais com matérias sobre ele. Ou sobre o casamento perfeito dele, sobre os filhos perfeitos que eles vão ter. — Voltei a chorar.

— Você não precisa vê-lo. Olha você sai da *Angels* e procura outro emprego eu saio logo em seguida e não vamos mais ter contato com ele.

— Não dá, amiga, não consigo mais ficar aqui. Além do mais, o Jeferson deu a entender que ou eu vou, ou ele tira a Mayara de mim. E nós sabemos que ele tem condições de fazer isso.

— Viu como ele não mudou? Ele está te ameaçando, Clara. Acorda, amiga!

— Não foi uma ameaça, foi só um aviso. Ele podia mesmo tirar ela de mim, mas está me avisando.

— Não acredito nisso. Você é tão inocente.

— Preciso sair daqui, Laura e eu juro que agora sei me proteger.

Laura soltou o ar e me olhou triste.

— Você já decidiu, né? — Assenti. — Ele está tentando te chantagear, mas se é o que você quer, então eu te ajudo, mas a qualquer fagulha de que ele possa mudar e voltar a ser o antigo Jeferson você volta. Você volta, entendeu?

— Tudo bem. — Minha amiga me abraçou e nós duas choramos.

— Quero ir hoje, vou ligar para o Jeferson agora. E depois vou conversar com a May, ela vai entender.

— Ela vai sim, nossa May é uma menina linda! — Minha amiga disse secando uma lágrima e sorrindo para me acalmar.

No final do dia minhas malas e da May já estavam arrumadas e eu estava na frente da casa da Laura, esperando o Jeferson nos pegar. Dona Regina chorava por já sentir saudade da May, Laura chorava por já sentir saudade de tudo e eu chorava por minha vida ser essa bagunça, e era acalmada pela minha filha, que a única coisa que a incomodou na mudança, foi morar longe do tio Nando, mas eu a acalmei dizendo que ele ligaria para ela e visitaríamos ele às vezes..

Jeferson disse que os advogados da empresa se encarregariam da transferência da Mayara para a escola nova e que eu poderia ficar tranquila. E assim eu tentei ficar... mas não consegui. Tranquilidade... Eu nem sei o que é isso.

De mudança de novo, vida nova de novo e recomeçar de novo. Mesmo a vida viva me dando rasteiras, mesmo que isso me mate cada vez mais por dentro... Recomeçar... Sempre recomeçar... Mas esquecer...

Capítulo dezoito

Fernando

Tentei ligar para Clara como um louco, depois que ela saiu da *Angels*, mas ela não atendeu. Fiquei em casa pensando nela e por mais de uma vez me levantei para acabar com essa história toda de casamento e ir atrás do amor da minha vida, mas o pensamento do meu avô morrendo e ela me dizendo que não quer ser responsável pela morte dele, não saiu da minha cabeça e eu me acovardei.

Hoje é o dia do meu casamento e só fiquei aqui na minha casa, bebendo até quase entrar em coma alcoólico e ignorando todas as ligações da minha família. A Adriana tentou por diversas vezes entrar em contato comigo e eu deliguei cada chamada. Não quero falar com ninguém agora.

A campainha começou a tocar e eu fui atender. Nem tinha aberto o portão para que ela entrasse e minha irmã já estava na minha sala como um raio e falando sem parar.

— Por que você não atende os meus telefonemas, hein Fernando?

— Porque não quero falar com ninguém. — Revirei os olhos.

— Você precisa descobrir o que está acontecendo. Ontem a Fabiana foi até a casa dos nossos pais e fez uma cena. Nossos pais a mandavam calar a boca e ela gritava que se você a deixasse plantada hoje, ela acabaria com tudo.

— Ela tentou me ligar ontem, mas eu não atendi.

— Sim, ela também gritava isso e dizia que você estava com a sua vagabunda. — Minha irmã revirou os olhos. — mas meu irmão, você precisa descobrir o que está por trás desse casamento. Falei com a *batian* e ela também está sentindo algo estranho.

— Estranho?

— Sim, eles estão escondendo algo. Bom, eu me achei no dever de te avisar. Eu sei que você está sofrendo, Fernando e isso me deixa triste também.

Eu apenas assenti e ela continuou:

— E se tiver algo que esteja por trás desse casamento e faça com que ele não aconteça, nós vamos descobrir.

— Muito obrigado, Dri. — Eu abracei a minha irmã. — Você sabe que eu amo a Clara, e só não estou lá com ela agora, pela saúde do nosso avô. — Soltei da minha irmã pensei um pouco e continuei — Porra nenhuma! Só não estou lá com ela agora, porque ela não quer.

— Mas ela está certa, Fernando. Eu no lugar dela faria o mesmo.



Estacionei o carro próximo ao templo budista em que eu iria me casar e lá já estava cheio de carros. Carros de luxo, muitos dos sócios que estavam ali para ver mais uma aquisição para empresa. Resolvi entrar pelos fundos para evitar alvoroço e aquelas porras de conversa de “o noivo chegou” e sorrisos falsos.

Já estava atrasado e minha família com certeza deve estar achando que eu não venho para o circo que eles armaram, mas o que é um circo sem o palhaço?

Considerando as milhares de mensagens e ligações do meu avô, do meu pai e da minha mãe, eles devem estar em pânico agora.

Entrei pelos fundos, pois já conhecia aquele templo, meu amigo tinha se casado ali, então resolvi ir por trás, onde tinha certeza que estavam todos reunidos querendo me matar. Quando cheguei à sala de espera dos fundos, a porta estava entre aberta e ouvi a voz da Fabiana falando alto:

— Eu não quero saber, o combinado era vocês me casarem com o Fernando, ou meu pai acabaria com a sociedade entre as nossas famílias e não investiria o capital do qual já tínhamos acertado. — O quê? Continuei ouvindo.

— Calma, Fabiana, ele vai vir. — Minha mãe parecia preocupada e eu me mantive em silêncio, atrás da porta dos fundos, a fim de ouvir algo mais sobre esse casamento de fachada do caralho.

— Sem a minha família e o investimento, essa empresa vai falir. — Ela deu uma risada maquiavélica — Vocês sabem o quanto há anos, essa empresa anda mal das pernas e quão mentiroso foram os gráficos que apresentaram naquele maldito jantar. Vocês sabem que precisam de mim, e eu preciso me casar com o Fernando, eu o amo, mesmo quando terminamos eu nunca deixei de amá-lo e nosso casamento vai ser um bom negócio para todos. Os outros sócios também o querem.

— Menos para o Fernando, não é? — Era a voz da minha avó que parece ter chegado agora à sala. Ela sabia? — Não acredito que vocês armaram isso tudo! E você Seiji? Você está realmente doente? — Minha avó não sabia. Graças a Deus! Meu avô não respondeu, mas creio que ele tenha respondido que não pela reação da minha avó. — Vocês são uma vergonha! E você Lúcia, como mãe dele, era para ser a primeira a recusar essa história toda.

— Mas era pela empresa da família. Seu filho me obrigou a apoiar — Minha mãe tentou se isentar da culpa.

— E você vende seu filho, a felicidade do seu filho, pela empresa da família, por dinheiro? Eu não reconheço vocês! Você meu filho, eu não conheço você. — Minha avó parecia enojada.

— Nem eu... — Abri a porta e entrei para que todos me vissem. Minha voz estava calma.

— Fernando! — Fabiana parecia assustada.

— Eu não quero ouvir mais nenhuma palavra de vocês. Eu não vou perder mais tempo da minha vida com vocês. Eu vou atrás do amor da minha vida, que era o que eu já tinha que ter feito há muito tempo. E quanto ao senhor. — Virei-me para meu avô e eu estava chorando. — Se estiver para morrer, não precisa mandar ninguém me avisar, porque a partir de hoje, eu não tenho mais avô, nem pai, nem mãe. — Fui até a minha avó e dei um beijo nela, que estava chorando também — Obrigada, *batian*.

Sai feito um louco, correndo em direção ao meu carro e dirigi costurando no trânsito. Eu estava sentindo um misto de raiva da minha família por ter me feito sofrer tanto por nada, por uma mentira, e estava me sentindo aliviado por não precisar me casar com alguém que eu não amo.

Estacionei em frente a casa da Clara e buzinei eufórico e sorrindo. Eu precisava pedi-la em casamento e garantir que a faria feliz para sempre. Eu estava doido para pegá-la em meus braços e beijá-la sem culpa, sem que nada ameace nos separar.

Desci do carro e quando estava chegando ao portão a Laura apareceu e apertou os lábios em meio a um olhar triste.

— Cadê ela? Era tudo uma armação. Eu descobri a mentira.

— Fernando...

— Eu sei que ela está brava comigo e tem razão, mas eu preciso dela. E agora estamos livres para viver nosso amor.

— Ela foi embora. — Laura gritou comigo.

— Ela foi embora? Para onde? — O sorriso sumiu do meu rosto

— Ela voltou para a cidade dela, com o Jeferson.

— Com o Jeferson? Ah! Não acredito! — Joguei os braços para cima e virei de costas

para a Laura e em seguida chutei o pneu do carro. — Por que ela fez isso? Por que foi embora com aquele imbecil?

— Ela queria sair daqui para não ver mais você e seu casamento.

— E você deixou? Ele vai bater nela de novo. — Eu estava sentindo a raiva pulsar em mim.

— Eu tentei impedir, mas ela estava decidida. Além do que, ele parece ter mudado, ofereceu emprego e casa para ela.

— Caralho! Me fala onde ela está que eu vou atrás dela.

— Eu não posso, me desculpa, ela me fez prometer que eu não contaria. Mas Fernando, dá um tempo a ela. Eu tenho certeza que ela vai voltar porque ela te ama muito, tanto que preferiu ser infeliz voltando ao passado, do que te ver com outra. E ela me garantiu que me ligaria todos os dias para me dizer se está tudo bem.

— Porra! Ele vai bater nela. Ele vai, e se ele fizer isso eu vou matá-lo!

— Ele não vai. Ele mudou, vamos acreditar nisso. E além de fugir da dor de te ver com outra, ela também foi por medo de perder a May. Ele disse que não queria ficar longe da filha e deu a entender que conseguiria tirar ela da Clara.

— Filho da puta! Ah eu mato ele.

— Ele tem dinheiro e para ele seria fácil realmente conseguir isso. Clara ficou com medo.

Esfreguei o rosto com as mãos e soltei o ar.

— Ela não deixou eu me despedir da May.

— Elas vão voltar, mas só dá um tempo para Clara pensar. Vamos fazer assim: eu vou contar para ela que você está livre quando ela me ligar e vou te mantendo informado.

— Ok.

— Fernando... Eu torço por vocês! — Laura falou colocando a mão no meu ombro.

— Eu sei. Obrigado!

— Vocês dois merecem ser feliz. Vocês três na verdade, porque você é o pai que a Mayara merece ter.

Engoli em seco. Eu com certeza adoraria ser o pai da May.

— Vou indo então. Me mantem informado?

— Claro! — Ela me deu um sorriso de compaixão.

Virei-me, entrei no carro e fui para a minha casa, mais uma vez pensando: Que porra de vida complicada!

Clara

Já faz duas semanas que estou na minha casa nova e pensando em voltar desde o primeiro minuto que cheguei aqui. Descobri no dia seguinte a minha chegada que o Fernando estava livre e a doença do avô dele era uma grande mentira, para manter a empresa bem com o casamento dele, mas saber disso me doeu, em pensar que meu amor estava lá sozinho e eu nem posso abraçá-lo, consolá-lo e dizer a ele que vai ficar tudo bem.

Definitivamente não tenho sorte na vida, agora que o Fernando está livre para ficar comigo, eu não estou para ficar com ele. Não vou de jeito nenhum arriscar ficar sem a minha filha para ficar com ele e se eu voltar sei que o Jeferson vai tirá-la de mim, ele mudou, mas já deixou bem claro que sem a filha, ele não fica. Então prefiro ficar, May sempre em primeiro lugar. Mesmo que isso esteja me dilacerando por dentro e que eu vá dormir toda noite chorando porque queria estar com o meu Fernando e vivendo meus dias de *bargirl* na *Angels*.

Laura me liga todos os dias, pergunta como a May está se saindo na escola nova, se certifica de que estou bem e diz que em breve vem me visitar para ver se realmente estou. Fernando também me ligou diversas vezes, mas usei todo o meu autocontrole e não atendi, se eu atendesse eu iria desmoronar. Então como sempre lindo e me fazendo suspirar ele me mandou mensagens:

“Se o amor quiser voltar”

Se o amor quiser voltar

Que terei para lhe contar

A tristeza das noites perdidas

Do tempo vivido em silêncio

Qualquer olhar lhe vai dizer

Que o adeus me fez morrer

E eu morri tantas vezes na vida

Mas se ele insistir

Mas se ele voltar

Aqui estou sempre a esperar.”

Vinicius de Moraes

TE AMO TANTO. VOLTA PRA MIM?

Chorei uma noite inteira depois que li essa mensagem e todas as vezes que leio, choro e não consigo apagá-la. Penso que ele deve estar sofrendo tanto e Vinicius conseguiu transmitir essa dor. E todos os dias que se seguiram, ele me enviava uma mensagem da qual eu recebia e sofria, mas mesmo sofrendo enchia meu coração e com isso eu sentia que eu ainda não o tinha perdido.

Tenho trabalhado na fábrica de chocolate do Jeferson e até que estou me saindo bem no cargo de auxiliar de escritório. Ele realmente tem me respeitado e nos vemos pouco, quase nada. Ele vai até a minha casa para ver a Mayara, que ainda não quer sair sozinha com ele, e eu meio que freio ela para não sair mesmo, porque sinceramente não confio, mesmo ele me mostrando que mudou e sendo legal, vez ou outra ainda vejo um lampejo do lado obscuro dele passar pelos seus olhos, quando dizemos não. Mas tento me acalmar dizendo a mim mesmo que todos nós temos o nosso lado obscuro e ele ainda tem o dele, mas consegue controlá-lo. Jeferson já me chamou para sair, várias vezes e deixou bem claro que tem esperança de termos algo novamente. Sempre me dá a certeza que não bebe mais e que está bem assim, mas eu não quero, não quero nada dele além de o direito de ficar com a minha filha.

Não sofro de amnésia e me lembro de cada surra que ele me deu e se ainda estou aqui e tenho qualquer contato com ele, é só por causa da Mayara.

Fiz amizade com a minha chefe e com a Carol, uma moça que exerce o mesmo cargo que eu. Marta a minha chefe, é um amor e me trata como amiga, conversamos muito e às vezes tenho a impressão de que a Carol tem um pouco de ciúme da nossa amizade e também já tive uma leve desconfiança de que ela tenta me espionar. Mas descartei depois que conversamos um pouco e percebi que ela era legal, mesmo fazendo muitas perguntas, mas era só curiosa mesmo.

— Clara, quando você terminar aí, vem até minha sala, por favor?

— Claro, só um minuto Marta.

Minha mesa ficava de frente para a mesa da Carol e a porta da sala da Marta ficava entre as nossas mesas. Levantei-me para ir até a sala da Marta e lancei um sorriso para a Carol. Coloquei a cabeça porta adentro e dei uma batidinha na porta.

— Oi.

— Entra, preciso de um mega favor seu, mas preciso que você seja discreta. Estou com a minha menstruação atrasada há alguns dias e meu marido almoça comigo e vem me buscar depois do trabalho, não vou conseguir ir até a farmácia sem que ele veja. E não quero que ele saiba antes que eu tenha certeza. Ele cria muitas expectativas. — ela fez uma careta e eu ri. — Você não faria o favor de na hora do seu almoço comprar um teste de gravidez na farmácia para mim?

— Pode deixar que faço isso!

Ela me agradeceu, me deu o dinheiro e voltei para a minha mesa sorrindo, mas assim que senti, as engrenagens na minha cabeça começaram a se mover e as palavras da Marta dizendo que a menstruação dela estava atrasada, voltaram a minha cabeça e imediatamente eu abri o calendário no computador e comecei a contar.

1, 2,3...

Não!

Não pode ser!

Dez dias. Dez dias atrasada.

Desgraça pouca na minha vida é bobagem. Fiquei contando cada tique-taque do relógio,

contei e recontei mentalmente os dias de atraso, puxei na memória a data da minha última menstruação e estava certo, mas não poderia estar, tinha que estar errado!

Não consegui mais me concentrar no que eu estava fazendo. Olhei na direção da mesa da Carol, ela me olhava estranhamente e eu retribuía o olhar dela com um sorriso sem graça.

Assim que o relógio marcou meio dia, peguei a minha bolsa e saí sentindo a farmácia como uma doida, nem almoçar eu consegui. Comprei os testes e voltei para o escritório, passei pela Carol que me olhou estranho mais uma vez e perguntou se eu tinha almoçado, só respondi que eu não estava me sentindo muito bem e corri para o banheiro.

Antes de fazer o teste fiz uma oração e pedi a Deus que desse negativo, não podia dar positivo. São muitos empecilhos: a família dele não me aceita, eu não posso voltar para ele se não perco a May e eu não posso criar mais um filho sozinha, com essa bagunça que está a minha vida.

Meu Deus, por favor, que dê negativo!

Respirei fundo e fiz o teste. Esperei o tempo necessário para sair o resultado e foi o minuto mais longo da minha vida. O primeiro risco vermelho começou a aparecer no primeiro quadradinho validando o teste e em seguida uma segunda listra vermelha começou a aparecer no próximo quadradinho, me fazendo perder um batimento e fechar os olhos em desespero. Eu estou esperando um filho do Fernando.

Peguei meu telefone e liguei para a Laura.

— Fala, amiga.

— Eu estou grávida!

— O quê? — Só pelo tom de voz da Laura eu conseguia ver a cara de assustada que ela tinha agora.

— Eu tô ferrada, amiga. — Comecei a chorar de desespero.

— Espera, fica calma. Quem é o pai?

Fiquei em silêncio por um segundo e respondi:

— Como assim quem é o pai? Claro que é o Fernando, Laura.

— Ai amiga me desculpe, mas você foi para aí.

— Não estou com o Jeferson, só estou aqui por causa da minha filha.

— Então agora você precisa voltar e contar isso para o Fernando.

— Não dá, eu não posso voltar e arriscar perder a May.

Ouvi minha amiga soltar o ar do outro lado da linha.

— E agora? — Ela me perguntou e pude sentir na voz dela que assim como eu ela estava preocupada.

— Não sei.

— O Jeferson já sabe?

— Não, acabei de fazer o teste e você foi a primeira a saber, por enquanto, vai continuar sendo só você.

— Amiga, pensa que coisa mais fofa que vai ser, um mesticinho loiro ou uma mesticinha com um cabelão liso e preto e seus olhos. A May iria amar ter um irmão ou uma irmã.

Me permiti amar essa criança por um momento e sentir por um pequeno momento a alegria que a minha filha sentiria com um irmão ou irmã. Senti-o nos meus braços, amamentando e vivendo as dores e delícias de ser mãe em dobro. Mas como um castelo de cartas a voz da minha amiga do outro lado do telefone me tirou do meu sonho.

— Você tem que contar para o Fernando!

— Eu vou.

— Estou falando sério, Clara, conta que ele vai te ajudar com essa história toda e vai ficar muito feliz. Vai ficar tudo bem.

— E como ele está? — Perguntei por ele, mas não sei se realmente quero saber.

— Muito triste, sente sua falta. Todos na *Angels* sentem, mas agora que o Gu voltou de vez, quem saiu e quase não vai trabalhar é o Fernando. — Meu peito ficou apertado, mas um barulho do lado de fora da cabine do banheiro em que eu estava, me lembrou que eu não estava sozinha ali, que mais alguém tinha entrado no banheiro e que eu deveria voltar a trabalhar. Dei tchau rapidamente para a minha amiga e prometi que voltaria a ligar para ela mais tarde. Assim que saí da minha cabine do banheiro achei que iria encontrar a cabine do lado ocupada, mas ela estava vazia e pensei que o barulho que ouvi foi de alguém saindo e não entrando.

Será que quem estava aqui ouviu a minha conversa? Bom, se ouviu espero que não tenha reconhecido a minha voz ou também posso ter imaginado que alguém entrou e não era ninguém mesmo.

Lavei as minhas mãos, me olhei no espelho e pensei mais uma vez: Sempre o que está ruim pode piorar. Olhei para a minha barriga, pousei a mão em cima dela e suspirei fechando os olhos. Um pedacinho do meu Fernando dentro de mim.

Voltei para a minha sala, coloquei a minha bolsa nas costas da minha cadeira e bati na porta da sala da Marta para entregar o teste dela.

— Posso entrar?

— Claro. Estava ansiosa pra você chegar. — Ela pegou a sacolinha da minha mão e correu para o banheiro enquanto eu voltei para minha mesa.

Olhei para a mesa a minha frente e a Carol ainda não tinha voltado. Estranho.

Minutos depois Marta voltou cabisbaixa e parecia triste. Olhou-me e só fez que não com a cabeça. Aí então percebi que ela gostaria de estar grávida. A vida às vezes é tão injusta e às vezes nós somos injustos em reclamar dela, lembra que eu disse que tudo que está ruim pode piorar? Quem escreve as páginas da minha vida leva esse ditado a sério. Eu achando que a minha vida estava ruim e mal sabia eu, que ela poderia ficar ainda pior, muito pior e o inferno voltaria a ser o meu lar.

Capítulo Dezenove

Fernando

Estou um caco, como posso ter passado de um dos *Angels* da *night*, que pegava geral, a um cara apaixonado, que está aqui largado no sofá e sofrendo por amor?

Inferno! Já tentei entrar em contato com a Clara diversas vezes e ela não me atende. Já enchi o saco da Laura para ela me dizer onde a Clara e a May estão e ela não me diz. Eu preciso achá-las e trazê-las de volta para mim. Eu posso cuidar delas, eu posso defendê-las e ninguém vai tirar a May da gente.

Uma bosta eu não ter conversado mais com a Clara sobre onde ela morava antes de vir para cá. Não tenho nenhuma pista de onde ela esteja. Faz exatamente vinte dias que não vejo a mulher que eu amo e já estou entrando em parafuso.

Minha família tenta entrar em contato comigo e não quero nem saber deles a não ser da minha *batian* e da Dri. Minha irmã veio até minha casa e me fez tomar banho, fazer a barba e comer. Eu estava tão afundado na minha tristeza, que eu nem me lembrava de comer, só bebia. Liguei algumas vezes durante as minhas bebedeiras para os meus pais e para o meu avô e xinguei eles por terem feito com que eu perdesse a mulher da minha vida. E mandei algumas mensagens desaforadas para a Fabiana que nem me respondeu. Soube pela Dri, que ela está muito envergonhada pelo cancelamento do casamento, por toda a fofoca em torno dela, em querer comprar um marido e por conta da vergonha está querendo ir morar no Japão. Fiquei sabendo também pela Dri, que a empresa está passando por maus bocados. Os outros sócios estão em atrito depois que souberam de tudo que aconteceu, já que esse tipo de comportamento não condiz com a ética e a moral da colônia japonesa.

Rodrigo e Gustavo também vieram aqui e me xingaram pra porra. Me mandaram virar homem, parar de chorar que nem mulherzinha, correr atrás da Clara e trazê-la de volta para a *Angels* que além de estar desfalcada, porque eu não estou indo e o João foi abrir a filial no interior, ainda está sem o show das anjas, que não é mais feito, porque a Laura não quis fazer sem a Clara.

Eu estava curtindo a minha fossa, ainda jogado no sofá, quando meu celular começou a tocar. Olhei no visor, era a Laura.

— Oi, Laura.

— Oi, Fernando, estou te ligando porque estou realmente muito preocupada. Tem cinco dias que eu não sei notícias da Clara.

— Como assim? — Já fiquei em alerta.

— Eu falo com ela todos os dias, mas faz tempo que tento ligar no seu celular e ela não me atende. Liguei no escritório para saber notícias e disseram que ela também não está indo trabalhar. Estou muito preocupada, se você ainda quiser ir atrás dela eu te passo o endereço. Se não, vou ligar para polícia agora mesmo.

— Eu vou! Com certeza eu vou, me passa que pego o primeiro voo.

— Fernando, assim que você chegar lá, preciso que você me ligue. Tem mais coisas acontecendo do que você imagina.

— O que está acontecendo, Laura? Me conta! — Eu estou muito preocupado agora.

— Não posso. Isso é coisa da Clara e é ela quem tem que decidir se conta ou não. Pode ser que nem seja nada esse sumiço dela e ela mesma te conte. Mas preciso que me ligue assim que chegar lá e a encontrar. Ok?

— Ok.



Eu estava parado em frente a casa em que indicava o endereço que a Laura me passou. Segundo ela, esse endereço era onde a May e a Clara estavam morando desde que se mudaram para cá. Fui em frente ao portão e apertei a campainha incansavelmente, mas ninguém saiu. Então fui até o outro endereço que a Laura me passou que era o da fábrica de chocolate. Fiquei esperando na portaria e ninguém sabia me dizer sobre a Clara, então liguei no telefone do escritório que a Laura havia me passado e me passei por cliente da fábrica. Conversei com uma moça chamada Carolina e disse que estava acostumado a conversar com a Clara, mas ela me disse que Clara não estava indo, que eu poderia conversar com ela mesma. Inventei uma história maluca e acabei conseguindo arrancar dela o endereço do dono da fábrica, o tal Jeferson.

Fui ao endereço em que a moça me indicou e parei o carro a algumas casas antes de onde era o número indicado. Fui andando e encontrei uma mansão cercada de câmeras das quais eu não consegui me esconder. Toquei o interfone.

— Pois, não. — Uma voz de homem atendeu, com um tom grave, como se estivesse bravo e meio enrolada como se tivesse bebido.

— Olá, sou amigo da Clara e me disseram que ela estaria aqui. Gostaria de falar com ela.

— Clara está ocupada e não pode falar com você. — Era ele!

— É o Jeferson que esta falando, né? Deixa eu te mandar a real, cara, vim aqui para saber se ela está bem e só vou embora se eu tiver certeza de que ela está. Então acho melhor você pedir para ela vir falar comigo agora ou vou ter que ir a polícia. — Ele ficou em silêncio.

— Ela já vai descer até o portão. — Disse com uma voz nitidamente raivosa e desligou.

Aguardei alguns minutos e ouvi o “tec” do portão automático se abrindo e logo a Clara apareceu. Ela estava pálida e estava sozinha.

— Oi. — Fui até ela e a abracei. — Como você está? E cadê a Mayara?

— Eu estou bem! — Ela parecia fria e distante. Me empurrou se livrando do meu abraço e isso me deixou vazio.

— Você tem certeza que está tudo bem?

— Tenho, eu voltei com o Jeferson.

— Você o quê? — Eu não queria acreditar no que eu estava ouvindo, não acredito que ela voltou com ele. O covarde do ex-marido, batia nela e ela voltou com ele.

— Voltei com ele, estou feliz e quero que você vá embora. — Ela me lançou um sorriso, que mais parecia uma careta naquele rosto bonito.

— Olha, Clara, não sei se a Laura te contou, mas eu estou solteiro e resolvi minha história com a minha família. Eu estou pronto e livre para ficar com você e com a Mayara. Era tudo armação deles. Você pode voltar comigo e a gente vai ser feliz.

— Não, Fernando! — Ela gritou! — Eu estou com o Jeferson. Ele mudou e é um pai excelente para a minha filha e é aqui que eu vou ficar.

Fiquei olhando para ela sem saber o que dizer. Meu peito subia e descia com minha respiração acelerada.

— Por que você não atende as ligações da Laura? — Enfim consegui dizer, sentindo um carço fechando a minha garganta e embargando a minha voz.

— Estou ocupada vivendo um momento único na minha vida.

— Que momento? A Laura disse que estava acontecendo algo, mas não quis me contar. Me conta você, então!

— Eu estou grávida! — Ela falou de cabeça baixa e disfarçou enxugando uma lágrima. Eu fiquei em choque, olhei para a barriga dela e depois nos olhos dela.

— Me diz... Por favor, me diz que esse filho é meu.

Ela balançou a cabeça em negativa enxugando mais uma lágrima que descia do seu rosto.

— Não é! — E isso foi como se ela cravasse uma faca no meu peito. — eu voltei com o Jeferson assim que eu voltei para cá. O filho é dele. — Apertei os lábios segurando as lágrimas, porque era o fim. Eu perdi a mulher que eu amo.

— Clara... — Eu não conseguia pensar em mais nada para dizer, era o fim, mas eu não quero que seja, eu amo essa mulher, como nunca amei mulher nenhuma. — Clara, vem comigo, eu assumo esse filho, a May, você, eu assumo todos os riscos, todos os altos e baixos, ninguém vai tirar seus filhos de você. Só vem comigo... Não me deixa. — Eu estava desesperado. Era como se o chão tivesse sumindo debaixo dos meus pés.

— Não posso, vai embora, Fernando, eu tenho que entrar. — Ela virou-se de costa para mim e estava entrando quando eu segurei a sua mão.

— Não faz isso com a gente, não termina comigo assim. Eu estou te implorando, Clara. Eu amo você e a minha vida está sendo um inferno. Volta pra mim? — Eu estava chorando. Nunca chorei assim antes dela, nunca senti essa dor.

— Estou terminando com você, como você terminou comigo da última vez. — Ela se virou, abriu o portão para entrar, mas quando foi fechar, olhei para o antebraço dela e vi ali um roxo enorme. Tentei dizer algo, mas quando fui falar, ela fechou o portão e sumiu atrás dele. Não posso ter visto certo, deve ter sido uma sombra e só isso, ele não pode estar batendo nela de novo.

Entrei no carro e fiquei olhando para aquela casa tentando imaginar o que acontecia ali dentro. Clara não voltaria com o Jeferson. Tenho certeza que ela não voltaria. Tinha muita mágoa dele para voltar a ser sua mulher “eu voltei com o Jeferson assim que eu voltei para cá. O filho é dele.” Ela me dizendo que estava esperando um filho dele está martelando na minha cabeça e isso está me doendo. Peguei o celular e liguei para a Laura:

— E, aí? — Ela atendeu no primeiro toque.

— Tô aqui parado perto da casa dele e acabei de falar com ela. Ela está esperando um filho dele e não quer mais saber de mim, Laura. Eu a perdi de vez.

— Não! Está tudo errado. Ele deve estar obrigando ela a dizer isso, Fernando, você precisa salvá-la.

— Mas estávamos sozinhos e ela me disse que não me queria mais...

— Ela estava coagida, Fernando. Ele deve estar ameaçando ela.

— Filho da puta! As câmeras... tinham diversas câmeras no portão.

— Sim, você precisa chamar a polícia!

— Laura! Eu acho que vi um hematoma no braço dela.

— Ai, meu Deus!

— E parando para pensar no que ela me disse... Ela disse que estava terminado comigo como eu terminei com ela, mas eu nunca terminei com ela, foi ela quem terminou comigo. Ela me mandou uma mensagem.

— Caralho, Fernando! Você precisa chamar a polícia!

— Eu vou e vou matar esse filho da puta.

— Por favor, me mantenha informada.

Desliguei o telefone e estava descendo do carro para ir novamente até lá interfonar, quando vi o portão se abrindo e um carro preto saindo da garagem. Voltei para o meu carro correndo e o liguei. Não sei quem está dentro ou se eu deveria ficar, mas minha intuição me manda ir e é o que eu vou fazer.

Capítulo vinte

Clara

— Não! Sai de perto dela. — Corri para onde a Mayara estava encolhida, com medo do pai bêbado que a ameaçava e a abracei. — Fiz o que você me pediu, eu mandei ele embora, agora fica longe da minha filha. — Gritei e o Jeferson saiu sorrindo vitorioso do quarto em que estávamos presas. Desde o dia que eu descobri a gravidez e ele também descobriu, sei lá como, nos mantêm aqui.

Naquele dia, logo depois que descobri a gravidez, ele me chamou para tomar um café depois do expediente e eu recusei, porque não queria nenhum contato que não fosse profissional ou que não fosse relacionado à Mayara com ele. Mas quando eu estava saindo do trabalho com a Carol, que me chamou para ir com ela até a farmácia, senti alguém me pegando por trás, colocou algo no meu nariz e em seguida eu desmaiei. Quando acordei eu estava aqui, na minha antiga casa, mas que agora estava cercada de câmeras por todos os lados, com meu ex-marido armado nos ameaçando e a minha filha agarrada a mim com olhar assustado. Tentei fugir, mas isso me rendeu uma surra e muito choro da Mayara pedindo para que ele parasse.

Ele nos dá comida, mas não consigo comer. Finjo comer para deixar a minha filha calma, tento sorrir para ela, invento brincadeiras que ela parece brincar só para me acalmar, mas na verdade, eu sei que ela está em estado de choque. Vejo-a com os olhos parados e assustados e isso está acabando comigo. Eu vou matar esse homem. Eu vou matar! Não acredito que isso esteja acontecendo, não acredito que minha filha está de novo passando por isso.

— Mãe, o tio Nando vai nos salvar? — Mayara falou baixinho.

— Filha, ele vai. Sim, ele vai! — A puxei para mais perto de mim apertando-a em um abraço e tentando convencer a mim mesma que ele tinha entendido a mensagem que eu passei sobre ele ter terminado comigo e não foi isso que aconteceu. Quando eu descii para falar com o Fernando o Jeferson disse que qualquer gracinha que eu fizesse, ele atiraria na cabeça da Mayara sem pensar duas vezes, então eu tentei conversar com o Fernando e ser o mais convincente possível, para manter a minha filha a salvo. Me doeu dizer que o filho que estou esperando não é dele, mas precisava manter a minha filha segura. Não podia fazer qualquer sinal a mais que fosse, era a vida da Mayara que estava em risco. Mas tentei do jeito que eu pude deixar alguma pista, ele é inteligente e vai entender. Ele tem que entender. Ele nunca desistiu de mim e não vai desistir agora.

— Levantem, vamos sair. — Jeferson entrou gritando com uma voz bêbada e uma arma

em punho. Eu fiquei paralisada e a May me agarrou ainda mais. — Vocês estão surdas? Eu disse levanta! — Ele veio até mim, me pegou pelo cabelo me levantando e fazendo a May me soltar e chorar.

— Tudo bem, tudo bem. Estamos indo. — Falei levantando uma das mãos em rendição e pegando a Mayara com a outra a trazendo para junto de mim, mas tive que soltá-la quando ele me pegou pelo braço e me jogou no chão com força. Caí, porém, mais que imediatamente engoli minha dor e me arrastei com pressa. Levantei-me até onde a minha filha estava chorando, peguei a mãozinha dela que tremia muito, a passei para a minha frente para que se algo acontecesse, que fosse comigo e saímos do quarto com ele atrás de nós nos xingando.

Quando saímos para fora da casa, que era toda fechada, percebi que à noite já estava caindo e o carro estava ligado com alguém sentado no banco do passageiro. Entramos no banco de trás e quando entrei, já olhei para ver quem estava lá no banco da frente afinal. E logo percebi que quem estava ali era a Carol, minha colega de trabalho. Ela virou-se para trás com um sorriso vitorioso no rosto e eu a olhei assustada.

— Agora você não é a queridinha de ninguém aqui, não é, Clara? — Ela disse com um sorriso assustador no rosto e eu não respondi só continuei olhando para ela sem entender. — Você chegou depois de mim no escritório, se achando a ex-mulher do chefão e todos logo gostaram de você, enquanto eu não passei da puta que ele comia de vez em quando. Mas eu nunca perco, ainda mais para uma sem sal e gorda como você. Assim que te ouvi no banheiro, é claro que contei para ele, que a ex-mulherzinha puta dele, estava grávida de outro. Sabe, ele ficou muito louco e me comeu em cima da mesa do escritório, enquanto bebia toda uma garrafa de whisky. Foi muito quente e eu gostei muito. E aí depois planejou tudo o que faria com você. Bom, você sabe que com o álcool ele muda, né? — Ela sorria enquanto me contava aquela história baixa e eu olhava para a minha filha do meu lado que também ouvia tudo aquilo.

— Eu sempre te tratei bem e nunca...

— Cala a sua boca! — Ela gritou comigo e eu me encolhi.

Jeferson entrou no carro e deu a arma para a Carol que apontava para nós duas ainda com aquele sorriso maquiavélico no rosto. Eu apertei minha filha nos meus braços e rezei. O carro saiu portão afora e andou por muito tempo até chegarmos á uma outra casa, que parecia ficar no meio do nada e era rodeada por uma plantação de milho perdida no meio do mato.

A noite já tinha caído, um calafrio subiu por meu corpo e um sentimento estranho de que

algo ruim iria acontecer, tomou conta do meu coração.

Minha filha estava agarrada a mim, mas me olhou estranhamente no momento em que o carro parou em frente à casa. Carol desceu do carro para abrir o portão e levou com ela a arma. Mayara me olhou como se quisesse me dizer alguma coisa e eu balancei a cabeça em negativa para qualquer que fosse a ideia que a minha pequena estava tendo, mas já era tarde. Como as portas do carro estavam destravadas por conta da Carol ter descido, a Mayara em fração de segundos desceu do carro e começou a correr no sentido que havíamos vindo e eu quando vi o que ela havia feito, fiz o mesmo até uma mão tomar conta do meu cabelo e o puxar me fazendo cair para trás e gritar de dor, mas antes incentivei a minha filha para que ela se salvasse:

— Não para, filha, corre e pede ajuda! — Fui calada com um tapa que sangrou a minha boca.

— Pega aquela pirralha, Carol. — Jeferson gritou para Carol que deu dois tiros em direção a minha filha, mas ela já tinha sumido na escuridão.

— Nãoooo! Me matem, mas deixem ela, não machuquem a minha filha!

Carol me deu um tapa na cara e o gosto de sangue enchia a minha boca.

— Cala a boca, sua piranha! Eu mesma vou matar aquela pirralha quando a pegar, e vai ser na sua frente.

Eu estava chorando e daria minha vida para que a minha filha estivesse agora em segurança. Fechei meus olhos e pedi a Deus que enviasse um anjo da guarda para proteger a minha filha e que ela conseguisse se salvar. Abri meus olhos e fui tirada dos meus segundos de oração por mais um tapa da Carol e um puxão de cabelo do Jeferson que me arrastava portão adentro da casa.

— Vai, Carol, com o carro atrás da Mayara e trás a menina, se precisar pode fazer daquele seu jeitinho carinhoso. — Ela sorriu em resposta.

— Por favor, não machuque a Mayara! — eu gritei chorando. — Ela é sua filha, Jeferson, não faz isso com ela.

— Será mesmo que ela é a minha filha? Sua biscate de merda. E cala a sua boca sua puta desgraçada e anda, preciso deixar você pura para mim de novo.

Carol entrou no carro e saiu em disparada para procurar a minha filha, enquanto eu era

arrastada para dentro da casa. Entrei em uma sala que mal tinha móveis, o chão era um piso de madeira velha e estava todo sujo e descascado. Tinha um sofá velho de canto, as janelas estavam fechadas com madeiras e um cheiro de mofo e podre pairava no ar. A porta de um quarto dava de frente para a sala e estava aberta, lá eu vi uma maca de ginecologista e alguns instrumentos como: tesoura, seringas e um que parecia um alicate grande. Aquilo me deu calafrios.

— Tá vendo aquilo, meu amor? — Jeferson sussurrou no meu ouvido puxando minha cabeça para trás e pude sentir o cheiro de álcool e cigarro que sempre me assombrava. — É pra te deixar pura para mim e tirar esse invasor do seu corpo.

E foi aí que entendi.

Não! Não, meu Deus, não permita! Eles querem tirar meu filho de mim. Meu coração estava batendo a mil. Não é possível que ele seja tão monstro assim. Em minha memória, muitas das surras que recebi dele passaram pela minha cabeça e sim, ele é um monstro.

Como eu pude acreditar na mudança de um monstro? Eles vão fazer um aborto em mim? Eu preciso sair daqui. Meu Deus, me manda um anjo, me tira daqui! Proteja meus filhos. Minha Mayara... Proteja a minha Mayara!

Fernando

Saí dirigindo com cautela atrás daquele carro e do caminho liguei para a polícia informando que eu estava seguindo um carro que tinha duas pessoas sequestradas. Briguei com o atendente que pediu para eu passar a placa do carro, indicar o caminho que o carro estava tomando e ficar em segurança.

Ficar em segurança é o cassete! Eu vou atrás, ver se as minhas meninas estão naquele carro. Fui dirigindo entre o trânsito tomando cuidado para não ser visto e para não me distanciar muito do carro a minha frente. Pensei por diversas vezes, que deveria voltar e tentar entrar na casa, mas algo me puxava para aquele carro e me dizia que deveria segui-lo, que lá estavam minhas meninas.

Percebi que o carro estava pegando o caminho que dava para a área rural e quando entramos em uma estrada de terra, me aproximei do carro e entrei em uma rua qualquer para despistar e não deixar que o motorista me visse e percebesse que eu o estava seguindo.

Com rapidez, fiz o retorno, apaguei os faróis, voltei para estrada principal até enxergar ao longe as luzes da lanterna do carro de novo e me mantive a uma distância segura. Vi que o carro estava se aproximando de uma casa e diminuiu a velocidade, então estacionei atrás de uma grande árvore e me mantive ali controlando a minha respiração.

Fiquei a espreita do que iria acontecer, mas como estava estacionado longe, não consegui ver muito bem. Desci do carro e tentei chegar mais perto, indo me escondendo por entre o milharal, mas ainda assim, fiquei longe e não conseguia ver muito bem.

Em um determinado momento houve um movimento brusco entre eles e ao forçar a visão vi que a Mayara vinha correndo em minha direção. Era ela, a minha pequena vinha correndo com os olhos arregalados e com o cabelo ao vento. Em seguida tiros foram disparados. Meu coração acelerou e saí de onde eu estava. Corri abaixado, para alcançar a May que estava correndo pela rua sem direção. Precisava alcançá-la e pegá-la antes que eles viessem atrás dela.

Assim que a alcancei, a peguei no colo, continuando a correr e ela se debateu dando um pequeno grito.

— Sou eu, pequena. O tio Nando. Fica quietinha. — Falei baixinho, ela me olhou e me abraçou apertado. Ela tremia muito Fui em direção ao carro que eu havia alugado e a coloquei no banco de trás, assumi o volante rapidamente e sem acender os faróis o coloquei no meio do milharal onde quem passava na rua não conseguiria enxergá-lo.

— May, minha princesa, agora eu preciso que você seja forte e guerreira como a princesa Valente, tudo bem? — Ela balançou a cabeça positivamente, mas os olhinhos continuavam vidrados e apavorados. — Preciso que você me diga quantas pessoas estão lá com a mamãe.

— Tem o meu... O monstro — ela falou com a voz trêmula — e uma moça que também é má. Tio Nando salva a minha mãe ele bate nela toda hora e ameaça a gente com a arma.

— Eu vou salvar, princesa! — nesse momento o carro que eu vinha seguindo passou na rua a nossa frente em alta velocidade. — Olha eu sei que você está com medo, mas como eu te disse eu preciso que você seja muito valente e fique aqui quietinha enquanto eu vou buscar a sua mãe. Você pode ficar aqui?

Ela balançou a cabeça em positivo e tive que reunir toda a minha coragem para deixá-la lá, sozinha e desprotegida, mas eu precisava buscar a Clara.

— Você não sai daqui. Jura que não vai sair daqui enquanto eu não voltar?

— Juro. Salva a mamãe? — Ela parecia tão corajosa para apenas seus cinco aninhos.

— Vou salvar! — Dei um beijo na testa dela e fechei a porta com calma para não fazer barulho.

Camuflei ainda mais o carro com folhagens de milho que tinha por ali e por ele ser preto ficou completamente invisível na escuridão. Fui andando por entre o milharal até chegar em frente ao portão de madeira da casa em que o carro havia parado antes. Fiquei olhando para o portão do outro lado da rua tentando pensar em um plano.

Quando estava criando coragem para atravessar a rua, vi as luzes de um carro se aproximando e esperei alguns minutos para sair do milharal. Percebi que o carro era o que estava caçando a Mayara. Ele passou dessa vez devagar por onde eu tinha escondido o carro, meu coração disparou e o ar sumiu dos meus pulmões.

Que não encontrem o carro... Que não encontrem o carro...

Falei repetidas vezes, fechando meus olhos e em a respiração acelerada, mas quando o veículo passou direto e continuou andando voltei a respirar com calma.

O carro passou pelo portão da casa e parou quando estava lá dentro. Uma mulher saltou do banco do motorista com uma arma em punho, bateu a porta do carro com força, se dirigiu para a porta da frente da casa e entrou. No momento que vi que não tinha ninguém ali criei coragem e saí de onde eu estava e fui andando abaixado, tomando cuidado para não ser visto.

Quando cheguei bem próximo a casa, já para passando o portão, tentei ver algo lá dentro da casa, mas não consegui ver nada. Ouvi gritos e mais gritos, Jeferson batia na mulher que tinha acabado de chegar e gritava por ela não ter conseguido achar a May. Aproximei-me e fiquei ao lado da janela onde eles estavam.

— Deixa essa peste pra lá, ela vai ser comida por algum bicho ou vai achar alguém pior que a gente por essas ruas escuras. Soube que tem muita cobra nesse milharal.

Ouvi o choro da Clara e em seguida o barulho de um tapa. Fechei meus olhos e contive minha respiração, a vontade era de entrar e acabar com tudo ali.

Procurei em volta algo que pudesse servir de arma e achei um pedaço de pau, mas eles estavam armados. Eu precisava de um plano ou eu levaria a pior.

— Anda sua vaca, imbecil, vamos acabar logo com isso. — Consegui ver pela fresta da janela que eles arrastavam a Clara para o quarto e ela se debatia incansavelmente. Gritando pelo amor de Deus para que eles não fizessem o que estavam pensando fazer.

Corri para outra janela a fim de conseguir ver para onde eles estavam a levando e tentar montar um plano para salvar a Clara.

— Pare de se debater ou vou cortar a sua perna fora. — A mulher gritou para a Clara.

Ouvi mais barulho de tapa e Jeferson dava ordens para a mulher que estava com ele.

— Carol, vai no carro e busca o equipamento para amarrar essa piranha, até o anestésico fazer efeito.

Anestésico? O que eles vão fazer com a minha Clara? Mas não vão mesmo! Fui em direção à porta da casa novamente e me escondi atrás de uma árvore. Vi a mulher saindo e quando ela se aproximou do carro, bati com o pedaço de pau, com toda força na cabeça dela, que com o impacto desmaiou. Fui em direção à entrada da casa, com cautela, mas andando rapidamente. Entrei na sala e logo ouvi a voz do desgraçado.

— Você não devia ter feito isso sua puta, agora vai ter que aguentar!

Apareci na porta e ele estava falando perto do rosto dela, não contive a raiva e não consegui pensar em um plano. Parti para cima dele para acertá-lo com o pedaço de pau, antes que ele conseguisse pegar a arma que estava no cós da sua calça, mas ainda assim ele tentou pegá-la e com a rapidez do seu movimento, a arma acabou escorregando e caiu no chão. Dei a volta na maca e ia matá-lo a paulada, mas ele se esquivou e tentava de todo jeito pegar a arma para atirar em mim.

— Clara, Foge! — Gritei, mas vi que ela estava tentando soltar o punho que estava amarrado à cama.

Enquanto eu olhava para ela, Jeferson deu a volta na maca e estava quase pegando a arma quando eu me joguei sobre ele e começamos a trocar socos. Ele esticava a mão para tentar pegar a arma e eu socava a cara dele incansavelmente. Fui acertado também e lutávamos sem parar. Foi então que tudo começava a ter um fim.

Capítulo vinte e um

Fernando

Olhei para a porta e a tal mulher voltou ainda meio grogue e estava vindo para cima de mim, quando um tiro soou pelo quarto e todos paramos, para olhar de onde vinha. Clara tinha se soltado e segurava a arma apontada para a mulher, que a olhava com olhar assassino. O tiro atingiu a caixa de energia que ficava na parede e a mulher quando viu que não tinha sido ferida, partiu para cima da Clara, e eu, para não deixar que ela chegasse perto da mulher que eu amo, a puxei pelo pé a fazendo cair e um barulho de metal e objetos caindo, preencheu o quarto enquanto eu me levantava rapidamente e antes que eu pudesse pensar, peguei a arma da mão da Clara, que estava em choque olhando para as duas pessoas no chão. Vire-me para apontar a arma para os dois, mas quando eu olhei em volta o cenário era outro.

Com a queda a mulher derrubou a mesa que tinha vários aparelhos cirúrgicos e uma seringa acertou seu pescoço, fazendo com que ela apagasse no mesmo momento. Uma tesoura voou e acertou o Jeferson na barriga. O sangue jorrava e encharcava a camisa dele no buraco onde a tesoura estava presa. E nesse momento acreditei em intervenção divina.

— A Mayara, precisamos achá-la. — Clara falou tirando minha atenção daqueles dois asquerosos. Ela estava com os olhos vidrados e desesperados.

— Vamos até ela, eu a deixei segura! — Peguei a Clara no colo para descê-la da maca, mas ela me olhou em desespero e olhou para as duas pessoas caídas no chão.

Mesmo eles sendo esses seres desprezíveis nós não conseguiríamos sair dali e deixá-los morrer e vi no olhar da Clara que ela pensava como eu.

— Por favor, me ajudem! — Ele disse com uma voz falha.

— Não vou viver em paz se deixarmos eles aqui. — Clara me disse chorando e como sempre ela é boa demais para esse mundo.

Quando fui tentar ajudá-lo, a fiação que foi atingida pelo tiro começou a entrar em curto

e a pegar fogo, no segundo seguinte se espalhou pela cortina velha e pelas madeiras secas que fechavam a janela. Não pensei duas vezes peguei a Clara no colo e a tirei dali. Tudo iria incendiar. E eu não ia colocar as nossas vidas em risco por eles.

Saí correndo da casa com o barulho do fogo tomando conta da madeira e os gritos do Jeferson pedindo ajuda sendo abafados pelos estalos do piso de madeira que era corrompido pelo fogo. Foi o tempo de chegarmos fora da casa e ouvirmos as sirenes, dos carros de polícia que se aproximavam.

Saí portão a fora levando a Clara o mais longe possível de tudo aquilo e quando olhei para a casa novamente o fogo já tomava conta de tudo.

— A Mayara! Preciso ver minha filha, Fernando, por favor, cadê a minha filha?

Coloquei-a no chão e a peguei pela mão levando-a até onde o carro estava camuflado. Rezei para que a minha pequena princesa, ainda estivesse ali e quando abri a porta de trás do carro, lá estava ela, encolhida no banco, abraçando os joelhos.

— Mamãe! — Ela gritou e saltou para cima da mãe, a abraçando com força. Ambas estavam chorando e eu também estava.

— Acabou, filha. Estamos salvas!

A menina soltou da mãe e pulou no meu colo.

— Obrigada, tio Nando, você é nosso herói. Obrigada por nos salvar. — Ela falava soluçando, com uma voz trêmula e chorando muito.

Estamos salvos, sim estamos salvos!

— Fernando... Fernando...

Olhei para a Clara, ela estava com a mão cheia de sangue e as pernas ensanguentadas.

— Tô perdendo o bebê. — Ela me disse com os olhos arregalados — Tô perdendo o bebê, Fernando. — E em seguida desmaiou.

O desespero tomou conta de mim e quando olhei para a Mayara vi que o desespero tomava conta dela também. Peguei a Clara no colo e dei a volta no carro acomodando-a no banco do passageiro. Dei partida e fui em alta velocidade em direção à casa que pegava fogo.

Lá tinha acabado de chegar uma ambulância, carro de bombeiro, carros de polícia e o brilho das luzes dos carros iluminava a escuridão. Desci rapidamente e corri desesperado em direção a ambulância.

— Pelo amor de Deus, minha namorada está perdendo o bebê. Está sangrando no carro. Alguém me ajude.

O socorrista me ajudou imediatamente, pegou a Clara no carro e a colocou na ambulância já verificando os sinais vitais e a examinando. Ele me disse que precisava levá-la para o hospital, assenti e estava indo junto na ambulância de mão dada com a May, quando o policial me chamou e disse que precisava conversar comigo.

— Eu não posso. Eu preciso acompanhá-la ao hospital.

— Ela está em boas mãos, mas não posso deixar você sair daqui por enquanto. Preciso te fazer algumas perguntas e já te libero para ficar junto dela.

Desci revoltado da ambulância e a porta se fechou levando a minha Clara mais uma vez para longe de mim. Eu estava desesperado e preocupado, mas tentei me manter aparentemente calmo, para que aquela pequena, com olhar assustado que estava de mãos dadas comigo, ficasse o mais calma possível.

— Preciso que o senhor me conte o que aconteceu aqui.

Contei detalhadamente tudo que vivemos ali e enquanto eu contava, a May ouvia e dizia algo que aconteceu na outra casa em que estavam presas. Ouvi-la contar o sofrimento que passou, doía meu coração e me fazia pensar o porquê eu não matei aquele filho da puta? Mas quando terminei meu pensamento, olhei em direção a casa e vi dois sacos pretos, em cima de uma prancha, sendo colocados no carro do IML. Pensei que eu não precisei fazer isso, eles mesmos tinham determinado o final de suas vidas.

— Bom, por enquanto o senhor está liberado, mas vamos entrar em contato com você e sua namorada, para pegar alguns depoimentos, para o fechamento do caso. E até que possamos concluir o que realmente aconteceu aqui, vamos precisar de vocês por perto.

Assenti e mal consegui prestar atenção no que ele falava, quando ele nos liberou, segui para o carro e o meu pensamento estava na Clara. Coloquei a May no banco de trás, me certifiquei de que ela estava bem e segui para o hospital que o socorrista disse que a levaria.

Assim que chegamos lá, fomos direcionados a sala de espera e nos disseram que ela

estava sendo examinada pelo ginecologista. Sentei-me com a May ao meu lado e fiquei em silêncio tentando fazer uma oração e pedindo pela Clara e o bebê que ela carrega. Esse bebê que é tão inocente e de nada tem culpa de ter um pai tão triste quanto o Jeferson, que Deus me perdoe, mas já foi tarde e se a Clara me quiser de volta, esse bebê será meu.

— Tio Nando?

— Oi, meu amor. — Fui tirado dos meus pensamento por uma vozinha tão calma.

— Eu vou ter um irmãozinho? — fiquei olhando para ela sem saber o que responder e ela continuou — Sei que mamãe tentou me contar algo, mas toda vez que estávamos falando baixinho, o mostro não deixava. E eu sei que tem um bebê na barriga da mamãe porque eu ouvi algumas coisas que ele dizia.

— E o que você ouviu? — Sorri para ela para ganhar tempo e descobrir até onde ela sabia.

— O monstro dizia que iria matar aquele filho que não era dele.

Meu coração disparou!

— Ele dizia que o bebê não era dele?

— Sim. Ele dizia que a mamãe era ... não posso falar o que ele falava porque é nome feio. — Eu ri, mesmo sentindo meu coração disparado. — E que ela tinha feito esse filho com você e ele iria tirar o bebê dela para deixá-la pura.

— Você tem certeza disso? Ele disse isso? Que a mamãe tinha feito o filho comigo?

— Sim, ele dizia que o filho era do japonês de olho rasgado.

Levantei-me, passei a mão pelos cabelos e não sabia se ria ou se chorava. Tudo fazia sentido. Então o filho era meu! Eu ia ser pai... O filho era meu... Meu... Não era daquele filho da puta dos infernos.

Sentei-me e fechei os olhos com as mãos e comecei a chorar.

— Tio Nando, me desculpa eu não queria te fazer chorar.

Levantei a cabeça de imediato.

— Você me fez chorar de alegria, minha pequena. Você me deu a notícia mais linda da

minha vida. E se Deus é bom, você vai ter sim, um irmãozinho ou uma irmãzinha. A mamãe não vai perder o bebê que está na barriga dela.

— Não, ela não vai mesmo, tio Nando. Eu já amo esse irmão ou irmã.

A peguei no colo e a abracei com força.

— Nós vamos ficar bem, May, e vamos ser uma família muito feliz. Vamos sim!

Meu Deus, não permita que a Clara perca esse bebê. Não permita!

Clara

Acordei do desmaio e estava em uma ambulância, indo para o hospital.

— Cadê a minha filha e o Fernando? — Perguntei tentando me levantar.

— Eles estão bem, já vão te encontrar. — o socorrista colocou a mão no meu braço e me empurrou com delicadeza para eu voltar a me deitar. Assenti e coloquei a mão na minha barriga. Uma lágrima correu pelo canto dos meus olhos. Eu já amo essa criança, amo tanto meu filho ou filha. Aguenta firme, você é guerreiro, forte, igual a sua irmã, e vai sair a salvo dessa. Pensei como se falasse com o serzinho que crescia dentro de mim.

Chegamos ao hospital e após alguns minutos em um hospital lotado, fui levada para a sala do ginecologista que me examinou. Eu estava sem dor, mas sangrava muito.

— Olha, provavelmente você perdeu seu bebê, vou tentar ouvir o coração, mas pela quantidade de sangue, você teve um aborto espontâneo. Vamos ter que fazer uma curetagem — O médico parecia entediado e sem vontade de me atender. Coloquei meu braço sobre o meu rosto e comecei a chorar. Jeferson conseguiu acabar com isso também.

O ginecologista saiu da sala e me deixou sozinha sentindo a perda do meu bebê. Mas se

posso tirar algo bom disso tudo, é que o Fernando nem sequer soube que o filho era dele, então ele não vai sofrer como eu.

— Moça. — Uma enfermeira com um sorriso calmo no rosto, tocou meu braço e falou baixo. — Não deixem fazer a curetagem em você sem antes fazer uma ultrassonografia, ouvir o batimento do bebê e ter toda a certeza de que você realmente o perdeu. Você está sem dor, não é? — Assenti. — Viu, isso é um bom sinal. — Ela piscou para mim e aquela mulher mais parecia um anjo, que veio para me acalmar. Assenti para ela e dei um sorriso sem jeito.

— Já vi muita mãezinha chegar pior que você aqui e sair com o bebê forte e saudável no colo depois de um tempo. Os médicos às vezes estão tão cansados dessa lotação na saúde pública, que não agem com o coração e fazem tudo no piloto automático. Tenho certeza que seu bebê é guerreiro e ele está bem. — Ela continuou e eu comecei a chorar novamente.

— Obrigada! — Consegui agradecer com a voz embargada, ela sorriu e saiu da sala.

Olhei para a porta por onde aquela mulher com uma paz de espírito tão grande passou e no mesmo instante vi o Fernando e a May entrando no quarto e comecei a chorar de soluçar.

— Fica calma. Já passou, estamos bem. Eu vou criar nosso filho. Eu sei que esse filho é meu, eu sempre soube, Clara! — Eu olhei para ele sem entender como ele sabia. Olhei para o outro lado da maca que eu estava deitada e a May segurava a minha mão e sorria. Foi aí que comecei a chorar ainda mais. Ele sabe, não quero que ele sofra como eu, se eu perder esse filho. Fernando me olhava preocupado e eu não conseguia parar de chorar.

— Você esta sentindo dor? Fala comigo, Clara. Eu vou chamar o médico. — Ele virou-se para sair, mas eu segurei sua mão.

— O médico disse que eu tenho que esperar, mas que provavelmente eu tive um aborto espontâneo. — Falei entre soluços e o Fernando começou a chorar também. Ele abaixou bem próximo de mim segurou meu rosto entre as mãos e falou com o maxilar tensionado:

— Você não vai perder nosso filho, entendeu? Não vai! — Ele saiu pela porta brava e quando voltou ele estava com o médico.

— Eu não consigo fazer o ultrassom dela hoje. Só consigo pela manhã. — O médico estava irritado e parecia sem paciência.

— Então você vai agilizar a transferência dela agora, para o melhor hospital obstétrico da região. Agora! — Fernando estava irado. — Eu não vou esperar até amanhã para salvar meu

filho. — O médico saiu pisando duro, enquanto o Fernando ligava para alguém, do celular. Ele estava nitidamente nervoso.

— Mamãe, eu vou ter um irmãozinho? — Uma pessoinha, com olhinhos brilhando do meu lado me perguntaram.

— Filha... Talvez o bebê... Não tenha aguentado e voltou a ser anjinho.

— Não, mamãe, eu sei que ele é forte como você e ele está bem. Eu vou ter um irmãozinho.

— Ou irmãzinha. — Tentei sorrir e passar tranquilidade para ela, mas sinceramente eu estava achando que iria perder meu bebê, como sempre na minha vida eu perco tudo e as coisas ruins acontecem.

— Nós não vamos perdê-los, mamãe.

— Perdê-los?

— Sim, podem ser dois irmãozinhos na sua barriga. — Eu ri com vontade pela primeira vez em semanas.

— Acho que não, filha.

Mayara ficou conversando comigo por mais alguns minutos sobre como ela seria a melhor irmã mais velha que já existiu e eu tentava não pensar na decepção que seria para ela se eu perdesse esse bebê. Chorei diversas vezes enquanto ela falava de como seria o quarto dos irmãos. (Sim irmãos, ela cismou que seriam dois), mas eu tentava não incentivar, porque eu posso ter perdido, mas também não queria tirar dela essa alegria e aí então, eu dizia a ela que eu estava chorando de alegria, mas mesmo sem querer a interrompia às vezes dizendo que pode ser que ela não ganhe os irmãos agora, mas vê-la ficando triste com o que eu dizia quebrava ainda mais meu coração ferido e aí eu chorava.

— Mamãe, não chora, ele não vai mais nos pegar. Ele morreu, eu vi. E temos o tio Nando, que sempre vai nos proteger.

Não consegui responder e pensei o quanto de trauma isso tudo teria na vida da minha filha. Nesse momento o Nando entrou no quarto acompanhado de um homem que creio ser médico e ele usava um uniforme de outro hospital.

— Vamos, meus amores, vamos salvar nosso bebê. Nós não vamos perdê-lo.

Fui trocada de maca e seguimos pelos corredores do hospital as pressas. Pegamos o elevador e quando dei por mim estava no heliporto do hospital entrando em um helicóptero, que nos levaria para o outro hospital. Fiquei pensando o quanto o Fernando estava gastando em tudo isso. Olhei para ele e ele estava sério e parecia muito determinado. Nunca o achei tão lindo na minha vida. Meu *Angel*, meu herói e pai do meu filho. Filho... Coloquei a mão na minha barriga e conversei com ele: Filho aguenta aí e seja forte e guerreiro como a sua irmã e como o seu pai. Precisamos de você. Eu estava em um misto de esperança e certeza de que algo ruim iria acontecer e eu teria perdido o bebê.

Chegamos ao outro hospital e fui tão bem tratada quanto pude. Em minutos eu estava em um quarto deitada e esperando para fazer a ultrassonografia.

— Vai dar tudo certo! — Fernando falou perto do meu rosto e me deu um beijo na testa.

Olhei para a minha filha, que tinha os olhinhos vidrados, olhando para a minha barriga.

— Boa noite! — O médico disse entrando na sala. — Já estou ciente do seu caso. Está com dor? — Ele perguntou enquanto colocava a luva.

— Não. — Respondi e ele assentiu.

O médico ergueu a camisa que eu estava usando e estava suja de sangue respingado da minha boca quando levei os tapas e socos. Sinto meu lábio inchado e imagino que eu deva estar horrível. O médico explicou que tentaria fazer ultrassom obstétrico comum, já que o pai e a irmã do bebê estavam presentes e aí só se caso houvesse algum problema ele faria a transvaginal.

— Bom, vamos começar. — O médico passou um gel na minha barriga e fechei meus olhos. Eu tinha perdido, meu filho eu sabia que ele não ouviria os batimentos. Senti alguém enxugando minhas lágrimas, que nem notei que estavam caindo. Abri meus olhos para enxergar o rosto aflito do Fernando e os olhinhos curiosos da minha Mayara que olhava para a telinha, onde o médico também olhava, sem nem piscar. Olhei para o médico e ele olhava para o monitor com um olhar espantado.

— Meu Deus! Doutor, por favor, me fala o que você está vendo. — Fernando estava aflito. — Meu filho está vivo?

— Escuta... — O médico disse sorrindo.

O médico mexeu na máquina e de repente um som abafado e ritmado, que eu já

conhecia, de um coração batendo, preencheu o silêncio da sala e eu comecei a chorar assim que eu ouvi e reconheci do que se tratava.

— O que foi? O que é isso? — Fernando perguntou desesperado sem entender.

— Isso é um coração guerreiro. Mesmo com a perda grande de sangue parece estar tudo bem.

— Porra! — Fernando colocou o punho fechado na boca tentando conter o choro, virou-se de costas para mim, e colocou as mãos na cabeça, quando ele se virou novamente ele chorava copiosamente, veio até mim e colocou uma mão de cada lado do meu rosto e me beijou com delicadeza. Em seguida pegou a May no colo e girou com ela na sala dando risada, eu ria dos dois e o médico ria de nós três. Enfim uma alegria. Eu não perdi meu filho. Eu não perdi meu bebê.

— Eu não perdi meu filho! — Falei em voz alta.

— Seus filhos! — O médico colocou novamente o barulho do coração batendo.

— O quê? — Fernando parou de girar com a May ainda no colo e olhou para o médico.

— Seus filhos! São gêmeos esse é o coração do outro.

— Puta que o pariu! — Fernando exclamou!

— Fernando! — O Repreendi sorrindo.

— Desculpa, mas não consigo controlar. Caralho!

— Fernando!

— Vamos ter dois filhos! Dois filhos guerreiros como vocês duas. — Ele olhou para mim e para May com olhar apaixonado e sorrindo largamente.

— Guerreiro como você tio Nando. Eles serão iguais a você, que além de nosso Anjo da guarda é nosso herói. Meus irmãos... Eu serei irmã mais velha e terei dois irmãos menores e gêmeos igual a princesa Merida do filme Valente. Isso é muito legal!

Ela desceu do colo do Fernando e veio andando até bem próximo a mim, colocou as mãos na minha barriga e falou como se fosse só para os bebês ouvirem.

— Ah, vocês dois só não podem aprontar igual os irmãos da princesa Merida, tá?

Rimos do jeitinho dela e a Mayara não se continha de alegria, Fernando não parava de

sorrir e eu chorava de alegria, uma alegria que nunca senti na vida, uma alegria plena e um sentimento de que a minha vida estava começando a dar certo. Tudo daria certo. Eu, meus filhos, meus três filhos e o amor da minha vida. E nada irá nos separar.

Capítulo vinte e dois

Fernando

Clara teve alta do hospital e o médico receitou remédios para segurar a gravidez e muito repouso. Eu queria pegá-la no colo e não colocar mais no chão até que ela completasse os tais nove meses, mas ela me xingou e disse que conseguia andar na primeira vez que tentei pegá-la no colo.

Fomos até a casa onde ela morava e não consegui ficar lá por muito tempo, pensar que ali era daquele crápula, me dava náuseas. Pegamos as coisas delas e ficamos em um hotel até que a polícia nos liberasse para voltar para a minha casa. Entramos no quarto de hotel era de madrugada, logo a Clara colocou a May no banho e começou a dizer parecendo meio triste:

— Fernando, isso vai ficar muito caro, pode demorar até eles fecharem o caso e...

— Não me importo. Não me importo com gasto, nem com nada só me importo com você e com nossos filhos.

Vi que ela engoliu em seco e disse com um olhar firme.

— Eu tenho a Mayara também. — Falou me olhando séria, como seu eu ao dizer nossos filhos, tivesse excluindo a May.

— Eu sei! E ela se encaixa quando digo nossos filhos. — Falei olhando-a intensamente. — Ela é minha filha agora.

Ela começou a chorar.

— Fernando, sei que muita coisa aconteceu hoje e o que aconteceu anteriormente a isso, fica tão pequeno, mas acho que temos que conversar. Não quero ser a pessoa que vai te separar

da sua família. Não quero...

— *Shiuuu* — Acabei com a distância entre nós e coloquei o dedo em seus lábios. — Você é a pessoa mais importante da minha vida, agora. Vocês são a minha família — coloquei a mão na barriga dela — Vocês e aquela princesa que está cantando lá no chuveiro como se ela não tivesse acabado de viver um pesadelo. E se eu tiver que virar as costas para o mundo para ficar com vocês. É isso que eu vou fazer.

Ela assentiu, ficou em silêncio por alguns minutos e por fim disse o que parecia estar a travando.

— Na noite da sua despedida de solteiro, com quem você estava falando no celular quando eu voltei do banheiro para perto de você? Eu ouvi você falando com tanto carinho, era a sua ex?

— O quê? Claro que não! Eu falava com a *batian*. Com a minha avó.

Ela me olhou, com olhar questionador.

— Jura?

— Lógico, Clara. Só você que é meu amor. Foi por isso então que você foi embora espumando?

— Eu não estava espumando. — Arqueei uma sobrancelha para ela e ela riu. — Tá, eu estava, mas era mais por não conseguir te imaginar ao lado de outra mulher que não fosse eu.

— Bom, agora sou todo seu e não vou sair do seu lado.

Ela sorriu para mim e me olhou nos olhos intensamente.

— Eu amo tanto você! — E ouvir isso fez com que eu me sentisse inteiro novamente, como eu já não me sentia há semanas.

— Eu também te amo tanto... — Beijei o rosto dela com delicadeza para que ela não sentisse dor onde estava machucado. — Tanto que nada tem sentido sem você. Você me apresentou uma vida tão maravilhosa que nem de longe eu sonharia em ter. Um sentimento tão bom, que ficar perto de você só me trás coisas boas.

Ela gargalhou.

— Sério... Só te trago coisa boa? Olha para você... Quase morreu hoje, por minha culpa.

— Ela parou de sorrir e passou a mão no meu rosto e só aí senti que eu também estava machucado.

— Eu morreria por você, sem nem parar para pensar, eu morreria por vocês.

Ela agarrou meu rosto com as duas mãos e me beijou intensamente, mas fomos interrompidos por uma voz meiga que parou de cantar e chamou:

— Mamãe, já lavei o bumbum, a fazedora de xixi, já mandei a sujeira embora, vem ver se tá bom.

Clara se separou de mim sorrindo.

— Isso é o que te espera. Você tem certeza que é isso que você quer?

— Nunca tive tanta certeza de algo na minha vida, quanto estou tendo agora.

Ela sorriu satisfeita, me deu um beijo casto, demorado e foi ao banheiro atender a filha. Atender a nossa filha.

Os dias passaram e continuamos no hotel, não medi esforços nem gastos para que tudo ficasse bem, depois eu vejo o arrombo no orçamento, o que importa agora são as minhas princesas e meus filhos. Meus filhos... Ainda não acredito nisso, é muita felicidade. Clara falava com a Laura todos os dias e ela sempre ficava mais serena quando falava com a amiga. Eu cuidava da May e a levava para passear para não ficar apenas trancada no quarto de hotel. May ainda não tinha voltado para a escola e achamos melhor ela já voltar para a escola antiga e evitar mais traumas. Enquanto a Clara ficava apenas na cama, de repouso, e isso a deixava irritada, mas eu dizia que era pelo bem dos nossos filhos e ela sorria.

Chamei o advogado que cuidava da empresa da família, ele foi até a cidade e resolveu tudo. Em uma semana o delegado tinha quebrado o sigilo telefônico do Jeferson, da moça que estava com ele e nas ligações e mensagens, eles contavam todo o plano e o que pensavam em fazer com a Clara e a Mayara. As ideias não eram bonitas e saber delas fez um arrepio passar pelo meu corpo e dar graças aos céus por estarmos todos bem. O advogado resolveu também tudo sobre os bens do Jeferson que a Clara decidiu vender e guardar o dinheiro para o futuro da filha.

Assim que voltamos para a minha cidade, fomos recebidos com festa pelos *Angels* e a Livia também estava lá e bem. Laura quando viu a May e a Clara chorou sem parar agarrada com a amiga. Minha avó e a Dri, também compareceram e quando apresentei a May a minha

batian, dessa vez sem todo aquela carga de tradição e família, logo virou *batian* dela também e a minha avó amou a nova neta. Quanto a Dri, achou que a May era uma boneca e trouxe roupas, brinquedos e maquiagem infantil para a menina que os olhinhos até brilharam olhando aquele monte de presente.

Todo o caso saiu nos jornais e foi noticiado na internet e televisão. Esperava que meus pais e meu avô estivessem aqui também, mas eles não vieram e isso me doeu.

Aproveitei que estavam todos juntos e contei para todos que nós teríamos gêmeos a comoção foi geral:

— Gêmeos? Não acredito! Você sempre foi guloso né, Fernando? Claro que quando você fosse ter filhos teria que ser de monte de uma vez. — Minha irmã disse tirando risadas de todos.

— Ah, cara, que foda esses seus espermatozoides, hein! — Rodrigo falou.

— Ah já que é pra fazer eu faço bem feito, né?

— Mas é convencido! — Lívia falou rindo.

Conversamos mais um pouco de como a vida com gêmeos seria uma loucura, mas eu só conseguia imaginar o quanto eu seria feliz vivendo essa loucura que eles descreviam.

Algum tempo depois nós, os homens, nos separamos das meninas e estávamos bebendo em um canto e falando coisas de homens, mas acabamos de novo voltando ao acontecimento que vivemos com o Jeferson.

— Cara, é bom te ter de volta, pelo que vi no noticiário, você foi o herói, lá. — Gustavo disse pensativo.

— Olha só o super-homem! — Rodrigo falou sorrindo.

— Vai à merda. — Respondi o comentário dele sorrindo também.

— Você foi super-homem de verdade, cara, não tô zoando, você salvou as duas. Os quatro na verdade. Com certeza você foi o super-homem.

— Se eu sou o super-homem, com certeza aquelas são as minhas *Kryptonitas* — Falei olhando para a May e para a Clara, que conversavam com a minha avó, irmã, a Laura e a Lívia do Gu, no sofá da minha casa.

— Que bonito isso, cara. — Rodrigo bateu nos meus ombros.

— Pois é, fui ao inferno e voltei, com elas e por elas. Isso que nós temos é muito forte e é para sempre.

— Tô pensando aqui, acho que o Jaspion combina mais com você que o super-homem. — Rodrigo disse rindo sozinho.

— Mas é besta! — Gu falou e começamos a rir os três.

— Ei, mudando de assunto, como está o João na nossa nova casa? — Falei quando parei de rir.

Gu revirou os olhos.

— Ele está bem, está gostando. Acho que vai dar certo lá também — Rodrigo respondeu.

— Ah, que bom!

— E seus pais, Fernando, vão aceitar a Clara? Porque sei, que assim como eu, você se importa com isso de família. — Gustavo perguntou.

— Sinceramente, isso não me interessa. Eles pisaram na bola comigo e são eles que têm que vir me procurar e me pedir desculpas. Enquanto isso não acontecer, somente essas pessoas, que estão nessa sala, serão a minha família.

— Está certo! — Gu assentiu.

Ficamos conversando um pouco mais, mas algum tempo depois, Laura mandou todos embora, dizendo que a Clara tinha que repousar. Após todos saírem, levei a May para o quarto dela. Pedi para a Adriana reformar e decorar um quarto na minha casa, especialmente para a minha princesa, enquanto estávamos no hotel. E essa foi uma surpresa que a May adorou e abriu um sorriso lindo de orelha a orelha quando viu.

Depois voltei para pegar a Clara no colo, sob protestos e sorrisos, a levei para a cama. Dormimos calmos e serenos como nunca, e a felicidade no meu peito explodia por sentir o cheiro do amor da minha vida, deitada ao meu lado.

Clara

Meses depois

Já não aguentava mais ficar de repouso, fiquei a gestação inteira sendo paparicada e mimada pelo Fernando e todos que estavam à minha volta. Eu estava enorme e mais parecia uma baleia que uma mãe. Fiz uma ultrassonografia no quarto mês e descobri que estava grávida de dois meninos, para alegria da May, que por conta disso, agora acha que é a própria princesa Merida.

Durante a gravidez, fiquei irritada por diversas vezes, já que os hormônios me faziam querer sexo loucamente, mas o Fernando me evitava alegando o maldito repouso e isso foi motivo de muitas das nossas brigas. Mesmo a médica dizendo que tudo bem se fizéssemos com cautela, ele ainda hesitava, mas algumas vezes eu insistia tanto que ele fazia amor comigo com tanto carinho que até valia a pena os dramas que eu encenava.

Hoje é segunda feira, estamos todos em casa, esperando uma pizza que me deu uma vontade louca de comer. Estou sentada no sofá, como sempre, porque eles não me deixam fazer nada. Apesar, que acho que não consigo mesmo fazer, meus pés estão parecendo um pão, de tão inchados, e enquanto eu fico aqui só de pernas para o ar, o Fernando e a May colocam a mesa.

Olho para os dois e sorrio para cena que mais parece cena de comercial de margarina: Minha filha sorri tão largamente enquanto rodeia a mesa correndo para o Fernando não conseguir pegá-la e ele também sorri e fala que quando pegá-la vai enchê-la de cócegas. Fico olhando-os e agradeço muito a Deus por tudo. Por tê-los, por ter minha filha forte e apesar de toda a história pela qual passamos, ela não tem nenhum trauma e sempre que conversamos, ela sempre me diz que o Fernando é nosso príncipe, anjo, herói, e que para ela, é como se tivesse apenas vivido em um conto de fadas, em que o príncipe salva a princesa. E isso enche o meu coração.

Agora ela o chama de pai e a primeiravez que fez isso, foi quando os dois brincavam com um jogo na sala e ela sem notar falou:

— Agora é a minha vez, pai. — No primeiro momento ela travou e olhou para ele com os olhos arregalados.

— Você me chamou do que, May? — Ele perguntou surpreso.

— Ééé... Faz tempo que te chamo assim na minha cabeça, tio Nando, mas tenho vergonha. — Disse envergonhada e de cabecinha baixa.

O Fernando fechou os olhos e começou a chorar de alegria e a abraçou chorando que até assustou a nossa filha.

— Desculpa, tio, não queria te fazer chorar. Se não quiser que eu te chame assim eu paro. — Ele começou rir.

— Claro que quero, meu amor, isso vai me deixar muito feliz e estou chorando de alegria. Hoje para mim, esse momento, é igual quando eu soube que iria ser pai dos seus irmãos, ou melhor esse momento é maior, porque você me escolheu como pai. E eu estou muito feliz em tê-la como filha.

Claro, todos choramos e nos abraçamos e esse entrou para a lista dos meus momentos mais lindos e felizes.

Por conta de todo o estresse vivido e toda a mudança na vidinha da minha filha, a levei em diversas sessões com psicólogos e a dona Regina, mãe da Laura, me ajudou com isso. Mas graças a Deus pelo que conseguimos ver, ela está bem psicologicamente, fisicamente e isso me deixa bem também.

A pizza chegou e levantei minha carcaça gorda para ir até a mesa, assim que ergui meu corpo do sofá senti uma pontada no pé da minha barriga, disfarcei a cara de dor e fui para a mesa sorrindo. Comi a pizza quase toda, enquanto ouvia os dois rindo da minha esfomeação. Pensei em dar uma pausa antes de voltar a comer mais, e fui me levantar para ir ao banheiro, mas água começou a descer pelas minhas pernas sem que eu pudesse segurar. Droga! Minha bolsa estourou e a segunda rodada de pizza vai ter que esperar.

Algumas horas de trabalho de parto se passaram, eu insisti pelo parto normal e depois de muita força e apoio do meu Fernando, foi então que um serzinho com 2,665 kg e 45 centímetros, chorou rompendo o silêncio da sala e apenas um minuto e meio depois, o outro

serzinho com 2350kg e 44 centímetros, também invadiu a sala com seu choro potente e esses chorinhos foram músicas para os meus ouvidos e levaram a mim e ao Fernando, que estava paralisado os olhando, as lágrimas. E a minha lista de momentos lindos e felizes só aumentava.



No dia seguinte ao parto, o quarto no hospital em que eu estava com os meus gêmeos, minha primogênita, que fazia de tudo para cuidar dos irmãos, e meu namorado, não parava de encher com visitas. Todos nossos amigos vieram, Laura queria morder meus filhos e os apelidou de “sushizinhos da tia Laura”. O dia correu perfeito e feliz, mas a noite caiu e quando achávamos que ninguém mais viria, ligaram no meu quarto da recepção e disseram que tínhamos mais visitas. Fernando perguntou quem era e quando ele ouviu, ficou branco e me olhou como se não acreditasse.

— Meus pais e meus avós, estão aí. — ele falou como se me pedisse permissão.

— Diga para eles subirem.

Fernando deu um sorriso sem vontade e ficou estalando os dedos de nervoso aguardando a família dele subir. Não demorou muito e ouvimos batidas na porta. Fernando me lançou um sorriso e eu retribui indicando que estava tudo bem. Assim que abriu a porta a primeira pessoa que vi foi a mãe dele e ela chorava muito. Ela abraçou o Fernando e veio até mim cautelosa.

— Clara, talvez esse não seja o melhor momento, mas quero que saiba que não tenho nada contra você e quero te pedir perdão pelo que te fizemos passar. Se não fosse pela nossa atitude, você nunca teria ido embora e não teria passado por tudo que passou. Você me perdoa? — Fiquei olhando para ela sem saber o que dizer e olhei para o Fernando que me olhava também em choque. Os pais dele nunca tinham nos procurado durante toda a minha gravidez. Olhei mais atrás, vi o pai e o avô dele com olhares também arrependidos e me olhavam com lágrimas nos olhos. Ao lado do avô estava a avó, sorrindo feliz. Fechei meus olhos e suspirei.

— Está tudo bem! — Sorri e peguei a mão dela, que começou a chorar ainda mais e percebi o quanto ela estava arrependida. — Você quer pegar seus netos? — perguntei e ela assentiu indo em direção ao berço do Lorenzo e o pegou no colo. Ele era o menorzinho e tinha os cabelos pretos e os olhinhos puxadinhos como os do pai.

— Olha, Sr. Seiji e Carlos, venham ver os netos e bisnetos de vocês. — Dona Lucia falou

enxugando as lágrimas e me lançou um sorriso.

Sr. Carlos deu a volta na minha cama, me lançou um sorriso sem jeito e pegou o Levi o outro gêmeo que era tão pequeninho, mas que ainda era maior que o Lorenzo e também era bem parecido com o Fernando. Os avós ficaram embalando os netos e não me disseram mais nada, mas vi nos olhares deles o arrependimento. Fico feliz que Levi e Lorenzo vieram para trazer paz e alegria para essa família e para a minha vida.

Sr. Seiji ficou rodeando os pequenos no colo do filho e da nora, não os pegou no colo, mas vi sorrisos faceiros que ele lançou para os meninos com olhos marejados. Após algum tempo eles colocaram os meninos no berço e se despediram do Fernando que parecia feliz por esse momento. Dona Lucia e Sr. Carlos se despediram de mim com carinho como se nada tivesse acontecido no passado e eu gostei disso. Seria uma vida nova. O Sr. Seiji deu mais uma olhada no berço dos meninos e ao sair colocou a mão sobre a minha, me olhou nos olhos, me deu um pequeno sorriso, virou-se deu um tapinha no ombro do neto e saiu do quarto acompanhado dos pais do Fernando e da avó, que me soprou um beijo. Assim que o Fernando fechou a porta ele me disse:

— Esse foi o modo dele de pedir desculpas.

— E eu desculpei de todo coração.

— Tudo bem se não se sentir a vontade para...

— Fernando... Isso foi mais difícil para eles do que para mim. E de verdade, estou muito feliz por você reatar com a sua família e feliz pelos meninos, que vão ter contato com os avós e o biso.

Fernando sorriu, aquele sorriso lindo de dentes perfeitos, me deu um beijo e falou:

— Eu te amo!

— Eu te amo mais. Muito mais.

Epílogo

Fernando

A colônia japonesa comemora cada estação do ano com uma festa típica e aqui estou eu: sentado na mesa da festa *Natsu Matsuri*, que é a festa que a colônia japonesa comemora o verão, e estou rodeado de pessoas da empresa e da família.

Da mesa tomando meu saquê, vejo um pouco mais a minha frente a Clara, usando um vestido longo e florido marcando aquele quadril largo que me deixa louco, a May linda igual a mãe e meus dois meninos que já estão com três anos. Eles estão dançando e Clara empurra a cadeira de rodas do meu avô que após ter um AVC ficou com parte do corpo paralisado. Ele insiste em dizer que isso é castigo por ele ter inventado aquela mentira, mas eu o consolo dizendo que não é.

Eu e Clara nos casamos em um templo budista próximo a nossa casa, logo depois que os gêmeos nasceram, mas eu não consegui assumir a empresa da família, que depois de passar por maus bocados com alguns sócios que saíram, após o escândalo do meu não casamento, agora passa bem financeiramente. Eu continuo na *Angels* que é o que eu amo fazer.

Clara parou de trabalhar como *bargirl*, mesmo depois que os meninos nasceram eu tentei apoiá-la a voltar, mesmo eu não estando muito feliz em vê-la trabalhar com um bando de homens a olhando, mas apoiei caso essa fosse a sua vontade, mas segundo ela: ela nasceu para ser mãe e adora ficar em casa cuidando dos filhos. Então eu disse que a apoiaria no que ele decidisse. Laura continuou as apresentações e faz um sucesso absurdo como a nossa anja. Ela também casou com o Mateus, mas ele a acompanha todos os dias de apresentações e falamos que ele é quase que como seu empresário.

— Que família bonita você construiu meu irmão. — Adriana sentou-se ao meu lado e disse sorrindo.

— Pois é, você podia largar um pouco a presidência da empresa e construir uma também. Estou louco para ter sobrinhos.

— Sabe que até hoje eu não acredito que nosso avô e pai, me deixaram assumir a

presidência? Sou mulher poxa! A tradição não deixa que mulheres assumam a presidência! — Minha irmã falou da tradição imitando a voz do meu avô e eu ri.

— Bom, você mostrou que sabia o que estava fazendo e levantou a empresa quando ela precisou de um pulso firme. Isso te deu créditos.

— Verdade. Eu sou foda como presidente.

— Ei, olha a boca mocinha!

Ela revirou os olhos, em seguida olhamos para onde a minha família estava e Lorenzo rodava a cadeira do vovô enquanto o Levi estava sentado em seu colo e ele ria dos dois. *Batian* cantava no palco e vez ou outra, acenava babando para os bisnetos, Clara os olhava sorrindo acompanhada da May que estava uma mocinha com seus nove anos e a beleza da mãe. Observando a May me lembro de que agora eu sei o nome de cada princesa da Disney, assisti cada filme delas, mais de uma vez, o da Valente umas cem vezes... por dia, e posso dizer que curti. Ah e também posso dizer que sei cantar todas as milhares de músicas que esses desenhos cantam. Por que eles têm que cantar tanto? Ainda não entendi.

— Já te disse que você não pode deixar o vovô sozinho com esses dois ou eles vão amarrar ele, fazer uma fogueira e dizer que estão brincando de índio. Melhor mantê-los longe.

Adriana me tirou do meu pensamento me fazendo rir alto.

— Ei, não fale assim dos meus meninos, eles são uns anjinhos!

— *Arrammm...* Clara que o diga, que passa o dia com esses furacões. Mas ela ainda diz que gosta.

— Sim, ela gosta. — Olhei apaixonado para a minha esposa que sorria para mim da pista de dança.

— Nossa, enxuga a baba.

— Babo, mesmo! Não existe esposa mais bonita que a minha. — Pisquei para a minha irmã. — E por falar em babar, vou lá molhar ela com a minha baba.

— Ai que nojo. — Segui rumo a Clara rindo e ouvi minha irmã gritando “Babão” e também rindo ao fundo.

Cheguei perto dela e a abracei sem me importar com quem me olhava ali perto.

— Já te disse que te amo? — Perguntei.

— Na última meia hora, não. — Ela respondeu sorrindo e jogando os braços no meu pescoço.

— Eu te amo. Obrigado por me fazer feliz.

— Eu que agradeço por ser meu anjo e meu herói.

— Não me agradeça. Tudo que fiz foi por mim, não podia deixar esses quadris passarem e eu ficar sem eles.

— Fernando! Não fala assim, eu sei que eu estou gorda. — Ela falou sem jeito.

— Gorda? Onde? Você é gostosa pra caralho, mulher! — Ela tampou minha boca sorrindo.

— Nunca imaginei que fosse amar tanto as festas da colônia japonesa. Se me falassem sobre tradições há um tempo atrás, eu matava!

Eu ri.

— É essa palavra nos assombrou mesmo.

— Mas agora, amo fazer parte de tudo ligado ao seus antepassados, as festas, comidas eeee... As tradições. — Ela sorriu e me deu um beijo. — Quebrar algumas delas às vezes é preciso pela modernidade, mas mantê-las também é bom para lembrar de onde viemos e adoro saber que os meninos vão conhecer e viver isso. E gosto de saber a origem do meu anjo da guarda.

— Anjo da guarda? — Perguntei semicerrando os olhos.

— Sim, meu anjo, meu herói e eu amo você meu *Angel*. — Ela falou Sexy pra cassete.

— E eu amo você minha eterna Anja. Hoje você faz aquela dança pra mim? — Ela olhou em volta para ver se alguém estava olhando, sorriu e sussurrou:

— Só se você merecer.

— Então você vai fazer, porque eu sempre mereço!

Ela jogou a cabeça para trás e riu.

— Sim, você sempre merece.

— Eu te amo! — Falei mais uma vez olhando em seus olhos.

— Eu te amo mais.

E nunca na vida me senti tão feliz e tão realizado.

E porra!

Valeu muito a pena tudo que eu passei para viver esse momento que estou

vivendo, todos que vivi e todos que ainda vou viver com essa mulher. Todos os milésimos de

segundo sempre valerão a pena ao lado dela.

Fim ...

Playlist

Rihanna - If it's lovin' that you want

Sam Smith - Leave Your Lover

Ludmilla — Bom

The Pussicat Dolls — Button

Bruno Mars - Just The Way You

Adele - One and Only,

Malta — Memórias

